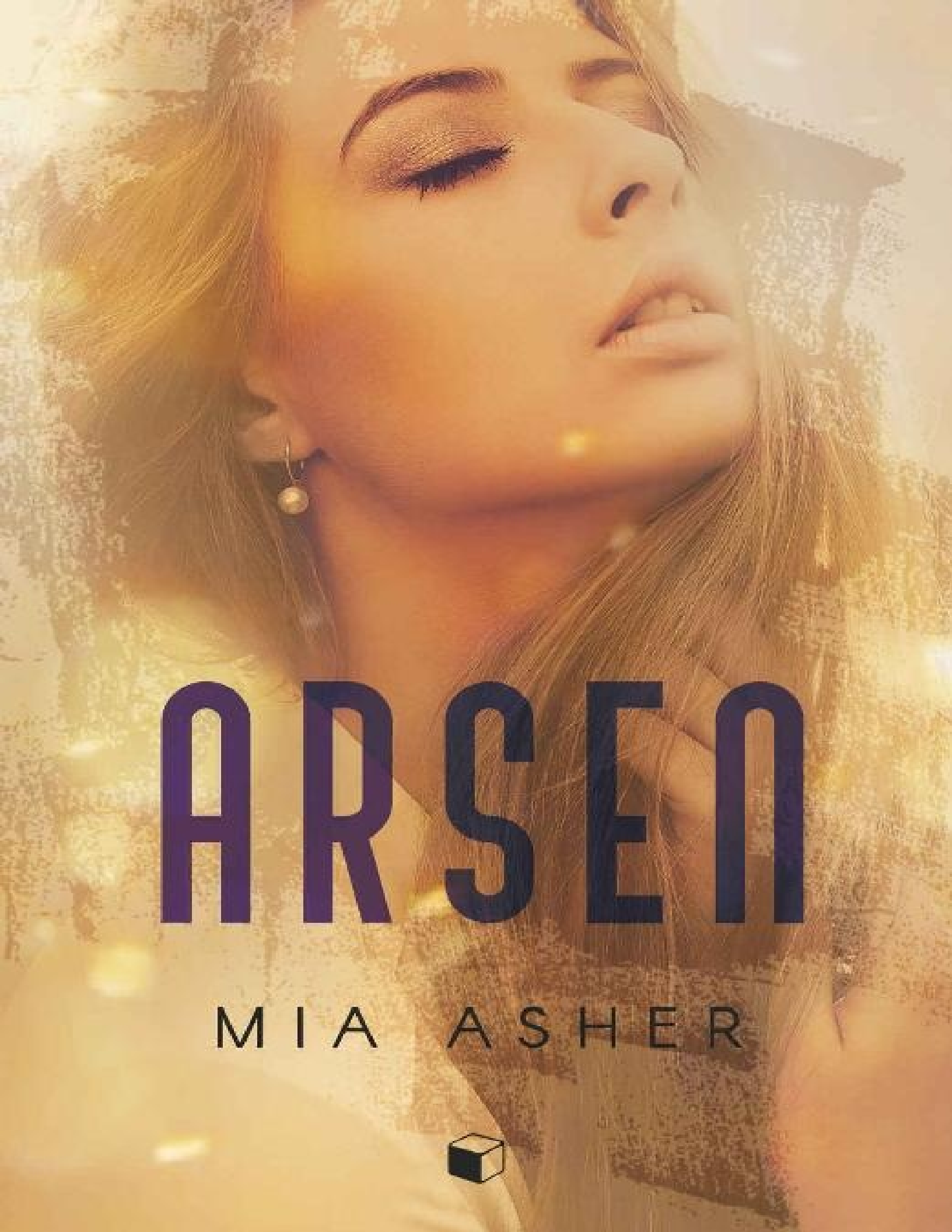

ARSEN
MIA ASHER

Sumário

Início
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33

Capítulo 34
Capítulo 35
Epílogo
Agradecimentos

MIA ASHER

ARSEN

Traduzido por Samantha Silveira

1ª Edição

The GiftBox EDITORA

2019

Copyright © 2013. Arsen by Mia Asher.
Copyright © The Gift Box, 2019
Published by arrangement with Bookcase Literary Agency and RF Literary Agency.
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:
Roberta Teixeira
Gerente Editorial:
Anastacia Cabo
Arte de Capa:
Dri KK Design
Tradução:
Samantha Silveira
Revisão:
Martinha Fagundes
Diagramação:
Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

A852a

Asher, Mia
Arsen [recurso eletrônico] / Mia Asher ; [tradução Samantha Silveira]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2019.
recurso digital

Tradução de: Arsen
Formato: mobi
Requisitos do sistema:
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-52923-90-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Silveira, Samantha. II. Título.

19-57385

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Para minha linda família,

vocês iluminam a escuridão dentro de mim.

“Enquanto observava você ir embora, vi cada sonho que eu nunca tinha sonhado, cada um dos meus desejos que ainda estavam para se tornar realidade, senti cada grama de amor em meu coração, soube de tudo isso quando lhe vi partir... Mas eu sei que você também sabia disso, porque levou tudo de mim junto com você.”

Desconhecido.



Estou perdida.

Estou me distanciando...

Afogando-me em um mar de tristeza e dor conforme ondas de pesar continuam me puxando para baixo, onde uma ressaca de ressentimento não quer me soltar.

Talvez eu deva desistir?

Encarando vagamente os belos olhos escuros da Dra. Pajaree, ouvindo o diagnóstico em sua voz pragmática, mas amigável, não posso deixar de imaginar para onde a magia se foi? A vida real está contaminando nosso romance de conto de fadas com toda a sua feiura?

Sim.

Possivelmente.

— É mais conhecido como aborto habitual... perda gestacional recorrente... três ou mais abortos espontâneos de gestação...

Com os braços firmemente em volta da barriga, balanço para frente e para trás, tentando ouvir o que ela está dizendo, suas palavras entrando e saindo da minha consciência.

Sei que deveria estar prestando mais atenção, pois ela está me explicando a razão de eu não ser mulher suficiente, porque não consigo manter

um bebê no corpo o tempo necessário para ser capaz de segurá-lo em meus braços, porém, tudo que quero fazer é tirar de cima de mim o cobertor gelado da dormência que me envolve.

Não está dando certo. Ainda estou com tanto frio, tão morta por dentro. Sentir o braço forte de Ben envolvendo meus ombros interrompe o balanço doentio, mas até mesmo seu abraço caloroso não pode me ajudar a me livrar desse desamparo que ameaça assumir o controle.

Eu me pergunto por que os médicos usam jalecos brancos. É uma cor tão feia.

Estéril.

Ben dá um aperto no meu ombro, me acordando do meu estupor.

— Nos diga o que fazer, aonde ir, com quem falar... não importa. Nós faremos o que for preciso, Dra. Pajaree. Não importa o quanto custe — diz Ben, sem me soltar.

Concentrando meu olhar no rosto da Dra. Pajaree mais uma vez, escuto suas próximas palavras:

— Claro, Ben. — Dra. Pajaree olha para Ben com compreensão nos olhos por um momento, depois se vira na minha direção. — Cathy, já que este é o seu terceiro aborto, acho que está na hora de fazermos alguns exames com vocês dois. Estou falando de exames para diagnosticar alterações de cromossomos dos pais, de sangue para verificar trombofilia, tireoide, os ovários... se pudermos identificar a causa dos abortos espontâneos recorrentes, poderemos estudar as opções de tratamento.

— De-desculpem-me. Preciso ir ao banheiro. Sinto muito.

A cadeira faz um som estridente horrível quando a empurro com força para trás e saio da sala, só que não me importo. Correndo para o banheiro, eu me tranco dentro e fico na frente da pia. Vejo um brilho de suor cobrindo a testa e

todo o meu corpo parece estar tremendo ligeiramente.

Engolindo em seco, fecho os olhos enquanto tento me recompor.

Não posso ter outro ataque de pânico.

Eu não posso.

— Cathy! Abra a porta, Cathy! Por favor, me deixe entrar — implora Ben, batendo na porta. — Por favor, Cathy. Abra a porta. Há um indício de desespero em sua voz.

Sem querer chamar mais atenção para nós, abro a porta e o deixo entrar.

Assim que entra, ele me envolve em um abraço que me sufoca e esmaga minha alma, e enterra o rosto na curva do meu pescoço.

— Querida, por favor... não desista. Vai dar tudo certo. Eu te prometo, não deixarei pedra sobre pedra. Não há lugar no mundo onde eu não te leve, não há nada que eu não faça até que tenhamos um filho para chamar de nosso. Prometo a você, Cathy.

Aumentando a força do seu aperto em volta de mim e me puxando para mais perto, Ben sussurra:

— Por você, farei qualquer coisa. Qualquer coisa.

Ao retribuir seu abraço, acredito na sincera oração que ele está entoando no meu ouvido, e acredito em suas palavras com todo o coração, mas até mesmo Ben não consegue impedir a dormência que se acomoda ao meu redor, pousando em volta do meu coração.

Consigo sentir que estou me afastando dele.

Do seu amor.

Do meu casamento.

E não há nada que eu possa fazer para impedir isso.

Nada.

CAPÍTULO 1
PRESENTE

— Amor, você pode buscar as roupas na lavanderia hoje? Talvez eu me atrase. Amy precisa que eu vá buscar o novo cara no aeroporto.

Meu marido ergue os olhos castanhos do jornal que está segurando, e dá o mesmo sorriso que me roubou o fôlego na primeira vez em que o vi onze anos atrás.

Não reajo mais assim.

Às vezes parece que estou vivendo com um homem que não conheço. Um homem cujo rosto parece familiar, mas continua sendo um estranho.

Às vezes sinto que a normalidade de nossas vidas me fará enlouquecer.

— Claro, sem problemas. Só me lembre, quem é esse cara? — Ele coloca o jornal na mesa e passa a mão pelo cabelo preto curto.

Olhando para o meu marido enquanto seus lábios tocam a borda da caneca de café, percebo o quão bonito ele realmente é. A percepção de que pareço ter me esquecido de como ele é, de verdade, me acerta feito um touro correndo pelas ruas de Pamplona.

Será que estou tão insensível a ele que me esqueci de como seus olhos cor de mel se iluminam iguais a pedra preciosa mais brilhante que existe quando ele te olha diretamente? Como o seu olhar é tão penetrante quanto a ponta da agulha quando perfura sua pele? Pareço ter esquecido que quando ele sorri, uma

covinha aparece em sua bochecha esquerda. Aquela covinha está me provocando, me implorando para beijá-la, mas não beijo. Não tenho tempo para ficar sentada aqui, admirando meu marido. Preciso ir para o trabalho.

— Cathy? Está me ouvindo? — Ele está acenando com sua grande mão na frente dos meus olhos, tentando chamar minha atenção. Saio do meu devaneio, voltando a focar em seu rosto e boca. Ele está falando comigo, mas tudo que ouço é o irritante zumbido elétrico do jardineiro trabalhando em nosso jardim.

Buzz-Buzz-Buzz-Buzz.

Tentando parar de pensar nisso, balanço a cabeça.

— Desculpa, amor. O barulho do jardineiro está me distraindo. O que estava dizendo?

Ternamente sorrindo para mim, Ben responde:

— Sua chefe, Cathy. Você disse que a Amy quer que você vá ao aeroporto buscar alguém hoje à noite?

— Ah, é sim. Não tenho certeza de quem é a pessoa, mas parece que ele está vindo com o filho e a esposa. Acho que vai assumir a empresa. Eu não sei. De qualquer forma, tenho que ir logo.

Levantando-me, caminho até meu marido e me inclino para beijá-lo na bochecha. Quando estou me afastando, Ben agarra a minha nuca e traz meu rosto para beijá-lo nos lábios. Assustada, não correspondo ao beijo na hora até que sinto sua língua tentando entrar na minha boca. Eu a abro para recebê-lo e começamos a nos beijar com fervor. Sua língua envolve a minha ao mesmo tempo em que sinto sua mão se esgueirando sob a saia, indo até o meu centro. Quando o polegar dele engancha por baixo da borda da calcinha e a puxa de lado, seu dedo médio entra em mim e interrompo o beijo.

Endireito meu corpo completamente e olho para Ben, que apenas dá

um enorme sorriso para mim. Seus lábios estão úmidos do nosso beijo, e não consigo segurar a risada quando ele sorri assim. Acho que ele tem duas velocidades – excitado ou cansado.

— Sério, Ben? Tenho que ir trabalhar. — Eu me viro, mas as mãos de Ben seguram minha cintura por trás e puxam para me sentar em seu colo.

Oh, céus...

Ele ri no meu ouvido, cutucando minha bunda com sua enorme ereção.

— Não consigo me controlar perto de você, Cathy. É sexy demais de manhã. Por favor, só uma rapidinha. — Sua língua está dentro do meu ouvido, traçando os contornos enquanto a mão volta a trabalhar sob a minha saia.

— Ben, pare com isso. Tenho que ir para o trabalho. E já... estou atrasada...

— Ah, é, amor? — sussurra com a voz rouca no meu ouvido.

Ah, esses dedos...

Percebendo o que está acontecendo e o que não quero que aconteça, empurro as mãos dele do meu corpo e me levanto. Quando olho para baixo tentando alisar a saia para desamarrotá-la e acalmar as aceleradas batidas do meu coração, noto minhas mãos tremendo. Depois de respirar lentamente algumas vezes, ergo os olhos e o vejo me observando com desejo carnal explícito quando traz o dedo, que estava dentro de mim, até a boca e o chupa.

Com força.

Ben o tira da boca e a língua segue atrás, traçando o sabor do meu corpo que ainda resta em seus lábios. Sinto uma poderosa onda de calor disparar bem onde a mão dele estava não muito tempo atrás.

Quando percebe que não estou me movendo, ele ri, e então, pega a minha mão, puxando para ele e me erguendo para me sentar escarranchada em seu colo.

— Amor, eu senti sua falta — diz asperamente.

Quando ele se inclina para acariciar meu pescoço, sinto um tipo de desespero crescer dentro de mim. Eu o quero. Quero que assuma a liderança, faça tudo desaparecer. Suas mãos se fecham ao redor dos meus pulsos, movendo-os para envolver seu pescoço, depois agarra minha bunda, me empurrando contra sua ereção.

— Preciso de você, querida. Tanto, porra — diz antes de me soltar e começar a desabotoar minha camisa de seda, abaixando o sutiã e expondo meus seios para ele. Sem interromper o beijo, eu solto o pescoço dele e abro seu cinto, desço o zíper da calça e puxo para baixo a boxer. Seguro sua ereção e começo a acariciá-lo, sentindo a força de seu pau nos meus dedos.

— Chega — diz ele roucamente, colocando a mão sobre a minha, me parando. — Deixa que eu faço.

Eu aceno, permitindo que faça o que quiser comigo. Nós nos tornamos frenéticos, a necessidade um pelo outro vibrando através de nossos corpos, e mal temos tempo de levantar minha saia e deslizar a calcinha de lado; ele já está empurrando para dentro.

— Caralho, você está molhada. — Nós dois olhamos para onde nossos corpos estão conectados e observamos quando ele começa a sair de mim. Não existe nada mais sensual do que ver a ereção do seu amante saindo de você, coberto pela reação do seu corpo ao toque dele. Coberto de desejo.

Ligados como estamos, sou sobrepujada por essa sensação de querer ser possuída por Ben. Por deixá-lo louco de desejo.

— Chega de falar, Ben. — Puxo sua cabeça em direção à minha e o beijo de novo, deixando que seus impulsos definam o nosso ritmo.

Depois que alcanço meu orgasmo, Ben se permite o mesmo.

— Puta merda — murmura.

Com a respiração ofegante, os braços ainda um ao redor do outro, minhas pernas enroladas em volta da sua cintura e nossos corpos se acalmando, olhamos um para o outro e sorrimos.

Qualquer que seja o desespero que senti dentro de mim antes, se desfez.

Por enquanto.

— Caramba, esposa, se isso é o que você chama de café da manhã — ele aperta meus quadris —, acho que talvez nunca mais o pule. — Sorri.

— Melhor que café? — pergunto, corando.

Ben joga a cabeça para trás e ri. Ele segura meu rosto e me faz encará-lo até que me perco em seus olhos castanhos.

— Sim, muito melhor do que café. — Ele acaricia meu lábio inferior com o polegar. — Amo seu sorriso, esposa. Mesmo depois de todos esses anos, é capaz de ir direto para o meu... — Ele me cutuca gentilmente, ainda dentro de mim. — E meu coração. — Ele se inclina e dá um beijo suave nos meus lábios sorridentes. — Eu te amo, amor.

— Eu também te amo. Acho que precisamos tomar outro banho antes de ir para o trabalho. — Desvencilho as pernas de sua cintura, nossos corpos se separam e saio de seu colo.

Junto minha camisa na frente dos seios, cobrindo-os, e vou para o nosso quarto com Ben logo atrás.

Quando minhas mãos tocam minha barriga vazia, eu calo a voz dentro da minha cabeça, lembrando-me do vazio esmagador se espalhando dentro de mim como um buraco negro, sugando toda a felicidade ao meu redor.

A voz me dizendo que tudo continua igual.

Ou não.

CAPÍTULO 2
PASSADO

Eu não me apaixonei.

Dei uma topada no amor e depois caí de bunda no chão.

Eu odeio chuva.

Tudo bem, isso é mentira. Eu até gosto quando, digamos, tenho uma muda de roupa a mais comigo e um guarda-chuva. Portanto você poderia dizer que estou muito puta com a Mãe Natureza agora.

Parando do lado de fora do Lerner Hall, vejo a chuva caindo furiosa, e penso se devo pegar um táxi ou caminhar até a estação de metrô mais próxima. De qualquer jeito acabarei ensopada assim que pisar para fora do centro de estudos. Juro que às vezes sinto que a música “Ironic”, da Alanis Morissette, deveria ser minha trilha sonora pessoal.

Suspirando, eu me ajeito para entrar na chuva e ouço meu telefone tocar. Estou prestes a atender quando um grupo de lindas e intimidantes garotas de fraternidade passam por mim jogando camisinhas na minha direção, gritando:

— Sem proteção, sem diversão!

Envergonhada e com o rosto vermelho igual a uma heroína boba de romance de época, eu pego os preservativos do chão e os enfio depressa na mochila antes que alguém os perceba ao meu redor. Que maravilha. Eu nem tenho namorado, e agora as pessoas vão pensar que sou viciada em sexo.

Agora mesmo é que preciso sair daqui.

Assim que começo a andar, meu telefone toca outra vez. Eu me atrapalho com o zíper da mochila para pegar o celular conforme desvio de um estudante com um guarda-chuva enorme. Ao desviar de uma grande poça à frente, não percebo o cara que está vindo bem na minha direção.

Quando nossos corpos colidem, eu caio de bunda na mesma poça que estava tentando não pisar pouco antes, esmagando a mochila no chão.

Que diabos aconteceu?

Mais surpresa do que qualquer outra coisa, olho para o par de mocassins molhados na minha frente.

Poça idiota. Sinto vontade de chorar. Merda, minha bunda está molhada. Estou ficando muito brava.

Tudo bem, Cathy. Respire. Recomponha-se e fale umas verdades para esse cara.

Com todos esses pensamentos correndo pela cabeça, eu nem mesmo noto como é essa pessoa que muito em breve ouvirá poucas e boas de mim.

Então, quando ele se ajoelha na minha frente, tentando proteger meu rosto da chuva com suas próprias mãos, eu fico estagnada. Paralisada. O pensamento sobre a minha bunda molhada é completamente esquecido.

Esses lábios são de verdade?

Merda, sinto o rosto acender como a festa dos fogos de artifício de 4 de julho da Macy’s. Preciso dizer alguma coisa, e rápido, mas tudo o que posso pensar enquanto olho em seus olhos castanhos é que eu quero panquecas com mel... bem melada.

Acorda, Cathy!

Abro a boca para falar com o cara lindo de lábios deliciosos e olhos risonhos ajoelhado na minha frente, quando ele comenta desajeitadamente:

— Hum, acho melhor você se levantar. Suas coisas... hum, suas coisas estão molhando. Vem — diz ele, oferecendo-me sua mão.

Com a sua ajuda, percebo que tudo que tinha dentro da mochila caiu no chão, claro.

O que mais pode dar errado?

Verificando a bagunça, noto rapidamente porque ele queria que eu pegasse minhas coisas.

Ao lado da carteira, entre os livros espalhados pela calçada molhada, estão cerca de dez pacotes de preservativos.

Puta. Que. Pariu.

Eu quero morrer, agora mesmo.

Quero dizer, andar com proteção é ótimo, mas esses preservativos não são meus!

Depressa, me ajoelho, mantendo os olhos no chão. Sentindo-me tão envergonhada com a cena toda, não percebo que o Sr. Mocassim fez o mesmo até que acabamos batendo as cabeças quando nós dois tentamos alcançar as camisinhas ao mesmo tempo.

— Ai!

Esfregando a cabeça, olho para ele e o vejo espelhando meus movimentos e tentando realmente não sorrir. É impossível, na verdade. A situação toda é hilária, então assim que nossos olhos se encontram – sentindo um frio na barriga digno da descida da maior montanha-russa do mundo –, nós começamos a rir.

Quando paramos, nos encaramos por mais um minuto. Alheios à chuva que cai sobre nós, eu me deixo levar pelo momento e pela cor de seus olhos sorridentes. É quase como se a gravidade estivesse suspensa e flutuássemos em câmera lenta.

Estou pensando nas maneiras de acabar com esse silêncio inquietante entre nós quando ele limpa a garganta para falar, e é nesse instante que acontece.

Num momento estou olhando em seus olhos e sentindo frio na barriga, e no próximo, estamos encharcados de água suja das ruas do Bronx.

É.

Tem água suja, fedida e pegajosa no meu cabelo, rosto, roupa e em cima dele também.

— Mas que porra, cara! — o cara lindo grita depois que um carro passa e joga água em nós dois. Ele se vira para mim e fixa os olhos na minha camiseta molhada por tempo demais antes de nos encararmos novamente.

Em vez de corar ou gaguejar um pedido de desculpas por me encarar tão descaradamente, ele sorri.

— Acho melhor nos mexermos. Com a nossa sorte, se ficarmos aqui por mais tempo, podemos acabar sendo atingidos por um raio.

Demoro para reagir quando ele fala comigo porque: primeiro, estou realmente atordoada com sua voz baixa de barítono; segundo, a maneira como a claridade está refletindo em seu cabelo molhado faz os cachos negros brilharem como um casaco de pele de luxo.

Concordo com a cabeça, pois parece que não só perdi a capacidade de pensar, mas também de falar. Juntos, recolhemos todos os meus pertences e os guardamos.

E, sim, até aqueles malditos pacotes de preservativos.

Quando estamos prontos para levantar, ele estende a mão, dizendo:

— Deixa que eu te ajudo.

Depois que levantamos, minha mão continua segurando a dele, olhamos um para o outro sem nos mover, ambos esperando que o outro diga ou faça alguma coisa, mas nada acontece. A chuva continua a cair ao nosso redor,

mais pesada que antes, mas isso não parece nos incomodar. É como se estivéssemos em nossa pequena bolha do tempo, onde dá a impressão de que tudo parou. Quase não consigo ver seu rosto sem ter que limpar os pingos de chuva dos olhos a todo instante enquanto seu corpo alto paira sobre mim.

Lentamente, seu rosto se move na direção do meu. No meio do caminho, ele para e olha para mim como se pedisse minha permissão para fazer o que acho que está prestes a fazer. Minha cabeça está entoando as palavras “me beija... me beija” como se fossem uma comunhão sagrada.

Jogando toda a lógica e cuidado ao vento, eu fecho os olhos, fico na ponta dos pés e deixo o momento tomar conta.

Quando finalmente nos beijamos, nossos lábios se tocam de forma tão suave, intensa, e tão mágica, no entanto, não sinto como se um raio tivesse me atingido, ou que o mundo tivesse parado de se mover. Não, a sensação é única. Especial. Como se estivesse sendo purificada de dentro para fora, a chuva lavando e levando embora todos os meus erros do passado, tristezas e mágoas.

E no lugar, criando raízes, a esperança.

Magia.

Quando o beijo acaba, meu corpo parece estar flutuando e minha cabeça está ligeiramente ciente de quatro fatos:

Meus pés não estão tocando o chão.

Ele está com os braços em volta da minha cintura. Bem apertados.

Acabei de beijar um estranho no meio de uma rua movimentada.

E por último, mas não menos importante...

Foi incrível!

Quando ele me coloca de volta no chão, seu cabelo preto ondulado cai sobre os olhos, cobrindo sua expressão. Ele respira fundo, colocando o cabelo atrás das orelhas e olha para mim. E, de novo, o frio na barriga é tão intenso,

como se a montanha-russa tivesse acabado de fazer uma descida brusca a noventa graus.

Preciso dizer alguma coisa, perguntar seu nome e talvez pedir o número de telefone.

Sim, eu definitivamente preciso do número dele.

Mas tudo o que consigo fazer é olhar sem parar em sua direção, com medo de que ele possa desaparecer. Observo quando levanta a mão e suavemente toca minha bochecha. Sua mão parece ter sido criada para estar ali desde sempre – tão natural. Fechando os olhos, sinto um arrepio caloroso percorrer pela coluna, arrepiando minha pele. Com os olhos fechados, não vejo que a sua boca está perto do meu ouvido até sentir a respiração dele fazendo cócegas e ouvi-lo sussurrar palavras que deixam minhas pernas bambas. Suas palavras me pegam de surpresa.

Quando abro os olhos para perguntar o que quer dizer, ele me dá um sorriso presunçoso, e então se vira e vai embora, deixando-me completamente sozinha em uma rua movimentada. Eu me sinto chocada, sem fôlego e espantada.

Eu imaginei o que acabou de acontecer?

Não, acho que não.

Foi de verdade.

Ele era real.

Ainda sinto nos lábios o sabor picante da maçã que ele deve ter comido. O calor de sua mão que afagou meu rosto.

Balanço a cabeça e me viro rapidamente para tentar ver seu corpo se afastando entre o mar de pessoas. Quero alcançá-lo e perguntar seu nome. Preciso saber seu nome. Mas é tarde demais.

Ele já se foi.

De repente, eu me sinto tão sozinha.

Ele foi embora.

Sentindo-me confusa e sabendo que devo parecer um pinto molhado, tento encontrar um táxi. Eu pensei que esse tipo de coisa só acontecia nos filmes ou livros, não na vida real. Pelo menos não na minha.

Um táxi finalmente para na minha frente e estou prestes a entrar quando sinto uma batidinha no ombro. Virando-me, fico cara a cara com a última pessoa que eu esperava ver de novo. Parado na minha frente está o estranho que acabei de beijar.

— Oi — diz o sr. Sorriso Presunçoso.

O jeito que ele está sorrindo abre uma comporta de arrepios tão poderosa quanto a tempestade que surge dentro de mim, arrepios inundam meus sentidos, subindo e descendo pelo corpo.

Estou grudada no chão e acho que talvez esteja de queixo caído.

Eu só saio do meu transe mal-educado quando o taxista grita.

Não consigo acreditar que é ele.

De novo.

— Senhorita, vai entrar ou não?

Primeiro olho para o motorista, depois me viro para o estranho bonito, pensando no que dizer, mas ele fala primeiro:

— Estava na metade do caminho para a aula quando percebi que não tinha perguntado o seu nome — diz, observando-me atentamente.

Eu não sei o que fazer ou dizer, então vocalizo as primeiras palavras que minha mente genial pode pensar:

— Hum...

Esse cara está fazendo meu rosto queimar igual a uma fogueira.

— Não. Você definitivamente não tem cara de “Hum”. Está mais para

“Uau”. — Ele sorri, mostrando de novo a mesma covinha deliciosa na bochecha esquerda.

Como é que pode um homem ser tão perfeito assim?

Se meu rosto estava quente antes, agora parece estar queimando. Um incêndio florestal. Como você responde a isso? É totalmente encantador e engraçado. Vai, Cathy! Diz alguma coisa.

— Ah! Você é engraçado. Sabe disso, né?

— Não, eu não estava tentando ser engraçado. Só afirmando um simples fato.

Ainda corando, percebo que ele está me observando com bastante atenção de novo. Achando que deve haver algo de errado com a minha aparência, minhas mãos vão direto para o meu cabelo quando ele se aproxima de mim.

— Tem... tem... tem alguma coisa errada? — A proximidade de seu corpo manda meu cérebro para um abismo onde a fala coerente parece inexistente.

Sem responder minha pergunta, ele ergue a mão para tocar meu rosto. Quando o polegar me acaricia, sinto a suavidade de seu dedo contra a pele. Faz tanto tempo desde que senti um homem me tocar tão ternamente.

Noto que seu rosto está muito mais próximo que antes, sua respiração quente alcançando os meus lábios. Ele está me observando com os olhos percorrendo meu rosto como se estivessem memorizando cada uma das minhas características... nariz, bochechas e, por fim, a boca.

Quando olha para cima, nossos olhos se encontram por um breve instante, e ele respira fundo.

— Hum, pode me dar seu número de telefone?

— Ela vai entrar ou o quê? — o taxista grita mais uma vez.

Sem quebrar o contato visual comigo, ele se dirige ao taxista.

— Só um segundo, cara.

— M-mas... por quê? — pergunto, como uma idiota. Eu sei o que quero, mas será que ele poderia querer o mesmo?

— Não é óbvio?

Faço que não com a cabeça porque não é.

— Não sabe mesmo, né? — responde com a voz carregada.

— Um...

— Me escuta, o que você me diz disso: deixo você entrar nesse táxi com duas condições. Você deve me dar o seu número e aceitar sair comigo daqui a três dias.

Será que isso está mesmo acontecendo comigo?

— Mas vai cair na sexta-feira.

Esse homem lindo já não deveria ter um encontro para sexta-feira? Só os fracassados sem companhia ficam em casa numa sexta à noite. Por exemplo: eu.

— E daí?

— É sexta-feira. Você não deveria estar ocupado? Em um encontro ou algo assim?

— Estou tentando conseguir um, mas a garota teimosa não vai me dar uma chance. — Sorrindo, ele olha para mim. Tipo, olhando de verdade para mim.

— Oh. Você quer sair comigo? — Puta merda. Ele quer.

— Quero fazer mais que isso. Mas, por enquanto, ficaria mais do que feliz se me der sua noite de sexta.

— Por quê? — pergunto antes de perceber que não quero saber sua resposta.

— Por que o quê? Por que eu quero sair com você?

Faço que sim com a cabeça.

— Além do óbvio... — Ele se aproxima mais de mim e sussurra em meu ouvido: — Porque... Nossa, não vejo a hora de te beijar outra vez.

Oh.

— Por que não faz isso agora? — Merda. De onde diabos esta "Cathy Safada" saiu?

— É simples — responde. Sinto o calor irradiando de seu corpo para o meu conforme seus olhos voltam a percorrer meu rosto. — Porque eu quero buscá-la na porta da sua casa. Quero levar flores a você. Eu quero te dizer como está linda. Quero ver você corar quando eu te elogiar. Quero ver você toda cuidadosa com as flores enquanto me oferece um copo de água. E se você morar com seus pais, eu quero apertar a mão do seu pai e dizer a ele que vou tomar conta da filha dele e que não a trarei muito tarde para casa. Depois, vou elogiar sua mãe por ser tão linda. Porque só uma mulher bonita poderia ter dado à luz a alguém tão bela quanto você.

Ele acaricia meu rosto ternamente.

— Então, você vai corar e agarrar minha mão para me tirar de lá o mais rápido possível para que eu não te envergonhe mais. Quando estivermos do lado de fora, vou pegar sua mão e a conduzirei até o meu carro. Abrirei a porta e te ajudarei a entrar, e depois que a porta estiver fechada, vou para o banco do motorista. Mas antes de dar partida, quero me virar e olhar pra você, sentada ali, com o rosto vermelho. Quero te segurar pelo pescoço — suas palavras refletem suas ações quando sua mão envolve a minha nuca carinhosamente e aproxima nossos rostos —, e trazer seus lábios perfeitos para perto dos meus. E depois...

— E? — Engulo em seco.

— E finalmente te beijar — sussurra com a voz pesada, seus olhos

encaram intensamente os meus.

Minha nossa.

— Então, temos um encontro? — pergunta, sorrindo todo convencido.

— Sim — respondo sem fôlego quando meu pulso começa a acelerar.

— Você não vai se arrepender, Uau — diz, com um sorriso no rosto.

— Meu nome é Cathy. — Sorrio de volta.

— Gostei. Você tem cara de Cathy. Meiga, inocente e perfeita.

— Oh...

Quero muito me beliscar para ter certeza de que não estou sonhando.

— Meu nome é Ben, a propósito.

— Prazer em conhecê-lo, Ben — murmuro baixinho.

Estendendo a mão para um cumprimento, Ben sacode meu mundo por completo quando a pega e a leva aos lábios, dando um beijo que eu sinto pelo corpo todo.

Maravilhada e sem palavras, solto a mão dele e Ben dá um passo ao lado, abrindo mais a porta para eu entrar.

Este cara existe? Não sei se desmaio ou desato a rir.

Eu meio que sinto vontade de desmaiar, no entanto.

— Tudo bem. Obrigada. Eu... hum, acho que te espero me ligar?

— Claro. — Ele sorri.

Depois de passar meu número e nos despedirmos rapidamente, entro no táxi e passo meu endereço ao taxista. Eu me sinto atordoada como se estivesse parada e o mundo se movendo à minha volta a uma velocidade acelerada.

Sinto meu celular vibrando. Ora, acho que não morreu afinal. Pego o aparelho e vejo que tenho uma mensagem de um número desconhecido.

1 (347) 886-8688: Oi, Cathy. Eu quis dizer o que falei na rua.

Eu sorrio ao me lembrar do que ele sussurrou no meu ouvido.

É tarde demais. O raio já caiu.

Começo a rir, depois olho pela janela. À medida que observo meu reflexo, decido que talvez eu não odeie a chuva, afinal de contas.

Ben.

Ah, com certeza.

Sem dúvidas.

CAPÍTULO 3
PRESENTE

Indo pra casa. Peguei as roupas na lavanderia e comida do Past-Tina’s. Não tinha certeza se vai jantar com Amy e o cara, mas achei que poderia estar com fome quando chegasse em casa, caso não tenha jantado. Boa sorte, amor.

Assim é o Ben, sempre atencioso. Olhando para o visor, meus dedos pairam sobre o teclado digital do meu telefone. Na verdade, eu deveria responder e agradecer por pensar em mim, mas não respondo. Não sei bem o porquê. Talvez seja porque não estou com vontade de começar uma conversa por mensagem com ele, talvez seja porque estou atrasada, como sempre, e preciso chegar ao aeroporto depressa.

Ou talvez seja porque eu simplesmente não sinto vontade de digitar.

Enfiando o celular na minha bolsa Burberry, decido ligar para Ben a caminho do aeroporto. Sairei assim que Amy me passar a informação do voo do Sr. Radcliff. Ahhhhh... não vejo a hora de conhecer outro magnata hoteleiro babaca que se acha o dono do mundo.

Bruno Radcliff acabou de comprar o hotel onde Amy e eu trabalhamos. A rede hoteleira era conhecida como Hotéis Dreams, mas agora somos parte do maior e mais exclusivo conglomerado Radcliff. Portanto, sim, o

Sr. Radcliff é alguém importante no mundo da hotelaria.

Amy, minha chefe, é diretora de vendas e marketing. Ela gerencia todas as grandes contas e principais clientes. Sou coordenadora de vendas e meu trabalho é ajudar Amy no que ela precisar. Tomo conta dos clientes que querem fazer reservas de hospedagem, celebridades, clientes corporativos e trato das reclamações.

Sentindo-me um pouco nervosa, vou ao banheiro para retocar a maquiagem e ajeitar o cabelo. Quando estou escovando com os dedos meu cabelo loiro de corte na altura dos ombros na frente do espelho, ouço meu telefone tocar.

— Cathy Stanwood.

— Oi, amor. — Ouvir a voz profunda de Ben me faz sorrir para o meu reflexo.

Depois de onze anos juntos, não passa um dia sem que ele ligue ou mande mensagem só para dizer oi e perguntar como vai o meu dia. Às vezes eu me pergunto se ele vai se cansar de mim, da vida de casado, beijar e transar só com uma mulher – a mesma mulher – pelo resto de sua vida.

Será que alguma vez ele já imaginou estar fodendo outra pessoa quando está dentro de mim?

Não fantasio com outros homens, mas me sinto entediada... tão entediada. Muitas vezes fico pensando quando a bomba-relógio do nosso relacionamento explodirá. Se Ben acordará um dia e perguntará a si mesmo o que está fazendo comigo, e que fim levou sua vida. Se ele pensa no que teria acontecido se não tivesse me conhecido, se não tivéssemos nos esbarrado naquele dia chuvoso, se a gente não tivesse se conhecido e se apaixonado...

Eu sei que eu penso nisso.

— Oi. — Segurando o telefone entre o ombro e a orelha, pego o

perfume de bolso que sempre carrego comigo e aplico no meu corpo. Esfregando o perfume nos pulsos, sou envolvida pelas notas frutadas e cítricas da minha fragrância favorita.

— O que você está fazendo? — digo com a voz de flerte que ele gosta tanto. Eu raramente a uso agora. Quando éramos jovens e completamente apaixonados um pelo outro, aquela voz só saía quando eu queria duas coisas: perdão ou sexo.

— Acabei de chegar em casa. E, estou acariciando sua xaninha — ressoa a voz profunda dele no telefone.

— O quê?

— Pode parar de pensar sacanagem, querida. Não que eu não gostaria disso, não me entenda mal, mas você não está aqui agora, então estou te traindo com a Mimi. — Eu o escuto rir enquanto imagino o que está fazendo.

É bem provável que Ben esteja sentado na cadeira de couro em seu escritório, passando a mão pelo cabelo enquanto nossa gata, Mimi, tenta rastejar por baixo da camisa branca da Brooks Brothers. O paletó jogado descuidadamente em cima do antigo sofá de couro surrado que ele se recusa a dar um fim, porque o lembra de nossos primeiros anos de casados. Ele até deu um nome para o móvel.



Tendo acabado de terminar uma vigorosa rodada de sexo, eu me deitei no sofá usando só sua camisa desabotoada, deixando meu corpo à mostra. Com uma das pernas penduradas no sofá e a outra por baixo da bunda, fiquei exposta a Ben. Eu me sentia tão sensual e bonita depois de cada vez que ele fazia amor comigo. Eu não ligava por não ser perfeita como ele, ou pelos quadris que eu

não tinha, ou os seios pequenos demais. Ele fazia eu me sentir bonita.

Ele voltava da cozinha usando nada além de um tipo de sorriso que dizia “acabei de te foder até dizer chega”, aquilo me fez sorrir e tudo por dentro parecia vibrar de forma alucinante. Observando-o caminhar na minha direção, gloriosamente nu, admirava seu peito bronzeado e o jeito como o suor fazia seus grandes músculos brilharem.

Ele segurava um copo só com gelo na mão. Seu cabelo estava completamente bagunçado dos meus puxões... Dava para imaginar como estava o meu. Cabelo depois do sexo era a melhor coisa do mundo; isso meio que fazia você querer outra rodada.

Um sorridente Ben se ajoelhou ao meu lado no sofá e seus dedos lentamente abriram a camisa, me descobrindo para ele. Com meu peito completamente exposto aos seus olhos, ele tirou um cubo de gelo do copo.

— Acho que devemos dar um nome pra este sofá.

Dei risada e fechei os olhos quando senti o cubo em seus dedos atingir minha pele aquecida.

— É? O que... você está... hum... pensando?

Fiquei imaginando por que ele estava demorando tanto para responder a minha pergunta, quando senti o calor de sua língua traçando o caminho de arrepios que o gelo deixava para trás. Ele traçou o cubo ao redor da ponta do meu mamilo, fazendo-o endurecer. O entorpecimento do gelo fez meu mamilo doer, mas era delicioso.

Quando eu estava prestes a reclamar, sua boca se fechou em torno dele, sugando-o profundamente. Soltei um longo e profundo gemido. O frio do gelo e o calor de sua boca eram a receita perfeita para o desastre; até mesmo uma freira teria dificuldade em manter as pernas fechadas. Quando senti o cubo acariciar meu clitóris, depois descer mais, entrando em mim, abri os olhos.

Uau.

Eu não sabia se deveria ficar chocada ou excitada. Sorrindo, Ben abriu minhas pernas para se posicionar entre elas. O gelo estava derretendo dentro de mim, me fazendo estremecer. Observei a cabeça de Ben baixar, tirar o cubo de gelo de dentro de mim com a língua, e lamber os lábios depois de o sugar na boca.

Com o corpo todo tremendo, eu sussurrei:

— Outra vez?

— Sim. Mais uma, e de novo e de novo, até você não conseguir mais lembrar seu nome. E ele deveria se chamar “o sofá do amor”... — respondeu com a voz rouca.

Minha risada se desfez em um gemido quando senti sua língua fria dentro de mim novamente, lambendo a mistura da água gelada e do meu orgasmo.



É, bons e velhos tempos.

Época boa em que só de nos vermos já ficávamos tão excitados e desesperados que acabávamos fazendo amor. Algumas vezes era áspero; tudo que se conseguia ouvir eram os sons dos nossos corpos se chocando, gemidos, grunhidos, muitos palavrões também. Outras vezes era terno e doce; Ben segurava minha mão, nossos dedos entrelaçados o tempo todo em que ele estava dentro de mim, movendo-se, enchendo-me, nunca desviando o olhar.

Ben sussurrava no meu ouvido o quanto eu o deixava duro... o quanto ele me queria... como o mundo não significava nada para ele sem mim. Mas não importa se fazíamos amor ou fodíamos como dois animais, duas coisas

continuavam iguais – o sofá e nosso desejo insaciável um pelo outro.

No entanto, hoje em dia a nossa vida sexual é uma história completa e totalmente diferente.

Será que até mesmo existe vida sexual da qual se falar?

O que aconteceu esta manhã na cozinha infelizmente não é mais a regra, mas a exceção sobre o quanto sexo fazemos. Temos sorte se ambos conseguirmos ir para a cama no mesmo horário. No início de nosso relacionamento, vivíamos e respirávamos pela única razão de estarmos um com o outro; passando praticamente cada segundo que tínhamos juntos, nus e transando em todos os lugares em que podíamos pensar, tentando quebrar nosso próprio recorde de quantas vezes fazíamos um ao outro gozar com nossas bocas e corpos. Hoje em dia, porém, sinto-me ousada quando visto uma de suas camisetas sem calcinha. E, na maioria das vezes, se Ben não toma a iniciativa, eu evito.

De que adianta?

Dói pensar que estamos apenas perdendo nosso tempo. Sinto falta da proximidade e da intimidade que o sexo nos trouxe, mas a esperança e a espera que vem depois de cada vez que estamos fisicamente juntos só arrancam outro pedaço de mim, do nosso relacionamento, até que não haja mais nada a ser feito para consertar tudo. Isso acaba parecendo como um trabalho.

E dói saber que somos apenas nós dois, nossa gata e meu útero vazio.

— Cathy, você está aí? — Saindo do meu devaneio, me dou conta de que ignorei Ben por completo... outra vez. Sou uma pessoa horrível porque não consigo nem prestar atenção no meu marido? Santo Deus, eu realmente preciso de terapia.

— Desculpa, querido. O que você estava dizendo?

— Sonhando acordada de novo, amor?

— Pode-se dizer que sim.

Olhando para o relógio, percebo o quanto estou atrasada.

— Ben, preciso ir. Estou atrasada de novo. Eu te vejo à noite. Ainda não sei a respeito do jantar, acho que vou ter que esperar pra ver o que acontece, então se eu não aparecer, é porque saí com o Sr. Radcliff e sua família. Quando eu puder, envio uma mensagem para avisar. Muito bem. Tenho que ir. Eu te amo.

Eu quase desligo antes de permitir que Ben responda alguma coisa.

Quase.

Não sei por quê, mas às vezes sua voz profunda e familiar me irrita.

Eu sei que as mulheres o acham muito atraente, e quase todas as estagiárias em seu escritório de advocacia têm uma queda por ele, porém, tem horas que não consigo suportar ver seu rosto.

— Amor, tem alguma coisa te incomodando? — pergunta Ben, com a voz curiosa.

Não consigo esconder nada dele? Ele sempre tem que ser capaz de me ler como um livro aberto? Eu quero minha privacidade de volta. E, sim, em alguns momentos quero que Ben fique fora da minha vida e cuide da sua. Às vezes sua gentileza me deixa louca.

— Não... Eu preciso mesmo ir. Tchau, amor. Te amo.

Desligo antes de dar uma chance de ele responder ou se despedir.

Guardando o telefone na bolsa, eu me arrumo para sair e olho no espelho mais uma vez. Quando estou prestes a me virar e sair, algo me chama a atenção. Voltando a ficar de frente para o espelho, encaro o meu reflexo. Levantando a mão esquerda para tocar meus lábios, noto o dedo anelar sem nada.

Quando tirei minha aliança esta manhã para passar hidratante no corpo, devo ter me esquecido de colocá-la de volta.

Nos seis anos em que estivemos casados, isso nunca aconteceu.

Até hoje.



Edifícios, pessoas atravessando as ruas, andando, rindo, vivendo; carros acelerando ou desacelerando enquanto os semáforos os orientam. Formas se misturando umas com as outras, criando um borrão de cor passando pelos meus olhos. É lindo e vivo.

É a cidade de Nova York.

Depois que a limusine deixa o Midtown Tunnel para trás, fugindo para a liberdade da noite, nós aceleramos pela via expressa de Long Island em direção ao JFK. A chegada prevista dos Radcliff é para oito da noite, mais ou menos. No começo, pensei que estariam vindo num voo comercial, mas eu já deveria saber. Estão viajando em seu jatinho particular. Sério, depois de tantos anos trabalhando no ramo hoteleiro, não deveria me surpreender com a quantidade de dinheiro que algumas dessas pessoas ganham.

A família de Ben também tem muito dinheiro. Do tipo que nos permitiria ficar sem precisar trabalhar e poder sair viajando pelo mundo, mas Ben odeia a ideia de viver às custas da riqueza de sua família. Ele ama seu trabalho como advogado e trabalha porque quer.

Entrando na pista de pouso particular, não vejo qualquer jatinho. Pego meu celular e ligo para atualizar Amy. Ela ficará feliz em saber que cheguei aqui antes deles.

Depois de um toque, Amy atende o telefone com aquela sua voz rouca:

— Está com ele?

Dou risada porque ela não se dá ao trabalho de dizer oi.

— Não. Eles não aterrissaram. Sabe que vai ficar me devendo uma, né? Eu deveria estar jantando com...

— Sim, já sei. Não precisa esfregar na cara o fato de ter a personificação do sexo esperando por você em casa. Entendi. Se eu fosse casada com aquele seu marido espetacular, provavelmente estaria te enchendo o saco também, mas preciso de você esta noite.

— O que me lembra de que estava prestes a te ligar porque houve uma pequena mudança de planos. A assistente do Bruno me ligou há cinco minutos, informando que só o filho e a esposa chegarão hoje à noite. Parece que houve um problema com um de seus principais clientes e só ele poderia resolver isso. — Ela faz uma pausa e ouço barulho de passos do outro lado da linha. — Voltei, desculpe. O que mais... ah, sim! Você vai ter que levar a esposa e o filho para jantar.

Bem, isso não é – de jeito nenhum – o que eu queria estar fazendo na minha sexta à noite.

— Urgh, Amy! Você quer acabar comigo! Não quero me sentar com a esposa troféu e o filho mauricinho jogando conversa fora quando eu poderia estar com Ben. Você sabe melhor do que ninguém que não estamos em nossos melhores dias ultimamente...

E não estamos. De modo algum. Quer dizer, às vezes Ben e eu somos como estranhos amigáveis vivendo sob o mesmo teto; dizemos “oi” e perguntamos como foram nossos dias, mas a intimidade acaba aí. Se não fosse pelo sexo, como a rara ocorrência de hoje, provavelmente seríamos mais como colegas de quarto do que um casal. Há uma desconexão emocional crescente entre nós e, em dias ruins, parece que será impossível de superar.

— Eu sei, Cathy. E sinto muito. Se eu soubesse disso antes de você sair, teria mandado Ryan, mas olha só... quando chegar em casa, Ben pode

querer uma segunda rodada.

— Sério, Amy? Eu não deveria ter contado o motivo do meu atraso esta manhã. E não vai acontecer de novo. Eu não quero que aconteça...

— Cathy, cale a boca e escute a CF. Vá jantar com essas pessoas, fique bêbada, coma camarão ou algo supostamente afrodisíaco, vá para casa e transe com seu marido. Todos os seus problemas são porque não está trepando o suficiente em casa. Se Ben fosse meu marido, eu, com toda a certeza, estaria dando com a mesma frequência que ele quisesse... o que aparentemente ocorre muito. A propósito, não queria me intrometer na sua vida, mas quando você chegou atrasada hoje, parecia tão vermelha que achei que estava com febre. Eu só perguntei por que estava preocupada com a minha melhor funcionária.

É, isso foi engraçado.

— É porque sou sua coordenadora de vendas predileta. Mas que raios significa CF?

— Chefe Fodona, amoreeee...

Nós duas rimos daquilo. Amy – a ruiva atrevida – é uma mulher sem vergonha. Ela tem trinta e oito anos, divorciou-se duas vezes, é uma força a ser reconhecida. Ela tem a coragem que muitos homens não têm, fala palavrão o tempo todo, adora sexo, homens mais jovens, e usa sua beleza arrasadora a seu favor... sempre. Sério, a mulher aperfeiçoou aquele gingado de quadril quando caminha.

— Tudo bem, CF, devo levá-los ao Ritz para o jantar? — pergunto, sorrindo ao telefone.

— Isso, querida. Quando chegar lá, diga que fazem parte do grupo do Bruno. Eles devem encaminhá-los para a melhor mesa disponível. E, por favor, Cathy, seja gentil e use esses seus olhos verdes com a esposa. Ela é provavelmente o tipo de mulher que choraminga se o foie gras não estiver

cozido corretamente.

— Amy, pode deixar. Por que você acha que me paga muito dinheiro, a não ser para fazer o meu trabalho, e fazer direito?! Me desculpe por reclamar antes. Muitas coisas acontecendo agora.

— Eu sei, mas isso é muito importante, querida. Bruno acaba de comprar a rede de hotéis e eu preciso que você seja mais do que a perfeccionista de sempre. Pode significar promoções para nós duas. E você sabe o que eu penso sobre o seu casamento. Se você simplesmente dissesse a Ben como se sente, um monte de sofrimento seria evitado — comenta, suspirando profundamente.

— Sim, claro. É mais fácil falar do que fazer, mas não se preocupe. Vou tomar conta da Sra. Esposa Perfeita e do filho deles como se fossem meus parentes.

— Bom, nesse caso estamos todos bem — responde Amy, rindo.

Ouvindo o barulho alto dos motores, eu me viro e olho para o céu escuro quando vejo o jatinho aparecendo.

— Amy, preciso ir. O jatinho está prestes a pousar. Me deseje sorte. Tenho esperanças de que não te decepcionarei.

— Você nunca me decepcionaria, garota. Vá buscá-los, gostosona.

Encerro a ligação, rindo sozinha. Não sei por que Amy insiste em me chamar de “gostosona” quando tenho uma aparência bem normal; cabelo loiro liso, olhos verdes, lábios ligeiramente grossos e o corpo magro. A perfeita baixinha.

Robert, o motorista, sai da limusine e se aproxima de mim. Gritando sobre o barulho, ele diz:

— Bem, Sra. Stanwood, vamos torcer para que este novo chefe seja uma boa pessoa.

Eu olho para Robert e sorrio.

— Tomara que sim, Robert. Não queremos trabalhar mais do que já trabalhamos, não é?

Enquanto o jatinho se aproxima, lembro-me do que a Amy disse sobre não transar muito com Ben ser a raiz de nossos problemas.

Queria que fosse tão simples assim.

Sexo não é o problema. Nem o amor. Eu amo Ben tanto quanto na primeira vez que dissemos essas três lindas palavras um para o outro, mas a cada bebê que foi tirado do meu corpo pelo destino, pela vida, uma parte de mim morreu e foi enterrada com eles no chão duro e frio. O primeiro aborto fez um buraco doloroso dentro de mim, o segundo o alargou, e o terceiro quase me destruiu.

O tempo alimentou aquele buraco com o inevitável tédio, monotonia e ressentimento em relação à vida, Ben, e a mim por não ser mulher suficiente. Deixe a dúvida entrar e o que você achava que já era um caminho rochoso se torna uma jornada de turbulência sem nenhum alívio à vista, exceto pelo fim.

O fim.

Dúvidas. Elas penetram em sua corrente sanguínea, atormentam cada fissura não utilizada dentro de seu cérebro com as mesmas perguntas e sem as verdadeiras respostas. O amor é uma cola forte o bastante para me reconstruir? O amor entre Ben e eu é capaz de nos manter juntos e nosso casamento funcionando?

Com esse enorme buraco dentro de mim e minhas dúvidas como companhias constantes, eu me sinto oca, irritada e com medo de ter intimidade com meu próprio marido. Intimidade física não vai fechar essa lacuna.

Depois de um pouso perfeito, por fim o jatinho para. Eu digo a Robert:

— Bem, hora do show. — Pisco para ele e começo a bater o salto alto esquerdo no chão.

Espero que esse rapaz não mude muito a dinâmica no escritório.

Quando a porta do jatinho finalmente se abre, uma mulher loira bem-vestida aparece. Ela é escultural, vestida toda em tons de creme, parece pertencer à passarela de um desfile da Chanel no Paris Fashion Week. Seu cabelo louro-acinzentado está arrumado em um coque francês bem apertado, mostrando o rosto completamente livre de rugas. Se essa é a Sra. Esposa Troféu, eu já a odeio. Atrás dela, aparece um...

Espera, esse é o garoto? Eu esperava um adolescente rebelde na puberdade.

Puta merda.

Não. Não existe menino nesse corpo. Ele é todo homem. Se ele for, na verdade, o filho do Sr. Radcliff, ele não se parece em nada com o que imaginei. Primeiro; esse loiro gostoso não tem nada de adolescente. E segundo; sem espinhas no rosto perfeito. E, bem, ele é pelo menos dez centímetros mais alto do que eu esperava.

O homem vindo atrás da Sra. Esposa Troféu Pele Lisa Perfeita está vestindo jeans desbotados que pendem tão baixo em seus quadris que dá para ver o cós de sua cueca Armani enquanto ele caminha, e uma camisa rosa-claro Oxford com os três primeiros botões abertos, expondo o peito bronzeado e musculoso.

Esse homem exala confiança e sexo. Aposto que se eu chegasse perto dele, tentando sentir seu perfume, seria capaz de sentir como é o cheiro de sexo puro. Até o jeito calmo de seu andar é sexy demais. Meu Deus.

Quando meus olhos pousam em seu rosto, percebo que está me observando com um sorriso preguiçoso, nada sério, nos lábios. Ele é bonito. Seu rosto esculpido é do tipo perfeito que pertence a uma propaganda da Abercrombie & Fitch da qual milhares de garotas sonham em beijar um dia. Mas

existe certa doçura enganosa em suas feições também; quando você olha para aqueles olhos, sabe que está em apuros.

Dos grandes.

William Shakespeare disse que os olhos são as janelas da alma.

Quando nossos olhos se encontram, vejo perigo e talvez algo excitante. Proibido. Algum instinto básico em mim reconhece instantaneamente que esse homem não faz amor com uma mulher.

Ele a fode.

Quando estou travada no seu olhar, de repente, me sinto dominada pela sensação ameaçadora de estar sendo sufocada. Uma premonição ou um presságio, esse pressentimento está gritando na minha cabeça, dizendo para eu fugir e me esconder, e nunca mais voltar. Não consigo me mexer. Não consigo respirar. Eu apenas pisco. Minha mão sobe para o meu peito e começo a esfregar a área ao redor do coração.

Ele é perigoso.

Minha cabeça está gritando fuja, e o coração está berrando perigo, mas meu corpo não se move. Tudo o que sou capaz de fazer é observar ele descer as escadas do jatinho vindo na minha direção. Seu sorriso passou de preguiçoso e torto para um grande sorriso estonteante.

Seu sorriso é eletrizante.

Seu sorriso me assusta.

Seu sorriso me hipnotiza.

Balançando a cabeça, afasto o olhar do seu, hipnótico. Recomponha-se, garota. Pare de pensar em presságios tolos e olhos safados. Você precisa ouvir Amy e transar. Mais para: assim que entrar em casa, é melhor pular em cima de Ben.

Mostrando o melhor sorriso, limpo a garganta e dou um passo à frente.

— Olá, meu nome é Cathy Stanwood. Prazer em conhecê-los.

CAPÍTULO 4

No caminho de volta para a cidade, meu rosto ainda formigava no lugar onde seus lábios tocaram minha pele.

Com certeza eu não estava esperando que ele ignorasse meu aperto de mão e plantasse dois dos beijos mais eletrizantes que já recebi em cada lado da face. Senti as bochechas corarem quando, desajeitadamente, dei dois passos para trás, estendendo a mão para um aperto inútil. Ele deve ter percebido como fiquei abalada pelo contato mais próximo, porque deu aquele sorriso fácil e idiota que parecia estar fazendo coisas com as minhas partes íntimas, minhas partes íntimas muito bem-casadas, quando segurou minha mão na sua muito grande.

Apertando as mãos, notei a cor única e exótica de seus olhos. Eles eram de um azul-piscina cristalino. Lindo. Também percebi como eles analisaram atentamente meu corpo, fazendo um arrepio tão forte percorrer pela minha coluna que me fez tremer.

Ele pareceu gostar do que viu por que, quando seus olhos cobriam mais áreas do meu corpo, seu sorriso aumentou. Assim que o olhar finalmente encontrou o meu e percebeu que eu o estava observando o tempo todo, ele piscou para mim.

E sorriu outra vez.

— Prazer em conhecê-la, Cathy.

Esse sorriso devia ser ilegal.

— Meu nome é Arsen — disse, ainda apertando as mãos.

— Arson? — repeti. — Tipo, incêndio criminoso em inglês mesmo?

— Não, Arsen com E em vez de O, mas quase isso — respondeu, com os olhos brilhando alegres.

É engraçado que o nome dele tenha me lembrado de fogo porque ele certamente parecia alguém que poderia te queimar até virar cinzas. Com apenas um olhar, ele me fez sentir como se meu corpo estivesse pegando fogo.

O limpar de uma garganta me afasta do meu transe.

— Senhorita Stanwood... Cathy...

Merda, espero não ter perdido muito da conversa. Virando-me na direção da sua voz, vejo Arsen sentado no assento de couro com as pernas afastadas. Enquanto ele bebe sua água, seu olhar permanece na minha boca por mais tempo que o necessário.

— Cathy, minha mãe estava querendo saber se você sabe se Amy viu sobre a compra daquela propriedade em Purchase ou não?

— Sim, fechamos duas semanas atrás. Eu me encontrei com alguns designers de interiores que...

Sou cortada por Victoria Radcliff. Sim, a Sra. Esposa Troféu tem nome.

— Ah, não tem necessidade de um designer de interiores. Só trabalho com o Charles. — Quando ela se vira para olhar para o filho, fico impressionada com o quanto são parecidos. A perfeição loira americana toda.

Meu telefone toca, interrompendo minha análise da perfeição.

— Peço desculpas. É melhor eu atender a este telefonema. Deve ser Amy se certificando que chegaram bem.

Victoria deu de ombros e continuou conversando com o filho como se

eu não existisse. Virando o corpo de lado para dar a eles e a mim um pouco de privacidade, eu atendo.

— Cathy Stanwood.

— Amor, sou eu. Eu sei que está trabalhando, mas acabei de ser chamado no escritório... reunião de emergência. Provavelmente passarei a noite toda trabalhando, assim acho que não voltarei até que esteja na cama e dormindo.

Sinto os olhos em mim. Suspeitando que Victoria está me observando porque estou interrompendo a conversa com o filho, abaixo a voz.

— Tudo bem...

Ben deve perceber que eu não deveria estar no telefone porque dá risada.

— Provavelmente estou te arrumando problemas com essa ligação. Diga para irem para o inferno. Estou falando com a minha mulher.

— Ben...

— Tá bom, querida. Só queria te desejar uma boa-noite. E te avisar para não esperar por mim. Eu te amo.

Ele espera na linha por mais um segundo, na certa esperando que eu diga que o amo de volta, mas não consigo. Não sei porquê. Suspirando no celular, eu apenas digo:

— Noite.

Espera. Não é justo.

Estou prestes a dizer algo mais expressivo para Ben quando o ouço soltar um profundo suspiro e encerrar a ligação.

Merda. Porra. Droga. Por que sempre me comporto como uma megera quando ele está só tentando ser amoroso?

Frustrada comigo mesma, guardo meu telefone e ergo os olhos,

esperando encontrar Victoria me olhando feio. Porém, ela não está. Ela está olhando pela janela. No lugar dos olhos dela, os meus se conectam com os tons azul-piscina.

Era Arsen que estava me olhando esse tempo todo.



Arsen está me deixando bastante desconfortável. Ele continua observando cada movimento meu, e é irritante. Não sei porquê. Ele é muito mais novo do que eu, e geralmente não me intimido diante dos homens, nem mesmo quando são tão lindos de morrer como este sentado ao meu lado.

Estou acostumada a alguns deles me encarando e flertando comigo, mas nunca me sinto desconfortável só com um simples olhar.

Não desse jeito.

Nunca.

E jamais fico me remexendo no assento, nem mesmo quando Ben está tentando ser engraçado e pervertido ao mesmo tempo. Mas esse cara está mesmo me afetando. A intensidade em seu olhar parece abrir um buraco a ferro quente através de mim.

Interrompo nosso concurso de encarar e pego minha taça de Pinot Noir. Por um instante, eu me perco no gosto do vinho, saboreando suas notas frutadas misturadas com especiarias picantes e tons terrosos. Deixando o delicioso vinho rodear pela boca, penetrando nas papilas gustativas da língua, evito olhar para o homem sentado à minha esquerda e a mulher sentada do outro lado da mesa. Em vez disso, deixo meus olhos vagarem pelo restaurante que Arsen escolheu em vez de ir ao Ritz. Homme. É o restaurante do momento em Nova York. Zagat, o New York Times e o The New Yorker acreditam piamente

nisso. Estou surpresa que nos deixaram entrar sem reserva porque ouvi dizer que a lista de espera é atualmente de um mês de antecedência.

Acho que não deveria ficar. Arsen parece conhecer muitas pessoas aqui hoje à noite, e, também, a Sra. Radcliff. Olhando em volta, noto a decoração muito luxuosa e cara. Tudo é branco e de vidro. As luminárias são uma mistura entre designs clássicos de cristais cintilantes e grandes lustres brancos, modernos no estilo sueco com luzes opacas... Esteticamente é bonito e muito zen.

Por outro lado, a música está alta e muito Ibiza. A justaposição do techno em meus ouvidos enquanto tento comer um pato de cem dólares é muito engraçada, se for pensar nisso.

Mas funciona.

Sorrindo para o garçom muito bonitinho quando ele vem para encher a minha taça quase vazia, não vejo Arsen se aproximar de mim até que sinto o sussurro de sua respiração quente no meu ouvido:

— Por que você não sorri assim para mim?

Eu sinto seu dedo mindinho tocando a lateral externa da minha coxa enquanto a mão dele apoia o corpo reclinado na beirada da minha cadeira. Sua proximidade está me sufocando. O insignificante contato de nossos corpos me faz querer remexer no lugar, e suas palavras me fazem querer levantar e fugir dele e do que elas me fizeram sentir.

Excitação.

Não sei o que fazer ou dizer, então me viro para olhar para a sra. Radcliff para ver se ela está nos observando. Mas ela não está. Com a cabeça abaixada, posso ver que está mandando mensagens para alguém. Tento me afastar de Arsen e de sua boca quando a mão dele, de repente, toca meu joelho. Sua grande mão consegue cobrir todo o joelho e mais um pouco.

— Por que tem medo de mim? Eu não mordo a menos que você queira. E se quiser...

Eu limpo a garganta e gentilmente, mas com firmeza, removo sua mão do meu joelho. Não conheço esse homem, e ele não deveria estar me tocando desse jeito.

Ao mesmo tempo ignorando uma parte de mim, do meu corpo, que gostou do toque dele.

Tentando pensar em Ben, olho para Arsen, prestes a dizer algo curto e grosso para colocá-lo em seu lugar, mas paro de repente. Em vez disso, observo como ele traz o dedo mindinho, que estava tocando a minha perna nem um minuto atrás, à boca e lentamente o traça com a língua. De alguma forma, tenho a impressão de que ele é capaz de me provar. Minha garganta seca, eu não posso negar o quão erótico acho aquilo.

Arsen me vê corar e contorcer na cadeira e sorri presunçoso para mim.

Então ele se recosta em seu assento de novo, pegando sua taça de vinho e bebe tudo em um grande gole. Eu sei que preciso dizer alguma coisa, mas não consigo. Tantos pensamentos em conflito estão passando pela minha cabeça; medo, antipatia, choque, mas a voz mais alta é a da luxúria.

Sua arrogância está fazendo coisas com o meu corpo. O jeito que ele está me observando, a forma que está sorrindo para mim, e o pequeno toque de seu dedo está me deixando excitada. Sinto-me passada ao descobrir que quero que seja a minha língua a traçar o dedo dele. Sinto vontade de abrir as pernas, pegar sua cabeça e guiar sua língua para dentro de mim para que ele me beba, para que ele me engula assim como fez com o vinho de sua taça. Quero que a língua dele me prove.

Alarmada com a direção dos meus pensamentos, encontro minha voz e paro minha imaginação:

— Eu... Com licença...

Não termino a frase porque Arsen levanta o dedo indicador até a boca sinalizando para eu não dizer mais nada.

Ele está de brincadeira comigo? Não acredito.

Colocando o guardanapo na mesa, empurro a cadeira para trás e peço licença, dizendo que preciso usar o toalete. Não me dou ao trabalho de olhar para ele ou para Victoria.

Preciso me afastar.

Saindo do banheiro, calma, mas ainda perdida em pensamentos, não vejo Arsen se aproximando de mim até que ele para na minha frente.

— Oi. — Existe um tom de provocação em sua voz.

— Oi — respondo, seca. Preciso voltar para a mesa e acabar com essa noite; ele está me deixando muito desconfortável. Na verdade, os pensamentos que está invocando em mim estão me deixando desconfortável.

— Eu disse alguma coisa que a incomodou lá na mesa?

— Hum... não. De forma alguma... — gaguejo, nervosa.

— É mesmo? — Ele se aproxima de mim e levanta a mão, tocando meu ombro com os dedos e o acariciando bem devagar. Quero dar um passo para trás, mas não consigo me mover.

Estou paralisada sob o feitiço dele.

— Porque quando eu fiz isso, parecia ter te incomodado muito.

— Por favor, pare de fazer isso... — Balanço o ombro, afastando-o dele.

— Por quê? O que acha de despacharmos a minha mãe e nos divertirmos um pouco? — pergunta, reclinando o ombro contra a parede e analisando meu corpo.

— Não. Não posso. — Eu me sinto corar sob o seu escrutínio.

— Por que não? Sou conhecido por ser uma boa transa.

— P-porque... porque eu sou c...

Ele não sabe que sou casada?

— Eu gosto de você. Tem algo na rigidez de seu comportamento que me faz querer ver se você tem um lado selvagem.

Ele está me dizendo todas essas coisas; parado ali, parecendo tranquilo e sereno. Confiante. Arrogante.

— Não. Você não me deixou terminar antes. Eu não posso. Sou casada e não estou interessada. Agora pode, por favor, me dar licença para eu poder voltar para sua mãe?

Ele parece surpreso quando digo que sou casada. Ótimo. O que quer que seja isso entre nós, precisa ser cortado pela raiz.

— Você é casada? Não está usando aliança de casamento — responde ele, apontando para o meu dedo.

— Bem, eu me esqueci de colocá-la — eu digo, esfregando as mãos.

— Ainda posso te mostrar o que é diversão, sabe. Melhor ainda, porque pode ser um lance de uma única vez. — Ele se afasta da parede e se inclina para sussurrar no meu ouvido: — Pode ser o nosso segredinho.

Eu o empurro para longe.

— Qual é o seu problema? Eu nem te conheço. Você sempre se insinua para as mulheres desse jeito e dá certo?

— Sim. Sempre.

— Bem, não vai funcionar comigo. Sou casada e não estou interessada. Fim de papo. Agora, por favor, deixe-me voltar para a mesa.

Irritada e ofendida, eu me viro e me afasto dele. Não acredito nesse homem. Acabei de conhecê-lo, e ele está dizendo essas coisas nojentas para mim.

Indo para a mesa, eu me sento ao lado de Victoria e procuro fingir que o que aconteceu do lado de fora do banheiro entre o filho dela e eu realmente não ocorreu. Que aquelas palavras nunca foram trocadas.

Mesmo que por uma breve fração de segundo, eu talvez as tenha considerado.

Finjo não ter ficado nem um pouco tentada.

Quando Arsen volta, ele não me ignora como achei que faria. Ele continua a me paquerar, mas agora aquele sorriso arrebatador não alcança seus olhos. No lugar, parecem frios e vazios.

Quando chego em casa, sinto-me suja e culpada. Eu não sei porquê. Não deveria sentir nenhuma dessas coisas. Não é como se eu tivesse pedido a Arsen para me seguir até o banheiro ou dizer todas aquelas coisas para mim. Não é como se eu realmente tivesse flertado com ele.

Eu não fiz isso. De jeito nenhum.

Mas a culpa está aí.

As emoções conflitantes que passam por mim estão deixando um rasto de puro caos que sinto como se minha consciência fosse decorrente da consequência.

E talvez uma pequena parte de mim quisesse dizer sim.

CAPÍTULO 5
PASSADO

— O que você tem? — meu pai me pergunta quando nos sentamos para jantar.

— O que você quer dizer? — Pego meu copo de água e percebo que minha mão está tremendo um pouco.

— Cathy, desde que voltou da faculdade, não parou de sorrir. — Ele estuda meu rosto. — Conheceu alguém?

— Talvez... — respondo antes de encher a boca de *penne*.

— Desconfiei. Está com um sorriso enorme que há muito tempo não via. Você deveria sorrir mais, meu bem. Isso me deixa muito feliz.

Raramente sorrio. Não desde que minha mãe foi embora. Não temos notícias dela há mais de oito anos, e eu duvido que algum dia tenhamos, então sorrisos são escassos na minha vida. Apenas boas notas, meu pai e um bom livro os trarão à tona.

— Não se preocupe, papai. E sim, conheci alguém hoje. Eu... eu acho que foi a experiência mais incrível que já tive.

— Cathy...

— Não, nada aconteceu ainda, então não entre em pânico. Acabamos de nos conhecer na chuva.

— O que você quer dizer com “na chuva”?

— Papai, esquece. Só sei que conheci um dos caras mais lindos que já vi na vida.

— Querida, acredito que você diz isso a respeito de cada rapaz bonito que vê.

— Sim, talvez... Mas ele é mesmo, papai.

Ele fica quieto por um instante enquanto nos encaramos.

— Só tenha cuidado. Nunca te vi tão animada por um garoto. Nem mesmo quando namorou aqueles dois idiotas.

— Papai...

—Vou deixar isso pra lá, mas se ele quiser te levar para sair, é melhor que esteja disposto a me conhecer.

— Papai! — exclamei. Às vezes meu pai acaba exagerando muito, mas ele está certo. Preciso tomar cuidado. A última vez que dei meu coração, eu me machuquei demais.

Meus dois ex-namorados, os únicos garotos que amei e tive relações, fazem parte do passado, mas ainda penso neles. Jack tinha cabelos castanhos, usava óculos e era magro. Ele não era de se jogar fora, mas, também não era bonito. Ele era como eu – razoável. Meu segundo namorado, Matt, era muito bonito, tanto que eu sempre me perguntava por que ele estava comigo. Nosso relacionamento era normal, seu amor por mim não era nada especial. Eu, em contrapartida, o amava demais, o queria muito. Quando ele terminou porque não sentia mais nada por mim, acabou comigo. Ele me destruiu. Não saí com ninguém desde que o colegial terminou e a faculdade começou. Preciso manter as notas altas e não comprometer minha bolsa de estudos.

Quando o jantar acabou, corri para o meu quarto para fazer alguma das minhas lições antes que meu pai pudesse me questionar mais. Em silêncio, fecho

a porta do quarto depois de entrar, e fico na frente do meu espelho de corpo inteiro comprado no Ikea.

Entendo o que meu pai está falando. Minhas bochechas parecem tão rosadas, e o sorriso no meu rosto é tão grande que dá para ver o quão profundas são minhas covinhas. A garota me encarando parece que engoliu uma gigante pílula da alegria e está chapada de felicidade.

Cobrindo a boca, solto um grito silencioso contra as mãos, terminando em uma dancinha que pode incluir alguns movimentos de dança do Mr. Roboto. Brega, eu sei, mas é verdade, por favor, né?! Estou tão zonza e com tanto frio na barriga que estou surpresa que meu corpo ainda esteja aqui e não voando alto nas nuvens. Eu me sinto tão leve e viva.

Não chegou a ser desesperador esperar pela sexta-feira, no fim das contas. Ben me ligava toda vez que prometia; suas mensagens são as primeiras a cumprimentar meus olhos quando acordo, e sua voz é o último som que ouço antes de ir para a cama.

Na noite anterior ao nosso encontro, falamos ao telefone por duas horas. Estou pegando no sono, e ele também, então comento que devemos desligar. Ele ri.

— Eu não quero desligar. Que tal dormirmos ouvindo a voz um do outro? Podia ser um pouco excitante se você quisesse...

Dou risada de sua piada boba enquanto o imagino balançando as sobrancelhas de um jeito bonitinho, mas pervertido.

— De jeito nenhum. Não mesmo, sem chance, amigo. Pode parar de pensar sacanagem, seu pervertido. Não vou fazer sexo por telefone com você. Eu nem te conheço direito...

Ouvindo uma gargalhada autêntica, sorrio ao telefone. Quando Ben volta a falar, sua voz ficou mais profunda, mas, de alguma forma, sei que ele

ainda está sorrindo.

— Bem, sexo por telefone é conhecido por ajudar a ter uma noite de sono melhor... mais profundo, se é que você me entende... — provoca ele.

Sorrio.

— Sério?

— Sim. O melhor método de todos os tempos. Estou até me oferecendo como cobaia.

Rindo, eu digo boa-noite e desligo. Se eu me conheço bem, e acho que sim, tenho certeza de que já estou me apaixonando por alguém que mal conheço.

Mas é tão fácil.



Estou muito nervosa. Eu não comi nada o dia todo.

Hoje é uma noite perfeita de começo de setembro. Calorosa, mas com uma brisa fresca sussurrando na pele. Sem saber aonde Ben está me levando, escolho um lindo vestido curto ao estilo baby-doll na cor rosa claro com aplicações de renda nas mangas e no decote. É feminino e bonito, só que também é um pouco sexy, combinando com sandálias Anabela que deixam minhas pernas mais longas. Sério, usar esse tipo de roupa é totalmente fora da minha zona de conforto, mas quero ficar o mais linda possível para o Ben. Quero muito que ele ache que estou bonita esta noite.

Quando me olho no espelho, fico feliz em ver que estou muito bem. A sombra da cor champanhe destaca a cor dos meus olhos, e o pó iluminador que apliquei no rosto faz minha pele parecer bronzeada. E, sim, meu cabelo decidiu me ajudar hoje à noite porque não está com os fios arrepiados. Sorrindo para o meu reflexo, passo brilho rosa claro nos lábios e decido que melhor não pode

ficar.

Estou procurando um par de brincos quando escuto uma batida na porta da frente.

Merda.

Meu pai vai atender a porta.

Oh, céus. Isso vai ser interessante.

Não me preocupo em colocar os brincos, jogo-os na bolsa e me apresso para as escadas. Preciso chegar lá antes que meu pai comece a me envergonhar. Quando chego ao pé da escada, congelo no lugar. Não acredito no que estou vendo.

Ben está dentro da minha casa segurando o maior buquê de...

Espera... aquilo são cupcakes? Acho que sim.

Ben se aproxima de mim, deixando meu pai parado lá com cara de "Quem esse cara pensa que é?".

O sorriso mais doce toca os lábios do cara mais bonito que já vi em toda a minha vida, e é para mim – para MIM!

Pensei que me lembrava de como ele era, mas estou tão enganada. Seus olhos castanhos brilham tão radiantes que parecem ser xarope cristalizado, e há um vislumbre de rubor nas maçãs de seu rosto acentuado.

Mesmo com a sandália de salto alto, ele continua bem maior que eu, e o jeito que está olhando para mim, com tanta ternura em sua expressão, me faz querer desmaiar.

Meus joelhos ficam completamente bambos.

Ben apenas fica lá, olhando para mim por um segundo... ou pela eternidade. Quem está controlando o tempo, afinal? Quando ele finalmente fala, suas palavras são ditas de forma gentil e me tiram o fôlego:

— Eu queria dizer algo inteligente e engraçado quando finalmente a

visse de novo, mas meu cérebro parece ter fritado. — Ele fecha os olhos e geme. — Então, você está linda.

Corando em todos os tons de vermelho, escuto meu pai limpando a garganta, tentando nos lembrar que ele ainda está na sala. Depois que Ben me entrega o buquê bem pesado de cupcakes, pergunto por que me trouxe tantos. Não tem como eu comer tudo isso.

Ben cora outra vez.

— Na outra noite, quando estávamos conversando sobre comidas favoritas, você disse que era capaz de comer um cupcake por dia. Pensei que se eu trouxesse o suficiente para durar uma semana, você iria querer me ver outra vez na próxima, quando eles acabassem. Se esse fosse o caso, eu poderia trazer mais pra você.

Meu Deus. Agora nós dois estamos corando.

— Hum, obrigada. — Este cara é de verdade?

Deixando meu pai com Ben na entrada, eu peço licença e vou até a cozinha deixar os cupcakes no balcão. Quando volto, Ben e meu pai estão de frente um para o outro. Papai está com os braços cruzados e uma expressão brava no rosto, e as mãos de Ben estão nos bolsos da frente enquanto oscila sobre os pés desajeitadamente. Ele parece desconfortável. Sinto vontade de rir porque Ben é provavelmente quatro centímetros mais alto que meu pai e muito maior também, mas ele parece nervoso.

É muito fofo de ver.

— Ela só tem dezoito anos, então é melhor não a levar a um bar. Eu me lembro de quando tinha a sua idade. Sei onde vocês costumam ir e o que gostam de fazer com garotas bonitas como a minha, portanto, é melhor tomar cuidado, filho. Se ela chegar em casa cheirando a álcool, ou se as roupas dela estiverem fora do lugar, não ficarei feliz.

Alguém me mate agora mesmo. Sério, pai? Penso que Ben vai dar o fora e desistir de mim.

— Não, senhor. Não deixarei as mãos dela tocarem nada com álcool.

— Quantos anos você tem, filho? — meu pai pergunta, estudando-o.

Corando, mas nunca perdendo o contato visual com meu pai, Ben responde:

— Tenho vinte e dois anos. Também estou no primeiro ano de Direito na Columbia, senhor.

— Sei. Um futuro advogado. Em que área do Direito tem interesse de seguir?

Tudo bem, isso já está beirando a assédio. Preciso intervir antes que meu pai assuste Ben e ele vá embora, deixando-me sem companhia... e sem sexo. Você quer chegar pelo menos na terceira base – aquela pegação bem dada – hoje à noite com esse gostosão! A Cathy Safada me lembra.

Eu limpo a garganta, interrompendo o interrogatório do meu pai.

— Oi. Desculpa. Podemos ir, Ben. Pronto?

Ben olha para o meu pai, depois para mim, sorrindo.

— Sim. Estou, podemos ir quando você quiser.

Sorrindo, dou um beijo no meu pai e digo a ele para não se preocupar.

Ben me ajuda a colocar minha jaqueta jeans, mas quando acho que ele vai me seguir até a porta, ele se afasta e vai até o meu pai. Ele oferece a mão para um cumprimento.

— Não se preocupe, senhor. Cuidarei muito bem da sua filha. Obrigado por confiar ela a mim.

Uau. Ouvir Ben falar com meu pai desse jeito está me fazendo derreter toda por dentro.

Meu pai sorri pela primeira vez esta noite. Aceitando o cumprimento

de Ben, ele nos deseja uma boa-noite. Estou prestes a abrir a porta quando Ben me para.

— Não, deixa que eu abro a porta pra você. Foi esse o acordo, lembra? — diz gentilmente.

— Ah, sim.

Sorrindo, ele segura a minha mão, entrelaçando nossos dedos. É a primeira vez que fazemos isso. Mãos dadas é algo muito importante. A última vez que andei de mãos dadas com um cara foi com o meu ex, dois anos atrás.

Isso significa que Ben gosta de mim? Dã, garota. Por que acha que ele trouxe cupcakes para sua casa? Para ver você comendo todos eles? Claro que ele gosta de você. Isso mostra que ele pensou nessa noite. Agradeça e abra as pernas.

Cathy Safada sempre aparece nos momentos mais inoportunos.

Quase não registro a saída de casa e a ida até o carro dele. Agora estou sentada no banco de couro e pensando em mãos dadas e nas vozes safadas quando sinto os olhos de Ben em mim. O jeito que ele está me encarando...

De repente, fica muito quente dentro do carro, quente demais. Observo-o seguir o movimento das minhas pernas quando as esfrego uma na outra.

— Que se dane. Não aguento mais esperar — diz Ben.

Ele agarra a minha nuca com força, puxando-me para cima dele. Sabia que ele era forte só de olhar para os músculos de seu corpo, mas não pensei que fosse tanto assim. Conforme sento-me em seu colo com as pernas o envolvendo, nossos lábios se tocam pela segunda vez e é como se o ar estivesse sendo sugado de mim, bem devagar, deliciosa e ternamente. Seus lábios, suaves e doces, me beijam como se os meus fossem feitos de vidro. Ele é gentil no começo, mas quando nossas línguas se tocam, fogo explode dentro de mim, dentro dele,

dentro de nós dois.

Seu beijo não é mais gentil. Não é delicado. Ele se transforma em um tipo de beijo agressivo, áspero, faminto, intenso, dentes colidindo, língua contra língua.

E eu amo isso. Ah, como eu amo isso.

Quando nossos lábios se separam, estamos ofegantes e tentando recuperar o fôlego. Quando olhamos um para o outro através da pequena distância que deixamos entre nossos corpos, reparo em como nossas mãos estão emaranhadas no cabelo um do outro, punhos cerrados, puxando nossos rostos para mais perto, agarrados como se fôssemos vitais um para o outro.

Não consigo acreditar. Não consigo. Esse tipo de coisa não acontece na vida real.

— Porra, Cathy... Sem qualquer esforço, você me faz perder o controle, hein?

Engolindo em seco, tento desembaraçar os pensamentos vindos de duas direções diferentes no meu corpo; dentro da minha cabeça e da calcinha, tudo que consigo fazer é balançar a cabeça e sorrir.

Ben ri, dá um beijo rápido na boca e me tira do colo. Quando estou de volta no meu lugar, ele descansa a mão no meu joelho.

— Sinto muito pelo beijo. Estava planejando ir com calma essa noite... devagar, sabe... Mas quando você apareceu com esse vestido sexy, mostrando esse espetáculo de pernas, e parecendo sensual pra caralho e linda... Eu meio que quis pular em cima de você na hora, mesmo com seu pai nos observando, mas pensei que ele não me deixaria sair com sua filha de novo. E depois desse beijo... — Parando, ele segura meu queixo para que eu me vire e fique de frente para ele. — Olhe para mim, Cathy... Quero ver seus olhos. — Apertando meu queixo bem de leve, ele continua: — Preciso te ver novamente.

Vermelha de vergonha, agradeço muito que o carro esteja escuro.

— Mas o encontro ainda não começou de verdade... como sabe que vai querer me ver de novo se nem começamos o primeiro ainda? — Minha voz sai fraca. Estou com medo porque quero que as palavras dele sejam verdadeiras. Eu gosto dele. Gosto muito.

Soltando meu joelho, ele pega minha mão e a leva à boca, plantando um beijo no meio da palma.

— Eu simplesmente sei. Tenho certeza de algumas coisas na vida... Que não importa o que faça, a morte sempre irá te alcançar. Você tem que trabalhar muito para se manter na vida, festejar mais para aproveitá-la e amar mais para vivê-la, e agora, você.

— Oh.

DING! DING! DING!

Acabei de ganhar na loteria?



Quando estamos em Serendipity, um grupo de garotas lindíssimas se aproxima de nossa mesa para perguntar se ele é Benjamin Stanwood, ex-quarterback da Universidade da Flórida. Corando um pouco, Ben diz que era, o que faz as garotas gritarem e pedirem seu autógrafo. Enquanto as meninas dão em cima dele, Ben pega minha mão. Todas olham para mim como se quisessem saber como diabos uma garota “sem-graça” acabou com um pedaço de mau caminho.

Passei a noite inteira me perguntando a mesma coisa.

Ben pigarreia.

— Desculpe, garotas. Aqui estão seus autógrafos. Obrigado por virem

dizer oi. É muito legal da parte de vocês, mas estou tentando impressionar minha garota... e até agora não está funcionando.

As garotas se viram para mim, raiva e descrença estampadas nos rostos. Nunca fui o tipo de garota que se vangloriava dos outros quando algo certo acontece comigo, mas neste instante uma parte escondida da minha personalidade quer enfrentá-las, e mostrar meu melhor olhar de “a dona da porra toda”, estalar os dedos bem na cara falsa delas e dizer:

— “Vão se foder, vagabundas”.

Mas não faço isso.

Pelo contrário, aperto a mão de Ben com mais força. Seus olhos encontram os meus e o que vejo neles me deixa extasiada.

O resto do encontro passa em um borrão. Eu não me lembro muito, exceto pela suavidade em seus olhos quando ele olhava para mim, seu doce sorriso de paquera toda vez que suas mãos “acidentalmente” roçavam minha bunda ou seios, a expressão bastante satisfeita em seu rosto depois de cada beijo que demos e que me deixou desorientada e dispersa. Mas o que mais me recordo é a maneira como Ben nunca soltava minha mão, quase como se fosse dono dela ou que sua mão pertencesse àquele lugar.

Depois que ele me deixa em casa e me desestrutura com seus beijos, vou para o meu quarto, caminhando igual a um verdadeiro zumbi. Os batimentos ensandecidos do meu coração têm que ser prova de que ainda estou viva, certo?

Deitada na cama, não consigo me lembrar de tirar as roupas, vestir o pijama ou remover o que restou da maquiagem depois da pegação intensa que tínhamos acabado de fazer dentro do seu carro, do lado de fora da minha casa. Meus lábios estão entorpecidos, ainda que pareçam pegar fogo. Eu os sinto tão quentes ao toque; é como se eu estivesse queimando de dentro para fora.

Meus seios estão doloridos por causa de suas mãos, os mamilos ainda

duros, e estou inchada e supersensível entre as pernas devido aos dedos dele, mas a sensação é tão boa.

Boa demais.

Meu corpo está zumbindo de excitação porque está vivo de novo. Fazia tanto tempo.

Encarando as sombras brincando no teto, tento fechar os olhos, mas não consigo. As imagens dele me tocando, sussurrando o que quer fazer comigo, como está se esforçando para se segurar... sentir sua ereção na minha mão...

Ainda estou em transe quando ouço meu telefone tocar. Atendendo sem olhar no identificador de chamadas, sorrio quando escuto sua voz:

— Oi, Cathy.

— Oi.

— Já estou com saudades — diz com a voz rouca.

— Eu... eu estou... também.

— Você o quê?

— Hmm... não sei se devo dizer — sussurro.

— Droga, Cathy. Ainda estou atordoado, cacete. Estive assim desde que nos beijamos no meu carro quando te peguei. Não fui capaz de parar de pensar nisso. E não quero.

Eu o ouço inspirar fundo, depois soltar.

— Não consigo fechar os olhos porque quando faço isso, tudo que vejo é você. Quando respiro, tudo o que sinto é você. E eu preferiria ter a verdadeira ao meu lado do que um sonho. Quando posso te ver de novo? Prometo não pular em você como um homem faminto... mas, cara, Cathy, você tem ideia das coisas que faz comigo? Das coisas que eu quero fazer com você? O que quase fiz com você no meu carro?

— Tenho.

— Tem? Bem, que merda.

— Shhh... deixa eu falar. Eu sei como você está se sentindo porque sinto o mesmo. Estou sentindo tudo o que você acabou de dizer... só que mais — digo.

— É mesmo?

— Sim, é sério.

— Não estou acreditando nisso.

Silêncio.

— Cathy? — diz Ben.

— Sim?

— Eu gosto de você. Eu gosto muito de você.

— Eu também gosto de você.

— Porra, eu quero... não, apaga isso, eu preciso te ver de novo.

— Eu também.

— Amanhã?

— Sim.

— E depois de amanhã e no seguinte?

— Sim e sim.

— Cathy...

— Ben...

— Boa noite, garota bonita. E obrigado por sair comigo.

— Boa noite, Ben. E obrigada por me convidar.

— A gente precisa mesmo desligar?

— Sim! Boa noite — respondo, dando risadinhas.

Fechando os olhos, pego meu travesseiro e grito nele, permitindo-me acreditar que essa noite mágica não foi um sonho.

Ainda me lembro de sentir o sorriso nos lábios inchados quando

começo a cair em um sono profundo.

CAPÍTULO 6
PRESENTE

— Meu Deus do Céu...

Olho para o bastão com o sinal positivo mais uma vez. Pode isto acontecer de novo? Será que é verdade?

— Meu Deus.

Minha visão começa a ficar embaçada enquanto continuo olhando para o teste de gravidez nas minhas mãos trêmulas. Esperança e medo lutam um contra o outro para ser a emoção mais forte e mais alta crescendo dentro do meu peito. Esperança vence.

Sempre vence.

Depois de colocar cuidadosamente o teste de gravidez na pia, minhas mãos, tremendo muito agora, vão automaticamente para minha barriga lisa. Tem vida crescendo dentro de mim outra vez. Eu não quero sentir esperança; não quero que minha mente vagueie inevitavelmente até o nosso sótão, onde há coisas cor-de-rosa e azuis ainda embrulhadas em caixas de presente, intocadas. Não quero começar a desejar coisas que talvez nunca aconteçam. Mas nossa, é tão fácil.

Sentindo as lágrimas rolando pelo rosto, estico a língua para saboreá-las, saborear cada uma delas. São lágrimas de alegria desta vez, e sinto um gosto tão doce na língua. Afastando-me da cuba de porcelana, saio correndo do

banheiro à procura de Ben.

Seguindo para o escritório de Ben, percebo como os corredores estão brilhando esta manhã. Os raios de sol atingem as vidraças no ângulo exato em que, conforme passo, o arco-íris de cores reflete na minha pele. Engraçado, faz muito tempo desde que reparei como nossa casa é linda. Há tantas fotos de Ben e minhas, onze anos de vida juntos para ser exata, espalhadas pelas paredes. Difícil acreditar que o tempo passou tão rápido.

Às vezes, ao passar, noto o quão jovens e felizes parecíamos, tão apaixonados. Nossos sorrisos me lembram do quão promissora pensamos que a nossa vida juntos seria. O olhar nos olhos daquela garota me faz lembrar de uma época em que olhar para Ben me fazia acreditar que poderia encontrar nele as respostas para os segredos da vida. Que ele era minha resposta para tudo. Infelizmente, descobri que tal noção não é apenas falsa, mas impossível. Ninguém tem todas as respostas para resolver o grande enigma que a vida é, e é ainda menos provável que outra pessoa possa dá-lo a você.

A garota nessas fotos não parece que é atormentada pela incerteza, no entanto. Pelo contrário, a mulher e o homem posando nas fotos parecem acreditar que tudo é possível e ao alcance de suas mãos. Não enxergo há muito tempo esses sentimentos quando olho meu reflexo no espelho.

Aproximando-me de seu escritório, fechando a distância física entre nós, um pensamento está plantando suas grossas raízes na minha cabeça e coração, espalhando esperança dentro de mim. Chame de pensamento positivo, mas espero que a pequena vida dentro de mim seja capaz de unir o espaço emocional que cresce entre nós. Uma lacuna emocional tão grande, que ultimamente parece quase intransponível.

É a fonte do nosso crescente afastamento, afinal de contas.

Bem, a minha principalmente.



Encontro Ben de cara amarrada quando entro em seu escritório. Com uma das hastes de seus óculos na boca, olhando para o jornal estendido na mesa à sua frente. Seu cabelo escuro e ondulado está bagunçado, provavelmente de puxá-lo, perdido em pensamentos. Vestindo uma velha camiseta cinza escrito “Columbia” no peito e jeans desgastados, ele parece tão grande e bonito quanto no dia em que o conheci. Os anos não fizeram nada para alterar seu corpo de quarterback titular. Muito pelo contrário, ele parece mais másculo e experiente com a idade.

Espero que nosso bebê tenha sua aparência misteriosa e não igual a minha, loira sem-graça.

Quando ele me ouve entrar, a carranca desaparece imediatamente e um lindo sorriso aparece, mostrando seus perfeitos dentes brancos. Às vezes ele me lembra um pirata quando sorri para mim desse jeito, com a pele bronzeada, cabelo escuro e olhos brilhantes.

Assim que vê as lágrimas no meu rosto, ele solta os óculos na mesa, se levanta da cadeira de couro e vem até mim. Suas mãos indo para os meus ombros.

— Cathy, amor, o que está acontecendo? Por que você está chorando?

Olhando para cima, as lágrimas que estavam fluindo lentamente começam a borrar minha visão, caindo em uma enxurrada tão rápida e forte que não consigo fazer nada além de senti-las inundar meu rosto enquanto elas transbordam dos meus olhos. Não faço nada além de me mover entre seus braços e envolvê-lo em um abraço apertado e feroz. Sim. Há esperança para nós, afinal. Nosso amor é suficiente.

É suficiente.

Ben passa os braços ao meu redor, retribuindo meu abraço com a mesma força e intensidade, abaixa o rosto perto do meu e sussurra:

— Querida, fale comigo. Você está me assustando. O que está acontecendo? Me diz o que é para que possa consertar. Droga, amor... por favor.

Eu solto seu corpo, levantando as mãos para embalar o rosto dele entre elas.

Ben parece mesmo preocupado. O medo está claro na maneira como ele parece cerrar os dentes, enfatizando a força de sua mandíbula. A carranca que tinha desaparecido quando me ouviu chegar está de volta, e ele parece estar de cara feia. A expressão um tanto zangada e preocupada em seu rosto faz com que uma risadinha idiota escape em meio às lágrimas. A situação está ficando mais cômica a cada minuto.

— Amor... não. — Estendendo a mão para alisar a testa de seu lindo rosto com os dedos, desfazendo a carranca. — Não, querido. Não tem problema algum. Na verdade, tudo está... Meu Deus. Ben, amor, estou grávida de novo.

O corpo de Ben se torna imóvel. Os braços que estão tão apertados em volta da minha cintura ficam frouxos. Ele está olhando para mim como se eu fosse um fantasma, sem piscar e quase sem respirar, parece estar em choque. Estou prestes a sacudi-lo, para fazê-lo reagir, quando vejo o primeiro lampejo de lágrimas inundar seus olhos escuros.

Ele solta minha cintura e abaixa o grande corpo para se ajoelhar na minha frente.

Olhando para a sua cabeça escura, eu o observo enquanto ele levanta minha blusa fina de cashmere, expondo minha barriga plana para ele, e gentil e cuidadosamente, se inclina bem devagar para dar um beijo carinhoso no mesmo lugar onde três bebês cresceram e morreram.

Este momento emocionante, tão cheio de amor e esperança, parece um

novo começo.

Uma segunda chance para nós.

Limpando a garganta, Ben sai do estado de choque.

— Tem certeza, Cathy?

Concordando com a cabeça, porque é tudo que consigo fazer, ouço Ben dizer:

— Ah, querida. Sério?

Assentindo de novo quando ele olha para mim, Ben murmura:

— Merda... Tudo bem. Precisamos ligar para a Dra. Pajaree amanhã pela manhã. Marcar uma consulta com ela o mais cedo possível. Não estou nem aí se ela está tratando o Presidente dos Estados Unidos, vai arrumar um encaixe para você. Tem que ligar para Amy, também. Ela vai entender se não puder ir trabalhar... porra. Amor, shhh. Não chore mais. Faremos o que for preciso para que dê tudo certo.

— Estou com tanto medo, Ben. Eu quero tanto esse bebê...

Estou chorando tanto que quase não consigo distinguir as feições de Ben quando sinto sua boca salpicando beijos por todo o meu corpo. Afastando-me do seu abraço, eu me ajoelho na frente dele e nos encaramos. Ao mesmo tempo em que Ben me observa intensamente, seus olhos brilham com lágrimas não derramadas, vejo todo o amor que ele sente por mim estampado em seu rosto. Espero que ele possa ver o amor que sinto por ele refletido nos meus olhos, também.

Eu o amo tanto que chega a doer.

Com a voz enrouquecida, Ben sussurra:

— Vem cá. Está tudo bem, querida. Nós vamos ficar bem, o que quer que aconteça...

Do nada, quando ele está trazendo nossos corpos para um enorme

abraço, a imagem de olhos azuis passa pela minha cabeça, mas eu a enterro na mesma hora nos confins mais profundos da minha consciência culpada. Durante o breve momento em que Arsen sabota meus pensamentos, fico chocada ao perceber que não passei um dia desde que o conheci há duas semanas, sem pensar nele. Mas assim como fiz toda vez que ele veio na minha cabeça, finjo que Arsen e o que aconteceu entre nós nunca ocorreu. Volto a fingir que ele não me fez sentir coisas que não sentia há muito tempo; que ele não fez meu corpo cantarolar com algo tão tentadoramente delicioso quanto proibido, trazendo-o à vida. Não. Ele não tem o direito de se intrometer em meus pensamentos agora.

Quando sinto os braços de Ben se apertarem ao meu redor, eu me faço acreditar que Arsen e suas palavras não têm sentido e que a única razão pela qual não consegui parar de pensar nele é que permanecerá sempre uma incógnita. E eu odeio incógnitas.

Retribuindo o abraço de Ben, acredito em minhas palavras, mesmo que por um momento pareçam desculpas vazias para meus próprios ouvidos.

Eu sinto a respiração de Ben na minha boca quando ele murmura que eu o faço muito feliz e que sou e sempre serei sua Cathy, bem antes de ele me beijar.

Nós ficaremos bem. Sim.

A vida que cresce dentro de mim será capaz de fechar todos os buracos vazios que carrego comigo há tanto tempo que nem mesmo o amor profundo de Ben foi capaz de preencher desde a primeira vez que aconteceu.

Meus Deus, eu quero tanto esse bebê.

Quando o beijo acaba, um Ben com as bochechas vermelhas se afasta um pouco para me olhar nos olhos, nossos corpos ainda próximos um do outro. O sorriso que vejo em seu rosto é tão grande que consigo ver suas covinhas me espiando, me provocando para beijá-las.

Dando um beijo rápido na ponta do meu nariz, Ben me dá aquele olhar impertinente dele, aquele que significa “hoje é meu dia de sorte”.

— Ei, o que acha de uma comemoração no sofá do amor?

Solto uma risada alta, dando um tapa no ombro dele.

— Sério, Ben?

Um Ben sorridente abaixa o nariz para tocar o meu, provocando-me.

— Não pode culpar um homem por tentar. A propósito, eu te disse como você me faz feliz pra caralho? Eu te amo, Cathy.

CAPÍTULO 7

— Cathy... Cathy... Terra chamando Cathy. Ah, oi. Olá. É, ainda estou aqui.

Dou risada quando me viro para olhar Amy, que está sentada do outro lado da mesa.

Seu longo cabelo ruivo está perfeitamente escovado com cachos suaves que parecem ondas naturais descendo pelas costas e ombros. Vestida com um terninho preto e camisa branca, ela é tão linda.

Não é justo.

— Ah, é? A propósito, eu te odeio. Só você é capaz de estar tão linda em um terninho preto básico — comento, sorrindo.

Ela acena um pedaço de pão na frente do meu rosto antes de responder:

— Por favor. Já se olhou no espelho ultimamente, loira? Até eu, uma amante 100% de pênis, te pegaria com toda certeza. Gravidez combina com você, sabe? Enfim, o que você está pensando? Parece pensativa e não tocou na comida. Quero dizer, você não deveria estar comendo por dois e aproveitando as vantagens de estar grávida, sonhando acordada com meias de bebê ou o que quer que vocês, gestantes, gostam de pensar, ao invés de ver enquanto estou me empanturrando?

— O que te faz pensar que estou divagando sobre bebês e seus acessórios? — Eu sorrio para Amy. Sua piadinha com a minha gravidez me faz sentir melhor, quase como se não fosse assim grande coisa quando, na realidade, é.

Eu sei que é loucura ter tantas esperanças nessa gravidez, mas sinto que meu casamento e minha própria sanidade estão por um fio, e só esse bebê pode nos salvar, me salvar. As brincadeiras de Amy ajudam a aliviar o medo sempre presente que está como um vulcão adormecido no fundo da minha cabeça e no coração. Um medo constante que, lenta e dolorosamente, me corrói por dentro, deixando-me à flor da pele. No entanto, tudo o que pareço ser capaz de fazer é desejar e orar.

Aumentar minhas esperanças quando sei que não deveria.

— Devido a seu histórico médico de abortos, Cathy, preciso ser completamente honesta com você. Sua gestação é considerada de alto risco. De acordo com a data de sua última menstruação, você está grávida de cinco semanas agora. Precisamos ser muito cautelosos neste início da gravidez. Até terminar o primeiro trimestre, estamos em uma situação bastante delicada, então quero vê-la a cada duas semanas para monitorar o crescimento do feto; você deve evitar substâncias arriscadas...

As palavras da Dra. Pajaree ainda estão tão frescas na minha memória; posso ouvir sua voz suave me dizendo para não começar a pensar em nomes de bebês. Então, sim, preciso de diversão agora. Preciso de muitas piadas.

— Olha, tenho me empanturrado só com carboidratos complexos cheios de calorias mas deliciosos que, de acordo com o meu dentista, não só vão engordar minha bunda, como também me darão cáries, então, o mínimo que você pode fazer é me dizer o que está se passando nessa sua cabecinha linda. Espera. Minhas brincadeiras estão te incomodando? Se for, eu paro. Você sabe

que só faço isso para tentar fazer você se sentir melhor. — A expressão preocupada e culpada no rosto dela faz meu sorriso aumentar.

— Mulher, eu amo você. Não, não se preocupe com isso. Estava pensando que o aniversário de Ben está chegando e o que isso significa.

— O que você quer dizer?

— Pensei que você soubesse. Ben e eu oficializamos nosso relacionamento perto do aniversário dele. Depende de quem está contando a história, na verdade.

— Não, você não me contou isso. Quantos anos já? Sei que são casados há seis anos, né?

— Isso. Seis anos casados, mas onze juntos.

— É bastante tempo ficando com uma pessoa. Nos últimos onze anos, fui casada duas vezes e, só Deus sabe, com quantos homens dormi entre ambos os casamentos. Mas se eu fosse casada com o seu marido, provavelmente ainda estaria casada. Quero dizer, eu me lembro como ele estava incrível naquela sunga quando fomos a às ilhas Turks e Caicos para comemorar seu aniversário. Cathy, sem brincadeira. O corpo dele era mais atlético do que o meu instrutor da academia e olha que meu instrutor ostentava um “senhor” abdome lambível, só comentando.

Não consigo me segurar e dou risada. Se eu não conhecesse Amy tão bem, pensaria que ela tinha uma queda pelo Ben. Não que eu pudesse culpá-la se tivesse, no entanto. Mulheres bonitas, jovens ou velhas, estão sempre dando em cima dele, mesmo quando ele está comigo.

— Bem, não perca seu tempo. Ele só tem olhos para mim, ou pelo menos, é o que ele diz toda vez que uma jovem estagiária dá em cima dele. — Eu me recosto na cadeira e vejo Amy sorrir para mim, aceitando meu comentário.

— Você é uma mulher de muita sorte. Esse homem nunca olha para outra mulher quando você está junto. É bem deprimente, na verdade. Quer dizer, a maneira como ele te olha, mesmo depois de todos os anos passados juntos, é como se fosse a única mulher com um par de seios no lugar. Excitante e adorável.

— Os meus são pequeninos, infelizmente — comento, rindo.

— Eu quero o que você tem, no entanto. Toda mulher quer isso, um homem que olhe para ela como se fosse a única mulher no lugar. Você é muito sortuda por ainda ter isso.

Enquanto Amy me diz como sou afortunada, tudo o que posso fazer é sorrir porque tenho sorte. Uma semana atrás, pensei que Ben e eu estávamos passando por uma fase muito difícil em nosso casamento, e então eu fiz o teste de gravidez que mudou tudo. Os resultados trouxeram esperança à minha vida de novo, esperanças de que no final fiquemos bem, de que possamos nos reaproximar, acabar com a distância entre nós, e de que finalmente tenhamos a chance de ter essa família.

Sorrindo, percebo que nosso futuro não parece triste. Sim, pode ser que eu esteja muito assustada com os “e se’s”, mas olhando ao redor do restaurante cheio, minhas mãos vão para a barriga. Meu corpo não está mais vazio. Há mágica crescendo dentro de mim. Existe vida.

No entanto, receio que tal esperança não durará para sempre. A realidade cruel tem um jeito de sempre alcançar você, não importa o quão rápido ou longe esteja; a realidade dá um jeito de destruir as esperanças e sonhos da pessoa. A realidade não acaricia sua face, avisando o que está por vir. Não, a realidade lhe dá um tapa na cara, lembrando que um sonho é apenas isso... um sonho.

A parte ingênua em mim quer acreditar que esses sentimentos se

foram, desde que descobri que estamos grávidos de novo, e que o amor que sentimos um pelo outro basta. Mas a voz lógica dentro da minha cabeça, a cínica, me diz para parar de me enganar. Diz que só porque estou grávida, essas questões, nossos problemas, meus problemas, não vão a lugar nenhum. Ainda estão aqui, sempre estarão até que eu os resolva. Acontece que só estão escondidos por um cobertor feito dos atuais sentimentos felizes. Um cobertor que me permite ignorar a sensação persistente de que nem tudo é como deveria ser.



Depois do almoço, deixo Amy no escritório e vou até o SoHo para pegar Charles Parker. Ele é um dos designers de interiores mais exclusivos e caros do mundo. Sua clientela inclui muitas pessoas com sobrenomes famosos, celebridades de Hollywood e membros da alta sociedade da Europa. Charles também foi destaque em todas as revistas voltadas para proprietários de imóveis sofisticados e muito, muito ricos.

Curiosa para saber que tipo de homem ele é de verdade, estou ansiosa por finalmente conhecê-lo em pessoa e para levá-lo para a futura residência dos Radcliff. Baseado no valor que ele me deu por seus serviços, espero que seja incrível porque quase caí da cadeira quando o montante saiu da boca da sua assistente.

— Pois não, como posso ajudá-la? — uma recepcionista muito chique pergunta ao ver eu me aproximando de sua mesa.

— Oi. Meu nome é Cathy Stanwood. Acredito que o Sr. Parker está me esperando, — respondo à linda morena com os olhos mais azuis que eu já vi.

Ela não parece ter mais de vinte anos.

— Sra. Stanwood. Que prazer finalmente conhecer você. Meu nome é Natalie, conversamos ao telefone antes. — Percebo que a Sexy Natalie fala com um leve sotaque russo que só a torna mais atraente na minha opinião.

Eu sorrio.

— Oi, Natalie. É ótimo finalmente conhecê-la.

Seus lábios vermelhos sorriem para mim.

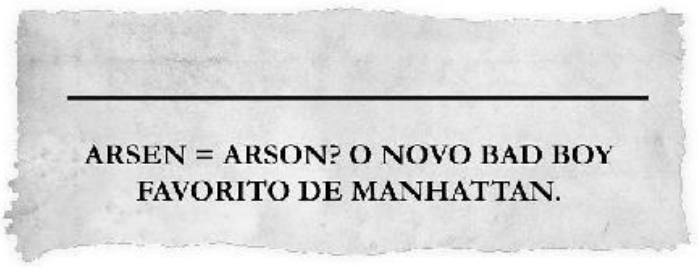
— Ah, sim. Gostaria de se sentar um pouco enquanto aviso que está aqui? Charles está esperando por você.

— Claro. — Vou me sentar em um elegante sofá de couro branco que me lembra de um que vi há pouco tempo em uma revista famosa de design de interiores. Quando minhas mãos acariciam a textura suave do couro, meus olhos param no jornal sobre a mesinha à frente. Abro e vou direto para a página seis, a coluna de fofocas.

Sinto como se tivesse levado um soco na boca do estômago. Eu olho para a notícia do artigo e para a beleza devassa do homem cujo rosto está estampado no começo da página. Um Arsen rebelde está olhando diretamente para a câmera com um sorriso sexy brincando nos cantos de seus lábios.

Ele é tão lindo.

A imagem mostra Arsen bêbado, saindo de uma boate exclusiva com uma modelo famosa em cada braço, e uma terceira de cavalinho em suas costas. Ele parece uma criança numa loja de doces. A mão de uma das garotas está dentro da calça dele, enrolada na enorme ereção, sem dúvida, e uma tanguinha está enrolada em seu pescoço. Eu sei como a noite dele acabou. Sentindo nojo pelo seu comportamento, e comigo mesma por não ser capaz de desviar o olhar, leio o título da matéria:



Aquilo é um eufemismo.

A curiosidade me vence, e leio a matéria. Segundo o colunista, os fotógrafos perguntaram a Arsen seu segredo para ficar em tão boa forma.

— Eu trepo muito.

Quando perguntaram se era verdade que ele tinha ficado com a celebridade do momento de Hollywood, ele respondeu:

— Sem comentários. Eu sou um cavalheiro. Não transo e conto... a menos que queiram isso.

— Demônio lindo, não é?

Levantando os olhos, vejo um homem muito atraente de quarenta e poucos anos sorrindo para mim. Fico vermelha porque fui pega lendo fofoca sobre seus clientes, e sobre o filho do meu chefe. Fecho o jornal e o coloco na mesa o mais rápido possível e me levanto para estender a mão.

— Olá, Sr. Parker. É um prazer finalmente conhecê-lo. Meu nome é Cathy Stanwood, sua motorista hoje.

Ele pega minha mão, aceitando meu cumprimento.

— Oi, Cathy. Que surpresa adorável. Vamos apenas dizer que nunca fiquei tão feliz em ser conduzido por aí como serei hoje.

— Obrigada pelo elogio, Sr. Parker.

— Você é tão linda quanto sua voz é por telefone. E, por favor, me chame de Charles. — Paramos de apertar as mãos, mas ele ainda não solta a minha. — Adoro quando mulheres bonitas como você me chamam pelo meu

nome.

Não consigo deixar de sorrir ao olhar em seus olhos cinzentos quando ele flerta comigo.

— Claro.

Observando sua aparência, vejo que está usando jeans escuro com uma camisa azul clara e uma jaqueta esportiva de cor creme. Seu longo cabelo castanho está penteado de lado, dando ao seu rosto bonito uma aparência elegante e jovial.

— Fico lisonjeada, mas sinto-me obrigada a dizer que não sou uma boa motorista. Enfim, devemos ir? Vai demorar para chegar em Westchester a essa hora.

— Claro. Por favor, você primeiro. — Ele se move para o lado para me deixar passar e andar na sua frente.

— Ora, que cavalheiro — provoco quando pego minha bolsa e passo por ele.

— Sempre, querida. Sempre — responde, brincando.

De alguma forma, ele chega na porta antes e a abre para mim.

— Depois de você.

Rindo, nós entramos no meu carro. Eu me viro para olhá-lo quando ligo o motor.

— Sobre agora há pouco... o jornal não é meu. Estava lá na mesa e...

Charles dá de ombros, e seus olhos cinzentos encontram os meus.

— Só estava brincando com você. Conheço aquele garoto há muito tempo. Eu sou o que você poderia chamar de um amigo de longa data da família. Arsen definitivamente gosta de se divertir do jeito selvagem dele, mas não acredite em tudo que lê. Os jornais e revistas ganham a vida vendendo mentiras. Mas não tem como negar que ele não seja culpado de pelo menos metade dessas

histórias. Se já conheci um jovem que sabe usar seu rosto bonito e dinheiro, esse alguém é ele. Ele nunca machuca as mulheres, porém. É sempre muito direto e franco com o que está procurando e o que espera antes de se envolver com alguém.

Enquanto enfrento o tráfego de Manhattan, comento:

— É, não há como negar que ele sabe se divertir e que as mulheres o amam.

— Sim, o garoto é tão bonito que as mulheres se jogam nele. Ainda me lembro de Victoria reclamando de quando ele era pequeno, de como as crianças o provocavam dizendo que ele parecia uma menina porque era muito bonito.

— Bem, ele definitivamente não parece mais uma garota. Também não acho que as pessoas o provocam — digo, sorrindo.

— Não. Acho que não. — Nós dois rimos da piada.

— Mas estou curiosa... sua vida é sempre noticiada e controlada assim pelos colunistas de fofoca? Não consigo imaginar viver sob vigia constante assim — comento.

— Ele consegue passar despercebido quando está viajando e não mexem com ele a maior parte do tempo. Só quando sai com alguma famosa é que não consegue escapar dos boatos ou paparazzi.

Deixando o assunto Arsen de lado, continuamos conversando sobre as coisas que estranhos, que gostam um do outro, falam quando se conhecem, a caminho do bairro.

Ao nos aproximarmos da impressionante residência dos Radcliff, decido que Charles Parker é um ótimo partido. Ele é simpático, rico e perfeito para Amy.

Ambos exalam sexo pelos poros de suas peles perfeitas e provavelmente transariam como coelhos. Meus pensamentos voltam para Arsen

e, por um breve segundo, me pergunto se algum dia o verei outra vez.

Eu quero.

É, mesmo depois do que aconteceu, ou não aconteceu, entre nós.



Depois que a governanta idosa nos deixa entrar, Charles e eu vamos para a cozinha. Ele já esteve na casa com Victoria muitas vezes, então conhece bem a mansão imensa. Quando entramos no cômodo, fico surpresa com o tamanho. Tudo é de madeira de lei e mármore preto. Fico pasma por Victoria querer mudar a decoração da cozinha porque o lugar já é de tirar o fôlego.

Eu sigo Charles até a grande ilha central de mármore preto. Ao me aproximar dele, percebo que tem todos os tipos de desenhos, tecidos e plantas espalhadas pelo balcão. Charles estuda a bagunça organizada à sua frente como se estivesse resolvendo um problema de álgebra.

— Esta é uma casa bonita. Espero que termine logo para que Victoria e Bruno possam se mudar.

— Concordo, mas morar no Plaza não é nada ruim também.

Nós rimos.

— Oh, Charles, você se importaria se eu saísse um pouco? Preciso fazer alguns telefonemas para o escritório — pergunto, querendo dar-lhe um pouco de espaço para que faça seu trabalho.

Tirando os olhos de suas plantas baixas, ele me olha e sorri.

— Fique à vontade. Estou verificando algumas mudanças de última hora que precisam ser resolvidas.

Andando pela suntuosa mansão e admirando sua beleza, percebo pela primeira vez, que seremos vizinhos dos Radcliff, já que Ben e eu moramos em

Greenwich, a menos de quinze minutos daqui.

Quando penso em nossa casa, decido ligar para Ben. Não converso com ele desde hoje cedo e sinto saudades. Ultimamente, fiz um esforço para sempre ligar para conversar com ele, e parece estar dando certo. Algumas semanas atrás, eu podia passar um dia inteiro sem falar com ele, mas agora estou redescobrindo o quanto isso é divertido. A sua voz está me fazendo sentir coisas de novo.

Prestes a discar, escuto uma música de heavy metal extremamente alta vindo de algum lugar. Com o interesse despertado, esqueço o telefonema e decido procurar de onde vem a música.

Sigo o barulho e pego o corredor de onde a música soa mais alta. Fico do lado de fora de uma sala com a porta entreaberta e vejo as pinturas na parede tremerem com a batida do baixo. Queria saber quem poderia estar ouvindo tal atrocidade.

Pensando que deveria fazer algo, atravesso a porta da sala ao mesmo tempo em que a resposta à minha pergunta anterior me encara bem nos olhos feito um alvo dos olhos de um touro.

É, Cathy. Você queria saber...

Paro de repente completamente atordoada, vendo um Arsen nu fazendo sexo oral em uma morena, em cima – do que eu suponho ser – da elegante mesa de madeira do escritório de seu pai. Suas costas musculosas e as longas pernas bronzeadas da mulher em volta do seu pescoço são tudo o que consigo ver de onde estou. Só que tem um grande espelho acima da lareira atrás da mesa que reflete tudo.

Enquanto o som alto da música me envolve, afogando meus próprios pensamentos na melodia agressiva, vejo o reflexo da cabeça loira de Arsen entre as pernas dela. A mulher deitada sobre a mesa está segurando os tornozelos,

abrindo as pernas e oferecendo-se a Arsen. Chocada, tenho vontade de me mexer... Quero sair dessa sala o mais rápido que minhas pernas permitirem, mas não consigo.

A música pesada continua a soprar em meus ouvidos conforme vejo Arsen lamber os lábios e se levantar, seus olhos famintos pousando no rosto da mulher. Posso vê-lo sorrindo ao apertar seu pau, bombeando para cima e para baixo. Soltando-se, ele alcança a calça jeans e tira um preservativo do bolso de trás. Eu o observo rasgar a embalagem com os dentes. Depois de rolar sobre o seu comprimento, ele agarra a bunda da mulher com suas grandes mãos e a puxa para mais perto dele.

Permanecendo em sua posição toda aberta, a mulher levanta a cabeça para olhá-lo. Suas costas ficam de frente para o espelho, então não consigo ver a expressão em seu rosto, mas vejo o sorriso torto e arrogante de Arsen... o sutil levantar dos lábios dele... ao colocar a ponta do seu pau na entrada dela. A mulher joga a cabeça para trás, expondo o longo e elegante pescoço, assim que Arsen empurra para frente, penetrando-a completamente. Parece que ela diz algo que agrada Arsen porque, balançando a cabeça, um breve sorriso aparece e desaparece em seus lábios, um sorriso que é substituído pela luxúria e desejo.

Olhando para o pênis dentro do sexo dela, ele começa a deslizar lentamente para fora, e depois, entra com tudo de novo, cada vez mais forte e mais rápido do que a última vez, cada batida de seus quadris empurra o corpo dela ainda mais para cima da mesa. Ouço os gritos da mulher atravessando a música agora, implorando por mais.

Arsen levanta os olhos e nota minha presença.

Ele vê a mulher loira paralisada na entrada do escritório observando cada movimento deles. Sem parar, Arsen continua entrando nela quando vejo seu reflexo sorrir para o meu. Ele me observa ao mesmo tempo em que abaixa os

lábios sorridentes para beijar a morena. Enquanto suas línguas se conectam, ele continua a me observar conforme a fode com a boca.

É seu sorriso infame que sinto se exibindo lentamente em minha memória que me traz de volta à realidade, enfim. Eu não deveria estar aqui. Não deveria estar olhando para ele, observando-os.

Aterrorizada comigo mesma, eu me viro, deixando o escritório o mais rápido que meu salto agulha permite. Tropeço não uma, mas duas vezes, na minha tentativa ridícula de correr.

Droga! Louboutins estúpidos e sua falta de tração.



Sentindo como se estivesse queimando de dentro para fora, entro em uma sala vazia. Parece um solário com tantas janelas e a luz do sol entrando.

Sem mobília à vista, eu me recosto contra uma parede. Tentando recuperar o fôlego e acalmar as batidas do meu coração, fecho os olhos e tento expulsar a imagem de Arsen e daquela mulher da cabeça.

Não está funcionando.

A cena que acabei de presenciar continua reprisando na minha mente. Ainda posso ver o jeito que Arsen sorriu para mim enquanto transava com ela na mesa, como se me desafiasse a interrompê-lo... ou me juntar a ele. Ainda consigo ver sua cabeça loira entre as pernas dela. Ainda posso ouvir seus gritos através da música, pedindo por mais.

Mais calma, abro os olhos e percebo que não senti nada quando o vi, além de susto. Nadinha. Sinto vontade de gritar de felicidade.

Minha paixonite, se é que poderia chamar assim, acabou!

É claro que o acho atraente, mas quem não acharia? Ele é a

personificação do sexo. Porém, sei que os pensamentos sobre ele sabotando minha mente quando menos espero, acabaram.

E o mais engraçado é que vê-lo com a garota ajudou a exorcizá-lo dos meus pensamentos.

Completamente.

Minhas mãos vão para a minha barriga quando sinto um sorriso se formar nos lábios. Desta vez, olhos castanhos surgem na minha cabeça e não azul-piscina.

Eu estou livre.

Livre.

CAPÍTULO 8

Sinto o meu corpo leve igual a uma pena, e minha consciência sem culpa pela primeira vez em muito tempo quando saio da sala em busca de Charles. Preciso sair daqui, e rápido, antes de esbarrar em Arsen e a Srta. Pernas Abertas novamente.

Quando entro na cozinha, encontro Charles conversando com um Arsen sem camisa. Mas que diabos? Como ele chegou aqui?

Arsen é o primeiro a me notar quando vou até a ilha de granito, onde plantas e revistas continuam espalhadas por todo o balcão. Seus olhos me analisam, sorrindo.

Evito o contato visual com ele. O que é um erro enorme porque meu olhar acaba em seu peito muito perfeito e suado, onde os gomos de seu abdome brilham com suor pós-sexo.

Sentindo um rubor de vergonha cobrir meu rosto, eu me viro para falar com Charles.

— Aí está você. Pronto para voltar? — Eu olho para o meu relógio, vendo que já é quase quatro horas da tarde. — Se sairmos agora, pode ser que a gente escape do trânsito da hora do rush, mesmo assim não posso garantir que não ficaremos presos nele. Vamos agora?

Alguém pigarreia, fazendo-me erguer os olhos.

Arsen.

Por que é sempre ele?

Seu cabelo brilha feito ouro com a luz do sol, e tem um rubor em suas bochechas que não estava lá antes. Nós nos encaramos por um momento antes de ele se virar para falar com Charles:

— Charles, Catherine... Por que não se juntam à minha amiga Amanda e a mim para alguns drinques e um jantar? Fiz uma reserva para as 18h30 no Le Provençal em Greenwich.

Sério isso? Só amigos?

Além de sua beleza esbanjadora, vejo uma borboleta rosa bastante feminina tatuada em sua pele, sobre o coração. Tenho vontade de rir porque a tatuagem realmente desafia tudo o que Arsen representa.

Balanço a cabeça e decido me intrometer, porque, com toda a certeza, não quero passar a noite com ele de novo. Não vejo a hora de voltar para Ben.

Sorrio ao pensar nele.

Charles deve ter notado isso porque me pergunta:

— O que foi isso? Ah, você viu a tatuagem? Sim. É bem engraçada, a história é...

Ah, não. Eu não quero que eles pensem que eu estava dando uma conferida em Arsen, o que estava, mas não de verdade.

— Não, não é nada disso. Desculpa. Sua conversa sobre sair para jantar me lembrou de algo que meu marido disse. — Eu não olho para Arsen quando menciono Ben. Eu encaro minha aliança, que fiz questão de colocar hoje, quando continuo: — Você se importaria de adiar isso dessa vez, Arsen? — Ergo os olhos para finalmente encontrar os dele e fico surpresa com a expressão em seu rosto.

Ele parece estar aborrecido.

Ignorando-o, dirijo-me a Charles:

— A menos que você queira ficar...

Charles parece entender, porque ele vira para Arsen.

— Foi mal, amigo. Parece que a bela dama já tem planos para jantar. O que acha...

— Não. Na verdade, deixa pra lá. Acabei de lembrar que preciso ver uma coisa na cidade. Se importam se voltarmos com vocês?

Arsen me pergunta. O jeito que ele está olhando para mim me faz pensar que está me desafiando a dizer não.

Tanto faz, dois podem jogar este jogo.

— Claro. Não tem problema algum. Mas e a sua amiga? — Arsen cruza os braços e um sorriso travesso aparece em seu rosto.

— Ah, ela não vai se importar. Nós já terminamos por aqui. — Ele olha para Charles. — Mostrei a Amanda todos os cômodos da casa. Ela adorou. — Olhando na minha direção, seus olhos provocadores focaram no meu rosto outra vez. — Na verdade, ela me implorou para vir... de novo.

— Tenho certeza disso. Parecia que ela estava se divertindo, testando a resistência da mesa do seu pai.

Toma essa, babaca.

Mas em vez de ficar irritado, Arsen cai na gargalhada.

— É bem resistente, sim. Perfeito para...

— Achei você! Estava te... oh, oi.

Amanda está vestindo a camisa perdida de Arsen e nada mais. Sem nem mesmo ficar vermelha ou tentar abotoar mais a camisa, ela vai até ele. Quando fica na ponta dos pés para beijá-lo, a camisa sobe, mostrando sua bunda perfeita sem celulite.

Sério, isso não é possível.

— Estava te procurando. Você disse que ia pegar um pouco de água, então quando não voltou, resolvi sair para te procurar.

Ela faz beicinho, seus dedos tocando de leve o peito dele. Arsen envolve uma mão em torno de sua cintura estreita e a puxa para mais perto. Inclinando-se, ele a beija atrás da orelha, comigo e Charles os observando. Não sei se Charles está tão desconfortável com a situação quanto eu, mas tento evitar assistir à cena.

Então meus olhos caem em sua mão livre conforme ela sobe pela coxa e desaparece sob a camisa branca.

Sorrio para a garota e não me dou ao trabalho de olhar para Arsen enquanto a cumprimento.

— Oi. Prazer em te conhecer, Amanda. Meu nome é Cathy e este é Charles. Ele está decorando a casa para a mãe de Arsen. Enfim, parece que já o seguramos por tempo demais. Tenho certeza de que ele está pronto para voltar...

— Amanda, vá se arrumar. Estamos indo com eles daqui a pouco — avisa Arsen, descaradamente me interrompendo.

A confusão da garota fica estampada em seu rosto.

— Mas... Eu pensei que nós íamos nos encontrar com Alec e Sali para o jantar e tomar algumas bebidas?

Ele solta a cintura dela e fala indiferente:

— Esquece. Mudança de planos. Não exagere, Amanda. Odeio essa merda. Agora, vá se arrumar.

Com suas pernas perfeitas, Amanda sai da cozinha. Logo estão só Charles, Arsen e eu de novo. No entanto, tenho que admitir que me esqueci, completamente, de Charles por um instante.

Meu companheiro parece sentir uma estranha tensão na cozinha.

— Meu garoto, isso não é maneira de tratar uma mulher tão adorável

como aquela. Tem certeza de que quer voltar com a gente? Parecia que estava se divertindo muito com ela. Odiaria acabar com a sua “excursão” pela casa. — A voz de Charles é de puro sarcasmo.

— Sim. Já acabei por aqui — rebate Arsen, então se vira para me olhar com a cara amarrada. — Se eu disser que quero pegar uma carona com você, estou falando sério. Não gosto quando as pessoas se metem na droga da minha vida.

Ah. Sério isso? Eu sou, o quê, cinco ou seis anos mais velha que esse cara, mas ele está falando comigo assim? De jeito nenhum.

— Escuta aqui, garoto... você pode fazer o que quiser, mas lembre-se que estamos no meu carro.

Arsen e eu nos encaramos por alguns instantes. A energia desta vez é bem diferente do restaurante, um desafio silencioso para ver quem recua primeiro.

Com certeza, não será eu.

Arsen deve saber que não serei intimidada porque ele recua, a carranca desaparece de seu rosto, substituída pelo sorriso maroto. Ele se vira e olha para Charles.

— Ela é mal-humorada, querido tio, mas acho que mereci isso.

— Sim, meu garoto. Acho que mereceu. Agora vá se arrumar. Não estou muito a fim de ficar parado no trânsito — responde ele, rindo.

— Sim, senhor. — Virando-se para me olhar antes de sair, Arsen diz: — Peço desculpas, Covinhas. Não quis te aborrecer. — Sei que ele está se desculpando por sua grosseria, mas de alguma forma, também sei que está se desculpando por tudo.

Eu sorrio.

— Tanto faz.



Quando chegamos à cidade, deixo Charles primeiro, em seguida vou para Prince Street, onde fica o loft de Arsen. Depois que Charles desceu, Arsen veio sentar-se no banco do passageiro enquanto eu dirigia pelas ruas movimentadas de Manhattan.

Arsen e eu não conversamos. Ele só ficou olhando para frente.

Fico aliviada por não ter que jogar conversa fora com ele.

E se eu não soubesse bem, pensaria que Arsen está evitando fazer contato visual comigo, o que é maluquice. Este é o mesmo homem que basicamente me chamou para trair meu marido com ele.

Amanda não parou de falar, porém. Olhando pelo espelho retrovisor, eu a vejo girar o cabelo preto ao redor do dedo indicador, o amarelo brilhante do esmalte espreitando através dos fios de cabelo. Ela está falando sobre uma audição que participou para um show da Broadway. Aparentemente, a Srta. Pernas Arreganhadas é uma espécie de cantora e dançarina.

Nada a ver comigo.

Primeiro não sei atuar, e se já me ouviu cantar, saberia que pertenço ao beco com um monte de gatos de rua, gritando a plenos pulmões.

Amanda continua sem parar de falar, e não consigo deixar de me perguntar se ela sabe o que significa “silêncio”. Sabe como é? Só você e seus pensamentos. Ela deveria tentar. Pode ser que goste.

Quando estaciono em frente ao prédio dele, Arsen se vira para Amanda no banco de trás, dizendo para ela ir na frente sem ele, e que logo a encontrará.

Depois de um rápido “foi um prazer conhecê-la e espero ver você de novo... só que não”, uma alegre Amanda, das pernas muito longas e bunda

perfeita sem celulite, sai do carro e vai para a portaria.

Quando ela entra no prédio, percebo a maneira como as cabeças masculinas se voltam na sua direção, seguindo cada movimento de seu corpo digno de capa de revista. Dá para imaginar a quantidade de saliva sendo limpa dos queixos depois de toda a baba que acabou de escorrer.

E esse é o tipo de garota que ele está acostumado a sair.

Um Arsen desinteressado observa sua forma se afastando até desaparecer atrás das portas de vidro giratórias de seu prédio. Assim que ela está fora de vista, ele vira seus olhos azul-piscina para mim, conectando com os meus pela primeira vez desde que saímos de Westchester. Uma percepção indescritível se passa entre nós com aquele único olhar, engrossando o ar no carro com uma tensão quase tangível.

Uma explosão de imagens de seu corpo nu fazendo sexo atravessam pela minha cabeça feito uma manada de animais descontrolados sem destino ou explicação, apenas tentando causar estragos dentro de mim. Limpando a garganta para tentar quebrar a tensão tomando conta do carro e para esconder como, de repente, ficar sozinha com ele me deixa desconfortável, me viro para olhar pela janela.

— Olha, escuta. — Ele esfrega as mãos no rosto. — Desculpe pelo restaurante.

Surpreendida pelo pedido de desculpas, olho para as minhas mãos e começo a retorcer os dedos.

— Ah, tudo bem. Não precisa se desculpar.

— Está de brincadeira comigo? Fui um babaca com você. — Ele respira fundo. — Eu estava bêbado e não estava pensando direito. Tudo o que sabia era que eu queria você. Muito. E você não estava interessada. E isso, Catherine, nunca acontece. Então, fiquei irritado com você por me ignorar

porque não estou acostumado com essa merda. Você despertou meu interesse e, quando não o retribuiu, eu quis mais, mas fui maldoso com você. E eu não sou mau. A menos que seja o que você gosta, baby — diz, sorrindo para mim.

— Não. Eu não gosto de nada disso. E, por favor, não me chame de baby. Quero dizer, você sabe pelo menos o que significa “limites”? — pergunto, balançando a cabeça.

— Só estou brincando com você. E não. Odeio qualquer tipo de porcaria que diz o que posso e não posso fazer. Mas estou falando sério. Desculpa. Isso não vai se repetir. Eu sei quando não significa não. — Olhando para mim, ele estende a mão. — Amigos?

— Por quê? — pergunto, cruzando os braços. Não estou caindo nessa encenação dele ainda.

Arsen sorri com tristeza.

— Vai continuar jogando na minha cara o incidente do restaurante, né?

Pressiono os lábios, tentando não sorrir porque ele está certo.

Rindo, ele abaixa a mão e olha pelo para-brisa.

— Eu gosto de você. Gosto que não ature as minhas besteiras. Poucas mulheres são capazes de fazer isso. E você vai me ver muito no escritório. Parece que meu pai quer me ensinar ética no trabalho. Se eu não andar direito, ele ameaçou tirar meu dinheiro. Então, vou precisar me comportar e atender ao velho por um tempo. Nós seremos colegas de trabalho e, pela primeira vez, gostaria de conhecer alguém que não vai me deixar fazer gato e sapato dela e que não vai chupar meu pau se eu mandá-la fazer isso...

Ele sorri quando vê a descrença no meu rosto. Mas que ego!

— Tenho certeza de que outras estagiárias e funcionárias não se importariam de conhecer você.

— Nem... Elas sempre querem transar comigo porque se sentem

atraídas por mim, ou porque querem o direito de se gabar. Não me entenda mal, adoro isso, mas pela primeira vez, eu gostaria de ser apenas Arsen. Não estou a fim de ser assediado por causa do meu pau ou do meu dinheiro ou sobrenome quando estou tentando conquistar a aprovação do meu pai. Meio que seria um tiro no pé se meu querido pai me flagrasse comendo a sua assistente-executiva. Porém sei que você não me suporta e me odeia com todas as forças. Além disso, é casada. Eu prometo me comportar o melhor possível. Eu serei um bom rapaz.

— Como vou saber que não vai tentar pregar outras de suas peças?

— Eu te disse... me desculpa. Não vai acontecer de novo. Isso... — Ele toca a si mesmo. — Só vai para onde é bem-vindo e é óbvio que não somos por você. Já parti para outra. Confie em mim.

— Tá bom. — Sinto vontade de bater nele, de verdade, mas ele é um pouco engraçado quando não está dando em cima de mim. Não posso culpá-lo por ser honesto. Gosto de gente honesta.

Estendo a mão, dizendo:

— Tudo bem. Pedido de trégua aceito.

Arsen aceita meu aperto de mão e sorrimos um para o outro. Tenho a ligeira sensação de estou fazendo um pacto com o diabo.

Eu ainda não confio totalmente nele.

CAPÍTULO 9
PASSADO

Não pode ser saudável o jeito que eu sonho com você o tempo todo.

18 encontros.

63 ligações.

Mais de 1000 mensagens.

4 semanas com Ben.

As melhores quatro semanas da minha vida.

Apaixonar-se pela pessoa errada é fácil. Apaixonar-se pela pessoa certa é mais fácil. Mas se apaixonar pela sua alma gêmea é mais fácil ainda.

Está predestinado.

Não acho que me apaixonar é a palavra certa quando se refere aos meus sentimentos por Ben, no entanto. Que tal sentir algo sublime? Toda vez que estou com ele, sinto que sou capaz de voar. Eu me sinto leve.

Sinto-me livre.

Não é como se eu não sentisse aquele frio na barriga; ter o sono perdido porque não consegue parar de pensar em alguém, no êxtase de uns bons amassos – eu senti tudo isso. Mas com Ben, o frio na barriga não só me sacode por dentro. Ele me eletriza como se eu tivesse levado uma descarga de milhares

de volts. Adormecer sob um céu cor de rosa e roxo depois de passar a noite com ele é minha nova normalidade.

Quando ele sussurra entre beijos como sou linda, o quanto adora o meu cheiro, e o quanto me quer, eu me sinto nas nuvens. E quando sinto o deslizar de suas mãos ásperas tocando meu corpo intimamente, gentil e, rude ao mesmo tempo, mas sempre com desejo, eu deliro.

Sentada nos degraus da varanda da frente, vejo a chuva cair, molhando o asfalto. Minha pele se arrepia quando o ar frio do outono atravessa as roupas, tocando meu corpo. O ar gelado ajuda a esfriar meu rosto quente, uma reação física que aparece toda vez que penso em Ben e o que este fim de semana poderia significar em nosso relacionamento.

Cathy Safada grita na minha cabeça: “É melhor que seja um pouco de sexo selvagem, tipo, Oiee! Pênis, conheça minha vagina”.

— O que é tão engraçado? — pergunta meu pai, coçando a cabeça quando solto uma risada alta. Ele está sentado ao meu lado enquanto espero Ben chegar.

Eu não devia estar rindo quando meu pai preocupado está tão perto de mudar de opinião sobre este fim de semana. Sinceramente, fiquei surpresa que ele tenha deixado, já que esta será a primeira vez em toda a minha vida que vou viajar com um cara, que é tipo um namorado, alguém que estou saindo. Um cara que ele sabe que eu provavelmente vou transar, se já não tiver transado, no referido passeio.

Eu me viro para olhar para meu pai, tentando controlar a risada ao mesmo tempo em que ele me observa com aqueles sábios olhos verdes. Eles são tão perspicazes; parecem ter a chave dos segredos da vida.

— Nada, papai. Só me lembrando de algo engraçado que aconteceu na aula.

— Eu não acredito em você nem um pouco, mocinha, mas vou deixar passar.

Sentada tão perto dele, seu perfume familiar flutuando até meu nariz, vejo as marcas de anos de risadas em torno de seus olhos e nos cantos da boca.

Isso me lembra o quanto ele se esforçou para tornar minha vida feliz.

— Papai, não é nada — eu digo enquanto olho para ele. — Você se lembra de quando eu tinha oito anos e chorei uma semana inteira porque minha melhor amiga, Lisa, estava indo para a Disney e eu não podia ir com ela?

Ele ri.

— Claro, como eu poderia me esquecer? Tentei te explicar que nós não poderíamos pagar um passeio para a Disney, mas quanta lógica você é capaz de incutir em uma criança de oito anos?

Não consegui segurar a risada.

— Eu era muito teimosa...

— Não, você era meu anjo, e a culpa foi minha. — Ele segura a minha mão. — Eu não podia tirar folga no trabalho e pagar pela viagem. Porém me lembro de ver como você ficou arrasada.

— Aí você comprou um vestido de princesa pra mim e fingiu ser um dragão — concluo, observando o homem que mais amo na vida. Meu pai.

Seus olhos se enrugam quando ele sorri, lembrando daquela vez.

— Sim, eu te levei até a loja de brinquedos mais próxima e comprei um vestido de princesa, e depois a levei para o Juniper Park, onde te persegui pelo lugar.

— Ei! Era um jardim encantado! — exclamei.

— Bons tempos aqueles. Agora minha garotinha está sendo caçada por outra pessoa.

— Papai!

Nós nos olhamos e caímos na risada.

Meu pai é perfeito e significa o mundo para mim. Talvez um dia eu tenha sorte e conheça um homem igual a ele e me case.

Meus pensamentos automaticamente vão para um par de olhos castanhos, mas apago essa imagem na hora. Sério, Cathy?

Vendo a preocupação estampada em seu rosto crescer, sinto uma pontada de culpa por não ter dito a ele o que estava acontecendo entre Ben e eu, mas o que eu diria?

Como? Por onde começaria? Devo dizer que estou me apaixonando com tanta intensidade por Ben que só de pensar em ouvir sua voz deixa meu corpo excitado, fazendo arrepios descer pela coluna? Que somos capazes de conversar por horas no telefone sobre tudo e nada, e o mais importante é que ele me faz rir feito uma adolescente de treze anos?

Devo contar que esperei esse tempo todo para transar com Ben, porque não tenho certeza se ele esqueceu a ex? E que se ele voltasse com ela, terminando o que quer que estivesse acontecendo agora entre nós, causaria um sério estrago dentro de mim, do tipo que me incapacitaria de respirar?

Devo dizer que, bem, mesmo que a gente não tenha feito sexo “tecnicamente” falando, fizemos praticamente tudo que se pode fazer com dois pares de mãos e bocas bem-dispostas? E que toda vez que estamos juntos, nós pressionamos os limites físicos mais e mais?

Por mais compreensivo que meu pai seja, se ele soubesse exatamente o que estava acontecendo na minha cabeça, acho que ficaria maluco. No entanto, ele sabe que não sou mais virgem. Ele quase matou Jack e o pai dele quando encontrou a embalagem de camisinha debaixo da minha cama.

Fale-me sobre constrangimento.

Estico um braço e puxo meu pai para um abraço. Empurrando o corpo

para mais perto dele, roço o nariz sobre o ombro de seu casaco, respirando o cheiro de chuva, de roupa guardada e do seu familiar perfume.

— O garoto que está atrás de mim é um cara legal. — Eu tento tranquilizá-lo. Porém acho que ele não acredita em mim pelo olhar em seu rosto. Ele sabe que não estou contando a história toda.

Oh, cacete, mas que caralho.

Não quero mesmo ter essa conversa com meu pai antes de sair.

Ele limpa a garganta:

— Catherine, eu sei que é um pouco tarde demais para ter essa conversa.

E lá vem ele. Parece que vamos ter essa conversa no fim das contas.

— Eu te criei bem, e sei que respeita a si mesma e ao seu corpo, mas tem certeza de que está preparada para viajar com um garoto com quem está saindo há menos de um mês? — Meu pai envolve meu ombro esquerdo com o braço, me dando um aperto tranquilizador. Como se isso fosse ajudar.

Eu apoio a cabeça em seu ombro.

— Bem. Acho que estou pronta, papai. Por favor, não peça detalhes. Está me deixando maluca ter essa conversa com você, mas se quer saber... Acredito que não tem com o que se preocupar. Nós sabemos o que estamos fazendo.

Ele me encara, e levanta uma sobrancelha como se estivesse me chamando de mentirosa.

— De qualquer maneira, não estaremos sozinhos. Como já sabe, porque tenho certeza de que já falamos disso várias vezes, um monte de amigos dele estará lá. É uma festa, pai.

— É por isso que odeio ser um pai solteiro. Não tenho certeza do que fazer ou dizer e sinto como se estivesse atirando minha garotinha para os lobos

— resmunga.

— Papai! Eu sei que está longe de ficar bem com isso, mas Ben é tão legal e ele me trata como uma princesa. Confie em mim.

Parece que ele quer dizer mais alguma coisa, mas Ben decide finalmente aparecer. Obrigada, Senhor.

Quando me mexo para me levantar, meu pai me impede.

— Apenas me prometa que tomará cuidado, Cathy. Eu não quero ver você arrasada de novo — diz, gentilmente me lembrando da bagunça que Matt fez um ano atrás.

— Sim, papai, mas de algum jeito, tenho a sensação de que Ben nunca me machucaria assim.

Conforme as palavras saem da minha boca, eu sei que elas são verdadeiras.



Depois de um adeus embaraçoso e desconfortável, seguimos para o Land Rover preto de Ben. Quando abre a porta do passageiro para mim, se inclina e cobre minha face com suas mãos grandes, abaixando o rosto para dar um beijo suave nos meus lábios. Mesmo que o beijo seja suave e doce, faz as pontas dos meus dedos dos pés enrolarem dentro das botas de couro. Na hora, sinto vontade de aprofundar o beijo, mas Ben se afasta antes que eu tenha a chance de empurrar meu corpo para mais perto dele.

— Droga, garota. Você quer que seu pai me dê um tiro? Por um minuto, pensei que ele voltaria para dentro para pegar sua arma. — Sorrindo, ele parece querer me beijar de novo, mas não me beija. — Sinceramente, espero que ele não tenha uma.

Quando estou dentro do carro, eu me viro para olhar a varanda uma última vez. Como sabia que meu pai ainda estaria lá, vendo-me preparada para sair, não é nenhum segredo. Ele está e sempre esteve ao meu lado. Aceno com uma mão e mando um beijo com a outra. Ele finge pegá-lo, depois o guarda no bolso da calça jeans. Parece brega agora, mas quando eu era uma garotinha, aquilo era tudo para mim, portanto, nunca paramos de fazer esse gesto.

Enquanto Ben se afasta do meio-fio, ele segura a minha mão, entrelaçando nossos dedos. Meu corpo faminto se alimenta de seu calor.

— Oi, linda. Senti saudades.

Eu me viro para olhá-lo, sentindo um sorriso erguer o canto dos meus lábios.

— Eu também. Vinte e quatro horas é muito tempo. Não sei como consegui aguentar — brinco, tentando parecer legal. Provocar Ben é muito divertido porque na maioria das vezes, ele provoca de volta... de forma safada.

O sorrisinho sexy de Ben se transforma em um enorme quando ele traz nossas mãos unidas aos lábios, beijando minha mão. De repente, o carro esquenta, muito.

Virando para o outro lado, eu me abano com a mão livre. Odeio o que Ben faz comigo.

Não, isso é mentira.

Eu amo.

Acho que Ben dirige por cinco quarteirões e para no meio-fio de uma casa qualquer do meu bairro. Não sei exatamente por que parou quando acabamos de sair da minha casa. Estou prestes a perguntar o que está acontecendo, mas não consigo dizer uma única palavra porque os lábios dele estão nos meus de repente, me devorando como se ele fosse um homem faminto, e eu, o primeiro prato de comida que ele consegue em semanas. Enrolando as

mãos no meu cabelo, ele me puxa para mais perto, aprofundando o beijo. No momento em que nossas línguas se tocam, eu o ouço gemer, mas ele continua a me torturar com a boca. Quando o beijo acaba, eu me sinto zonza, mas muito excitada.

Quem precisa de oxigênio? Oxigênio é tão superestimado.

Com os dedos ainda emaranhados no meu cabelo, seguro seu rosto com as mãos, e nós nos olhamos sem dizer nada. Vejo um rubor cobrindo o topo de suas bochechas enquanto seus lábios, inchados dos meus beijos, sorriem para mim. Eu sorrio de volta.

— Bem, isso foi bom — eu digo, tentando mordiscar seu dedo que está mais próximo da minha boca.

— Pode apostar nisso. Agora pare de ser tão atraente ou nunca chegaremos a tempo em Newport. — Soltando meu cabelo, ele traz o polegar da mão livre para esfregar meu lábio inchado, suavemente. A textura áspera de seu dedo na minha boca me faz lembrar de onde esses dedos estiveram antes, e parece que Ben também se lembra porque geme de novo e me solta na mesma hora. — Droga, garota. Você está me deixando louco, porra.

Enquanto Cathy Safada está comemorando com uma dancinha e gritando “Aí, sim, hein!” dentro da minha cabeça, eu tento esconder o enorme sorriso começando a romper a superfície do meu rosto.

— Você não é o único excitado e perturbado aqui, sabe? O que queria que eu fizesse?

Ben balança a cabeça, seu olhar permanecendo em mim; suaves olhos castanhos parecem quase negros com intenso desejo.

Meu Deus do Céu...

— Hmm... bem, espertinha, já que não quero que a gente sofra um acidente de carro, que tal ficar no seu banco e me ignorar.

— Fala sério?! — Dou risada. — Quantos anos você tem... doze?

Dando um sorrisinho, ele olha para baixo, depois de volta para mim, agitando as sobrancelhas.

— Perto de você? Sim.

Meus olhos vão para as suas calças e...

Oieee!

— Jura, Ben?! — Balanço a cabeça, porém, não consigo segurar a gargalhada que está lutando tanto para escapar outra vez.

Com um lindo sorriso no rosto, Ben olha para si mesmo e depois para mim.

— Só por você, Cathy. Estou dizendo a verdade. — Quando as palavras saem de sua boca, sei o que está tentando me dizer. Ele está tentando garantir para mim que ele me quer, só a mim. E, neste momento, eu acredito nele.

Eu realmente acredito nele.



A viagem para Newport, Rhode Island, passa sem perceber, mas fico pensando em algumas coisas: o silêncio confortável, os olhares roubados, Ben acidentalmente dando uma apalpada aqui e ali, e o calor de sua mão na minha.

Quando chegamos, fico totalmente surpresa. Eu sabia que Newport era o lugar onde algumas pessoas de famílias ricas passavam os fins de semana e feriados em suas mansões, mas você não tem a mínima ideia do que é riqueza dessa magnitude até ver um desses lugares de perto. A que estou olhando agora continua aumentando cada vez mais conforme seguimos pela entrada sem fim de cascalho.

A propriedade de frente para o mar é gigantesca. Puta merda! Acabei de morrer e acordar em uma cena de “O Grande Gatsby”?

Enquanto Ben estaciona o carro em frente à entrada principal iluminada, estou estupefata, maravilhada e, para ser honesta, meio que enlouquecendo. Eu sabia que Ben era rico e que a maioria de seus amigos também, só que não imaginava que estávamos falando desse tanto. Esfregando as palmas suadas no meu jeans, observo a comoção que está ocorrendo dentro da casa agora. A música techno alta está atravessando pelas janelas abertas noite afora, e dá para ver os contornos de alguns casais se beijando e dançando.

Oprimida pela noção de como estou longe da minha zona de conforto, eu me viro para olhar Ben quando meu estômago começa a embrulhar, nada bem.

— Umm... eu... eu...

Eu sei que não deveria me sentir intimidada por uma casa grande e a ideia de passar um fim de semana inteiro com pessoas ricas. Meu pai me criou para saber meu próprio valor e sempre ter orgulho do que temos, de quem somos, mas...

Merda, a quem estou enganando? Suas ideias de autoestima saem voando pela janela quando se está na frente de uma mansão que acomoda uma garagem maior do que a sua própria casa.

Ben desliga o carro, depois pega minha mão mais uma vez, dando-lhe um aperto solidário.

— Cathy, vai ficar bem. Julian é muito legal e sua irmã gêmea, Morgan, também é. Vamos nos divertir muito neste fim de semana. — Ele se inclina sobre o console, dá um beijo na minha testa e roça o nariz contra o meu. — Confie em mim. Você está aqui comigo. Ninguém vai te incomodar.

Eu me viro em sua direção e o abraço apertado. Sinto os fortes

músculos de seu corpo envolvido pelos meus braços, sinto seu cheiro masculino misturado com o perfume caro, e tomo uma decisão sobre nós.

Esta noite será “a” noite.

Não posso continuar vivendo minha vida com medo, preocupada que Ben me deixe um dia. Eu não posso. Devo dar uma chance a ele, confiar no meu coração e deixá-lo me levar para aquele lugar que só ele pode me mostrar. Depois de beijar seu pescoço, eu sussurro:

— Não se preocupe comigo. Eu ficarei bem. Fiquei só espantada, mas vou superar. Lembre-se, sou uma garota durona do Queens. Apenas me prometa uma coisa.

Ben se inclina para trás um pouquinho para ver meu rosto. Olhando para uma piscina aconchegante de marrom profundo, minha mão acaricia seu rosto. Ben fecha os olhos por um instante, porém, quando os abre, eu vejo a minha resposta olhando de volta para mim.

Vai ficar tudo bem.

— Apenas me prometa que esta noite será só nossa.

— Claro. Vamos ficar no mesmo quarto.

— Hum, é... Eu sabia. O que quis dizer, uh... o que quero dizer é que... bem... eu estou pronta. Sabe, pronta. — Corando, espero que Ben tenha me entendido, porque acredito que não poderia ser mais direta sem dizer a ele “durma comigo”.

Parece que Ben passa uma eternidade quieto.

Oh, nossa. E se eu entendi tudo errado? Não.

Ele me quer. Eu sei disso.

Ele gosta de mim. Eu sei disso.

Mas o silêncio dele está me enlouquecendo. Quando estou prestes a dizer a ele para esquecer o que eu disse, ele finalmente fala:

— Não, Cathy. Eu não posso fazer isso.

— O quê? Pode repetir o que disse? — Isso não é o que eu esperava. Onde está o Ben Tarado quando eu o quero?

De repente, ele me solta, balança a cabeça e desvia o olhar, falando para o para-brisa.

— Não. Vamos tentar de novo. Você sabe muito bem que eu quero você. Muito, mas eu não a trouxe para transar comigo. Sou melhor que isso. — Virando-se, ele me trava com seu olhar. — Você é melhor que isso. Caramba, não sou esse tipo de babaca, Cathy. Já deveria saber disso.

Ele está de brincadeira comigo?

— Ben, não. Eu quero... estou pronta. — Você acharia que quando se diz ao cara com quem está saindo, que finalmente está preparada para transar com ele, ele diria: "— Porra, isso! Onde fica a cama?". Mas acontece o contrário, estou presa com um cretino puritano.

— Não, Cathy. Por favor, esquece isso.

Sinto a vergonha começar a queimar meu rosto e a humilhação me penetrando profundamente. Os olhos de Ben suavizam quando segura a minha mão.

— Olha, linda, vamos conversar sobre isso hoje à noite quando ficarmos sozinhos. Não quando estamos estacionados na frente da casa de Julian e...

Confusa e magoada por sua rejeição, empurro sua mão para longe.

— Não vou esquecer. Estamos saindo há um mês e fizemos praticamente de tudo, menos sexo.

Ben abre a boca para dizer algo, mas não o deixo falar.

— Pensei que esperamos esse tempo todo até que eu estivesse pronta. Bem, eu estou agora, então por que diabos não? E sinto muito, mas não engulo

essa sua desculpa... — Faço aspas com as mãos, jogando suas palavras de volta na sua cara. — “Eu não a trouxe para transar comigo”.

Sei que estou sendo irracional. Fui eu que pedi para ir devagar só para ter certeza de que ele tinha esquecido a ex antes de dormirmos juntos.

E se ele não a esqueceu?

Mas ele me quer. Acabou de dizer isso.

Um sentimento de medo toma conta de mim.

— Deixa eu te fazer uma pergunta, Ben. Quanto tempo esperou para dormir com a Ashley? Você disse não quando ela se ofereceu pra você? Porque é basicamente o que acabei de fazer. Ou está dando desculpas ridículas porque você não a esqueceu?

Escuto Ben soltar um gemido, cobrindo o rosto com as mãos. Ondas de frustração irradiam de seu corpo, me atingindo com sua força.

— Que porra é essa, Cathy? Isso foi baixo, até pra você. Por que tem que tocar no passado?

— Estou confusa, é por isso. Pensei que gostasse de mim. Que você me queria, e agora, você não quer... é por causa dela?

Silêncio.

Nada.

Ben não diz nada.

Ele só me olha.

Seu silêncio dói.

Seu silêncio está me deixando, absurdamente, puta de raiva.

— Certo, eu queria saber, não é? Acho que consegui minha resposta.

A frustração está estampada nas linhas franzidas do rosto de Ben, na mandíbula e no jeito que ele puxa o cabelo. Quando está prestes a falar, alguém abre a minha porta e interrompe nossa primeira discussão.

E talvez nossa última.

Ar frio me atinge no rosto, enchendo o interior aquecido do carro com uma brisa gélida. Ben e eu nos viramos para olhar a pessoa que nos interrompeu rudemente no meio da discussão. Meus olhos encontram um par de olhos azuis no rosto de um lindo garoto. Ele tem cabelo castanho desgrenhado e algumas sardas no nariz, lábios carnudos e uma covinha no queixo.

Ele sorri, parecendo entender a cena.

— E aí, Ben. Achei que nunca ia chegar, cara. — Ele se vira para olhar para mim, agora com um sorriso maior nos lábios. — Você deve ser a Cathy. Muito prazer em conhecê-la. Estamos morrendo de vontade de conhecer a garota que fez o Big Ben agir igual a uma garota. Morgan vai te adorar.

— Hum, oi. E você é?

— Desculpa. Garotas bonitas me fazem parecer um idiota. Meu nome é Julian. — Ele dá um sorrisinho arrogante.

— Oi. Prazer em conhecê-lo, Julian. — Não fico vermelha, mas sinto um sorriso relutante erguer os cantos da minha boca enquanto observo seu sorriso contagiante. Julian é um paquerador e sabe que isso funciona para ele. Volto a olhar para Ben e o vejo nos estudando.

Ele não parece feliz.

Nem um pouco.

Ótimo. Fico feliz. Talvez Julian não tenha problemas em dormir comigo.

A testa franzida de Ben foi substituída por uma cara feia.

— Cai fora, cara. Você precisa dessas suas mãos bonitas para jogar aquela porcaria que chama de esporte.

Julian olha para nós dois, um sorriso brincalhão substituindo o de flerte.

— Eu jogo golfe. E não dê ouvidos a ele. Dou conta do corpo bombado dele em qualquer dia, a qualquer hora.

Se não estivesse tão chateada com Ben, acharia aquilo engraçado. Mas estou com raiva e magoada, então decido irritá-lo um pouco mais. Lembrando de como a Lisa flerta com os caras, tento imitá-la. Por favor, Deus, não me deixe fazer papel de idiota. Depois de lentamente lamber os lábios e inclinar o queixo no ângulo certo, mostro o meu melhor sorriso a Julian.

— Tenho certeza disso. Você tem uma bela casa, a propósito. Adoraria dar uma volta com você para conhecê-la, se estiver disponível.

Os olhos de Julian se movem de Ben para mim, parando no meu rosto ao mesmo tempo em que a ficha cai para ele. Uma expressão apreciativa surge em seu rosto e seu sorriso aumenta.

— Adoraria, e por acaso, estou disponível agora. Ben, você já viu a casa, tenho certeza de que não precisa vir junto, né? Enfim, está muito frio aqui fora. Vamos entrar antes de congelarmos.

Ele estende a mão, buscando a minha e envolve os longos dedos ao redor dos meus.

— Vem, me deixa te ajudar — Virando-se para olhar para Ben, Julian acrescenta: — Cara, você conhece o caminho. Arthur vai pegar as bagagens, então vá para o bar. Morgan está lá com a turma de sempre. No entanto, talvez queira escapar da sala de estar, está rolando suruba por lá.

Não me atrevo a olhar para Ben quando saio do carro com a ajuda de Julian e seguimos para a entrada. Estou no meio da escada quando percebo como estou sendo horrível com Ben. Quaisquer que sejam suas razões, ele estava tentando fazer a coisa certa por mim. Eu paro de repente e encaro Julian com um sorriso arrependido.

— Poderia me dar um minuto? Esqueci de dizer uma coisa ao Ben.

Virando depois que Julian concorda com a cabeça, eu volto para o carro. Ben está descarregando a bagagem, embora Julian tenha dito que alguém iria pegá-las.

Nossa, ele é mesmo perfeito.

Quando me aproximo dele, Ben levanta os olhos e o que vejo em suas profundezas me assusta. A graça se foi. Ele parece muito bravo. E magoado.

— Hum, desculpe por antes. Não queria fugir com seu amigo desse jeito. E sinto muito por falar da Ashley. Não foi legal da minha parte. — Eu coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha com a mão suada. Minha pele está úmida pelo nervoso.

Ben fecha os olhos e respira fundo. Depois de um momento, ele os abre novamente e o olhar que me dá, diz o quanto estou encrencada.

— Tanto faz, Cathy. Vá em frente. Julian é divertido pra caralho. Espero que se divirtam juntos — solta, ríspido.

Ele passa por mim, pega nossas malas e vai até a casa, passando por Julian sem olhar em sua direção.

O que foi que eu fiz?



Meus olhos seguem Ben até ele desaparecer dentro da casa. Com o coração pesado, eu me viro para Julian, que está me observando atentamente. A raiva que senti antes foi substituída pela culpa. Por que eu tinha que deixar minha loucura falar mais alto?

Quando chego onde deixei Julian, tenho consciência de que deveria dizer alguma coisa para romper a tensão preenchendo o ambiente, mas não sei o que falar. Enquanto procuro algo a dizer para quebrar o gelo, Julian pergunta:

— Por que Ben está tão aborrecido? Interrompi alguma briga ou algo assim? — Colocando as mãos nos bolsos de trás da calça jeans, ele espera pela minha resposta.

Colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, decido ser um pouco honesta com ele. Não o conheço, mas se ele é o melhor amigo de Ben, deve ser de confiança. Além disso, gosto dele.

— É, sim. Tudo começou de bobeira, mas depois ele disse umas coisas que me incomodaram demais. — Nervosa, remexo os pés. — E, uh, pode ser que eu tenha deixado o meu lado megera se sobressair, o que é uma droga, porque peguei uma situação péssima e a piorei ainda mais. E sair correndo com você não ajudou em nada. Quer dizer, acabamos de nos conhecer, então, sim, posso entender por que Ben está tão chateado comigo. E me desculpa por antes... sabe, por tentar um papo furado. Estava tentando atingir Ben.

— Relaxa. Percebi que alguma coisa estava rolando. E, você não é ruim de xaveco. Foi muito bonitinha. — Ele sorri, olhando para a minha boca por tempo mais do que necessário. — Quanto a Ben, acho que ele estava bem perto de me dar uma surra, mas não tô nem aí pra isso. — Ele inclina a cabeça e sorri maliciosamente. — No cursinho, Ben e eu sempre resolvíamos tudo com uma bela briga de socos. Sempre. — Ele sorri. — No entanto, esse ciúme é novidade. Ben não tem ciúmes, é sempre o contrário. Nem mesmo quando ele estava com Ashley.

Quando o nome da ex de Ben atravessa sua boca, uma expressão de desgosto cruza o rosto dele, quase como se tivesse engolido um comprimido amargo, porém, é rapidamente substituído por um sorriso.

— Mas preciso dizer que gosto disso, Cathy. Significa que ele está esquecendo aquela vagabunda.

Ponderando suas palavras por um minuto, e deixando-as me penetrar,

sorrio ao olhar para os degraus.

— Acha mesmo?

Eu olho para cima e encontro seus olhos sinceros enquanto ele acena a cabeça para mim.

— Caramba, com certeza. Aquela vagabunda o machucou pra valer. E acredite em mim, o Ben que acabei de ver não parecia deprimido como da última vez que saímos. Desta vez ele parecia furioso porque eu estava dando em cima da garota dele.

— Tomara que esteja certo. Tomara mesmo. Sabe...

Então me lembro do motivo da nossa briga e de seu silêncio quando o confrontei sobre Ashley, e não sei mais se Julian está certo.

— Não sei, mas por que não me conta? Eu gosto de você. Posso ver que vamos ser bons amigos, então me fala. Quem sabe eu não posso ajudar?

— Tudo bem, mas lembre-se que foi você que pediu. Só não boceje se eu entediar você.

— Você nunca me encheria o saco. Agora vá em frente. Mas espere. Tenho uma ideia. Dá para perceber que será uma daquelas longas histórias da Morgan, onde a culpa é sempre do cara e nunca da garota.

Dou um tapa no ombro dele, fazendo-o levantar as mãos dos bolsos num gesto rendido.

— Ei! Estava só sendo honesto! Mas, falando sério, às vezes, se vocês, garotas, falassem logo de uma vez, e não agissem de forma enigmática, nós saberíamos o que diabos está acontecendo. Enfim, estou congelando, e você também deve estar. Por que não vamos para a estufa da minha mãe? Podemos conversar lá e evitar a orgia que está rolando nesse instante dentro da casa dos meus pais.

— M-mas e quanto a Ben? E se ele entender errado quando não

formos atrás dele agora?

— Estou pouco ligando. Ele acabou de ser grosso com você, deixe ele ralar.

— Hum, tá bom. Mas espera. Antes de irmos, eu preciso... hum, ter certeza de uma coisa.

— Sim?

— Bem, visto que acabei de te conhecer, espero que “ir para a estufa da sua mãe” não seja um código para sexo porque não estou interessada. Estou com Ben. E, bem... isso. Estou com o Ben. — Vermelha de vergonha, não consigo acreditar no que falei. Acabei de dizer a um cara mais que perfeito para não ter nenhuma ideia engraçadinha comigo. Eu!

Até parece, Cathy. Até parece.

— Merda, Cathy. Tá falando sério? Primeiro, eu nunca te levaria para a estufa da minha mãe para dar uns amassos. Eu te levaria para o meu quarto. A melhor cama deste lugar fica no meu quarto, porra. Segundo, não sou fura-olho. Nem mesmo quando a garota é tão bonita quanto você. Terceiro, Ben é meu melhor amigo. E, por último, e estou falando a verdade, eu quero ajudar. E já posso dizer que Ben gosta de você, e Ben gostar de alguém é uma coisa muito boa.

— Oh, meu Deus, desculpa. Eu só queria ter certeza. Não quero te dar a impressão errada.

— Relaxa. Gostei disso. Você é legal. Agora vamos. Estou congelando aqui.

— Tá.

A estufa é linda. O vidro, as plantas e as árvores estão por toda parte nos cercando. Há rosas e orquídeas e tantas outras plantas estranhas cujos nomes eu não conheço, mas vi em buquês nas capas de revistas de noivas. À medida

que entramos no quarto, respirando o ar aromatizado, quase me imagino no meio de uma floresta, com todas as suas exóticas e abundantes flores e vegetação ao meu redor. A lua, a única fonte de luz dentro da estrutura de vidro, me permite ver e seguir a sombra alta de Julian sem tropeçar nos vasos de flores e suportes.

Julian se senta em um banco ao lado do que parece ser uma árvore esquisita com folhas pontiagudas, e dá um tapinha no lugar ao seu lado. Quando me junto a ele, Julian se inclina para trás, virando o corpo para eu poder ver seu rosto melhor, um sorriso fácil aparecendo em seus lábios.

— Aqui estamos nós. Agora pode me dizer o que está acontecendo. Vamos ver se consigo usar minha mágica, a menos que você queira fazer sexo selvagem aqui, no fim de contas?

— Ha. Ha. Ha. Muito engraçado. E ter minha bunda cutucada por uma dessas plantas pontudas estranhas? Não, obrigada.

— Precisava tentar, né? — diz Julian, seus olhos refletindo diversão.

Sorrio e olho para o colo, observando minhas mãos se contorcerem.

— Tudo bem. Então, basicamente, não sei direito o que está acontecendo entre mim e Ben. Quer dizer, eu sei o que está acontecendo. Não sou burra. É só que, bem, não tenho certeza se estamos sérios ou só nos divertindo. Nós não conversamos sobre status de relacionamento, nem nada. Não é como se eu pudesse falar “Oi, Ben, quer ser meu namorado?”, não que eu seja um grande fracasso, ainda. Não sei se estamos tendo um relacionamento sério ou só saindo. Não sei nem se ele quer ser exclusivo. Eu sei que eu quero.

Ergo o olhar para as sombras das plantas balançando contra o vidro.

— O negócio é que acho que estou me apaixonando por ele, Julian. Tipo, amando mesmo. E nós nem transamos.

— Espera, o quê? Vocês não treparam? Para. Cara... o mau humor está fazendo muito mais sentido. Merda. — A expressão chocada de Julian me

lembra de um desenho animado antigo onde os olhos saltam para fora das órbitas.

Assentindo enquanto rio de Julian, continuo a falar:

— Antes que sinta pena de Ben, não sinta. Não entrarei em detalhes, mas confie em mim, ele está indo muito bem. Mas, sim. Nós não fomos até o fim. Eu disse a ele que queria esperar para ter certeza de que ele tinha esquecido a ex. E ele tem sido supergentil e compreensivo. Vindo para cá hoje, decidi que não ia me preocupar mais com ela, então falei para ele... quer dizer, eu meio que impliquei que esta noite seria “a” noite, e ele surtou. Ele ficou todo puritano comigo, dizendo que não me trouxe aqui para transar. Então, é, foi aí que deixei a raiva me vencer e mencionei a Ashley...

Escuto Julian grunhir e xingar baixinho, fazendo eu olhar para ele pela primeira vez desde que comecei a falar.

— O que ele disse?

— Bem, foi quando as coisas pioraram porque ele não me respondeu nada. Perguntei quanto tempo ele esperou para fazer sexo com ela, e depois se ainda gostava dela, e ele não disse nada. Só continuou em silêncio. E foi aí que você decidiu se apresentar. Então agora eu não tenho a mínima ideia do que está acontecendo entre nós. Se é que ainda existe um “nós” para me preocupar.

Julian se inclina para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Deixa ver se eu entendi. Vocês não transaram. Você não tem certeza do que são e tem medo de que ele não tenha esquecido aquela vagabunda. E agora ele está aborrecido porque pensa que você está pensando que ele a trouxe aqui para conseguir um pouco de sexo. E você mencionou a ex, o que foi provavelmente o que mais o irritou. Porque agora ele acha que você não confia muito nele, e falemos a verdade, foi totalmente desnecessário.

— É, isso resume tudo. — A culpa cobre meu corpo todo em uma

tenda de vergonha.

— Que bunda-mole.

— Ei!

— Desculpa, mas ele está sendo criança. Ele precisa de uma lição, e acho que depois de tudo que eu fizer essa noite, você definitivamente saberá o que está acontecendo entre vocês.

— E quanto a Ashley?

— Estou te dizendo. Ela já era. Devia ter visto o olhar que ele me deu quando me pediu para dar uma volta pela casa. Se olhar matasse, eu seria um homem morto.

— Tem certeza? Você está me assustando. O que está pensando?

— Confie em mim, Cathy. Eu o conheço. Por que não fazemos uma brincadeira?

— Sério? Você acha que é uma boa ideia?

— Acho. Vai me agradecer amanhã. Se ele te deixar sair do quarto, é claro.

— Tudo bem. Por que não me diz no que está pensando?

CAPÍTULO 10
PRESENTE

— Espera! Segure o elevador!

Correndo pelo foyer de mármore o mais rápido possível, chego ao elevador bem a tempo de a última pessoa segurar as portas abertas para mim. Estou com a respiração ofegante, mas consigo agradecer e vou para os fundos. Quando estou contra a parede, começo a me abanar com as mãos, tentando me acalmar. Fecho os olhos e rezo para que não tenhamos que parar em cada andar, perdendo tempo. Hoje seria o pior momento para me atrasar, já que é o primeiro dia de trabalho de Arsen sob a minha supervisão.

Já faz três dias desde que o vi pela última vez.

Quando sinto um ar quente na nuca, sinto um arrepio consciente descer pelo corpo se alojando na boca do meu estômago. Abro os olhos na hora e vejo Arsen ao meu lado. Ele está me observando com um sorriso brincalhão nos lábios, e seus distintos olhos azuis brilham intensamente. Consigo ver as cores azuis claras misturadas às faíscas verdes nelas.

Hum, o que ele está fazendo?

— Bom dia, bela. Pronta para me ensinar como ser homem? Já sabe, me introduzir no ambiente? — Sarcasmo escorre na sua voz, mas sinto a diversão por trás disso.

Um pouco confusa e muito irritada com suas palavras, apenas aceno e

me afasto para colocar algum espaço entre nós, o que não é possível, dado que estamos espremidos neste pequeno elevador. Arsen deve saber que seu cumprimento me aborrece muito. Talvez foi seu propósito o tempo todo porque ele acaba com a distância que acabei de criar, ficando perto de mim outra vez.

Cruzando os braços em uma posição defensiva, estou prestes a ir para a frente da fila quando sinto sua mão quente envolver meu cotovelo, me puxando de volta para ficar ao lado dele. Calor dispara no meu braço, me escaldando igual água fervente. Um pouco passada por me tocar sem se importar com os limites físicos, ergo o olhar para ele.

Há um brilho em seus olhos conforme abaixa a boca sorridente para sussurrar em meu ouvido:

— Calma, Covinhas. Só estou mexendo com você...

Tenho vontade de dizer alguma coisa, mas não sai nada. Sua boca está tão perto do meu ouvido que sinto seu lábio inferior inteiro no lóbulo da orelha. Irritada com a reação do meu corpo, viro-me para olhá-lo ao mesmo tempo em que solto meu braço.

— Mantenha as mãos longe de mim, garoto. Agora, afaste-se — murmuro, ríspida.

Ele joga a cabeça para trás, rindo, me permitindo ver a espessura de seu pescoço e a maneira como seus ombros largos flexionam ao tremer devido a risada. Eu o olho de cara feia. Quero pegar minha bolsa e acertá-lo na cabeça.

Daí, talvez ele pare de rir. Quem sabe ele acabe com uma concussão. É possível que isso apague o sorriso idiota no rosto dele. Estou pensando seriamente nisso quando as portas se abrem, e alguns passageiros saem. Eu olho para o número do andar no painel e percebo que ainda temos um longo caminho pela frente. Contorno algumas pessoas até que haja cerca de três ou quatro pessoas entre nós, porque não quero mais estar ao lado dele. Toma essa, garotão.

Sorrindo com meu sucesso por me livrar dele, considero possíveis métodos de como colocá-lo em seu lugar assim que chegarmos ao escritório. Estou pensando em enterrá-lo vivo na papelada interminável, atribuindo-o ao estagiário mais sem noção que temos entre outras possibilidades dolorosas, quando sinto ar quente respirando no meu pescoço de novo.

— Ora, veja. Mas que surpresa encontrá-la novamente — murmura ele com a voz brincalhona no meu ouvido.

Só pode ser piada!

Frustrada, fecho os olhos, tentando reunir todas as minhas forças para colocá-lo em seu lugar de uma vez por todas. Ele disse “sem sedução”! Quando os abro, me viro lentamente para encará-lo. As palavras irritadas ficam presas na garganta, e nunca saem.

De pé atrás de mim, em toda sua beleza loira está um Arsen, com aparência inocente portando um sorriso dissimulado em seu rosto bonito e um desafio nos olhos. Ele quer que eu entre em seu jogo bobo.

Quero acabar com isso, ser a adulta e lembrá-lo do pacto que fizemos e de como ia parar com isso e se comportar. Mas algo dentro de mim me diz que este é um Arsen tentando ser simpático. Este é um Arsen tentando ser amigável e nada mais. Com uma mão no bolso, ele apoia o ombro na parede, reclinando o corpo nela.

— O que foi, Catherine? O gato comeu sua língua? — Ele levanta a mão livre para passar pelo cabelo; que parece tão macio. — Sabe que só estou brincando, certo? Jamais quebro com a minha palavra. E como eu disse da última vez que te vi, posso arrumar boceta onde e quando eu quiser.

Sinto o rosto queimar. Será que ele não vê que não estamos sozinhos?

— Você está presa comigo pelo tempo que meu pai quiser me ensinar uma lição, e eu gosto de você, então vamos tentar nos dar bem. Acho que

podemos ser amigos se você esquecer o que aconteceu e tocar o barco. Como eu disse no carro, não vai se repetir. Confie em mim, Covinhas. Sei quando não significa não.

Ele se afasta da parede e fica na minha frente, se elevando sobre mim. Eu me sinto em desvantagem nessa posição.

— Pare de me chamar de Covinhas. E se realmente quer dizer isso, pare de me chamar de bela e de invadir meu espaço pessoal. Não gosto disso — aviso, olhando em seus olhos cheios de graça.

— Você tem covinhas, Covinhas. Umas perfeitas pra caralho, se me permite dizer. E eu gosto de te encher. Fica muito bonita quando está com raiva — diz delicadamente. — Você fica vermelha, e meio que me faz querer fazer mais.

Tudo bem.

Conforme digiro suas palavras, eu o observo atentamente. Ele está olhando para mim com aquela expectativa no rosto, parecendo uma criança pedindo mais um pedaço de bolo quando sabe que não deveria.

Prestes a responder, mais duas passageiras saem do elevador, murmurando entre si:

— Se a loirinha não resolver liberar a mercadoria, esse belo pedaço comestível tem que ficar por aqui porque...

— Shh, eles podem te ouvir. Aquele é Arsen Radcliff! Eu li em algum lugar que ele nunca teve namorada; só transa por a... — As portas se fecham antes de ouvirmos o resto da frase. Eu olho em sua direção percebendo que ele parece chateado.

O sorriso foi substituído pela cara amarrada. Agora ele parece o garoto que não pegou o bolo.

— Hum, Arsen...

— Não diga nada até sairmos.

— Tá bom. — Para onde foi o Arsen engraçado e provocador?

Quando saímos, vejo que por mais tarde que pensei que fosse, somos as primeiras pessoas a chegar. Eu me viro para Arsen quando sinto sua grande mão pousar na base das minhas costas, me empurrando para frente.

— Venha comigo. — Há uma certa autoridade em sua voz. Por um momento, estou surpresa porque falou igual ao Ben. Mais velho.

Ele me leva para a sala de café, não me soltando até estarmos dentro do lugar com a porta fechada. Passando as duas mãos pelo cabelo, ele solta uma respiração frustrada.

— Me desculpe por aquilo. Não foi minha intenção que aquelas mulheres pensassem que eu estava dando em cima de você. — Ele me dá um sorriso triste. — Pela primeira vez, estava tentando ser legal, mas o que posso fazer? Todas pensaram que estava tentando te foder. Se estranhas acreditam nessa mentira, dá pra ver por que você não acredita em mim. Merda, talvez eu não seja capaz de ser amigo de alguém sem trepar com ela antes. Acho que você deveria dizer a Amy para encontrar alguém solteira para substituí-la, porque, aparentemente, só sou bom em foder.

É a sua vulnerabilidade que está tentando esconder tanto por trás da fachada de playboy que finalmente me derruba completamente por ele. Sim, consigo entender a razão pela qual as pessoas olham para ele e assumem o pior. Ele é lindo, perfeito até. É jovem e rico e dorme com mulheres famosas. Posso ver porque as mulheres o veem e pensam “Troféu Trepada”.

O maior responsável por isso é ele. Quero dizer, acho que ninguém segurou uma faca na sua garganta e ordenou que ele saísse de uma boate com três modelos em volta dele voltando para seu apartamento. Ninguém mandou ele transar com a agenda de contatos inteira da alta sociedade. Mas suas palavras me

permitem ter um vislumbre do que está por baixo disso tudo. O bad boy que é aquilo que a sociedade diz; que dá o que eles querem.

Tentando melhorar o clima, eu brinco:

— Está falando sério? Acha que vou desistir da chance de mandar em você? De jeito nenhum. Depois de tudo que me fez passar, acho que mereço fazer você sofrer.

Seus olhos brilham.

— Não está mais chateada comigo? Nem depois do que aquelas mulheres disseram? — Seu rosto bonito é de pura descrença.

— Oras, falei a verdade antes. Mas acho que você mexe e paquera as mulheres com quem se sente confortável, com quem não quer dormir. Quando nos encontramos pela primeira vez... — Vou mesmo tocar nesse assunto? Acho que sim. Preciso explicar a diferença do Arsen daquela noite e o Arsen que está parado na minha frente. — Você não brincou comigo. Não flertou comigo. Você só me assediou agressivamente e não se desculpou. Não sei como explicar, mas algo mudou. Acredito em você quando diz que quer amizade, contanto que mantenha as mãos longe de mim e não invada meu espaço pessoal, ficaremos bem.

Ele balança a cabeça, seu poderoso sorriso iluminando a sala inteira.

— Covinhas, você é incrível pra caralho. Estou sendo honesto. E você está certa. Eu geralmente não quero ser amigo das garotas que eu como. Eu só as fodo e...

— Vai embora — eu termino por ele. Eu devia ficar ofendida pela maneira que ele trata as mulheres, mas a forma que suas bochechas coram timidamente agora, me dá vontade abraçá-lo.

Nós sorrimos.

Mais tarde, quando volto do almoço, encontro uma caixa de cupcakes

da Magnolia Bakery na minha mesa. Sorrindo, porque Ben nunca deixa de me surpreender, eu abro o cartão que está em cima da caixa e leio a mensagem, esperando encontrar a caligrafia que conheço de cor. Encontro uma desconhecida no lugar.

"Uma ruiva gostosa me disse que você ama cupcakes.
A.W.R."



— Oi.

Parada na lanchonete perto do trabalho, me viro quando sinto um leve toque no ombro, ficando cara a cara com um Arsen sorridente.

— Oi — digo, retribuindo seu sorriso contagiante.

— E aí, Covinhas? — pergunta Arsen, colocando as mãos nos bolsos de trás das calças.

— Uh, vim almoçar.

— Legal.

Ele me observa ansioso. Imediatamente tenho a sensação de que espera que eu o convide para almoçar comigo. Seria estranho se eu fizesse isso? Não, acho que não. Nós trabalhamos juntos, afinal de contas.

— Gostaria de comer comigo?

Arsen sorri.

— Só porque você me chamou, Covinhas.

— Ah, é mesmo? E o que eu deveria fazer? Deixar você comer sozinho? — pergunto, minha voz soando incrédula.

— Não. Eu sei que você tem o coração mole, não me deixaria comer sozinho. Agora pare de choramingar e vamos pegar uma mesa. Estou morrendo

de fome, porra.

Nós rimos e vamos até a primeira mesa vazia que encontramos. Percebo como as mulheres olham fixamente para ele quando passamos por seus assentos, e não posso dizer que as culpo. O homem é lindo mesmo.

Enquanto observo Arsen, relembro desse último mês que se passou desde o incidente do elevador. Acho que poderia se dizer que uma espécie de amizade começou a se desenvolver entre nós, mesmo que ele ainda flerte comigo o tempo todo. Se ele fosse qualquer outro homem, eu ficaria preocupada, mas o homem parece fazer isso com qualquer coisa que use uma saia e um par de salto agulha, portanto, sei que não devo levar ele a sério e me permito desfrutar de um pouco de paquera inofensiva. Além disso, estou sempre rindo de suas piadas bobas.

Ele é um cara bem legal quando não está tentando lhe seduzir.

Quando chegamos à mesa, Arsen puxa uma cadeira para eu me sentar.

Depois de dar uma rápida conferida no restaurante, eu me sento e o vejo dar a volta para se sentar na minha frente.

— E aí, o que me conta de novidade? — Ele está me observando atentamente ao mesmo tempo em que gira um garfo na mesa.

Eu pego um guardanapo e começo a fazer dobraduras com ele.

— Nada de diferente. Ben e eu passamos o final de semana em nossa casa que fica em Martha’s Vineyard com alguns amigos.

Mostrando que ouviu, ele acena com a cabeça antes de pegar o celular e começar a digitar na tela.

— Legal — diz, enviando algumas mensagens.

— Hum, como foi o seu?

Ele olha para cima com um sorriso travesso nos lábios.

— Foi bom pra caralho. A banda do meu amigo Alec fez um show,

peguei muitas groupies. Foi de outro mundo, sensacional. É uma loucura o que algumas dessas garotas fazem para ter acesso aos bastidores.

— Ah. Parece divertido — respondo, corando. Não consigo entender por que estou sempre corando quando ele fala da vida pessoal.

Não é como se eu ligasse.

Arsen olha para as mãos e responde em voz baixa:

— Foi bom enquanto durou.

Sem palavras, fico com a sensação de que algo o incomoda, e não gosto disso. Não gosto nem um pouco. Estou prestes a segurar sua mão quando o telefone dele toca.

— Você se importaria se eu atendesse? — pergunta educadamente.

— Não, vá em frente. Vou olhar o menu enquanto isso.

Abro o cardápio e começo a repassar os pratos do dia, tentando dar a ele o máximo de privacidade possível. Não quero que pense que estou escutando, mas isso se mostra quase impossível quando ele está sentado a menos de um metro de mim.

— O que foi, baby? Estou no restaurante com a Covin...Catherine — ele se corrige.

Ele espera um pouco, ouvindo a outra pessoa falar.

— Merda. Desculpa. Eu esqueci completamente. Vamos remarcar?

— Tá... Prometo. Vou te compensar. Olha, bela, tenho que ir. Minha comida acabou de chegar. Ciao.

Depois que ele desliga, Arsen joga o telefone de qualquer jeito na mesa e olha para mim.

— Desculpa, Covinhas. Acho que era pra eu encontrar alguém no almoço e esqueci completamente.

— Ainda pode ir encontrá-la, viu? Não vou me importar... — E não

vou mesmo.

Eu me sinto culpada por ele estar aqui comigo e não com seu encontro.

Batucando de leve os dedos na mesa, Arsen casualmente muda de assunto.

— Gosta de ouvir Muse, Awolnation?

Surpreendida pela mudança abrupta na conversa, peço para repetir a pergunta.

— Ah, sim. Adoro os dois. O último álbum do Awolnation é incrível. Algumas das minhas músicas favoritas são “Wake Up” e “Burn It Down”.

— Acho “Madness”, do Muse, genial. Assisti ao show deles algumas vezes, e são incríveis pra caralho — comenta, sorrindo para mim e passando a mão pelo cabelo.

— Você sempre faz isso.

— O quê?

— Passar a mão no cabelo. É uma mania ou só gosta de tocar nele? — brinco.

Ele ri.

— Ah, você notou? É um péssimo hábito que tenho. Já tentei parar, mas acho que gosto muito de ter o cabelo puxado. Principalmente no quarto, sabe?

— Bem, não sei. Não sabia e acho que não precisava saber.

— Nunca se sabe, Covinhas... Um dia essa informação pode ser útil pra você — provoca ele.

— Ha. Ha... Até parece. Você esqueceu que sou muito bem-casada.

— Muito bem-casada para uma trepada selvagem com um garanhão como eu? Olha, tenho sido chamado de Deus no quarto mais de uma vez — brinca, seus olhos reluzindo diabolicamente.

Eu sorrio.

— Quanta humildade! A propósito, não acredito que acabou de se chamar de garanhão. Estou certa de que isso invalida o tanto que você é bonito.

Arsen sorri, enrugando os cantos de seus olhos.

— O quê? Não sabia? Sou gostoso demais para meu corpo.

— Alguma vez você é sério ou modesto? — digo com a voz divertida.

— Não. Modéstia e eu não nos damos bem, linda. Eu digo as coisas como elas são.

— Não dá para acreditar que estamos tendo essa conversa.

Rindo, nós nos olhamos e, lentamente, ficamos quietos. O silêncio me deixa incomodada, então olho para a hora no meu relógio. Arsen olha no celular mais uma vez. Eu sinto que preciso quebrar o silêncio.

— Devemos pedir?

Arsen assente e chama a garçonete. Depois que ela sai com nossos pedidos, Arsen se vira para mim.

— Tá, tenho uma ideia. Enquanto esperamos a comida chegar, vamos jogar um jogo.

— Hum, não sei. — A expressão no seu rosto está me deixando desconfortável.

— Ah, por favor! Será divertido e, como você está trabalhando comigo, isso nos ajudará a nos conhecer melhor.

— Tá, tudo bem. Fala. Não prometo nada, no entanto.

Sorrindo presunçoso, como se tivesse acabado de ganhar o Prêmio Nobel, ele diz:

— Por que não revelamos três coisas sobre nós?

Não vendo nenhum mal nisso, concordo em jogar seu joguinho. Além disso, estou curiosa sobre ele.

— Tudo bem, você começa. Primeiro preciso ver que tipo de segredos está disposto a divulgar.

— Tenho uma tatuagem de borboleta no peito — diz Arsen.

— Eu já vi! Quero perguntar sobre isso tem um tempo.

Arsen acena com a cabeça, sorrindo timidamente.

— Quando eu tinha dezessete anos, meus amigos e eu fomos a Cancun para as férias na primavera. Nem preciso dizer que acabamos em uma boate de strip onde acabamos muito doidos. No final da noite, pensei que estava apaixonado por uma stripper chamada Butterfly, daí, assim que a boate fechou — ele faz uma pausa, sorrindo —, ela foi comigo fazer essa tatuagem. E no meu estado de embriaguez, acho que quis tatuar sobre o meu coração. — Seus olhos reluziam de alegria.

— Por que não remove? — pergunto.

— Não. Faz parte de mim. Além disso, Butterfly me deu alguns bons momentos — responde, agitando as sobrancelhas.

— Bem, fico contente. Tá. Minha vez. — Fico vermelha porque é bastante vergonhoso. — Não sei andar de bicicleta.

— Como é que é? Para! — Ele parece surpreso de verdade.

— Sim, não consegui aprender. Ben tentou me ensinar algumas vezes, mas nunca entendi com funciona — respondo, lembrando da festa de fim de semana na casa de Julian.

— Não precisa ficar vermelha assim se não sabe andar de bicicleta. — Ele dá um sorriso torto antes de continuar: — Porém sinto pena do seu homem.

Eu o alcanço e bato no ombro dele.

— Ei!

Arsen levanta as mãos rendido, rindo.

— Ei! Você deu abertura. Mas desculpa... Não vou brincar mais,

prometo. — Ele abaixa as mãos e toma um gole de água. — Pronta para minha segunda revelação?

— Sim.

Vejo suas bochechas começarem a avermelhar, o que destaca seus olhos azul-piscina.

— Queria ter uma banda quando crescesse, mas sou uma bosta. É constrangedor.

— Não, não acho que seja constrangedor. É ótimo! Por que não tenta?

— Talvez... nem. É só uma coisa que eu gostaria de fazer. — Obviamente desconfortável falando de si mesmo, ele muda de assunto: — Sua vez.

Por um momento, eu o vejo corar e decido contar a ele meus segredos mais profundos. Não sei o que me deu para querer fazer isso, mas eu conto.

Existe uma facilidade em Arsen que me faz querer confiar nele.

— Hum, eu tenho dois. Estou grávida. Mas não me parabenize. Ainda não.

Uma sombra cruza seus olhos, mas some antes que eu tenha a chance de perguntar a ele sobre isso.

— Continue. Estou ouvindo — ele me encoraja.

Surpreendida por sua vontade de me ouvir, acabo me lembrando da última vez que tentei conversar com Ben sobre isso há muito tempo e como foi diferente a reação dele. É como se eles fossem o dia e a noite.



Recostando-se contra uma árvore com os braços de Ben ao meu redor, e o cheiro do final do outono no parque do nosso bairro nos rodeando, eu me

sinto tão ansiosa observando as crianças caçando gansos e brincando com as folhas caídas. São tão bonitos de se admirar, mas ainda dói ouvi-las rir. Eu me pergunto se vou me acostumar a estar perto delas sem ter que lutar contra o vazio que carrego tentando me dominar por completo.

Acredito que sim. Acredito mesmo nisso.

Ben sempre me diz que a felicidade é o que você faz da sua vida, mas gostaria de saber: o que acontece quando o desejo do seu coração continua sendo tirado de você repetidas vezes?

Sinceramente. O que acontece depois?

Eu ainda estou tentando descobrir.

Admiro as lindas crianças brincando e penso no começo do fim, no dia em que uma parte vital de mim decidiu que era muito para continuar esperando e sonhando. Foi o dia em que a esperança continuou escorregando pelos meus dedos, não importa o quanto eu tentasse segurá-la nas mãos.

Não querendo pensar mais nisso, viro a cabeça para olhar Ben, e vejo que seus olhos estão fechados e seu eterno sorriso arrogante brinca nos lábios. Amo esse sorriso. É como se soubesse as respostas para algo que você quer muito saber, mas ele não vai contar só porque sabe. E esse sorriso também é algo que me faz lembrar de dias mais felizes.

O sol poente lança um brilho âmbar pelo parque inteiro, incluindo seu belo rosto bronzeado e os cachos escuros que estão balançando descontroladamente.

Eu me solto do abraço dele, e me viro para montar em seu colo, assim ficamos frente a frente. Passo as mãos pelo cabelo dele, vendo seu sorrisinho se transformar em um de boca aberta.

— Seu cabelo está ficando muito comprido, amor.

— Não posso cortá-lo, querida — responde, ainda de olhos fechados.

— Como sabia que eu ia sugerir um corte? E por que não? — pergunto.

— Minha esposa gostosa gosta assim.

— Como é??

— Você me ouviu, mulher. — Ele abre os olhos e me encara com tanto amor. — Gosto de sentir suas mãos passando pelo meu cabelo. — Ele se inclina para mim, sussurrando no meu ouvido: — Me lembra das coisas sacanas que você me deixa fazer quando o puxa. Além disso, as estagiárias gostosas gostam assim.

— Estagiárias gostosas?

Ben ri quando vê minha cara.

— Minha mulher está ficando com ciúmes?

— Com ciúmes? — pergunto franzindo a testa. Talvez esteja.

— Amor, relaxa... só estou brincando com você. Não ligo para as estagiárias. Apenas me importo se você gosta ou não, e se eu for bem sincero, você puxa meu cabelo quando estou te fazendo gozar... forte... e isso me excita. — Ele lambe minha orelha..

O arrepio que corre pelo meu corpo é inevitável.

— Ben... aqui não — argumento.

Ele ri.

— Então, vamos.

— Uma ova. Não, não vamos a lugar nenhum. Vamos ficar aqui. — Eu o acerto com o cotovelo.

— Cathy... Já faz muito tempo. Vamos. — Ele envolve os braços pela minha cintura e acaricia meu pescoço.

Sentindo retornar uma pontada da intimidade que dividimos antes de eu me tornar um fracasso de mulher, sinto vontade de me abrir com ele e

simplesmente falar. Contar sobre meus demônios interiores. Talvez se eu explicar a ele como me sinto, o vazio irá embora.

Estou prestes a dizer que devemos ir para casa quando ele me beija de forma tão carinhosa no rosto. Eu viro o rosto devagar e o beijo nos lábios, com desespero. Preciso do beijo dele para me segurar aqui. Nesta vida. Nele.

Quando nossos lábios se separam, olhamos um para o outro com a respiração ofegante. Os braços de Ben estão ao meu redor, me segurando por inteiro, e eu me sinto bem pela primeira vez em muito tempo.

— Amor, o que você tem? Posso ver que tem alguma coisa que está incomodando. Por que não me fala? Sabe que farei tudo e qualquer coisa que me pedir, desde que esteja ao meu alcance. — Ele beija meu nariz, depois desce as mãos para a minha bunda.

Dou risada porque assim que suas mãos a tocam, ele agita as sobrancelhas e olha para mim, com cara de pervertido. Resolvo dizer a verdade para Ben.

— Ver todas essas crianças brincando... me fez pensar.

— Sobre o quê, querida?

— Hum, tenho tanto medo, amor. Eu me sinto uma fracassada porque não tenho...

— Pare, Cathy. Odeio quando você faz isso consigo mesma. Pare de pensar nisso. Há tantas opções que podemos tentar... tantas alternativas disponíveis para nós ainda.

— Não... me deixe terminar, por favor — eu imploro. Ben parece zangado, mas me deixa continuar: — Quero te dizer isso. Estou com tanto medo de que nunca aconteça. Eu realmente pensei que o tratamento de fertilização in vitro ia dar certo. De verdade. — Sinto a vontade de chorar apertando a garganta, mas agora não posso parar. — E se nós não pudermos... nunca...

Ben coloca um dedo carinhoso na minha boca.

— Shh... não seja tão negativa. Nada nos impede de ir falar com o advogado de adoção, sabe? Eu não me importo.

— Não, não, não. Ben, é muito. Não sei se posso lidar com isso... com o desconhecido.

— Então por que não tenta ser um pouco mais positiva?

Suas palavras são como um tapa na cara. Estou tentando ser honesta com ele pela primeira vez, e ele continua me calando, quase como se minhas preocupações não fossem tão importantes.

— Amor, eu só acho que você está fazendo tudo errado.

— O que você quer dizer?

— Caramba, Cathy, eu não sei. Só acho que você é muito negativa às vezes. Acredito que você tem esse pensamento de que tudo não vai dar certo. — Ele acaricia meu rosto, mas seu toque não é bem-vindo desta vez. — Querida, não fique brava. Eu só penso que você tem que ser mais positiva a respeito disso. Nós vamos dar um jeito.

— Mas... — Quero perguntar o que vai acontecer se nunca der certo, mas ele me interrompe.

— Mas nada. Estou vendo que o assunto está te afetando. Vamos deixar isso pra lá, tá bom?

Não, não está tudo bem. Mas Ben parece ter decidido que é hora de parar de falar, então desisto. Dando de ombros, eu me movo para me levantar, mas Ben me impede.

— Ei. — Ele segura meu rosto. — Olhe para mim, amor. Não fique brava. Só quero que pare de se culpar e pensar no pior. Não é saudável.

Eu não quero mais olhar para ele. Sinto vontade de dizer que tenho o direito de pensar o que eu quiser, mas não digo. No fundo, sei que está certo

porque sei de todas essas coisas.

Minha cabeça sabe. No entanto, tente dizer isso ao meu coração.

Ben me olha fixamente, esperando que eu diga alguma coisa, mas não abro a boca.

Não há mais nada a dizer.

Tudo o que sei é que não tem mais importância.



— Catherine? Você está aí? — Arsen acena com a mão na frente do meu rosto. — Você estava dizendo...?

— Ah, sim. Desculpa. — Eu respiro fundo. — Estou grávida, mas não quero ter esperanças. Sabe, cerca de dois anos atrás fui diagnosticada com uma condição conhecida como aborto habitual ou perda gestacional recorrente. Meu caso foi especificamente inexplicado. Ou seja, eu poderia engravidar, mas cada gravidez foi interrompida com um aborto sem uma razão. Apenas continuou acontecendo, e não havia nenhuma explicação válida por trás, já que todos os exames voltaram normais.

Sem dizer palavras vazias, Arsen toca a minha mão e a segura.

— Continue.

Eu olho para as nossas mãos, sentindo seu toque caloroso, e percebo que isso me faz sentir melhor.

— Depois do terceiro aborto, levamos uma eternidade para engravidar novamente. Essa condição é conhecida como infertilidade secundária. Nós tentamos remédios, acupuntura, fertilização in vitro, falamos com especialistas... a coisa toda. Mas nada deu certo. Quero dizer, Ben e eu até fomos ver um advogado de adoção, mas depois que ele nos explicou todo o processo de tentar

adotar um bebê e que, mesmo que passássemos por tudo aquilo, não era algo garantido... — Eu paro. — Eu simplesmente não tinha condição de fazer isso. Era muito doloroso, então desistimos. Bem, eu desisti.

Eu lambo meus lábios, de repente sentindo-os ressecados.

— Desculpa. Não sei por que estou contando tudo isso para você. — Engulo em seco. — Devo estar te enchendo o saco até.

Arsen nega com a cabeça.

— Não, continue, Covinhas. Estou ouvindo — ele me encoraja com a voz rouca, ainda segurando a minha mão.

Eu o encaro, sentindo a conexão entre nós crescer, conto o que não consigo dividir com Ben. Não tenho a mínima ideia de como Arsen está me fazendo a falar com ele a respeito dos meus medos mais profundos no meio do dia, sentados em um restaurante cheio.

Talvez seja o entendimento que vejo nos olhos dele, ou o aperto solidário na minha mão, mas de alguma forma, sei que encontrei um amigo nele. Alguém que não vai me julgar.

— Daí estou grávida de novo e tenho tanto medo. Eu quero ter fé e ser positiva sobre a gravidez, mas não consigo. Existe esse medo constante de que algo vai dar errado, um medo tão poderoso que, às vezes, não consigo nem respirar. Eu olho para a minha barriga e penso que é bom demais para ser verdade. E se algo acontecer ao bebê... Não sei o que vai acontecer comigo, Arsen. Não sei. Eu quero tanto meu bebê que é difícil pensar em outra coisa.

Por um instante, Arsen fica quieto estudando nossas mãos juntas.

— Se você sentir que precisa conversar com alguém... se sentir que o medo não está te deixando respirar direito... fale comigo. Estou aqui com você, Covinhas. Estou aqui.

Eu sei que suas palavras podem ser vazias e que ele está apenas

oferecendo sua ajuda para ser educado, mas a poderosa convicção em seus olhos me faz acreditar nele.

E, eu acredito.

Acredito.

Acredito, sim.

— Obrigada. Farei isso — respondo, soltando a mão dele e a minha, de repente, parece desamparada.

— Existe alguma outra grande revelação? Porque confesso que não pensei que estivesse grávida — diz ele com um sorriso. Acho que está tentando aliviar o clima.

Olhando para a minha quase barriguinha, eu sorrio.

— Sim. Ainda não está aparecendo. Quanto a outro segredo... — Ergo os olhos e toco meu queixo. — Hmm... tenho medo de elevadores e túneis.

— Sério? — Seus olhos brilham, curiosos.

— Sim. É estranho. Tenho medo de que o elevador pare de funcionar e eu fique presa nele. E túneis. — Estremeço de pensar. — Eu particularmente tenho medo dos que são debaixo d'água. E se algo acontecer e desabar quando eu estiver ali embaixo?

— Tudo bem, Covinhas. Vou sentir pena de você e vou te salvar — brinca Arsen, sorrindo.

Dou risada.

— E como pretende fazer isso? — Eu me inclino para frente. — Você tem superpoderes que eu desconheço?

— Linda, não gostaria de saber? — Arsen provoca quando se inclina para frente, aproximando nossos rostos.

— Talvez... mas, e se eu não precisar ser salva? — digo.

— Mesmo que não precise, eu estaria lá por você — retruca.

— Ah, isso está ficando interessante. — Eu me inclino ainda mais que antes. — Arsen, meu cavaleiro de armadura brilhante.

— Só por você — responde, mas ele não está mais sorrindo. Na verdade, parece muito sério.

Nossos rostos estão muito próximos, o sussurro de sua respiração atingindo os meus lábios... nós nos encaramos silenciosamente por mais tempo que o necessário. A vibração amigável de antes se foi e, no lugar, o ar ficou tenso... carregado de energia.

Lentamente, ele abaixa o olhar intenso para os meus lábios, levando-me a fazer o mesmo com os dele. São tão macios quanto parecem? Não consigo deixar de me perguntar como seria senti-los na minha pele.

— Com licença. Sua comida chegou — a garçonete nos interrompe, quebrando a tensão enchendo o pequeno espaço que tínhamos entre nós não muito tempo atrás.

— Finalmente. Eu estou morrendo de fome — diz Arsen antes de atacar a comida, de volta a ser o mesmo de sempre.

Eu pego meu garfo e passo os dedos pela haste, fingindo que o momento estranho de antes nunca aconteceu.



Depois do almoço, ele caminha comigo até a calçada para esperar por um táxi. Começou a chover quando estávamos no restaurante, então, indo para um ponto coberto, um forte vento passa por nós, abrindo meu guarda-chuva ao contrário. O súbito puxão me empurra para frente, fazendo-me tropeçar sem perceber em Arsen, que imediatamente envolve os braços pela minha cintura para me impedir de cair.

Quando olho para cima, envergonhada além do imaginável, ele já está olhando para mim com seus olhos penetrantes. Sinto o começo de um rubor manchar meu rosto quando escuto as intensas batidas do meu coração.

Gostaria de saber se ele pode ouvir.

Eu morreria.

— Nem te beijei ainda, mas já estou te deixando de pernas bambas? — ele brinca, me apertando mais.

Estou tentando pensar em uma resposta, mas meu cérebro deu branco.

Em vez de falar, eu me perco no calor do corpo dele tão perto do meu. Seu toque é confortável e natural, como se pertencesse ali.

— O-o quê? — pergunto, engolindo em seco.

— No entanto, acho que é esse o momento que eu deveria te beijar — diz Arsen quando as pontas dos nossos narizes se tocam.

Zonza, fico vendo ele trazer seus lábios mais perto dos meus. Assim que ele se aproxima, uma voz dentro da minha cabeça grita para eu me mexer, porque nada de bom pode sair disso. Quando penso que ele está prestes a me beijar, saio do meu devaneio e coloco os braços entre nós, disposta a usar todas as forças para afastá-lo, porém, Arsen me surpreende quando mira o meu ouvido.

— Só estou mexendo com você, Catherine — sussurra antes de se afastar ligeiramente, olhando para mim com olhos divertidos.

Aliviada porque ele estava de brincadeira, começo a afastá-lo e levanto a mão para limpar um pouco da chuva do rosto.

— Vai sonhando, Arsen — retruco, brincando.

— Merda, você está se molhando. Deixe-me resolver isso para você. — Ele me solta na hora, pega meu guarda-chuva e o conserta, virando-o de volta. — Está tudo arrumado.

Ele o segura sobre mim, me protegendo da chuva.

— Hum, sim... obrigada.

— Eu te disse. Estou aqui para te salvar.

Sua declaração me faz erguer os olhos para ele; a chuva continua caindo ao nosso redor. O sorriso estampado em seu rosto me deixa à vontade. Estou confortável com Arsen amigável e paquerador.

Estamos parados ao lado um do outro com ele segurando o guarda-chuva só em cima de mim. Ele está se molhando, mas não parece se preocupar.

— Tem certeza de que não quer se espremer aqui embaixo? Acho que tem espaço suficiente para nós dois.

— Não. Está tudo bem. Um pouco de água não vai me matar. — Ele sorri, enrugando os cantos de seus olhos.

Quando estamos na esquina da Church Street, os barulhos da cidade ganham vida ao nosso redor. Sinto o cheiro de fumaça do asfalto úmido e as especiarias exóticas vindas da barraquinha de sanduíche grego do outro lado da rua. Acho que nunca reparei em todos esses cheiros e ruídos flutuando no ar antes.

— Quer dividir o táxi comigo?

Arsen sorri.

— Claro.

Estou prestes a discutir algo quando meu telefone toca.

Pego o celular e vejo a foto de Ben na tela.

— Me dá licença um segundo. Meu marido está ligando e tenho que atender.

Arsen acena de forma rígida com a cabeça.

Depois de uma breve conversa, eu me despeço de Ben. Quando me viro para olhar um Arsen encharcado, um táxi finalmente para na nossa frente.

Quando abre a porta para mim, eu entro, mas ele não.

— Você não vem? — pergunto, confusa.

— Não. Na verdade, acabei de me lembrar de que tenho algumas coisas para fazer. Se não se importar, posso pegar seu guarda-chuva emprestado?

— Hum, tudo bem.

Inclinando-se para dentro, Arsen me dá um beijo rosto, me pegando de surpresa.

E fico ainda mais surpresa quando ele sussurra no meu ouvido:

— Obrigado, Catherine. Foi muito divertido. Deveríamos fazer isso com mais frequência. Sabe, só você e eu. Eu, com toda certeza, gostaria disso.

Ele se endireita e fecha a porta sem dizer mais nada.

Quando o táxi sai, eu me viro tão rápido que sinto as pontas do meu cabelo baterem no rosto. Ele está parado na forte chuva, vendo o táxi se afastar.

CAPÍTULO 11
PASSADO

Meu corpo está fervendo de nervoso, fazendo eu me sentir febril ao olhar para a estranha me olhando no espelho com olhos que resplandecem.

— Uh, não sei o que acho disso. — Eu puxo a saia de couro, tentando fazê-la crescer alguns centímetros, sem sorte. Virando-me para Morgan, que está sentada em sua cama, com a aparência perfeita, esfrego as mãos uma na outra, o suor as grudando. — Tenho a impressão de que deveria estar trabalhando em uma esquina ou um poste, Morgan. Quer dizer, se eu me inclinar um pouco, é bem provável que conseguirá ver a minha bunda.

— Está tirando comigo? Você está linda. Tipo, a nova vizinha; melhorada e promíscua. Ben vai enlouquecer quando te vir nessa roupa.

Sorrindo para mim, ela se levanta e vem ao meu encontro. Quando para bem ao meu lado, dou uma conferida em sua roupa e, por um instante, desejo ser tão alta e curvilínea quanto ela. Morgan está usando leggings pretas bem justas e brilhantes com uma camiseta do Rolling Stones e salto alto cor de rosa. A versão feminina de Julian é deslumbrante.

— Estou falando sério, Cathy. Julian me contou por cima o que está acontecendo entre vocês dois, e sei que isso vai soar infantil, mas se quer que um cara a reivindique, faça-o morrer de ciúmes. Fique bem sexy e flerte com caras gostosos, e ele vai ficar todo homem das cavernas com você. Eu juro que dá

certo que é uma beleza.

Eu a vejo pelo canto do olho, e com a voz alegre e descrente ao mesmo tempo, pergunto:

— E já funcionou com você antes, pelo jeito?

— Sim. Sempre. E deixa eu te dizer, quanto mais bravos consegue deixá-los, mais gostoso é o sexo de reconciliação depois.

Balanço a cabeça e continuo olhando para o meu reflexo no espelho.

— Tá bom, já entendi. Mas isso não é uma saia. Está mais para um pedaço de pano! — Eu mostro para ela o jeito que a saia apertada está abraçando meus quadris. Estou usando couro colado na bunda, uma linda blusa creme com aplicações em renda preta e minhas botas de montaria pretas.

Tudo bem, na verdade, não estou tão ruim assim. Mas eu me sinto pelada.

Morgan ri e seus olhos azuis faíscam de alegria.

— Bem, acho você supersexy nessa roupa. Não só vai ter Ben babando por você, mas provavelmente Julian e alguns dos outros caras, também. Você tem tudo pra isso, sabe? É bonita por natureza, sem nada de maquiagem, então espere até eu maquiar seus olhos e passar um pouco de blush. Coitado do Ben, já sinto pena dele.

Soltando um gemido, fecho os olhos e a deixo brincar comigo como se eu fosse uma boneca Barbie. Quer dizer, ela já me vestiu e arrumou meu cabelo. Por que não deixar que faça a maquiagem?

Além disso, tenho que admitir, é divertido.

Conforme ela me “embeleza”, concluo que minha roupa é o menor dos meus problemas. Preciso falar com o Ben. Então, mudo de assunto e fico com suas roupas. A garota olhando para mim não parece com a Cathy da casa ao lado, sem chance.

Ela é linda de um jeito etéreo e iluminado. Abrindo os olhos e diminuindo a distância entre mim e o espelho, dou uma verdadeira conferida no meu reflexo.

— Uau, Morgan. Amei! Pareço tão diferente. — Eu paro. — Estou tão bonita! Obrigada!

Eu me viro para encará-la com um grande sorriso no rosto. Ela parece muito satisfeita consigo mesma.

— De nada! Mas eu não fiz nada, na verdade. Tudo que fiz foi trazer para fora a sua beleza natural. Eu te disse que você tinha tudo pra isso. Enfim, pare de olhar para si mesma. É você, sua gostosona!

Ela ri quando me pega pelo cotovelo, nos levando até a porta.

— Ah. Meeeeuu. Deeeeusss! Não vejo a hora de ver os rostos de Ben e Julian quando te virem.

Sentindo aquele frio na barriga, seguimos para a sala de estar e deixo o destino decidir o que está reservado para mim.

Torço muito que seja Ben.



Eu sinto as mãos de Julian circulando minha cintura conforme dançamos “Santeria”, de Sublime.

Será que essa esfregação de corpo podia mesmo ser chamada de dança? Não sei ao certo, então só entro no jogo dele. Julian me disse para confiar nele, portanto, estou confiando. A proximidade de nossos corpos deveria me incomodar, quero dizer, ficaria surpresa se você conseguisse ver um pingo de luz entre nós enquanto dançamos, mas o sorriso fraterno em seu rosto me garante que é tudo uma cena e nada mais.

Depois que Julian passa os olhos pela sala, acenando para as pessoas que estão tentando chamar sua atenção, seus olhos voltam para me observar, sem nunca mais afastá-los dos meus. Dançando, nos perdemos na música e deixamos a batida da melodia guiar cada movimento. Quando “Caress Me Down” começa a tocar, as mãos de Julian me puxam para mais perto, encaixando as pernas entre as minhas. Instintivamente, abraço seu pescoço, balançando nossos quadris ao ritmo da música; nossos corpos tão perto que consigo sentir o calor do seu corpo irradiando através do jeans.

Merda.

Isso parece totalmente diferente da outra dança. É mais íntimo. Eu sei que deve parecer pior do que é porque estamos atraindo bastante atenção.

Estou começando a me sentir muito desconfortável pela forma que estamos dançando.

Droga.

Olho ao redor da sala, colocando um pouco de espaço entre nós e tento encontrar a razão pela qual estou aqui, para começo de conversa. Eu não o vejo em lugar nenhum e, agora, estou começando a surtar.

Onde está o Ben?

Quando comecei a dançar com Julian, meu olhar parou em um par de olhos castanhos furiosos. Ben estava me olhando fixamente, sem sorrir, mas Julian me fez uma pergunta, fazendo com que eu me virasse para ele. Depois que respondi, olhei por cima do ombro, mas Ben não estava mais me encarando. Na verdade, ele não olhou na minha direção mais nenhuma vez depois disso. Quando a segunda ou terceira música acabou, vi Ben desaparecer com uma linda morena.

O que me traz ao presente.

Onde ele está?

Imaginá-lo com ela está me deixando louca de ciúmes. Sinto meu estômago embrulhar, mas eu me meti nessa situação, não foi? Percebi por que Ben nem sequer veio me procurar. Porque ele provavelmente está se pegando com alguém muito mais bonita do que eu. Sinto lágrimas de raiva se acumulando nos meus olhos.

Ele deve estar com raiva de mim.

Eu odeio isso.

Mereço o que está acontecendo comigo. Não tenho ninguém para culpar além do meu comportamento infantil.

Merda.

Sem pensar mais, decido procurar Ben e acabar com esse jogo estúpido. Eu só espero que Ben acredite em mim e não seja tarde demais.

Virando para Julian, a culpa exalando pelos meus poros, fico na ponta dos pés para falar em seu ouvido:

— Julian, me desculpa. Não consigo fazer isso. Se todas essas pessoas já pensam que algo está acontecendo entre nós ou que está prestes a acontecer, só posso imaginar o que Ben deve estar pensando. Por favor, me deixa ir logo atrás dele.

— Tem certeza? Acredito que estamos no caminho certo. Ele deve estar pra vir me dar uma senhora surra a qualquer momento.

Faço que não com a cabeça.

— Não, Julian. Ele saiu com uma morena alta mais cedo.

— Que porra é essa? Eu não o vi sair — exclama.

— Ele saiu duas ou três músicas atrás, mais ou menos. — Eu em sinto mal só de pensar no que ele poderia estar fazendo agora.

Depois de alguns segundos, Julian pergunta:

— Como ela é?

Engulo em seco.

— Morena alta, magra, peituda, linda.

— Porra! — Ele me prende com seu olhar.

Acho que já sei quem ela é, mas ainda preciso que ele confirme.

— É-é a Ashley? — pergunto, ofegante.

Julian cerra a mandíbula e acena uma vez com a cabeça.

Sentindo-me completamente sem ar, olho para a pista de dança antes de encontrar seu olhar de novo.

— Já chega. Não posso mais fazer isso.

— Ei. Ele vai voltar. Você verá.

Balanço a cabeça.

— Eu sei que é só uma dança, mas estou me sentindo muito mal. Não quero que ele entenda errado. Por favor — imploro. — Só preciso encontrá-lo e tentar explicar tudo. Eu simplesmente não consigo fazer isso. Só não consigo.

Julian imediatamente me solta, uma expressão terna em seus olhos.

— Tá bom. Vai. Ou quer que eu vá encontrá-lo pra você? Tentar enfiar um pouco de juízo na cabeça dele?

— Não. Esta briga é minha. Eu me meti nessa confusão e já te arrastei até demais. Não sei se ainda estarei aqui depois de amanhã, mas de verdade, obrigada por se importar e por me ouvir. Ben tem muita sorte por ter você como amigo. — Dou um beijo no seu rosto, depois me afasto dele.

Julian me puxa de volta.

— Ele é muito sortudo. Sabe, não estava de brincadeira quando disse que não era fura-olho, mas caramba, se não estou tentado agora. Eu gosto de você. Espero que resolvam isso porque tenho um bom pressentimento sobre vocês dois juntos.

Sorrindo, eu aceno.

— Cathy...

— Sim?

— Se as coisas com Ben não derem certo, você sabe onde me encontrar. — Julian sorri, seus olhos azuis cintilam alegres.

Rindo, a gente se abraça uma última vez antes de eu sair, torcendo para encontrar o seu perdão e meu futuro.

Mesmo que eu tenha que implorar de joelhos.

Por Ben, faria isso e muito mais.

Assim que estou parada no corredor vazio, sinto mãos grandes envolvendo minha cintura.

— Mmhm... já se cansou do Julian?

A voz de Ben faz arrepios correrem pelas minhas costas.

— Não. Você sabe que não estou interessada em ninguém além de você... — Tento me afastar de seu aperto, mas ele me aperta mais forte, fazendo-me estremecer de dor.

— Mentira. Eu vi o jeito que você estava dançando com ele, e a única razão pela qual não sentei porrada nele é porque...

— Pare! Me solte para eu poder te explicar o que aconteceu.

Quando Ben faz o que peço, eu giro para olhar para ele. Ele parece louco de raiva, mas está aqui. Eu me jogo em seu peito. Não acho que consigo segurá-lo mais perto sem rastejar para dentro de sua pele. Sinto tanto amor e alívio que não percebo na hora, que suas mãos estão tentando me afastar, em vez de me abraçarem.

Assim que entendo o que isso significa, eu o solto e me viro, ouvindo Ben xingar baixinho. Eu quero dizer que compreendo e que estou bem, mas as palavras ficam atoladas na garganta. Dou cinco ou seis passos quando ele me agarra pelo cotovelo e me puxa de volta, me batendo contra seu peito.

— Pelo amor de Deus, Cathy. Onde pensa que está indo? — pergunta asperamente.

Olhando para o rosto dele, sinto as lágrimas escorrendo pela minha face.

— S-sinto muito, mesmo. Tenho que pegar minha mala e ir embora hoje à noite. Me desculpa, Ben. Foi culpa minha.

Ben sacode a cabeça ao mesmo tempo em que franze mais ainda o rosto.

— Onde diabos pensa que está indo? — Ele solta um gemido frustrado. — Sabe de uma coisa? Deixa pra lá. Não responda a essa pergunta. Você tem muito o que explicar, mas não aqui.

— Mas você não me quer mais.

— Você só pode estar tirando com a minha cara, né? Claro que eu quero você. Você é a minha garota.

A música, as pessoas entrando e saindo da sala, as risadas, os gritos, tudo se torna um borrão. Tudo o que consigo ver é o cara parado na minha frente.

Só ele.

Ele está rangendo os dentes com tanta força que deixa sua mandíbula quadrada perfeita ainda mais pronunciada. A expressão em seu rosto me diz que ele quer me matar, mas são seus olhos que me deixam encantada. Vejo ternura e posse girando igual a uma casquinha de sorvete de baunilha e chocolate. Eu vejo algo que não posso acreditar.

Eu vejo meu futuro.

Você é minha garota.

Com suas palavras saltando na minha cabeça, gravando-se na minha alma, tento acabar com a distância entre nós, mas não tenho chance.

Os braços fortes de Ben estão ao meu redor num piscar de olhos. Ele está me abraçando tão apertado que acho que não conseguiria mais sentir minhas costelas. Aninhado na curva do meu pescoço, sinto a leve barba de seu queixo fazendo cócegas na pele quando ele sussurra em meu ouvido:

— Eu preciso de você neste instante, que se foda a minha maldita consciência. Não aguento mais. Tenho que estar dentro de você agora. Eu quero você nua embaixo de mim. Chega de joguinhos.

Sinto arrepios percorrendo todo o meu corpo ao mesmo tempo em que o calor do desejo se acumula entre as pernas, e o frio na barriga de ansiedade me estremece por dentro.

Assentindo, eu o aperto quando ele me puxa na frente dele. Completamente vestidos e em público, ele esfrega os quadris nos meus.

— Eu quero você — sussurra ele no meu ouvido.

Eu também.



Seguindo para o nosso quarto no segundo andar, paramos o tempo todo para dar uns amassos contra as janelas estilosas e brilhantes e os quadros pendurados nas paredes, com a mão de Ben debaixo da minha saia e por dentro da calcinha.

— Porra, Cat, você está tão molhada.

Ben me levanta nos braços. Ou eu subi em cima dele? Minhas mãos se prendem em volta do seu pescoço e minhas pernas estão enroladas por sua cintura. Nós gememos quando nossos corpos se esfregam um no outro de forma íntima. Tenho a sensação de que não vamos chegar à cama.

Ben coloca as mãos por baixo da minha bunda, levantando-me mais

alto e enterrando a cabeça no meu pescoço.

— Você vai me matar.

Entrando às cegas no quarto escuro, muito ocupados nos beijando, tentando arrancar nossas roupas, topamos em uma peça de mobília. Rindo, nós dois nos separamos só um pouco para Ben sussurrar no meu ouvido:

— Cathy, amor, talvez a gente precise das luzes acesas se não quisermos quebrar todos os móveis neste quarto.

— Mmhhmm... depressa. Estou morrendo aqui e acho que não dou conta de esperar muito mais.

Ele aperta a ponta do meu nariz.

— Minha gatinha excitada.

Aceno com a cabeça quando ele me solta porque, é isso aí.

Não é mentira.

Eu o quero.

Ele inteiro.

Tanto.

Quando seu corpo se desembaraça do meu, ele segue na escuridão até a porta do quarto em busca do interruptor de luz. Respeito quem teve a ideia de sempre colocá-los na porta. Fantástico.

Assim que as luzes se acendem, não me incomodo em admirar a decoração e o luxo da suíte. Tudo que eu quero ver é Ben. Tudo o que vejo é Ben.

Enquanto ele caminha até mim, desavergonhadamente, eu me sacio dele. Observo a perfeição de seu corpo alto e musculoso, o tamanho das mãos, a beleza do rosto e a necessidade em seus olhos. O desejo. Sob seu olhar, meus seios formigam ao mesmo tempo em que meu corpo, febril de desejo, parece inchar onde eu o quero, onde eu mais preciso dele.

Com um sorriso provocador nos lábios, devagar, Ben se aproxima de mim e eu recuo. Na hora que a minha bunda bate na borda de uma penteadeira, estou tremendo da cabeça aos pés em expectativa. Quando Ben se aproxima, acabando com o espaço entre nós, a expressão em seu rosto faz meu coração bater forte e rápido.

Assim que está na minha frente, eu o alcanço e o mundo ao nosso redor desaparece. Tudo o que sou capaz de sentir é sua boca quente na minha pele, me beijando tão asperamente que sei que vai deixar marcas. Eu não o paro porque quero ser marcada por Ben, puxo-o para mais perto. Nossas mãos frenéticas nos ajudam a tirar a pouca roupa que nos resta. Quando estamos completamente nus, Ben me agarra pelos ombros e para de me beijar.

— Temos que parar... — diz dolorosamente. — Não esperava que isso acontecesse, então não estou preparado.

— Ah, você quer dizer camisinha?

Ben acena afirmativamente quando esfrega a nuca.

— Tudo bem. Eu estou tomando a pílula e-e esta seria minha primeira vez sem u-um, você sabe... preservativo — digo, sentindo meu rosto arder.

Ben segura meu rosto, me acariciando com os dedos.

— Seria a minha primeira vez também, sabe? Tem certeza, linda?

— Sim. Ah, sim — imploro. — Não aguento mais esperar.

Sem qualquer hesitação, Ben solta meu rosto, agarra meus ombros mais uma vez e me vira para encarar o espelho apoiado na penteadeira.

— Veja — manda, sua voz rouca de paixão. — Nos observe.

Quando nossos olhos se encontram no espelho, um Ben muito sério desce o dedo pelo meu corpo. Sinto seu dedo deslizar dentro de mim, me acariciando uma vez. Solto um gemido, prestes a implorar por mais quando ele tira a mão. Olho para seu reflexo no espelho vendo-o levar o dedo à boca, sua

língua sai para lambê-lo antes de o descer outra vez. Deslizando o dedo, ele espalha minha umidade misturada com a sua pelo meu clitóris. Estou à beira de explodir quando ele retira seu dedo de novo.

Ben pega minha mão e enrola meus dedos em torno de seu pau enquanto o acariciamos juntos até estar totalmente duro. Não consigo ver nada, mas sinto a dureza e a suavidade da pele cobrindo seu pau conforme ele aperta minha mão com mais força contra a dele. Soltando-o, eu seguro a base do seu pênis, mas não o coloco dentro de mim. Pelo contrário, tento aproveitar o agora. Estou respirando devagar e com calma, fazendo o momento durar. Amo o tanto que Ben me faz sentir livre e desinibida. Ele me faz sentir bonita e poderosa.

Quando sua mão pousa na base das minhas costas, me empurrando e abaixando, eu aperto a beirada da penteadeira. Cutucando as minhas pernas para abri-las, gemo quando sinto Ben guiando a ponta de sua excitação dentro de mim. Com o queixo tenso, ele me empala em um único impulso duro e profundo que faz o espelho sacudir. Erguendo os olhos de onde estamos conectados, nós nos encaramos conforme ele começa a se afastar bem devagar, trazendo a mão livre para me acariciar. Quando está quase inteiro fora, ele agressivamente empurra para frente de novo, gemendo e me esfregando enquanto entra mais forte e mais rápido a cada vez. Ben agarra meu cabelo no punho, dando um puxão não tão gentil quando levanto mais a bunda para que ele entre mais fundo.

— Ah, assim... — gemo com cada impulso.

— Porra, linda... você é tão apertada... caralho.

Ele quer tomar, quer mandar, quer dominar.

E eu permito. Eu deixo porque me sinto desejada. Completamente.

Eu dou tudo a ele.

Com nosso ritmo se tornando mais desesperado, Ben solta meu cabelo para agarrar meus quadris rudemente com as mãos, empurrando mais fundo, me

fodendo com mais força. Eu o sinto dentro de mim, fora de mim, em todos os lugares e além. Eu o sinto na alma.

Sentindo-me tão perto de explodir, ergo os olhos para ver seu reflexo no espelho. Eu quero vê-lo quando gozar dentro de mim. Ben já está me observando.

Acho que ele nunca deixou de me observar.

— Estou quase, Cathy... Tenho que tirar...

— Não. Não... tudo bem.

— Merda... tô quase.

Nossos corpos continuam a se bater, sinto os músculos do meu corpo apertando em torno dele. Os dedos de Ben me esfregam mais e mais rápido até eu me desfazer. Um grito escapa da minha boca quando um arco-íris de cores explode dentro de mim, aumentando as doces emoções que fluem através do meu corpo.

Vejo Ben fechar os olhos e inclinar a cabeça para trás deixando escapar um gemido áspero pela boca assim que alcança o clímax. Quando sinto a onda quente dentro de mim, seus braços me envolvem pela cintura e sua cabeça se inclina contra minhas costas, empurrando e estremecendo uma última vez.

Uma sensação aconchegante me percorre pelas veias ao senti-lo beijando as minhas costas suadas.

— Uau — murmura, sua voz rouca ao me abraçar mais apertado.

— Hum, isso. Uau.

— Cathy...

— Sim?

Sinto ele empurrar mais uma vez.

— Por que esperamos tanto?

Tenho vontade de bater nele por fazer uma piada tão estúpida, mas

quando viro o rosto de lado para olhar para ele e discutir, o sorriso terno em seus lábios me rouba o pensamento lógico.

— Espero que isso prove a você o quanto eu te quero. Você pertence a mim. Só a mim.

Sem palavras, aceno com a cabeça.

Eu sou a garota dele.



Estou deitada na cama com Ben, de conchinha. Seus braços estão em volta do meu peito e cintura, puxando minhas costas firmemente contra a parte da frente de seu corpo. No refúgio seguro de seu abraço, suspiro satisfeita quando sinto sua respiração suave atrás da minha orelha.

Eu sabia. Apenas sabia.

Sabia que, se dormíssemos juntos, se eu permitisse que ele me possuísse fisicamente com as mãos, com a boca, com o corpo, a intimidade do ato iria me empurrar da beira do precipício; que eu despencaria em queda livre em um abismo desconhecido. Bem, estou do outro lado. E se eu senti que podia voar antes, agora estou disparando pelo ar.

Meu corpo saciado, mas deliciosamente macio e dolorido, os lábios machucados, coração cheio, tenho vontade de levantar e pular na cama. De gritar para o mundo como ele me faz feliz. Ben faz as cores parecerem mais brilhantes quando ele entra no lugar; faz meu coração sentir como se quisesse sair do meu peito toda vez que o vejo ou penso nele. Ele faz meu mundo girar.

Sorrio contra o travesseiro e me aconchego mais perto de seu calor, pensando que Ben estava certo. Não entendo por que esperamos tanto tempo. Quem é Ashley? Não estou nem um pouco preocupada.

Agora eu sei que Ben sente algo por mim. Talvez ainda não seja amor, mas tomara que um dia seja.

— Mmm, pare de fazer isso, linda. A menos que queira outra rodada...

Rindo porque me sinto feliz demais, provoco.

— Não acharia ruim outra rodada. Eu me sinto como se tivesse sido assaltada.

— Mulher, você vai me matar. Não está dolorida? Eu não quero te machucar. E, ah que se foda, assaltada, uma ova! Senti você se contrair em volta do meu pau. E, querida, confie em mim, cumpro o que prometo.

— Ah, fala sério, quase nada arrogante?! — Sua presunção me excita demais.

— Sim, eu sou arrogante — responde, me cutucando com uma enorme ereção.

— Mas que diabos? Como pode estar...

— Linda, eu sou um cara. Sozinho com sua garota que está com a delícia de sua bunda nua colada no seu pau. Portanto sim, vou querer foder de novo, e de novo.

— Espera! Não! Antes de fazermos qualquer coisa, eu quero saber... preciso saber. Foi bom pra você? Gostou?

Soltando-me, ele levanta o corpo para se deitar em cima de mim. Seus braços estão ao lado da minha cabeça, e suas pernas e parte superior do corpo me prendem embaixo dele. Ben olha para mim com fogo ardendo nos olhos.

— Cathy, por favor. Pare com essa merda. Não gosto quando você duvida de si própria. Sou só eu, linda. E eu... — Ele para, controlando suas palavras. Ben ergue uma das mãos, acariciando meu rosto com ternura. — Eu acho que você é perfeita. Do jeito que seus olhos verdes se parecem com as profundezas de uma floresta, por suas covinhas que me fazem querer fazer

coisas bestas. Tudo em você é perfeito. Tudo que você faz é perfeito. Então pare com isso, Cathy. E respondendo sua pergunta: foi incrível. Você é incrível.

— Oh.

Com um rubor tão escaldante quanto um ferro quente cobrindo meu rosto, tudo que consigo fazer é ficar lá tentando deixar suas palavras me penetrarem. Ele acha que eu sou perfeita.

— Está certo. Pode dizer "oh" o quanto quiser. Agora, sem querer parecer um pervertido, o que sou e me orgulho disso, podemos ir para os finalmentes?

Dou um tapa em seu peito quando estou prestes a discutir, mas Ben pega a minha mão. Levando-a aos lábios, ele a beija uma vez.

— Puxa, por que estou namorando com você? É um babaca!

O rosto de Ben amolece quando murmura:

— Porque — beijo —, eu sou a pessoa mais — beijo — carinhosa — beijo —, afetuosa — beijo —, mais gentil — beijo — e mais excitada — beijo — que você vai conhecer na vida. — Levantando o rosto, seus olhos me prendem. — Então o que me diz? Quer ser minha namorada?

Com as mãos suando, o peito explodindo com força feito fogos de artifício, eu aceno.

— Sim, se você quiser.

Ele sorri todo meninão.

— Sim, eu quero.

Quando Ben abaixa a boca, seus lábios tocam os meus bem suavemente, com muito cuidado... abrindo a boca para ele, sua língua acaricia a minha enquanto suas mãos descem para minhas pernas, abrindo-me outra vez. Quando sinto a ponta da sua ereção prestes a entrar em mim, eu interrompo o beijo. Com a respiração ofegante, meu corpo grita por ele.

— Espera. Preciso saber outra coisa.

Ele solta um grunhido, sai de cima de mim e deita de costas, jogando um braço sobre os olhos.

— Vá em frente.

A frustração sexual emana de seus poros. Cara, ele me quer tanto assim?

— Ei, você disse que queria conversar. Então estou falando.

— Touché, baby, touché. Continue. Somos todos ouvidos.

— Somos?

— Sim, meu pau e eu. Ele está acordado, afinal.

— Você é malvado.

— Só com você, linda, só com você. Agora, continue. Não quero te apressar, mas estamos esperando.

— Queria te dizer que nada aconteceu entre mim e Julian. E antes que diga alguma coisa, eu saí com ele, e nós dançamos um pouco próximos demais, só que foi tudo encenação. Estava com raiva de você e não pensei, só fui com ele. Não queria te magoar, e com certeza, não quero que arrume briga com Julian por minha causa. Ele foi muito gentil em tentar me ajudar.

Levantando o braço, ele olha para mim, falando com a cara fechada:

— Julian gentil, uma ova! Ele estava sondando o terreno. Ele te queria. Eu vi. Ele tem algumas explicações a dar, porém, não se preocupe com isso agora, linda. Ele curtiu sim, mas nunca mais vai chegar tão perto de você, e ele sabe disso. Então não peça desculpas.

— Por favor, não seja muito cruel. Ele estava sendo gentil de verdade.

— Não se preocupe. Deixe que eu lido com meu melhor amigo. E não estou mais aborrecido.

— Tá bom, próximo assunto.

— Tem mais?

— Mais um. Para onde foi quando você desapareceu?

— Não aguentei mais ver você dançando com outra pessoa, então fui pegar uma cerveja. Estava muito bravo. Eu estava só me preparando para encontrar você e acabar com o jogo daquele perdedor quando te vi saindo. Foi quando te alcancei do lado de fora no corredor.

— Tem certeza? Você não estava, tipo... com outra pessoa? Você ficou fora por algumas músicas. — Por que ele não está me contando sobre a Ashley? Devo contar que os vi conversando, mas não quero que isso estrague o nosso momento. Talvez eu fale com ele sobre o assunto amanhã.

Ben decide que se cansou de conversar porque, enquanto responde à minha pergunta, a mão dele volta para o meio das minhas pernas. Sinto-o mergulhar não dois, mas três dedos dentro de mim, me acariciando levemente.

— Linda, quantas vezes tenho que te dizer hoje à noite? Eu só quero você. — Sem retirar os dedos, ele levanta o corpo com um ombro, observando o que ele está fazendo comigo. — Só você.

Eu o sinto remover os dedos e se ajeitar para ficar acima de mim. Abrindo minhas pernas com as mãos, ele entra em mim devagar, sem pressa, fazendo o momento durar. Quando está inteiro dentro de mim, ele para e nos encaramos, ambos com a respiração ofegante. Lentamente, ele traz a mão para acariciar meu ombro exposto.

— Quis fazer isso desde quando te beijei na rua.

— Fazer sexo comigo? — pergunto.

— Não. — Ele morde meu lábio inferior. — Te fazer minha.

Desta vez ele faz amor comigo. Não há aspereza ao tocar meu corpo, e não sinto falta disso. É como se ele estivesse me dizendo com o corpo o que ainda não consegue expressar. Parece que estamos imprimindo nossos corpos e

corações um no outro. Gemendo, eu agarro sua nuca e o puxo para um beijo, me perdendo no momento.

Mais tarde, quando o quarto está iluminado pelas cores suaves púrpuras e rosas do início da manhã, estamos quase dormindo depois de uma longa noite fazendo amor.

Quando meus olhos estão se fechando de profunda e requintada exaustão, eu o sinto se aproximar de mim, seu nariz acariciando meu pescoço, antes de murmurar no meu ouvido:

— Eu nunca vou me cansar de você... disso. — Ele segura minhas mãos, entrelaçando nossos dedos. — Só quero tocar em você. Tanto, mas tanto. Pra caralho. Você é minha agora. Só minha.

Antes de cair em um abismo de sonhos, eu me ouço responder:

— Sou sua.

A verdade reverbera dentro de mim até que é gravada em minha alma.



Acordo, abrindo os olhos e me espreguiçando. Oh, não. Agora me sinto dolorida.

Muito dolorida. Tenho marcas vermelhas por todo o corpo. Sorrindo, não me sinto surpresa ou assustada porque elas me lembram da nossa noite juntos, nossa primeira noite juntos e de tudo que aconteceu entre nós. Esses hematomas e marcas vermelhas são uma lembrança visual do que significa ser marcada. Fui marcada fisicamente por Ben com cada impulso forte de seus quadris contra os meus, e, com cada beijo e palavra suave sussurrada, ele se marcou em meu coração.

Quando estico os braços acima da cabeça, tentando afastar a névoa

induzida pelo sono da mente, reparo que Ben não está na cama. Sem pensar, viro de barriga para baixo e pego o travesseiro, aproximando-o do rosto. Eu enterro o nariz no travesseiro fofo enquanto tento absorver sua essência, inalando seu cheiro único de hortelã misturado com suor e o aroma almiscarado do sexo.

Senhor... agora eu me recordo. Este travesseiro estava debaixo da minha barriga ontem à noite quando ele entrou em mim por trás. Sentindo a umidade quente se acumular no meu núcleo, eu gemo e trago o travesseiro até o meu peito e o abraço como se fosse o Ben. Depois de alguns minutos deitada, resolvo tomar um banho antes que ele volte quando escuto a porta abrir. Eu me apoio nos cotovelos assim que vejo Ben, de banho tomado e vestido, entrar. Seu sorriso é tão grande quando me vê, que dá para notar o começo das rugas de uma risada ao redor dos olhos e boca.

Ele é lindo.

E é meu.

— Acordou. Que bom. Quero te ensinar a andar de bicicleta.

— Fala sério, Ben?! Eu te disse na época que conversamos semanas atrás que eu não estava interessada em aprender.

Quando Ben se aproxima da cama, o cheiro da loção pós-barba e do xampu me deixa fascinada.

— Eu sei, linda, mas quero te ensinar. É divertido. E no verão podemos ir para New Hampshire ou Vermont e fazer mountain bike. É incrível. E quero fazer essas coisas com você.

— Tá, tudo bem. — Com ele parado na minha frente, reparo nos dizeres da sua camiseta. — Não entendi o que quer dizer isso.

— O quê? — pergunta Ben.

— Na sua camiseta diz “Primeiro a tacada.”

Um sorriso sexy aparece em seu rosto.

— Leia as costas, linda, e diga rápido.

Quando ele se vira, vejo o resto da frase. Ora, ora.

— “Depois encaçapa o buraco”? — Enunciando as palavras em voz alta, eu entendo. Sério isso?

Enquanto Ben ri, ele se aproxima da beirada da cama e se ajoelha ao meu lado.

— Com prazer, linda. Mas agora não. Agora quero fazer isso.

— Ben, tire essa camiseta! Sério, isso é...

— É o que há. Agora levante essa sua bunda deliciosa da cama. Vou te ensinar a andar de bicicleta.

— Pensei ter feito isso ontem à noite...

— Você fez, linda, e quase me deu um maldito ataque cardíaco. Mas isso é diferente. Vamos, chega de “mas”.

— Tá legal — solto um grunhido e saio da cama.



De banho recém-tomado e me sentindo menos dolorida, vou até a espaçosa sala de café da manhã. A empregada a quem pedi indicações se referiu a esse lugar como um salão. Solto uma risadinha. Salão. Meu prazer secreto de puro pecado é ler romances históricos, e a palavra “salão” me lembra deles. Ben definitivamente poderia ser o herói de um. Ele, com certeza, se encaixa no papel. Robusto, bonito e másculo.

Quando chego na sala, meus olhos imediatamente percorrem o lugar à procura de Ben. Não demoro muito para encontrá-lo. Ele está conversando com a mesma morena linda da noite passada, cujas características exóticas fazem minha aparência tediosa e simples. Ela é supermodelo alta com um corpo das

garotas da Victoria’s Secret. Eles estão parados na frente de uma janela em uma conversa profunda, mas não é isso o que me incomoda.

O que me atinge como um soco no estômago, deixando-me sem fôlego, é o jeito que ela está segurando a mão dele. Vejo o brilho das lágrimas em seus olhos conforme ela fala com ele. Parece que está implorando. Ben parece irritado, mas posso ver seus olhos amolecerem quando ele levanta a mão para limpar uma lágrima de seu rosto, com carinho.

Merda.

Sinto um golpe no coração ao vê-lo tocar seu rosto com tanta suavidade. Estou quebrando em milhares de pedacinhos. Recuando sem olhar, esbarro em uma empregada que segurava uma bandeja cheia de copos de vidro. Eles caem e quebram, assim como eu. Todo mundo se vira na minha direção e peço licença a todos, indo até a porta da frente o mais rápido possível.

Eu sinto o ar frio atingir minhas bochechas molhadas assim que começo a correr. Mas não ligo. Só quero sair dessa casa. Sabia que isso ia acontecer. Eu me deixei enganar pelo meu próprio pensamento positivo. Achei que poderia fazer Ben se apaixonar por mim como eu tinha me apaixonado por ele.

Sim, eu o amo. E isso machuca. Mas Ben nunca foi meu em primeiro lugar, então não posso ficar brava com ele se quiser acabar com o que temos.

Eu sabia.

Eu sabia.

Escuto alguém gritar meu nome, mas não paro de correr. Nem sei aonde estou indo. Meu cabelo loiro continua me atrapalhando enquanto tento fugir, me cegando parcialmente até que bato em uma parede humana. Uma parede quente cujos braços me envolvem com força.

Como ele passou na minha frente? Tanto faz. Não importa.

Tento me afastar de seu forte aperto, mas ele não deixa. Ben se inclina e fala no meu ouvido:

— Cathy. Pare de lutar comigo. Não é o que você pensa.

Quando estou prestes a brigar, ele coloca um dedo na minha boca.

— Shhh. Me deixa explicar. Aquela era a Ashley. Ela me quer de volta, mas o que você viu não foi a nossa reconciliação. Foi eu a dispensando. Eu não a quero mais, Cathy. Acabei de explicar a ela que... eu me apaixonei por outra pessoa e que não a amo mais. Eu te amo, Cathy. Só você. Então, por favor... pare.

A luta deixa meu corpo e ergo os olhos ao mesmo tempo em que a esperança renasce, espalhando-se igual um incêndio descontrolado dentro de mim.

— V-você me ama?

Assentindo, seus olhos se iluminam com fervor.

— Sim, Cathy, eu te amo. Eu te amo pra caralho.

— Eu também te amo. Muito.



BEN

O amor pode te destruir.

O amor pode te apagar.

O amor pode te curar.

O amor pode te reinventar,

E, se você tiver sorte suficiente,

O amor pode fazer de você inteiro novamente.

Isso é o que Cathy fez comigo.

Cubro a mão dela com a minha enquanto voltamos para a casa. A necessidade de ficar sozinho com ela está me deixando louco. Preciso mostrar a ela com meu corpo o que palavras não são suficientes para descrever. Mostrar que ela me possui, de corpo e alma. Nem mesmo Ashley, que eu achava que era o meu futuro antes de me trair, já havia alcançado meu coração do mesmo jeito que Cathy e seus inocentes olhos verdes fizeram. Ela mudou a composição biológica do meu corpo quebrado, incorporando-se ao meu DNA, lentamente me curando com seu sorriso, colando-me inteiro de novo com seu amor.

Porra.

Estou de quatro por ela.

E amo isso.

Eu a amo.

Muito mesmo.

Eu olho para a pequena mão na minha, sentindo seu doce calor todo o caminho até o meu pau, e percebo que este pequeno pacote de perfeição tem o poder de me destruir completamente, me aniquilar se ela quiser. O engraçado é que não dou a mínima. Se isso significa ficar com ela, tê-la em meus braços, chamá-la de minha por quanto tempo que eu tiver.

E é melhor que seja muito tempo porque, a essa altura, talvez a eternidade não seja longa o suficiente.

Quando nossos olhares se encontram, um arrepio consciente desce pela minha coluna, alojando-se onde preciso senti-la molhada, quente e pulsando ao meu redor. Eu me lembro de como o corpo dela acolheu o meu, dando-se tão livremente para mim.

Quando voltamos para casa, solto sua mão e passo um braço pelo ombro dela, puxando-a para perto. Sinto seus braços em volta da minha cintura.

— Ben...

— Sim, linda?

— Vamos voltar para o nosso quarto?

— Sim. Precisamos esclarecer algumas coisas.

— Tudo bem. Podemos deixar de passar pela entrada principal? Eu meio que não quero encontrar ninguém depois da cena que eu fiz, e devo parecer um guaxinim de tanto chorar — pede Cathy, a voz abafada do meu peito e rouca das lágrimas.

Inclinando-me para beijar o topo de sua cabeça, fecho os olhos por um breve momento inalando o perfume floral de seu xampu.

— O que você quiser, linda.

E eu quero dizer isso.

Agora estamos deitados na cama, de frente um para o outro. Eu a quero nua e em cima de mim, mas sei que ainda não é o momento. Preciso explicar algumas coisas e fazer com que ela entenda que o passado é passado, e é melhor que fique lá de uma vez por todas.

Quando um forte desejo de tocá-la, de ter seu corpo ao lado do meu, se apodera de mim, eu a puxo para mais perto.

— Muito melhor.

— Ben... me desculpe por tirar conclusões precipitadas quando te vi com Ashley. É que ontem à noite eu vi você saindo com ela, mas quando perguntei sobre isso, você não disse nada.

— Eu ia contar, mas não queria falar disso naquele momento. Queria que fosse apenas sobre nós dois. Só você e eu e nada mais.

— Depois da noite passada, eu não deveria ter duvidado de você. É só que... quando vi o jeito que você tocou o rosto dela, a forma que ela estava segurando suas mãos e como ela é perfeita, senti tanto ciúme. Sabia que jamais

poderia competir com...

Coloco um dedo sob o queixo e levanto o rosto para fazê-la olhar para mim.

— Me deixa explicar. Você não vai gostar de algumas partes do que tenho a dizer, mas é a verdade e você merece isso. E saber a verdade é a única maneira de ver que não há necessidade de ficar preocupada pensando na Ashley.

— Tá bom.

Consigo perceber o medo em sua voz, mas sei que nós dois precisamos disso.

— Ashley e eu nos conhecemos há muito tempo. Nós dois estudamos juntos na St. Patrick, uma escola preparatória. Eu era júnior e ela era caloura. Acho que pode-se dizer que eu era popular porque já era quarterback titular e por causa do meu sobrenome. Nada demais. Tirava proveito das vantagens. Eu era muito jovem e idiota. Julian e eu dormimos com praticamente cada garota gostosa que chamava nossa atenção. E tinha muitas, Cathy.

— Eu lembro daquele dia como se fosse ontem. Julian e eu estávamos enchendo a cara em nosso dormitório, quando Oscar, que você não conheceu, veio nos contar sobre a nova aluna gostosa transferida. Que era uma caloura e boceta fresquinha. — Quando ela se encolhe nos meus braços, eu aperto seu quadril, sabendo que isso não é nada e só piora.

— Ele decidiu que ia transar com ela muito em breve. Julian e eu não ligamos porque, francamente, não estávamos nem aí. Oscar era bonito, mas Julian e eu recebíamos mais atenção das garotas da escola, então se ela fosse tão gostosa assim, sabíamos que, eventualmente, ela dormiria com um de nós, ou com os dois. — Eu paro. — Nós éramos babacas naquela época.

— Não foi assim, porque no dia seguinte eu esbarrei nela, e quero dizer trombada mesmo. Ela deixou cair sua pasta e alguns livros, acho, mas não

sei dizer exatamente o que era porque assim que a vi, eu meio que me apaixonei por ela. Depois começamos a sair... quer dizer, eu era tão louco por ela que tinha medo de ficar com ela e fazê-la pensar que eu era um galinha ou algo parecido, então a pedi em namoro. Não demorou muito para que nós...

Caramba, é difícil dizer isso. Sinto tensão no corpo de Cathy, mas eu continuo:

— Eu fui o primeiro dela, e ela foi a minha última. Nós namoramos durante todo o segundo e último ano em St. Patrick e metade do tempo em que fiz faculdade. Pensei que a amava, e estava planejando pedi-la em casamento quando acabasse o colegial e começasse a faculdade de direito em Columbia. Imaginei que meus pais e os dela poderiam nos ajudar enquanto nós dois terminávamos os estudos.

Tenho que respirar fundo, mas ao expirar percebo que não sinto qualquer dor. Estou prestes a contar a ela o que aconteceu depois, como Ashley pegou meu coração e o rasgou em pedaços. Antes de Cathy entrar na minha vida, só a lembrança tinha o poder de não me deixar respirar direito, mas, quando olho para a piscina de pureza verde, sei que não sinto mais nada.

Não sinto dor.

Não sinto o aperto no peito.

Eu me sinto curado.

Eu me sinto inteiro.

Sinto amor.

— Continue. — Ela pega minha mão e a leva à boca, beijando-a lentamente.

— Nós tocamos o relacionamento a longa distância por dois anos. E deu certo. Acho que porque ela ainda estava no ensino médio e eu era o popular Ben jogando futebol de nível universitário, e estávamos apaixonados. Depois

que ela terminou o colegial, implorei para ela ir para a faculdade comigo, mas ela não quis. Disse que odiava a Flórida e o clima quente. Ela escolheu a Universidade de Nova York porque queria ficar perto de casa. Fez sentido para mim, sabe?

— As coisas foram para o inferno na metade do meu segundo ano, o primeiro ano dela na NYU. A caminho de casa para as férias de primavera, decidi pedi-la em casamento. Assim que cheguei em casa, falei com meus pais. Eles ficaram hesitantes no começo, mas depois que falei como era o meu plano, eles concordaram. Falei com o pai de Ashley e ele concordou. Naquele mesmo dia, meu pai me levou na Van Cleef e Arpels na Quinta Avenida, e eu comprei um anel de noivado para ela. Como já estava na cidade, decidi surpreender Ashley. Sabia que ela já tinha feito planos com um amigo de fora da cidade, mas eu não me preocupei, eu queria vê-la naquele dia.

— Ah, Ben...

Consigo ouvir a dor em sua voz. Merda, ela está magoada por mim, mesmo quando estou contando sobre outra mulher. Eu a amo.

— Ela tinha um apartamento no Gramercy Park, e decidi surpreendê-la com suas rosas favoritas. Eu tinha vinte anos, bobo e idealista. — Respiro fundo. — Eu estava na cozinha, abrindo uma garrafa de champanhe, quando ouvi a porta abrir. Ouvindo sua risada, eu me virei a tempo de vê-la pular em Oscar. Eles não tinham noção de que eu estava ali feito um idiota assistindo. Oscar os levou para o quarto dela ainda se pegando. O quarto ficava do outro lado da cozinha, então eu vi o momento... o momento em que ele jogou o corpo dela na cama, espalhando pétalas de rosas por todo o lugar. Foi quando eles perceberam que algo estava errado. Ashley se levantou imediatamente, virando-se para olhar a porra da palhaçada na cama.

Quando Cathy ofega, eu me inclino e beijo seu rosto molhado. Ela está

chorando por mim.

— Não me lembro exatamente do que aconteceu depois. Tudo o que sei é que os seguranças do prédio me tiraram de cima de um Oscar inconsciente. Tudo depois disso é um borrão... Ashley chorando e me pedindo para perdoá-la... a polícia me interrogando... os advogados... minha mãe chorando... meu pai ameaçando processar os pais de Oscar... seus pais ameaçando me processar e acabar com minha carreira. Eu estava destruído. Estava entorpecido. E doía muito.

— Eventualmente, eu superei. Aprendi a esquecer, eu acho, mas nunca perdoei Ashley. Nós tínhamos terminado há mais de dois anos no dia em que te conheci. Sabe, pensei que estava indo bem. Achei que estava em melhores condições. Saía com alguém aqui ou ali. Nada de namorada séria depois daquilo. Mas no dia em que te conheci, algo mudou em mim. Não acredito mais em amor à primeira vista, mas posso dizer que, desde o momento em que nos beijamos, senti como se tivesse sido despertado de um estado letárgico. — Eu entrelaço nossos dedos e olho sua pele sedosa. — Pela primeira vez, em muito tempo, eu me senti vivo.

Eu me inclino, trazendo a mão para sua nuca, e puxo seus lábios para os meus. Beijando, perdemos a noção do tempo, nossas bocas às vezes gentis, às vezes brutas, mas sempre com desejo.

Agora estou dando beijos suaves em suas pálpebras quando as sinto tremer contra a minha boca.

— Minha linda garota, você me curou. Você me fez acreditar de novo no amor e eu te amo. Pra caralho. Depois de uma semana de ter te conhecido e passado tempo com você, soube que tinha esquecido a Ashley. Completamente. Não havia dúvida de que você era minha alma gêmea, minha razão de ser. Mas ao ver Ashley hoje, fui capaz de perdoá-la. De fechar esse capítulo na minha

vida. O que você viu foi eu, deixando o passado, finalmente. Não existe Ashley em mim, nenhuma parte minha que a queira. Eu quero você. Inteira. E ninguém mais.

Cathy se move em cima de mim. Ela segura meu rosto entre as mãos enquanto beija meus lábios uma, duas vezes... não o bastante. Seu toque acende um fósforo por dentro, me fazendo queimar intensamente.

Seu beijo me incinera.

— Oh, Ben.



— Você me lembra de um coelho quando... você sabe...

Sentindo um sorriso esticar meus lábios, vejo como uma Cathy feliz e toda nua abre os olhos, virando o rosto na minha direção. Com a cabeça apoiada na mão, admiro tudo o que é meu. Passei a maior parte da última meia hora desenhando formas em sua pele e traçando os arrepios que meu toque traz à sua pele.

— “De novo”. Entendeu? “De novo”.

— Você é tão bobo. E sim. Vou chamá-lo de Benny, “O coelho”.

— Que diabos? — Dei risada.

— Bem, você é fofo igual a um e...

— E?

Ouço a diversão em sua voz.

— E você é capaz de continuar, e continuar, e continuar...

— Ha. Quer dar uma provada na minha cenoura? Dizem que faz bem para as vistas — provoco.

Eu subo em cima dela, prendendo seus braços acima da cabeça, e

observo como seus seios sobem e descem com a respiração acelerada. Ela é tão bonita.

Com meu desejo por ela voltando, desço os dedos até encontrar meu lugar preferido. O lugar que é meu. Guiando um dedo dentro dela, descubro que já está molhada e pronta para mim. Entre gemidos, ela me diz o que quer que eu faça, mas onde está a graça nisso? Com vontade de brincar, quero provocá-la, então eu a atiço abaixando a cabeça para lamber seu mamilo rosado. O broto intumescido parece seda contra a língua. Com o dedo ainda se movendo em seu interior, indo mais e mais fundo, a palma da mão aplica pressão em seu clitóris. Seus gemidos ficam mais altos, e isso faz meu pau endurecer feito pedra.

— Ben, por favor... Preciso de você agora. Não estou...

— O quê, linda? Não está o quê?

— Não aguento mais. Eu preciso...

— Do que você precisa? Me diga.

— Eu preciso de você.

— Do que você precisa, linda? Diga.

— Eu... — Ouvir sua hesitação me faz querer levá-la ao limite.

E sendo o filho da puta que sou, eu faço isso. Estou prestes a sair de cima dela, quando ela envolve seus braços e pernas ao meu redor.

Olhando para ela, seu cabelo loiro claro fazendo uma auréola dourada no meu travesseiro, admiro os lábios cheios que me levam à porra da distração toda vez que os sinto em mim. Eu também vejo os olhos verdes que me fazem perder a cabeça com desespero. Eu vejo perfeição. Eu vejo beleza. Eu vejo minha garota.

Ergo o corpo em um braço, guiando a cabeça do meu pau para a sua entrada quente.

— Do que você precisa, Cathy? Eu quero ouvir você dizer isso.

— Eu quero você dentro de mim, Ben. Preciso de você dentro de mim.

Com um impulso rápido, estou dentro dela. No momento em que a sinto apertar ao meu redor, não me movo. Não posso. Tento controlar cada centímetro do corpo que quer ir à loucura e fodê-la com força.

— Você é minha, Cathy?

Com o rosto corado, ela concorda com a cabeça. Isso não basta. Preciso ouvi-la dizer.

Puxando para trás um pouco, deixando somente a ponta do pau dentro, empurro com força, quase como se eu pudesse empurrar as palavras para fora de sua boca.

— Não. Diga! Eu quero ouvir você dizer isso.

Zonza de desejo, ela olha para mim com uma ternura tão franca, que faz minha garganta apertar de emoção.

— Sou sua. Só sua, Ben.

Entro com tudo nela.

— Diga de novo. Quero ouvir você dizer isso.

— Eu sou sua, Ben. Sou sua.

Escuto o estrado da cama batendo na parede pela força dos meus impulsos, mas não consigo parar. Suas pernas e braços me puxam para mais perto, como se ela estivesse tentando me trazer para dentro dela. Levo a mão para segurá-la onde meu pau está.

— Isso me pertence. Só a mim. Você me escutou? Isso é meu. — Posso ouvir minha voz rouca de esforço.

— Sim, Ben. Minha nossa...

— Jesus, Cathy, tão doce. Linda pra caralho. Estou quase lá.

Desacelerando, e então parando, a gente se encara conforme uma consciência ofuscante atravessa por nossos corpos unidos.

Eu sei que neste momento não tem volta para mim.

Eu pertenço a ela tanto quanto ela pertence a mim.

— Eu te amo, Cathy.

— Eu te amo.



CATHY

Estou usando um capacete e tentando achar o equilíbrio nessa bicicleta idiota, mas Ben não está ajudando em nada. Em vez disso, ele só me observa com um sorriso besta no rosto.

— Alô? — exclamei. — Vai me ensinar, ou vai ficar parado aí me assistindo tentando não cair de bunda dessa coisa idiota?

Ele limpa a garganta.

— Claro. Eu vou te ensinar. — Enquanto ele vem até mim, eu ajusto a bunda, tentando encontrar uma boa posição que faça o incômodo entre as minhas pernas doer menos.

— Jesus, Cathy.

— Que foi? Não consigo me sentir confortável. O assento me machuca lá mesmo. — Solto um grunhido. — Esse banco é duro demais.

— É... tem algo ficando bem duro mesmo.

— Pare com isso! Você ficou me perturbando para aprender a andar nesta bicicleta idiota, mas não está dando certo. E agora parece que vai começar a chover. Vamos nos molhar — digo frustrada comigo mesma.

— Sim, amor. Você deveria andar molhada.

— Você está fazendo piadas sacanas bem agora?

— Eu não tenho culpa! Você continua remexendo essa sua bunda deliciosa e eu sou de carne e osso.

O céu decide abrir suas comportas naquele momento, e a chuva despenca sobre nós.

Ben ergue os ombros, me dando um sorriso de desculpas.

— Desculpe, Cathy. Eu tentei.

— Vamos, depravado, vamos embora. Você pode me ensinar amanhã.

Deixamos as bicicletas no barracão onde as encontramos. Correndo para a casa, Ben me agarra pela cintura e me levanta, rodopiando comigo na chuva. Rindo, nós brincamos, corremos atrás do outro, rolamos na grama molhada, sendo ridículos.

Então é assim que é estar apaixonado. Posso entender por que as pessoas pensam que o amor é como uma droga. Você não consegue se cansar disso. Você precisa de mais.

Quando estamos congelando até os ossos, Ben pega a minha mão e me leva de volta para a casa. Nossos pés estão fazendo barulho na grama molhada, e eu provavelmente pareço um pinto molhado, mas não ligo. Estou com ele.

— Ei, tenho uma ideia. — Levantando a mão, ele dá um beijo nela.

— Tem?

— Para que o dia não seja completamente desperdiçado por causa da chuva, talvez você possa montar em outra coisa... — Ele sorri para mim, seus olhos castanho-claros revelando exatamente o que quer dizer.

— Hum... sim. Talvez.

— Cristo, por que diabos ainda estamos aqui e não na cama?

— Não sei direito... — Dou risada. Não consigo me segurar ao redor dele. Ele me faz tão feliz.

— Eu te amo pra caralho, sabe disso, né? Você roubou meu coração.

— Ah, é? Bem, você quer ele de volta?

— Porra, nem fodendo!

— Vamos sair daqui então.

— Como diabos eu tive tanta sorte? — pergunta com a voz enrouquecida.

— Bem, se continuar falando não vai ter tanta sorte — brinco com ele.

Imediatamente, Ben me ergue, jogando-me por cima do ombro e começa a correr em direção à mansão. Quando entramos no quarto, começo a mostrar a Ben que talvez eu não saiba andar de bicicleta, mas sei cavalgar...

Ele.

CAPÍTULO 12
PRESENTE

— Não faça isso, Covinhas. Está me deixando excitado.

Soltando o lápis que eu estava mastigando nem um minuto atrás, olho para cima atrás da mesa. Ah, Arsen. As pontas de seu cabelo loiro ainda parecem úmidas do banho. Ele está vestindo uma camisa branca sem gravata e um paletó preto desabotoado. Quando olho para Arsen e a maneira como suas roupas se encaixam tão facilmente, acho que ele deveria ser o garoto-propaganda da elegância descuidada. Quando deixo meus olhos vagarem por seu corpo, não consigo imaginar meu perfeito Ben aparecendo para trabalhar vestido assim; ele está sempre vestido de maneira impecável. No entanto, funciona para Arsen.

Dá muito certo nele.

Para esconder o sorriso, me inclino embaixo da mesa para pegar o lápis e o escuto murmurar algo que não consigo entender. Isso me faz sorrir ainda mais. Algumas pessoas chamariam o que estamos fazendo de flertar, mas Arsen dá em cima de todo mundo e suas piadas bestas são realmente um dos destaques do meu dia.

Assim que estou de volta na cadeira, seus olhos suavizam quando param no meu rosto.

— Como está se sentindo, Covinhas? O bebê já está chutando? — Arsen pergunta, sentando-se no canto da minha mesa que está perto dele,

sinceridade brilhando em seus olhos azuis.

Com o meu primeiro trimestre quase acabando, minha barriguinha já começou a mostrar um pouco. Só que se você não estiver prestando bastante atenção nem vai notar, mas eu posso, e melhor ainda é que consigo sentir.

E amo isso.

Toco minha barriga e sinto meu sorriso aumentar mais ao me lembrar das palavras de Ben esta manhã enquanto estávamos na cama.



Beijo, beijo, beijo.

Estou deitada de costas fingindo estar dormindo, e sinto Ben espalhando beijos suaves em minha barriga. Sorrio e abro os olhos para ver meu marido admirando a pequena protuberância crescendo em mim. Uma sensação calorosa lota meu coração. Há muito amor naqueles olhos dele. Tanta esperança.

Eu o vejo gentilmente abaixar a mão para tocar meu ventre.

— Olá, princesinha. Este é o seu papai desejando às suas lindas meninas um bom-dia. — Sua voz está rouca de sono e com profunda emoção.

— Como sabe que é uma menina? E se for um menino? Vai ficar desapontado? — Cubro sua mão com a minha.

— Hmm. Boa pergunta. Não sei porquê, mas acho que é uma menina. Apenas sei. Talvez eu queira estar cercado de meninas bonitas pelo resto da vida. — Ele sorri e se move para se deitar ao meu lado, beijando meu ombro, me puxando para dentro de seu abraço. — Mas jamais ficaria desapontado se o bebê for um menino porque é parte de você, parte de mim. É o nosso bebê. Seu presente para mim.



— Estou me sentindo ótima, obrigada por perguntar, e ainda é cedo para sentir o bebê chutar. De acordo com a Dra. Pajaree, não sentirei o bebê se mexer até estar com quase dezoito semanas. — Respiro fundo tentando enterrar o pânico e o medo que sinto toda vez que penso em quão perto estamos do final do primeiro trimestre. — Estou com apenas dez semanas, então ainda tenho muito pela frente. — O humor leve desapareceu, substituído por um silêncio sombrio. Não quero mais sorrir e brincar com Arsen. Eu realmente não quero falar com ninguém.

Odeio esse medo.

Essa incerteza.

Afasto o olhar e encaro a tela do computador.

— Uh, Arsen, acho que você deveria voltar para o seu cubículo. O dia acabou de começar e temos muito trabalho a fazer. Amy precisa passar alguns papéis comigo antes de sair de viagem na próxima semana. Você se importaria de voltar ao trabalho? — digo, rudemente despedindo-o.

Não me dou ao trabalho de olhar em sua direção, então suponho que já tenha saído quando ele me assusta sentando-se no chão ao lado da minha cadeira. Girando-a para encará-lo, ele coloca as mãos nos apoios de braços, bloqueando minha saída.

— Ei, ei. Catherine. Aqui, olhe para mim. Fale comigo.

Nego com a cabeça e olho para o meu colo.

— Arsen, por favor. Saia. Não quero conversar com você, tá legal?

— Não tem nada legal, porra. Algo está obviamente te incomodando. Eu quero saber o que é para poder te ajudar. Quer que eu ligue para Amy? — Ele faz uma pausa enquanto considera cuidadosamente sua próxima palavra. —

Ben?

— Não. Não é nada e estou bem. Por favor, apenas vá fazer seu trabalho.

Ele parece aceitar minha resposta e estou prestes a soltar um suspiro de alívio, achando que desistiu.

— Não. Eu conheço você. Não vou deixar este lugar até me dizer qual é o problema.

Olhando para cima, percebo a expressão teimosa em seu rosto. O que me lembra de um menino determinado tentando construir sua primeira torre de Legos. Abaixo o olhar para o meu colo outra vez para evitar encará-lo.

— Apenas se afaste, tá? — Minha voz está desesperada agora. Estou tentando conter a raiva pela vontade de chorar apertando minha garganta. Não sei se são os hormônios, ou se acabei de perder a cabeça. Às vezes me sinto tão feliz, então algo desencadeia uma lembrança de meus abortos, e sou envolvida pela escuridão mais uma vez. A raiva está sempre lá, esperando para me derrubar com pesadas correntes de medo.

— Olhe para mim, Catherine. Por favor, olhe para mim...

— Bom Dia! Ah, Arsen... não te vi aí. Cathy? — Arsen e eu nos viramos para encarar Amy ao mesmo tempo. Ela está ali, segurando duas xícaras de café da Starbucks nas mãos. Uma expressão estranha no rosto me diz que o que estava acontecendo entre Arsen e eu deve parecer pior do que realmente é. Ignorando Arsen, tiro suas mãos do apoio de braços e me levanto.

Depois de contornar minha mesa, pego o café que Amy trouxe para mim e a levo para sua sala. Ela me lança um olhar cheio de perguntas, mas eu ignoro. Não quero falar disso.

Não é o que ela pensa.

Quando estamos prestes a cruzar a porta de sua sala, ouço um

grunhido frustrado escapar de Arsen. Eu me viro e o vejo se levantar, sacudindo a sujeira de suas roupas e endireitando as calças. Quando nossos olhos se encontram, não sei se vejo compaixão ou simpatia neles, mas isso me faz sentir um lixo por tratá-lo tão mal. Rapidamente, digo a Amy para ir em frente porque me esqueci de pegar algo da minha mesa. Na metade do caminho, Arsen se aproxima e para na minha frente.

— Sinto muito, você não merecia aquilo — digo.

— Isso não acabou, Covinhas. Vou te levar para almoçar, e você vai me contar o que diabos está acontecendo. Uma hora você está feliz, sorrindo e linda demais. Na próxima, falamos do seu bebê e você desaparece, sendo substituída por uma megera, e eu não gosto disso. Você vai me dizer qual é o problema. Pensei que era o nosso acordo, você fala, eu escuto, sem baboseiras. E não aceito um não como resposta, então nem pense nisso.

Os olhos dele...

A maneira como estão olhando para mim agora me faz querer contar para ele todos os meus medos. Eles me fazem acreditar que ele pode ser um amigo que vai me ouvir e não me dizer que tudo ficará bem. Que entenderá o que é um medo enorme que lhe consome e que vai destruir você; o que não posso contar a Ben. Eu sinto meu coração acelerar quando concordo.

Eu vou dar uma chance ao Arsen.

— É o bebê... sinto tanto medo. A data está chegando, e-e se algo acontecer de novo? — sussurro.

— Puta que pariu. Nós precisamos conversar sobre isso. Vamos almoçar juntos? — pergunta ele, esfregando meus braços com ternura.

— Não posso. Vou me encontrar com Ben no almoço, mas poderíamos conversar depois do trabalho?

— Diga a ele que está ocupada. Diga que uma reunião de almoço

apareceu.

— Não acho que...

— Covinhas, é só um almoço. Não vai matá-lo comer sozinho.

— Não, não, não. Não é isso. É só que não me sinto confortável mentindo para ele.

Não minto. Eu nunca menti para ele.

— Então esquece — diz, começando a se afastar de mim.

Conforme vejo Arsen se afastar, percebo que não quero que ele vá. Eu quero conversar com ele. Preciso falar com ele. Ele é a única pessoa com quem posso fazer isso.

— Espera!

Arsen se vira.

— Sim, Covinhas?

— Vou ligar para o Ben...

— Então, temos um encontro? — Um lento sorriso aparece em seu rosto, cegando-me com sua beleza.

— Não é um encontro. É um almoço — esclareço.

— Que ótimo, caralho. Conheço o melhor lugar para te levar.

— Nada de lugar chique, por favor. Eu só quero conversar...

— Não se preocupe, linda. Posso comer por nós dois. — Um sorriso cativante aparece em seu rosto, fazendo-o parecer muito mais jovem do que é.

— Tanto faz. Comece a movimentar essa bunda e vá trabalhar agora. Ou direi a seu pai que você paquera as estagiárias e senhoras casadas como eu.

Ele me prende com puro fogo azul de novo.

— Elas amam isso. E você também, mas cuidado. Sorrir para mim desse jeito pode lhe dar mais rugas do que já tem.

— Idiota.

— Só pra você, Covinhas — diz ele, sorrindo.

Dentro do escritório de Amy, fecho a porta depois de entrar e a vejo revendo alguns papéis. Eu me aproximo de sua mesa, e só então percebo que ainda estou sorrindo.



Quando Amy olha para cima, ela observa eu me sentar em uma das cadeiras de frente para sua mesa.

Eu sorrio para ela.

— Bom dia, querida. Obrigada pelo café.

Depois de uma pausa, Amy decide ir direto ao assunto.

— Cathy, o que está acontecendo entre você e Arsen? Espero não ter flagrado nada que eu faria com aquele garoto. Você sabe, porque não sou casada e você é... — Ela deixa as últimas palavras pairarem no ar.

Como se eu não soubesse disso.

Como se eu fosse trair Ben.

— Sério isso, Amy? Você acha mesmo que eu faria algo assim? Trair meu marido, um marido que eu amo? Arsen e eu somos apenas amigos. E ele é mais novo que eu, ainda por cima. Além disso, você se esquece de que ele está saindo com a atriz daquela série de TV, Melissa alguma coisa.

Amy me escuta, pensando em sua resposta.

— Eu sei que você não faria. Pelo menos, espero que não. Ben adora você. É só que... eu não sei. O jeito que Arsen estava te olhando me fez sentir muito desconfortável. Ele estava olhando para você como se... bem, não sei direito, mas me deixe te dizer uma coisa. Não parecia nada amigável. E ele não é tão jovem, Cathy. Ele tem vinte e cinco anos.

— Vinte e quatro — eu a corrijo.

Ela me lança um olhar questionador.

— Tanto faz. Ele pode ter dezoito anos e ainda ser muito perigoso. Ele é tão comestível e lindo. Uma excelente combinação para encontrar em um homem quando se é solteira. Escute, Cathy, não quero soar acusadora, nem nada. Apenas tenha cuidado com ele, tá bom? Já passei por isso, sei como é. Sempre começa como algo divertido de passar o tempo, brincadeiras leves, flertes inocentes... até que não é mais.

Estou prestes a argumentar quando Amy levanta a mão, não me deixando continuar.

— Não, Cathy. Não é da minha conta, então não precisa se explicar para mim. Sou sua amiga e, por essa razão, estou te avisando... só por precaução.

Por mais que eu queira ignorar suas palavras como besteiras e jogar isso na cara dela, sei que não está sendo totalmente infundada. Lembrando do incidente do restaurante, não posso negar que, de certa forma, ela está certa. Aconteceu, mas está tudo no passado. Arsen não tentou nada comigo desde que ele me disse que não faria isso. E ele paquera e provoca todas as mulheres no escritório.

Não, ela está errada.

— Eu sei que não te devo explicação, mas também não quero que pense mal dele. Ele é um cara legal. O que você viu hoje cedo foi Arsen tentando me consolar, fazer com que eu falasse com ele. — Eu retorço os dedos. — Ele estava me perguntando sobre o bebê, e algo que ele disse, ou talvez eu tenha dito, me fez perceber como estou perto do final do meu primeiro trimestre. E-e sempre acontece bem nesse momento. Conversar disso com Arsen trouxe um dos meus momentos depressivos. Ele estava só tentando descobrir o que aconteceu.

Quando as palavras saem da minha boca, sei que são verdadeiras. Nada mais do que um amigo preocupado confortando outro amigo.

— Oh, Cathy! Eu sou uma vaca. Eu sinto muito. Não pensei nisso. Acabei de ver Arsen praticamente te prendendo na cadeira e te olhando com tanta intensidade que tirei conclusões precipitadas. — Ela se levanta, vem até mim e me abraça.

— Tudo bem, sua boba. Eu sabia que não seria capaz de controlar a língua. Era uma questão de tempo. E não me explicaria se tivesse algo a esconder. Além disso, Arsen não merece suas suspeitas. Ele é um cara legal.

Amy me solta e volta para sua cadeira. Ela estica o braço para segurar minha mão.

— Eu sei que ele é um cara legal. É mesmo muito gentil, mas não confio nele. Às vezes, quando ele pensa que ninguém está olhando, percebo o jeito que olha para você.

— O que você quer dizer? Ele não olha para mim diferente de como olha pra você — comento.

Ela fica quieta antes de voltar a falar:

— Sabe de uma coisa? Esqueça que eu disse qualquer coisa... devo estar imaginando coisas.

— Mas...

— Mas nada. Chega de falar nele. Tenho certeza de que está tudo na minha imaginação. Me diz, amor, como você está se sentindo? Aposto que Ben está na lua!

Com uma das mãos sob a sua, cubro a barriga com a outra, acariciando o pequeno pedaço do céu dentro de mim.

— Estamos bem. Ben é, como sempre, a rocha na qual preciso me apoiar quando as coisas ficam difíceis. Quer dizer, até agora, essa gravidez tem

sido supertranquila, mas há momentos em que esse medo sufocante de perder o bebê me paralisa. E vem do nada a maior parte do tempo. Às vezes, tenho esses ataques de pânico e choro. Não consigo parar de chorar. Estou com tanto medo, mas Ben está sempre do meu lado para limpar minhas lágrimas, me abraça e diz que tudo vai ficar bem. Eu não poderia pedir um marido mais perfeito. Não sei o que faria sem ele. Eu o amo tanto. — Meu peito aperta ao pensar em seu apoio. Como alguém pode ser digno de um homem como o meu marido? Acho que eu jamais serei.

— Estou feliz que você tenha Ben, querida. Fico feliz que seu casamento esteja melhor.

Amy fica em silêncio por um instante.

— Cathy, não quero ser negativa, e sei o que a Dra. Pajaree lhe disse, mas já pensou no que acontecerá se tiver outro aborto espontâneo?

Já. Isso me destruiria.

Completamente.

— Sim. Nós vamos ficar bem. Dra. Pajaree nos disse para não pensar em nomes ainda, então de certa forma, estou meio que preparada se isso acontecer de novo — minto.

Eu não estou preparada caso isso aconteça pela quarta vez.

Não estou.

Seria o fim.



Enquanto espero Arsen terminar seu trabalho, faço uma breve ligação para o Ben. Para ser honesta, esperei até o último minuto porque não tinha certeza se ia continuar com isso. Eu sei que é só um almoço, mas mentir para

Ben sobre Arsen me deixa desconfortável. É como se eu estivesse escondendo algo dele, o que não estou. Mas a sensação chata está aqui.

Depois de um toque, Ben responde:

— Amor...

Engulo em seco, esfregando a mão livre na saia preta, enxugando o suor.

— Ben, querido, e-eu tenho que cancelar o almoço hoje. Amy disse que Bruno quer almoçar com nós duas.

— Perfeito. Estava para te ligar e avisar que eu não ia poder mais. Micky precisa que eu repasse alguns arquivos com ele. Vamos remarcar, esposa?

— Ah, sim. Que ótimo. Eu não me sinto mais tão mal. — E não me sinto. — Pensei que ia ficar preso comendo sozinho.

— Planejei ter minha esposa para o almoço, mas...

— Ben! — exclamei.

Ben dá risada.

— Está tudo bem, querida. Kerry está trazendo o almoço.

— É a nova estagiária que você sempre fala? — pergunto.

Estou curiosa porque, há cerca de duas semanas, quando encontrei Ben em seu escritório, vi uma linda garota ruiva conversando com ele, e a forma como ela olhava para ele insinuava profunda admiração. Eu meio que tenho a sensação de que ela tem uma queda por ele.

— Sim. Graduada pela faculdade de Direito de Columbia também. Eu gosto dela. Ela é uma garota legal e aprende rápido. Enfim, o que acha de eu te levar para jantar ao nosso restaurante tailandês para compensar?

— Claro.

— Oh, antes que eu me esqueça. Falei com Julian.

— Mas que bom! Como ele está? LA o está tratando bem?

— Ele me disse que conheceu alguém e...

— Está pronta pra ir? — Escuto o Arsen perguntar.

Eu olho para cima e vejo Arsen em pé na minha frente sem o paletó, as mangas da camisa branca enrolada até os cotovelos. Seu cabelo loiro, uma bagunça, está apontando em todas as direções. Parece que andou o puxando.

— Quem é esse? — pergunta Ben, na linha.

— Ah, é o Arsen, filho do Bruno. Ele está aqui para me avisar que a reunião está para começar. Preciso ir. — A mentira rola pela minha língua.

— Eu também tenho que ir. Te vejo mais tarde.

— Espera! — digo, impedindo Ben de desligar. Eu me viro para olhar em Arsen enquanto ele lentamente levanta a moldura com a foto do meu casamento e a segura, um ar indecifrável o envolve, analisando a imagem.

— Sim? — pergunta Ben.

Quero dizer a ele que não existe almoço, mas não faço isso.

— Eu te amo.

— Eu também te amo, querida. Sempre.

Depois que desligo, vejo Arsen traçar a fotografia com o polegar.

— Por favor, me diga que este não é seu marido. Você é bonita demais para ele — diz Arsen, colocando a foto de volta na mesa.

Descartando o comentário dele como uma brincadeira, eu pergunto:

— Então, aonde vai me levar?

— É surpresa. Mas avisei a Amy que precisamos da tarde inteira de folga.

— Como? Não! Eu tenho muito trabalho a fazer.

— Está tudo bem. Eu meio que disse a ela que você tinha uma consulta médica e que eu ia te levar.

— Arsen! Essas são mais mentiras!

— Relaxa. Vai ser divertido. É só uma tarde. Não vai matar ninguém.

— O que vou dizer a Ben?

— Ele não precisa saber. E que porra é essa? Só estou te levando para almoçar. Você pode ir para casa depois que acabarmos. Não tem nada demais.

— É, acho que você está certo.

E realmente, que mal há nisso?

CAPÍTULO 13

— Seu apartamento está vazio, Arsen. Faz alguma outra coisa além de dormir aqui? — pergunto quando me sento em seu sofá de couro preto.

No começo, quando descobri que ele estava me trazendo para a sua casa, fiquei incomodada com a ideia. Mas depois de uma análise mais profunda, não acho que seria diferente passar um tempo com ele sozinho em seu apartamento do que na minha sala depois de todos terem ido embora enquanto trabalhávamos em projetos. E não era como se ele fosse algum estranho qualquer. Era o Arsen. Meu amigo. E eu precisava falar com ele antes que esse medo me fizesse perder a cabeça por completo.

— Nem, sem necessidade. — Já que ele me proibiu de ir à cozinha com ele para o ver cozinhar, fico esperando na sala. Ele quer que seja uma surpresa.

— Ei, ainda está saindo com Melissa Stewart?

Ele dá risada.

— Sim e não. Nós trepamos, mas não tenho certeza do quão sério ela está comigo, no entanto. Eu meio que tenho a sensação de que ela está me traindo.

— Arsen, você também a está traindo. Eu vi aquela linda morena vir e te encontrar depois do trabalho ontem. — Fala sério. Acho que nunca vi tantas

garotas desfilarem pelo nosso saguão antes de Arsen começar a trabalhar lá.

— Melissa pode ser legal às vezes. Ela sabe que é linda e — ele abre a porta do forno e coloca a refeição surpresa —, com toda a honestidade, ela provavelmente poderia conseguir alguém muito melhor do que eu.

— Não penso assim — comento, ofendida por Arsen. — Eu acho que você poderia ser um ótimo partido se decidisse sossegar com alguém.

Quieto por um segundo, Arsen pega uma garrafa de água e uma cerveja e vem para o sofá. Depois de me entregar a bebida, ele me observa com cuidado.

— Fiquei sério com alguém há muito tempo. Não deu certo.

— Verdade?

— Sim. Seu nome era Jessica. Eu pensei que ela era o amor da minha vida.

— O que aconteceu?

— A vida real aconteceu. — Arsen dá de ombros, tomando um gole da cerveja.

— O que você quer dizer? — pergunto, brincando com a garrafa plástica gelada nas mãos.

— Ela morreu. — Uma sombra atravessa seus olhos e, por um momento, ele parece perdido e triste. Acho que nunca o vi assim.

— Sinto muito...

— Está tudo bem. Não vamos mais falar disso, tá? — pede com desdém.

— Tudo bem.

— Então, me diga, o que foi aquilo no escritório? Você realmente me mandou alguns sinais contraditórios. Em um momento, estava rindo e falando do bebê, e no outro, você se transformou nessa pessoa fria. Não a minha Covinhas.

Sinto vontade de dizer que eu não sou “sua Covinhas”, mas deixo passar.

— É só que... o primeiro trimestre está quase no fim, e é aí que coisas ruins acontecem. — Abro a garrafa e tomo um pequeno gole de água. — É muito pra mim. Às vezes tenho esses ataques de pânico. Foi o que você viu hoje.

— Jesus. — Arsen coloca a garrafa de cerveja na mesa de centro e se senta ao meu lado. — Escuta, Covinhas... Fui para o inferno e voltei. Eu sei o que é perder o que você mais ama, mas a vida continua, e você não deve perder a esperança, sabe? Sem esperança, a vida pode se tornar um pesadelo. Então, seja otimista que esta gravidez vai dar certo. E se não, bem, talvez não era pra ser.

— O que está tentando dizer? Que não estou destinada a ser mãe? — pergunto magoada.

— Porra, não. Você merece o mesmo tipo de felicidade que toda mulher. Mas o que estou tentando dizer é que a vida tem um jeito de se resolver. Apenas tenha fé.

Suspirando, eu descanso a cabeça em seu ombro. De repente me sinto tão cansada.

— É mais fácil dizer do que fazer, Arsen. É tão difícil. E... eu não sei...

— Não sabe o quê? — pergunta.

— Não sei se meu casamento vai aguentar se qualquer coisa sair errado. Tem sido muito duro pra nós. Não consigo falar com Ben disso, porque ele simplesmente descarta o assunto e... — Eu paro quando sinto seu braço envolver meus ombros. — Às vezes é simplesmente complicado.

Arsen se inclina e descansa a cabeça em cima da minha. Eu quero me afastar, mas estou cansada demais e gosto do calor dele. É reconfortante.

— Continue. Estou ouvindo.

Eu suspiro.

— Tem sido melhor entre nós, não me entenda mal, mas estou preocupada com o bebê. É esmagador não poder ter paz. Estou constantemente preocupada. — Esfrego as mãos na saia. — Tenho pesadelos perdendo o bebê e acordo chorando no meio da noite.

— Ben não acorda? — Arsen parece irritado.

— Não. Quero dizer, ele poderia, mas normalmente acabo indo ao banheiro e me fecho lá dentro até me acalmar.

— Porra, Catherine, que besteira. Você deveria contar ao Ben. Não deveria sofrer em silêncio assim. Não pode ser bom para o bebê ou para você.

— Não, está tudo bem. E prefiro não incomodar Ben. Tentei falar sobre o assunto antes, mas ele acha que estou sendo muito pessimista, então não converso mais com ele disso.

— Isso é estúpido pra cacete.

— Ei, não fique com raiva. Estou bem, de verdade. Além disso, a culpa é minha se Ben não sabe o que está acontecendo comigo. Não conto nada a ele. Eu aprendi a esconder.

— Não tô nem aí pra isso. Sou só seu colega de trabalho, seu amigo, e soube que algo estava acontecendo. Ele é seu marido. Deveria ser capaz de ver isso.

— Não. Por favor, pare com isso. Ben é perfeito, ele é o melhor marido que uma mulher poderia pedir.

Arsen ri amargamente.

— Se ele é tão perfeito, por que está falando comigo e não com ele?

Não gosto da direção que isso está tomando. Arsen não deve culpar Ben pelos meus problemas. Eles são meus. Ben não tem responsabilidade nessa confusão.

— E-eu acho melhor eu ir embora. — Começo a me afastar dele, mas

Arsen me impede, agarrando-me pelo cotovelo.

— Ei, desculpa. Não vá. Não queria te chatear. Me desculpe se exagerei.

Nós nos olhamos por um instante.

— Fique. — Ele solta meu cotovelo e pega a minha mão, entrelaçando nossos dedos. — Prometo que não vou dizer mais nada a respeito do seu marido perfeito.

Ainda estou pensando quando Arsen levanta nossas mãos e dá um beijo na minha.

— Por favor, vou me comportar. Chega de meter o pau no Ben. — Um sorriso aparece em seus lábios.

— Tudo bem, mas, por favor, não fale de Ben assim. Eu não gosto. Ele não tem qualquer responsabilidade nisso.

— Promessa de escoteiro. Estou aqui por você, Covinhas — diz, acariciando meu rosto suavemente com a outra mão.

Não consigo segurar a risada.

— Tem certeza? Nós já estamos brigando, e esta é nossa primeira conversa séria.

— Não. Eu gosto de você briguenta. E seus olhos não se parecem com nada que eu já tenha visto quando está com raiva. Eles são tão lindos.

— Obrigada — respondo, e sorrimos um para o outro. Dá para sentir o calor irradiando pelo meu rosto.

Arsen me olha em silêncio.

— Amo pra caralho que sou capaz de fazer isso com você. — Ele toca com delicadeza o contorno da minha bochecha direita. — Ben é tão sortudo.

— Eu...

O temporizador de seu fogão dispara avisando que o que ele está

preparando está pronto e acabando com a intensidade e o momento íntimo que estamos compartilhando.

Não posso dizer que não estou agradecida.

Sem soltar meu rosto, Arsen balança a cabeça e sorri com tristeza.

— Acho que está na hora de comer. Pronta para se surpreender com minhas habilidades culinárias?

— Estou morrendo de fome. Neste ponto, um papelão parece bastante apetitoso — respondo, sorrindo.

Arsen retribui meu sorriso.

— Não, posso fazer mais que isso.

E simples assim, ele está de volta a ser o velho Arsen.

Depois de soltar a minha mão, ele vai até a cozinha.

— Espero que não seja alérgica a nada — comenta, abrindo e fechando gavetas e prateleiras.

— Não. Não tenho alergia a nada — respondo, indo até o balcão que serve de mesa e me sento em uma banqueta alta.

Arsen coloca uma pizza caseira coberta de Nutella e fatias de banana. Parece e tem um cheiro delicioso.

— Minha especialidade.

— Nossa! Arsen, o cheiro está ótimo! — Inalo o doce aroma de banana assada e avelã.

Quando acabo de comer três fatias da deliciosa pizza, reparo que Arsen não tocou a dele.

— O que foi? Você não tocou na sua comida.

Ele está me olhando fixo com aquele olhar engraçado dele que faz os pelos da minha nuca arrepiarem.

— Só estou vendo você comer.

— Hum, desculpe. Estou morrendo de fome e tem um gosto tão bom.

Arsen sorri brincalhão.

— Não tão bom quanto o seu, tenho certeza.

Ele empurra o prato de lado, inclina-se e acaricia meu rosto bem devagar.

— Talvez eu devesse tentar — afirma simplesmente.

De repente, nada disso parece amigável. Ficar sozinha com ele, a paquera de brincadeira, seu toque... parece que estamos por um fio entre o que é permitido e inocente, e o que não é.

Com uma sensação desconfortável na boca do estômago, eu me afasto dele e me levanto.

— Hum, tem sido bem legal, mas tenho que ir para casa. — Vou até a sala de estar, onde estão meu casaco e a bolsa. — Muito obrigada por me receber e me ouvir. Você não tem ideia de como isso me fez bem.

— Covinhas... — Ele coloca os braços em meus ombros, me virando para encará-lo. — Estava só te provocando.. Não tenha medo de mim.

— Hum... não tenho.

Eu minto porque o que aconteceu lá me assustou demais.

— Legal. Então, acho que te vejo amanhã no trabalho — diz soltando meus ombros.

Depois de me despedir de Arsen, volto para casa. Pegando o celular, vejo que são quase seis da noite. Não acredito que fiquei no apartamento dele por quase cinco horas e não pensei em ver as horas nenhuma vez. Ben não ligou, o que significa que provavelmente ainda está ocupado com o trabalho.

Enquanto estou no metrô voltando para casa, resolvo não contar a Ben sobre o meu dia, se ele não me pedir detalhes. Não quero mentir para ele de novo, mas de alguma forma, pela primeira vez desde que conheci Arsen, sinto

que fiz algo errado.

Mas como isso é possível?

Somos apenas amigos, certo?

CAPÍTULO 14

Caminhando em direção à saída do prédio, ligo para Ben e o aviso que estou a caminho do bar para me encontrar com Arsen para algumas bebidas, mesmo que eu não vá beber nada alcoólico. Fiquei para trás porque precisava falar com Beth, a assistente pessoal do Sr. Radcliff na Inglaterra.

— Posso te esperar. Eu tenho que fazer alguns telefonemas, também. Melissa me deixou uma mensagem dizendo que precisa de mim em Paris no próximo fim de semana com ela. Aparentemente é a estreia do filme dela, e precisa de mim lá segurando sua mão maldita igual a uma criança enquanto ela me ignora pelos fotógrafos. — Ele se joga no sofá, deitado de costas. Sua camisa branca agora está parcialmente desabotoada, revelando um pedaço de seu peito musculoso e o contorno da tatuagem de borboleta.

— Isso é incrível! Não acredito que você não sabia. Esse filme tem sido noticiado nas revistas e blogs de fofoca. Sabe que isso é algo muito importante, né? As pessoas dariam tudo para estar lá.

— Bem, eu não aguento mais ela. Não sei o que estava pensando quando me envolvi com uma atriz. Elas só falam merda e são dramáticas. O sexo é bom pra caralho, e ela é gostosa pra cacete, mas posso conseguir isso em qualquer outro lugar. Agora, uma modelo pode ser...

— Pare! Pare, Arsen. — Dou risada. — Muita informação. Na semana

passada você disse que estava tentando.

— Porra, eu disse. Não foi? — comenta, soltando um grunhido.

— Sim.

— Não está mais dando certo.

Eu pego um lápis e o giro entre os dedos.

— Bem, o que for fazer com Melissa, por favor, não faça aqui. Eu realmente preciso falar com a Beth. Por que não vai ao bar sem mim? Pode falar com ela no caminho até lá.

Gemendo, Arsen se levanta do sofá.

— Tá. Mas prefiro muito mais ver você fazendo ligações do que ter que lidar com uma diva. E isso quer dizer muito, hein?

— Anda!

Sem muita vontade, ele sai.

Garoto bobo.

Depois do incidente desconfortável em seu apartamento dois dias atrás, fiquei preocupada que as coisas fossem ficar diferentes entre nós, mas estou feliz que não mudaram. No dia seguinte, Arsen apareceu como se nada tivesse acontecido e continuou com sua paquera de sempre. É ótimo ter um amigo que pode contar todos os seus segredos sem se sentir culpado por eles. Além de Amy, ele é a única pessoa que sabe o quanto estou com medo da gravidez.

Paro na recepção do prédio para dar boa-noite a Carlos e Frank, os seguranças de plantão.

— Boa noite, senhores — eu os cumprimento.

— Boa noite, Sra. Stanwood — diz Carlos em um forte sotaque espanhol.

— Está linda como sempre, senhorita. Como está o Sr. Stanwood? A

caminho para encontrá-lo para o jantar? — pergunta Frank. Às vezes encontro Ben jogando conversa fora com Frank no saguão quando vem me buscar. Acho que eles se conectaram pelo amor que têm pelos New York Mets, ou algo assim.

Sorrio quando vejo o olhar ansioso nos olhos de Frank.

— Não essa noite. Vou me encontrar com o filho do Sr. Radcliff para alguns drinques. Espero que Ben se junte a mim lá.

Quando me despeço dos dois, saio para a rua e imediatamente sou atingida por ar quente e úmido. Do tipo que faz você suar sem mover um músculo. Uma típica noite de verão em Manhattan. Com a pele úmida pelo calor, decido pegar um táxi em vez de caminhar até o bar. Depois de pegar um e dar ao motorista o nome e endereço do bar, finalmente posso ligar para o Ben.

Depois de um toque, ouço a voz profunda do meu marido no outro lado da linha.

— Oi, esposa. Estava pra te ligar.

— Oi, amor. Sinto muito te ligar tão tarde, mas acabei de sair do escritório. Estou indo encontrar Arsen para beber. Está trabalhando até tarde hoje à noite? Acho que deveria me encontrar lá para eu finalmente te apresentar Arsen. Podemos tomar uma bebida e depois ir ao nosso restaurante tailandês favorito para o jantar?

Ben dá risada.

— Mais alguma coisa, linda?

Sorrio contra o telefone, com um aperto firme no aparelho.

— Estou fazendo isso de novo, né? Desculpa. Não posso desligar a Cathy Mandona tão cedo depois do trabalho.

— Não se desculpe. Estou só mexendo com você, minha querida. Eu amo a Cathy Mandona. Ela e eu temos um bom relacionamento. Eu particularmente me lembro dessa manhã enquanto nós dois estávamos no

chuveiro e ela começou a me dizer que tipo de pressão e velocidade ela mais gostava em seu banho.

Nossa. Eu lembro disso. Como poderia esquecer? Ainda posso ver o corpo bronzeado e molhado de Ben ajoelhado no chão com uma das minhas pernas em volta do ombro conforme puxava a minha bunda para mais perto dele e...

— Estarei lá por volta das oito. Tenho mais uma conferência e depois vou conhecer seu famoso protegido.

Engolindo em seco, eu argumento:

— Ele não é meu protegido! E está ótimo. Não vejo a hora de te ver.

— Sim. Também senti sua falta. Como está se sentindo?

— Bem, amor. Hoje foi um bom dia.

— Perfeito. Tenho alguns planos para nós.

— Verdade? Posso perguntar que tipo de planos, Sr. Stanwood? Vou gostar deles? — pergunto em tom de sedução.

— Quer mesmo saber? — geme ao responder.

— Sim, estou morrendo de vontade de saber. Talvez não seja tão interessante. — Eu sei que estou provocando e ele adora. Isso nos deixa excitados e perturbados.

— Eu quero te jogar de bruços na cama, rasgar sua calcinha e te foder com meus dedos até que você me implore para te comer com meu pau. Então vou subir em cima de você e te beijar da nuca até a base da coluna, lambendo o suor da sua pele até que a minha língua prove o que é meu. Só meu — diz asperamente.

— Ah. Então é i-isso? — respondo, gaguejando. O desejo se acumula entre as minhas pernas e meus mamilos endurecem.

Um Ben satisfeito ri outra vez.

— Sim. É isso aí. Enfim, querida, Kerry acabou de entrar para me avisar que está na hora da minha próxima conferência. Me envie o endereço e o nome do bar. Me espere lá por volta das oito. — Sua voz sai em tom profissional agora.

— E-está bom. — É óbvio que eu ainda não consigo pensar direito.

— Amor?

— Sim?

— Hoje à noite — ele rosna.



Ainda pensando em Ben, espero na fila para usar o banheiro antes de voltar para o bar para me encontrar com Arsen. Tirando o celular, verifico as mensagens para passar o tempo.

Tenho duas. Uma é de Ben me contando outros tipos de coisas safadas que gostaria de fazer comigo esta noite, e a segunda é de Arsen me perguntando onde estou. Eu sorrio e decido não responder a nenhum deles e coloco o telefone de volta na bolsa de couro Ferragamo. Encostada na parede, escuto a conversa entre as duas garotas na minha frente.

— Não posso acreditar que ele dispensou a Brooke assim! Quero dizer, ela é mais gostosa que a Melissa Stewart!

— Dã! Brooke é uma zé ninguém! Melissa é uma bendita atriz e perfeita para pegar! Mas minha nossa! Você viu como ele é lindo? Imagens não fazem justiça a ele!

— Melissa pode ser atriz ou qualquer outra coisa, mas ninguém nunca diz não a Brooke. Ela está puta! Ela me contou que ligaria para a Stalker Magazine e revelaria o paradeiro de Arsen dizendo que Melissa está aqui com

ele.

— Ah, para! Isso é tão ferrado! Não podemos deixá-la fazer isso! Mas o que ela esperava? Eu li uma matéria da Vogue sobre ele e a família. O jornalista disse especificamente que Arsen nunca namora garotas normais, e até mesmo disse que quase todas com quem ele esteve envolvido foram capa de revista. Gostaria de saber se ele está realmente esperando por Melissa ou alguma outra pessoa famosa aparecer?

— Não sei. Brooke disse que Arsen falou pra ela que estava esperando um amigo. Meu Deus! Acho que pode ser um de seus amigos ricos? Eles são todos gostosos! Se não conseguir o Arsen, vou, sim, dormir com um deles!

— Cala a boca, Ally. Você nunca dormirá com Arsen. Nenhuma de nós vai. Porém, tenho que dizer que nem preciso falar com ele. Ele parece um babaca, mas eu o pegaria, com certeza. Ouvi dizer que ele é grandeeee.

Horrorizada, eu me afasto. Não posso ficar lá e ouvi-las falar de Arsen como se ele fosse apenas um brinquedo sexual. Ele é muito mais que isso.

Nos meses em que nos conhecemos, eu vi um lado gentil, divertido e impertinente dele que tenho certeza que muitas pessoas não conhecem. Ele sempre me traz cupcakes porque sabe que adoro, ele paquera garotas bonitas e simples, e o mais importante, está se esforçando muito para provar que seu pai está errado.

Estou com tanta raiva; meu corpo está tremendo. Estou a meio caminho do bar quando vejo Arsen sentado num sofá de couro. Ele está do jeito bonito de sempre e descontraído, mas a forma como seus olhos continuam viajando pelo lugar, não fazendo contato visual com o bando de abutres olhando para ele, e a forma como aperta a mandíbula me mostra que ele está desconfortável com a atenção que está atraindo. Eu vejo quando outra mulher estonteante vai em sua direção apenas para ser rejeitada. É isso aí. Essa foi a

última gota para mim. Irritada com todas as mulheres neste lugar por fazer Arsen se sentir caçado, eu me viro e volto para as cabeças de vento no banheiro.

Estou pronta para confrontar a estupidez e peitões.

Dou uma tapinha no ombro da ruiva. Quando ela se vira, ela olha para mim com um olhar vazio no rosto bonito.

— Sim?

Ah, vou acabar com essa cara da vagabunda.

Tentando controlar a raiva, eu respiro fundo e exalo lentamente colocando minhas mechas loiras onduladas atrás de orelha. Bem, aqui vou eu:

— Não pude deixar de ouvir você falando de Arsen Radcliff. Ia deixar passar já que você parece muito jovem e imatura, mas não posso. Então, vou te dar uma informação. Arsen é uma pessoa de verdade com sentimentos reais. Só porque as revistas e os colunistas de fofocas estão apaixonados por ele, não faz bem a vocês assediá-lo pessoalmente. Não é certo. — Coloco as mãos nos quadris. — E, se sua amiga Brooke ligar para uma revista, eu vou chamar a polícia e dizer que você se ofereceu para dormir com ele por dinheiro. Sim, como uma acompanhante.

Os olhos das garotas se arregalam. Adorei.

— Ah, e a propósito, ele está aqui comigo. Agora, saiam fora, garotas. — Quando as últimas palavras saem da minha boca, uma ideia maluca me deixa toda animada. Eu sei o que vai calar suas bocas de uma vez por todas.

Virando-me, vou até Arsen. Se meu corpo estava tremendo por causa da raiva antes, agora está tremendo de excitação. Não tenho certeza se posso seguir com esse plano. Quando Arsen me vê caminhando em sua direção, um sorriso esplêndido aparece em seus lábios. Como um cara consegue parecer tão sexy e meigo ao mesmo tempo?

Sim. Ele é mais que um playboy. Ele é meu amigo.

Eu me apresso, tentando chegar até ele antes que minha consciência mude de ideia. Sinto os olhos das meninas nas minhas costas enquanto a consciência vibra através do meu corpo como um terremoto de baixa intensidade.

Quando estou em pé na frente dele, ele passa a mão pelo cabelo loiro, fazendo um fio cair na testa.

— Oi, Covinhas. Pensei que tinha me dado um bolo — diz, inclinando-se para me beijar no rosto. Fecho os olhos e rezo para que Ben nunca descubra isso porque ele vai me matar.

Estou fazendo isso por um amigo.

Decidida, abro os olhos. Bem rápido, antes que Arsen perceba o que estou prestes a fazer, viro o rosto para que seu beijo caia em meus lábios.

Lábios macios contra os lábios macios.

Calor.

Coração batendo descontroladamente.

Parece natural.

Atordoado, os olhos de Arsen se arregalam em choque. Acho que um beijo nos lábios não basta para calar essas garotas, então quando sinto Arsen se preparando para me afastar, coloco a mão em sua nuca e o puxo para mais perto de mim.

Com nossos lábios colados um ao outro, tento murmurar:

— Incline a cabeça de lado. Pelo amor de Deus, finja que está gostando!

Com as mãos em seus ombros e na ponta dos pés, eu manobro o corpo de Arsen em uma direção para que consiga ver se as garotas ainda estão nos observando. Elas estão. Boquiabertas.

Toma isso, vagabundas.

Quando as garotas saem, eu o empurro para longe. Talvez um pouco forte demais. Arsen, que está com a respiração ofegante, parece muito bravo. Como se quisesse minha cabeça a prêmio.

Ele traz a palma da mão para esfregar os lábios como se estivesse limpando-os do meu beijo. Não me incomodo com isso, de verdade. Ainda não consigo acreditar que acabei de beijá-lo.

As piadas que a vida pode fazer com você.

— Por que diabos fez isso? É melhor ter uma boa razão para esse beijo, porque...

Irritada com ele porque estava tentando ajudá-lo e estou ouvindo merdas por isso, bato em seu ombro.

— Você é tão idiota! Eu te beijei porque estava tentando provar uma coisa para suas groupies.

— Como? Groupies? De que diabos está falando? — Sua testa franze. Cruzando os braços, dá para ver o contorno de seus músculos através da camisa branca.

Frustrada, bato os pés.

— Você está me ouvindo? Eu te beijei porque algumas garotas estavam falando merda de você. Sobre o quanto queriam dormir com você e, basicamente, como é bom só nisso.

Lentamente, um sorriso aparece, substituindo a aparência irritada em seu rosto.

— Mas por que me beijar?

Solto um gemido.

— Porque eu estava tentando provar uma coisa!

Eu vejo Arsen, hesitante no início, levantar a mão e aproximá-la do meu rosto. Quando ele tem certeza de que não vou brigar contra o seu toque, um

confiante Arsen me olha de volta. Paralisada, acho que ele vai tocar meu rosto, mas em vez disso, ele tira uma mecha do meu cabelo loiro que estava preso no meu gloss e o coloca atrás da orelha. Seu dedo mindinho toca a pele do meu pescoço, fazendo um arrepio percorrer pela minha coluna e me incinerar com o fogo azul-piscina.

— Amo pra caralho quando você prova as coisas. — O sorriso se transforma em um de parar o coração.

Um sorriso de Arsen.

Um sorriso que me tira do meu estupor chamado Arsen.

De repente, sinto que preciso colocar um pouco de espaço entre nós, então eu me sento no sofá. Arsen segue minha deixa e se senta ao meu lado. Muito próximo. Sua coxa está tocando a minha, e consigo sentir o calor irradiando de seu corpo. Com um dos braços dele esticado ao longo do sofá atrás das minhas costas, eu o sinto em todos os lugares.

Ele está em todo lugar.

Parece confortável.

Parece natural.

Mas deveria ser assim?

Não sei.

— Na hora, achei que o beijo lhes ensinaria uma lição. Não tenho certeza do porquê. — Virando para encará-lo, eu sorrio maliciosamente. — Talvez eu só quisesse calar suas bocas. Porém, eu não deveria ter feito isso. Se Ben beijasse outra pessoa, eu o mataria, mas tudo bem. Eu não chamaria aquilo de beijo. Do jeito que você reagiu, foi mais como beijar um peixe-morto.

— Está de gozação comigo? Minha amiga bem-casada colocou os malditos lábios na minha boca... porra. Me dê outra chance e eu vou te mostrar como não sou um peixe-morto, Covinhas.

— Está falando sério? Tanto faz. — Balancei a cabeça, desaprovando seu comportamento. — Você está viajando. Precisa se recompor, garoto.

— Espera, o quê? Do que está falando? E, Covinhas, garotos não fodem como eu.

— Você precisa mesmo parar de xingar tanto. Estou falando do fato de que eu tive que explicar o seu comportamento sem-vergonha para essas duas panacas e quando estava fazendo isso, percebi que não é culpa de ninguém, além de você! Se não gosta de ser feito de objeto, pare de soltar aos quatro cantos tudo o que faz para o mundo todo ver.

Dando um sorriso maroto, ele tira o braço de trás de mim e se endireita.

— E pare de sorrir feito um bobo. Estou tentando ser séria aqui. Conheço seu jogo. Posso dizer que te incomoda quando as pessoas só querem saber do falso Arsen. Sabe, o playboy, o mulherengo, o garoto rico; em vez de tentar conhecer seu verdadeiro eu. Então pare de agir como um idiota e comece a agir feito um adulto. Prove que as pessoas estão erradas, que você não é só uma espécie de perdedor que vive do dinheiro do pai. Mostre a eles o verdadeiro Arsen. Aquele que eu conheço. Que entende a empresa melhor do que o próprio pai. Aquele que tem tempo de trazer a uma mulher grávida cupcakes porque ela gosta. Aquele que nunca ignora as garotas simples. Então talvez as pessoas parem de publicar todo aquele lixo a seu respeito, e não vou precisar te explicar para estranhos e beijar você na frente deles para provar algo!

O sorriso desapareceu, Arsen se aproxima mais de mim, se é que é possível, e segura a minha mão. O gesto não é sexual, mas parece íntimo. O calor de sua palma se imprime na minha pele.

— Porra, Catherine. É por isso? Você fez isso por mim? — Sua voz saí enrouquecida.

— Sim, mas é claro. Você é meu amigo.

Silenciosamente, ele me observa com olhos tão brilhantes que parecem febris.

Ele sempre observa as pessoas com tanta intensidade?

Depois de um momento, murmura:

— Como eu disse antes, Ben é um homem sortudo pra caralho.

Eu ignoro o comentário dele e pergunto:

— Arsen, sei que isso te incomoda. Por que não faz algo sobre isso?

Sem soltar minha mão, ele dá de ombro, como se não ligasse.

— Eu...

— Oi. Desculpa por estar tão atrasado.



Olhando para cima, sentada no sofá, vejo Ben em pé a nossa frente, em todo seu esplendor alto e moreno. Quando estou prestes a cumprimentá-lo, noto a expressão rígida em seu rosto, a testa franzida. Seus olhos não estão devorando meu rosto, e seus lábios não estão sorrindo para mim como de costume. Não. Em vez disso, ele parece estar analisando com intensidade o meu colo. Esquisito. Abaixando meu olhar, vejo o que chamou sua atenção.

A mão de Arsen cobrindo a minha.

De repente, o que pareceu um gesto inofensivo entre amigos nem um minuto atrás, agora parece imoral.

Impróprio.

Ofensivo.

Tento inventar uma desculpa inocente para soltar a mão de Arsen sem machucar seus sentimentos e ao mesmo tempo sem parecer culpada para Ben.

— Amor! Você está aqui — digo, levantando-me para cumprimentá-lo, afastando a minha mão da de Arsen o mais naturalmente possível. Andando até Ben, fico na ponta dos pés para abraçá-lo. Antes que eu perceba, os músculos de seus braços estão ao redor da minha pequena estrutura, abraçando-me com força e me levantando do chão enquanto ele me beija possessivamente. Reivindicando-me. Ainda suspensa no ar e em seu forte abraço, ergo os olhos para ver os seus depois que o beijo acaba. Ele não está me observando. Ele está olhando atrás dos meus ombros. Ele está encarando Arsen, diretamente.

Sabia.

Sem me preocupar em me virar para ter minhas suspeitas confirmadas, coloco as mãos em cada lado de seu rosto e o guio de volta para olhar em mim. Quando seus olhos castanhos calorosos estão profundamente conectados aos meus, eu finalmente sorrio.

— Oi.

— Oi. — O franzir começa a diminuir, e seus olhos imediatamente amolecem.

— Chegou, até que enfim. Estava começando a ficar preocupada, achando que não viria.

Mentirosa.

Eu me sinto mal por dentro pela culpa quando percebo que tinha me esquecido de que ele deveria me encontrar aqui.

Por fim, quando ele, lenta e intimamente, me desliza pela frente de seu corpo, um sorriso aparece em seu rosto bonito, enrugando os cantos de seus olhos.

— Desculpa. A reunião durou um pouco mais do que o esperado, mas estou aqui agora. Pronto para conhecer... — Ben deixa a última palavra pairar no ar.

Assim que estou em segurança de pé, eu me solto de Ben.

Segurando sua mão, eu me viro para o sofá onde Arsen está sentado. Ele está nos observando igual um falcão com a expressão vazia no rosto. O sorriso maroto se foi, o fogo de seus olhos apagou-se.

Limpo a garganta porque, de repente, sinto como se tivesse engolido bolas de algodão.

— Ben, este é Arsen Radcliff. Arsen, este é meu marido, Ben Stanwood. — Os dois homens se encaram sem dizer uma palavra. A tensão é tão palpável no pequeno espaço entre nós que sinto os pelos da nuca se arrepiarem. Arsen não faz qualquer movimento para se levantar. Indelicadamente, ele apenas fica sentado no sofá enquanto Ben e eu ficamos parados na sua frente. Estou prestes a arrastar a bunda de Arsen do sofá para que os dois homens possam se cumprimentar ou algo assim, quando Ben estende a sua mão.

— Prazer em conhecê-lo, Arsen. Cathy falou muito bem de você. Parece que ela gosta de tê-lo por perto.

Conforme se cumprimentam, reparo que os nós dos dedos das mãos de Arsen e de Ben estão ficando brancos.

Homens.

Um sorriso falso que faz Arsen parecer quase feio mancha suas feições quando ele responde:

— Ah, é? — Virando-se para me olhar, seus olhos se aquecem por um segundo antes de se tornarem frios de novo. — Gosto de ter a Covinhas por perto. Ela é agradável de se olhar — diz, sarcasticamente.

Que diabos?

De onde saiu isso?

Estreitando os lábios, Ben solta a mão de Arsen abruptamente. Com o fim dos cumprimentos, estou prestes a dar a volta na mesa para me sentar no

sofá quando sinto a mão de Ben envolver meu cotovelo possessivamente, me parando. Confusa, eu me viro para olhar para ele.

Ele dá um passo mais perto de mim e se inclina para sussurrar em meu ouvido:

— Uma bebida e estamos indo, entendeu?

Meus olhos se arregalam com o tom afiado de sua voz e suas palavras. Com o maxilar cerrado, sei que não há espaço para discussão.

Acho que é só uma bebida, então.

Aceno, soltando-me de seu aperto e vou para o sofá. Ben parece ter outras ideias sobre arranjos dos assentos, porque ele puxa uma cadeira para mim na frente de Arsen, para que a mesa fique entre nós.

Que diabos está acontecendo?

Um Ben não sorridente parece tão rígido quanto uma rocha esperando que eu me sente.

Em contrapartida, Arsen, com os olhos tão frios que parecem pedaços de gelo, mostra um sorriso forçado para nós. Um que me lembra da noite em que nos conhecemos. Com uma sensação de incômodo por dentro, tudo o que posso fazer é me sentar e esperar que esta noite não se transforme em uma grande confusão.

Arsen abre o braço em um gesto convidativo, a voz cheia de sarcasmo.

— Por favor, sente-se. Estou muito ansioso para ouvir o que mais Covinhas disse a meu respeito. Espero que tenha sido só coisas boas. — Ele se inclina para frente e me olha bem nos olhos antes de continuar: — Porque somos bons juntos... muito bons juntos. Não somos, Catherine?

O que Arsen está tentando fazer? Mas o principal, o que ele está insinuando?

Quando Ben está sentado, ele pega minha mão e a leva aos lábios,

beijando-a uma vez antes de abaixá-la em seu colo. Com nossos dedos entrelaçados, olho para seus olhos ardentes por mais um instante antes de me virar para Arsen outra vez. Há um ar indecifrável em torno dele. Sinto que não conheço este Arsen.

Este Arsen é um estranho para mim.

Depois que o garçom sai com nosso pedido, ficamos sentados em um triângulo de tensão sem dizer uma palavra. Se não fosse pela música tocando no fundo, você provavelmente seria capaz de ouvir uma agulha cair no chão. Minha atenção está concentrada no dedo comprido de Arsen batucando na mesa entre o sofá e as cadeiras.

Tap.

Tap.

Tap.

Depois de alguns segundos, não aguento mais o silêncio. Engolindo em seco, coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha; os fios de seda correndo entre meus dedos me acalmam.

— Uh, então, amor... — Um flash de raiva cruza os olhos de Arsen, mas desaparece em um segundo, substituído por indiferença. — Estou com tanta inveja de Arsen. Existe a possibilidade de ele participar da estreia do novo filme de Melissa Stewart, com ela! Você não está morto de inveja? — Dou um tapinha no ombro dele de brincadeira. Quero fingir que toquei no nome de Melissa só porque foi o primeiro assunto a aparecer na minha cabeça, mas não é.

Eu falei nela para que Ben saiba que Arsen está com alguém.

Seus músculos relaxam, Ben sorri para mim pela primeira vez desde que chegou.

— Nunca poderia ter inveja de alguém. Eu tenho você — responde, apertando a minha mão antes de se dirigir a Arsen. — Que incrível, cara. Ela é

linda e o filme parece bom. Cathy tem uma obsessão doentia por revistas de fofocas, então o lixo que elas publicam tende a me irritar.

Ele se inclina nas costas do sofá de maneira desleixada, olhando para nós por um tempão. É como se ele estivesse memorizando a imagem minha e de Ben juntos.

— Pode economizar saliva. Nós acabamos. Não ficarei surpreso se amanhã ela for fotografada com algum outro fracassado desavisado.

Quando ouço essa informação, não sinto pena. Fico feliz. Saber disso me surpreende.

— Enfim, acabei de me lembrar de que tinha um compromisso. Desculpe, mas tenho que ir embora. — Arsen pega sua carteira para pagar quando Ben o interrompe.

— Não, por favor. Deixe por minha conta. É o mínimo que posso fazer.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Está de gozação com a minha cara? Eu posso p...

— Não. Gostaria de pagar a conta. Você já fez muito por Cathy. Eu fico com isso.

Com os olhos estreitados, Arsen olha com desgosto para Ben. E quando acho que ele vai recusar a oferta de novo, ele inclina a cabeça de lado e me prende com seu olhar. Lentamente, um sorriso aparece em seu rosto.

— Sabe de uma coisa? Pode pagar. Foi um prazer conhecê-lo, Ben. Cathy. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Te vejo por aí.

Levantando-se, ele pega seu paletó que estava ao lado do sofá e se despede. Ele não cumprimenta a mão de Ben, e nem se vira para me olhar quando sai.

Aquilo dói.

Eu não sei por que, mas sua indiferença dói. Não deveria porque ele não significa nada para mim, mas ainda assim, dói.

Estou prestes a pedir licença a Ben dizendo que preciso ir ao banheiro, quando sinto uma batidinha no ombro. Eu me viro e vejo Arsen de pé atrás da minha cadeira. Prestes a levantar e perguntar o que está acontecendo, ele se inclina e dá um beijo demorado no meu rosto. Seus lábios quentes fazem minha pele formigar.

— Desculpa, Covinhas — sussurra com tristeza no meu ouvido, então se afasta. Ergo a mão até a bochecha para esfregar o lugar onde ele me beijou; não sei se estou esfregando a sensação de formigamento, ou se estou tentando selar o beijo na minha pele.

Ele caminha até o bar para dizer algo à bartender, uma mulher asiática perfeita que sorri e escreve algo na palma de sua mão.

Quando ela se afasta para servir outros clientes, um Arsen sorridente se vira para olhar em um grupo de mulheres, admirando-o. Ele entrega a elas o que parece ser um cartão de visitas e beija cada uma delas no rosto. O flerte não me incomoda, mas quando ele as beija no mesmo lugar onde me beijou, é como se ele tivesse me dado um soco no estômago.

Parece traição.

Ainda estou observando sua forma se afastando quando ele chega à entrada do bar. Dentro de mim, uma voz forte está implorando para ele se virar de novo, para me deixar vê-lo uma última vez.

E então tudo se torna um borrão.

Ben solta a minha mão.

Arsen se vira.

Nossos olhos se conectam por um momento.

Eu vejo algo em seus olhos que ressoa dentro de mim, mas eu não

entendo.

Acho que não estou preparada para entender isso.

Então, ele se foi.

Eu me sinto desolada. Como se uma parte primordial da minha vida tivesse ido com ele, deixando-me incompleta, ausente. Perplexa e incomodada com meus próprios sentimentos, lembro que Ben está aqui comigo. Virando para olhar em meu marido cuja presença eu me esqueci completamente, sinto vergonha queimar minha pele com um vermelho furioso.

— Acho que devemos ir — diz ele sem emoção.

CAPÍTULO 15

A volta para casa é tranquila.

Sem mãos dadas, sem risadas, sem perguntas sobre como foi nosso dia... talvez tudo já tenha sido dito, ou nada precise ser dito. Quando chegamos em casa, nossa gata é o único ser vivo que nos recebe.

Tiro meu casaquinho e fico de joelhos para acariciar Mimi, dizendo com a voz fininha:

— Oi, menina bonita. Sentiu falta da mamãe e do papai? — Ronronando, ela me deixa pegá-la no colo. Beijo o topo de sua cabeça, ganhando tempo. Não tenho certeza do porquê, mas sinto que tenho algumas explicações a dar como se eu fosse culpada de um grande crime.

Talvez você seja.

Não, não sou.

Não, eu não sou.

— Quer outra cerveja antes de ir para a cama? — Hesitação ecoa na minha voz. Deixo Mimi descer e ir para a cozinha à procura de comida.

Observo Ben tirar o paletó azul-marinho da Brooks Brothers, o contorno dos grossos músculos de suas costas visíveis através da camisa branca. Ele se vira para mim, e começa a tirar sua gravata. Com força.

Eu amo essa gravata.

Eu comprei para ele.

Olhando sobre o meu ombro, ele fala friamente para seu reflexo no espelho atrás de mim.

— Hoje não. Vindo para casa, lembrei de alguns documentos que precisam da minha atenção. Vou para o escritório — ele olha para mim de lado — trabalhar.

Suas palavras são como um balde cheio de água gelada jogada no meu rosto.

— Oh, tudo bem. É só que... você, hum... tudo bem. Eu acho. Espero por você? — Olho para o meu relógio e vejo que são só dez da noite.

— Não.

Ben fecha a distância entre nós, envolve as mãos pelos meus ombros e se inclina para me beijar. Eu fecho os olhos e espero pelo seu beijo. Um beijo que espero que liberte a rigidez do ar. Segundos se passam e nada.

Abrindo os olhos, os castanhos encontram meu olhar. Lentamente, vejo quando Ben solta meu ombro, sua mão indo para o meu rosto. Segurando minha bochecha, seu polegar esfrega suavemente o lugar onde Arsen me beijou como se estivesse limpando uma mancha da minha pele.

Silenciosamente, nos encaramos enquanto o tempo para.

— Vá para a cama, Cathy — ele sussurra roucamente.

E então, ele se foi.

Fico revirando na cama por uma eternidade. Imagens de Ben e Arsen continuam girando na minha cabeça, me impedindo de dormir. Eu desisto e acendo a lâmpada do criado-mudo, e meus olhos param no despertador.

01:11h.

E nada do Ben.

Meu olhar para no meu celular, uma ideia maluca surge na minha

cabeça. Antes que eu perca a coragem, eu o alcanço e digito uma mensagem.

O que foi aquilo?

Espero dez minutos que se transformam em meia hora. Desistindo de esperar que ele me responda, coloco o telefone no criado-mudo quando ele vibra.

Vá trepar com seu marido, Covinhas. Estou ocupado.

Sua mensagem é como uma tapa na minha cara. Perplexa com sua resposta e magoada por suas palavras, decido que ele não merece uma resposta.

Eu me pergunto quem o está mantendo ocupado? A resposta não deveria importar para mim, mas importa.

Quando eu me deito no meu travesseiro, me viro de lado e puxo as cobertas até os ombros, fecho os olhos com força e tento dormir. E tento esquecer da mensagem de Arsen.

Aquilo não deveria me incomodar. Não deveria me machucar. Ele não é nada para mim.

Mas é.

Não sei porquê.

E não acho que quero saber.

Conforme estou mergulhando no doce esquecimento, a última imagem que cruza minha cabeça é de um par de olhos castanhos tristes.

Ben.



Ouvindo meu alarme disparar, solto um gemido alcançando-o às cegas

para desligá-lo. Cedo, até a melodia mais doce pode soar como um agressivo grito de guerra para começar o dia. Odeio isso. Depois que desligo o som irritante, eu me deito de costas e estico os braços e pernas, acordando de vez. Virando para a esquerda, abro os olhos, esperando encontrar um Ben dorminhoco.

Ele não está aqui.

Seu travesseiro parece estufado e perfeito, como se não tivesse dormido nele. Minha pele arrepia, sento e olho ao redor. Não o vejo em lugar algum. Até a porta do banheiro continua fechada. Ele tem o péssimo hábito de sempre deixar a porta aberta toda vez que toma banho, deixando o vapor escapar de propósito. Ele diz que muito vapor o faz suar.

— Ben? — chamo, minha voz grogue de sono.

Nada.

Quando me levanto, o ar frio toca a pele descoberta pelo top e short de seda, fazendo meu corpo todo arrepiar. Esfrego os braços para me aquecer quando chego à porta do banheiro e a abro devagar. Ben não está lá.

Vejo algo preso entre o espelho e a moldura de madeira na penteadeira. Mordendo o lábio, pego o bilhete e leio. Cubro a boca com a mão, sentindo o ar parar na garganta.

“Espero que não se importe de dirigir para o trabalho hoje. Esqueci de dizer ontem que eu precisava estar no escritório mais cedo esta manhã. Grande processo judicial. Não me espere para o jantar.
Ben.”

Ele não me acordou para se despedir.

Ele saiu sem dizer uma palavra.

Com o peito apertado e o estômago embrulhado, vou para o trabalho. Espero que o jeito que meu dia começou não seja um sinal do que está por vir, porque talvez eu não consiga passar por ele sem ter um colapso e chorar. No caminho, tentei falar com Ben três vezes, mas Carla me atendeu em todas elas, dizendo que ele estava em reuniões. Ben nunca deixou de me atender e jamais saiu de casa sem me dar um beijo de despedida.

Até hoje.

No curto caminho da garagem até o escritório, noto o céu escuro com suas sinistras nuvens cinzentas anunciando chuvas pesadas a qualquer momento.

Ótimo, mas que maravilha.

O ar úmido faz meu corpo suar, fazendo com que minhas roupas grudem na pele, e o burburinho constante do tráfego intenso, no meio da hora do rush em Manhattan, parece um prego batendo na minha cabeça a cada toque de buzina. Chego ao trabalho sem pegar a chuva, cumprimento os seguranças e vou para o escritório.

Assim que estou sentada na minha mesa, pego minha bolsa Gucci de couro preto e tiro meu telefone e um pequeno espelho de bolso. Sentindo um nó apertado no estômago depois de confirmar que Ben não me ligou de volta, eu me pergunto se deveria ligar para ele outra vez.

Mas meu orgulho não deixa.

Não fiz nada de errado. Se ele falasse comigo, eu saberia qual era o problema. Arsen, uma vozinha dentro da minha cabeça sussurra. Não. Por que Ben ficaria aborrecido com Arsen? Não existe nada ali.

Nós somos amigos. Bons amigos.

Ou foi o que achei.

Depois de ontem, não tenho mais certeza. Ben sabe, ele suspeita. Sacudindo a cabeça feito uma maluca, tento dissipar os pensamentos insinuantes

rugindo em minha mente.

Não, não, não!

Com a mão trêmula, coloco o celular de volta na bolsa e pego o espelho na mesa. Dou uma olhada em mim e fico chocada ao ver as olheiras. O coque apertado prendendo meu cabelo loiro no lugar apenas acentua como estou cansada e bastante pálida, parecendo um fantasma. E nem mesmo a pequena quantidade de maquiagem que estou usando é capaz de esconder o fato de que hoje não estou nos meus melhores dias.

Tanto faz.

Tenho direito a ter um dia ruim, certo? Depois de passar batom e o blush muito necessários, estou preparada para oficialmente começar o dia.

— Aqui está você! Cathy, estou passando por uma grande crise na minha vida.

— Bom dia, Amy. Você está bonita nesta manhã. — Eu sorrio para ela, mesmo que seja a última coisa que tenho vontade de fazer agora. Ela está de tirar o fôlego com o cabelo escovado em grandes ondas e o terninho cinza apertado.

— Obrigada, meu amor. Você também está ótima. O preto combina com seu tom de pele. Enfim, como estava dizendo... grande crise, alôôô!

— Oras, me diga o que está acontecendo. Ainda temos alguns minutos. — Eu sinto o primeiro sorriso sincero no meu rosto desde ontem à noite.

Amy agarra uma onda vermelha de fogo entre os dedos e observa por um momento antes de levantar o olhar para encontrar o meu.

— Catherine, Cathy, Cat... a triste verdade é que eu preciso de uma boa trepada. Esqueci como é ter um orgasmo sem meu vibrador.

Sinto as bochechas corarem.

— Hum. — Como responder a isso? — Pensei que... Não era você que estava saindo com aquele cara do iate? Qual era o nome dele? Nigel?

Amy vem se sentar no canto da minha mesa, exatamente onde Arsen se sentou ontem. O momento parece um déjà vu.

— Sim... mas ele não era bom na cama. Nem um pouco. Tipo, sexo com Nigel era “um, dois, ooooh, baby, baby, você é tão apertada, tão molhada, e ele já era”. — Estalando os dedos, ela faz os rápidos movimentos do ato em si antes de continuar: — Estou totalmente ferrada. O que me faz lembrar de uma coisa, preciso que me apresente a Charles. O quê? Não olhe para mim com esses seus grandes e lindos olhos verdes. Sou hétero, eles não funcionam em mim. Você sabe de qual Charles estou falando. Garota, eu preciso dele na minha cama. Agora. E você vai conseguir isso pra mim.

Cara!.

— Amy, ele é o melhor amigo do Bruno. Lembra que é o Bruno, né? Seu chefe? Meu chefe? Como diabos vou apresentar vocês dois se não sou amiga dele?

Ela acena com a mão no ar, como se esse pequeno detalhe não tivesse relevância na conversa.

— Não sei. Eu o vi no coquetel que Bruno deu quando chegou na cidade. Eu o vi falando com você e Ben, e ele me deu algumas olhadas. Então consiga isso pra mim, Cathy. Eu tenho fé em você e nas suas habilidades de planejamento. Convide-o para jantar ou algo assim. Estou falando sério, Cathy. Eu o quero.

— O que te faz pensar que ele é bom na cama? Quero dizer, ele é bonito, mas...

— Querida, queridaaaaa... o homem tem estado por perto. Não deixe que ele te engane com seu trabalho feminino. Se metade das coisas faladas sobre ele são verdadeiras, posso ficar de pernas tortas por alguns dias. — Amy mostra um sorriso diabólico, agitando as sobrancelhas elegantes para mim, fazendo-nos

rir.

Amy e eu ainda estamos rindo quando um Bruno furioso invade a minha sala.

Sem dizer uma palavra, ele joga um jornal na minha mesa.

— Veja isso! — grita. Curiosas, nós nos inclinamos sobre a mesa para olhar melhor na primeira página da publicação.

A imagem apaga todos os traços de alegria do meu rosto.

Engolindo em seco, pego o jornal e o aproximo para poder ver melhor a fotografia. Quando o estou segurando, sinto Amy se aproximar de mim.

— Ah, não.

Meu estômago revira quando examino a imagem. Estampada na primeira página está uma foto de Arsen cheirando cocaína nos seios de uma garota. A camisa branca que ele usava ontem está quase toda aberta, revelando seu lindo e perfeito peito bronzeado. Seu cabelo loiro parece bagunçado, mas é o olhar fixo que me despedaça. Seus olhos parecem frios.

Tão frios. Arsen está chapado de álcool ou drogas, talvez dos dois, e parece não se importar que esteja sendo fotografado. Esse é o velho Arsen, não o cara meigo que comecei a me importar nos últimos meses. Parece que eles estão na casa de alguém e a garota é a mesma bartender da noite passada. A mesma.

Eu sei que sou a culpada disso.

Minha garganta seca, estou tendo certa dificuldade para engolir quando me lembro do jeito que ele me olhou antes de sair. Quando nossos olhos se conectaram por um instante que pareceu uma eternidade, lembro de ter visto emoções refletidas neles que deixei de lado, fingindo que não existiam.

Traição.

Dor.

Raiva.

As duras palavras de Bruno me tiram do meu devaneio.

— Como pode ver, meu orgulho e alegria de filho decidiu parar de representar a piada boba de um homem refeito. Ele voltou a ser ele mesmo, um desperdício. Cathy, não espere ele de volta. Deve começar a procurar alguém para substituir sua posição. Considere essa foto seu aviso-prévio de duas semanas, só que ele não voltará mais. Não permitirei. Tenham um bom-dia, senhoritas.

Atônita, observo Bruno partir abruptamente. Seus irritados longos e determinados passos.

Depois que ele desaparece, Amy tira o jornal da minha mão.

Trazendo-o perto de seu rosto, ela murmura a manchete:

— Arsen Radcliff, um viciado em cocaína?

As palavras me envolvem em uma fina camada de névoa, me entorpecendo um pouco, me entorpecendo muito, mas no final... elas me entorpecem.

Arsen.

Não o verei nunca mais.

Esse pensamento faz meu coração parar, contrair...

Esse pensamento me faz querer vomitar.

CAPÍTULO 16

Faz uma semana desde a última vez que o vi.

Desde a última vez que tive notícias dele.

Aconteceu na última quinta-feira à noite.

Hoje é quinta-feira.

Sete dias se passaram.

E nada é igual.

Nunca é, no entanto.

Certo.

Quando contei a Ben que Arsen havia sido demitido, foi como explodir uma escultura de gelo com uma tocha de fogo, observando-a derreter rapidamente bem diante dos meus olhos. Seu comportamento frio que começou na noite em que saímos do bar e que continuou no dia seguinte até Ben chegar em casa e eu dar a notícia, finalmente descongelou. Não havia mais rigidez no ar.

A vida voltou ao normal.

De volta ao jeito que era antes de Arsen começar a trabalhar no escritório.

De acordo com o artigo que estou lendo atualmente, Arsen voltou com Melissa Stewart. No entanto, ele foi fotografado no domingo de manhã saindo

do hotel onde uma estrela pop muito famosa estaria hospedada. A revista menciona o fato de que Arsen está traindo Melissa, a próxima queridinha da América, com essa cantora de cabelos pretos. Não ficaria surpresa se ele estivesse. Isso é Arsen, em poucas palavras.

Eu me sinto entorpecida conforme olho para a foto por mais um tempo até que as cores da imagem começam a ficar borradas, misturando-se. Meu coração permanece calmo. Deve significar que não me importo, certo? Pelo menos não mais. Nem é que eu sinta falta de seu flerte ou carisma. Não, eu sinto falta do meu amigo. Tenho saudades de conversar com ele e rir sobre tudo e nada.

Sinto falta dele.

Colocando a revista no balcão da cozinha, olho ao redor da sala da minha casa. Tudo parece tão perfeito e arrumado. Eu me pergunto quantas rachaduras estão escondidas debaixo de todos os acessórios brilhantes e caros. Provavelmente muitas.

Assim como eu.

— Amor, pode pegar o jantar hoje à noite? Talvez eu me atrase. Amy precisa que eu fique com ela e repasse as solicitações de alguns clientes — peço, tentando afastar a tristeza que me domina toda vez que penso em Arsen.

Ben ergue os olhos castanhos de sua pasta cheia de papelada.

— Claro, sem problema. — Ele coloca a pasta no balcão e retira os óculos, esfregando os olhos com as palmas das mãos. Ele parece cansado e estressado. Percebo que, desde que Arsen surgiu, parece que parei de prestar atenção em Ben.

Afasto todos os pensamentos de Arsen da cabeça e me concentro no meu lindo marido sentado à minha frente.

— Cathy? — pergunta Ben.

Tentando clarear os pensamentos, balanço a cabeça.

— Desculpe, amor... o que estava dizendo?

— O bebê, querida. Só estou te lembrando para ter certeza de que tirou a segunda-feira de folga. Nós temos nossa consulta de doze semanas.

Oh.

Meu coração começa a acelerar.

— Ah, sim. Claro — respondo, pegando minha bolsa e enfiando as primeiras coisas que vejo sem me importar se preciso delas ou não. — Como eu poderia esquecer? Tenho que ir. — Eu me levanto, tropeçando ao mesmo tempo em que o medo incapacitante de sempre me deixa desorientada.

Lentamente, vou até meu marido que está sentado na minha frente e me inclino para beijá-lo no rosto. Preciso sair daqui antes que eu desmorone na frente dele, e ele veja o quanto estou com medo.

— Espera, amor. O que está acontecendo? — Ele me pega pela nuca para me segurar no lugar enquanto nos encaramos, a mão livre acariciando meu rosto. Se ele está fazendo isso porque reparou algo no meu semblante, e está tentando me distrair, me fazer esquecer, não está funcionando.

— Nada. Sério, tenho que ir.

Eu me solto do seu aperto e vou até o balcão para colocar meu prato e caneca na pia. Estou de costas para a sala, então não vejo quando Ben se levanta e vem ficar atrás de mim. Com sua grande estrutura pairando sobre mim, ele pega a minha mão, virando-me para me abraçar e me beijar. Quando acho que vai me soltar, ele inclina meu queixo para que eu olhe nos olhos dele.

— Cathy, vai ficar tudo bem. Chegamos até aqui sem complicações. Tenha um pouco de fé.

Assentindo, sinto os olhos começarem a se encher de lágrimas traidoras que mostram para ele exatamente o quanto estou ansiosa e assustada.

— Tenho fé em você, Ben. É-é tudo.

Ele aperta os lábios.

— Não, Cathy. Você não pode viver sua vida assim. Tenha fé na vida, no que está reservado para você, para nós dois. Seja o que for, não importa o quê, estou com você. Mas tem que aprender a não ter medo, a confiar na vida.

Ele me solta e sua outra mão se esgueira entre nós, cobrindo minha pequena barriga.

— Isso faz parte do nosso futuro. E se não acontecer... se estiver escrito em nossos destinos, talvez seja hora de vermos sobre a adoção de novo.

Estou prestes a argumentar, mas Ben me interrompe:

— Eu não me importaria. Será o nosso bebê, não importa o quê. E enquanto estiver comigo, contanto que façamos isso juntos. Não chore, meu amor. — Ele enxuga minhas lágrimas com o polegar. — Lembre-se de que te amo. Aconteça o que acontecer.

— Eu também te amo — murmuro com o coração dolorido, sentindo a culpa me estapear na cara. Eu tenho um marido maravilhoso que sempre esteve ao meu lado e me ama como nenhum outro, enquanto tenho ficado ansiosa para ter notícias de um babaca.

Já chega.

As palavras de Ben são o que preciso ouvir para me tirar do nevoeiro que me envolveu com seu grosso manto de necessidade, não me deixando respirar desde que ele foi embora.

Estou livre.

Eu envolvo os braços em sua cintura e fico na ponta dos pés para beijá-lo nos lábios.

Com delicadeza...

Com carinho...

Com suavidade...

Eu mostro o que ele significa para mim. Estou tão perdida no momento que sou pega de surpresa quando sinto a mão dele entre as pernas, seus dedos acariciando e me circulando bem devagar. Interrompo o beijo quando ouço Ben gemer.

— Sério isso, Ben?

Meu marido pisca para mim.

— Você que começou, esposa. Agora vá antes que eu mude de ideia e te leve de volta para o nosso quarto e mostre o quanto estou sendo sério — praticamente rosna, se abaixando para morder meu lábio inferior.

Observando seu corpo se afastar, limpo algumas lágrimas restantes, e não consigo deixar de sorrir um pouco. Não quero pensar no futuro porque me assusta, mas de uma coisa eu tenho certeza:

Eu amo este homem.

Muito.

Tocando a minha barriga, digo para a sala e para o nosso bebê:

— Nós temos muita sorte de tê-lo, sabe?

Segunda fará doze semanas. Podemos passar disso.

Tomara que sim.

— Por favor, não me deixe, pequenina. Não nos deixe.

Nós precisamos de você.



Não há nada mais delicioso do que acordar nos braços do seu marido depois de uma boa-noite de sono. O conforto delicioso das peles se esfregando intimamente, sentindo sua pele despertar por por seu toque possessivo e gentil

conforme o leva à perdição. Seus corpos se encaixam como duas peças de um quebra-cabeça carnal.

Braços quentes de aço se apertam ao redor da minha barriga, me acorrentando a ele. Virando-me dentro de seu abraço, pressiono o corpo mais perto da parede humana, aconchegando-me mais a ele. Suavemente, espalho beijos por seu peito nu, deixando a língua traçar o círculo externo de seu mamilo, demorando entre as ondulações de seus músculos. Ao mesmo tempo em que provo a doçura salgada de sua pele, estou me apaixonando de novo pelo sabor dele. Sinto os braços de Ben me soltando e suas mãos levantando a minha camisola de seda, e a tirando de mim. Só de calcinha, e ele sem nada, a gente se encara, nossa respiração é o único som que dá para ouvir no quarto.

Ben acaricia as minhas curvas com as costas da mão e sorri com carinho.

— Dia.

Estendo a mão para afastar uma mecha castanha de sua testa.

— Bom dia, lindo.

— O que é isso? — Sua mão desce entre as minhas pernas, esfregando-me suavemente por fora da calcinha até que sinto a umidade atravessar o tecido.

— Eu quero você. — Minha mão alcança seu comprimento, sentindo-o engrossar e crescer na palma da mão enquanto envolvo os dedos em torno dele. Aço quente. Levantando o corpo mais alto na cama, roço o nariz em seu pescoço. Depois de lamber os lábios, começo a beijá-lo sob o queixo, atrás da orelha, nas veias grossas de seu pescoço... minha língua sentindo o sabor de excitação.

— Hum, Cathy... se começar a beijar meu pescoço desse jeito, tem uma chance de 110% de eu pular em cima de você feito um homem esfomeado e

rasgar essa coisinha linda que você está usando. — Seus dedos continuam a me provocar esfregando em pequenos círculos, empurrando através do tecido. Meu corpo é uma bomba prestes a explodir com a magia de seus dedos.

— Ótimo.

Eu o provoco com a língua porque quero enlouquecê-lo de desejo.

— Porra... — gemendo, sinto sua outra mão envolvendo a minha enquanto o acariciamos, mais rápido e mais áspero.

— Mhhmmm, eu gosto disso, Ben. Preciso de você dentro de mim agora. — Minha voz está rouca de luxúria.

— Bem...

Eu me solto de seu abraço e o empurro, deitando-o de costas para me sentar em cima dele.

Movendo a calcinha de lado, eu o pego e me abaixo até que estou totalmente encaixada nele e o sinto pulsar dentro de mim.

— Caramba... Cathy...

Usando os joelhos como alavanca, eu começo a subir e descer; suas mãos seguram minha bunda e me puxam para mais perto. Nossos corpos estão intimamente unidos, e sou capaz de senti-lo na alma a cada impulso de seus quadris contra os meus.

Eu amo isso.

Inclino a cabeça para trás, rindo, e deixo o ritmo de nossos corpos definir o passo do nosso amor. À beira da explosão, meu corpo começa a apertar em torno de seu pau, Ben agarra um punhado do meu cabelo e me puxa para um beijo. Um beijo ardente que me queima por dentro, de dentro para fora.

Incinerada.

Seu beijo me transforma em cinzas.

Quando o beijo acaba, ele solta meu rosto só um pouco para sussurrar

na minha boca:

— Eu amo suas covinhas quando você ri.

Covinhas.

Covinhas.

Porra.

Arsen.

Eu me sinto mal, não acho que sou capaz de gozar, mas Ben está tão longe que não percebe meu afastamento repentino.

— Merda, Cathy...

Ben solta meu cabelo para segurar meus quadris acelerando o ritmo, minha bunda bate contra suas coxas mais e mais rápido. Cada vez mais forte.

— CATHY! — ele grita quando goza dentro de mim.

Eu não gozo.

Não consigo.

Eu olho para ele deitado na cama, sentindo o líquido quente se espalhando dentro de mim quando ele empurra mais algumas vezes. E tudo que sinto vontade de fazer é chorar porque ele acabou de contaminar minha lembrança de Arsen.

Covinhas.

As palavras soam erradas nos lábios de Ben. Elas não pertencem ali.

Com um rubor cobrindo os contornos de suas bochechas, Ben começa a sentar-se comigo em seu colo, ainda unidos. Envolvendo-me nos braços e sorrindo como um garotinho fofo na manhã de Natal, ele enterra o nariz no meu pescoço e me beija suavemente atrás da orelha.

— Droga, Cathy, como tive tanta sorte? — Ele levanta o rosto, dando um beijinho meu nariz. — Você é tão perfeita. — Sua voz está rouca de emoção.

Não me dou ao trabalho de responder, dou um beijo em seu ombro e

me solto de seu abraço. Quando estou de pé, tiro a calcinha estirada e a jogo no lixo. Virando-me, observo o meu marido.

E por um momento...

Por uma pequena fração do segundo...

Queria estar olhando para olhos azul-piscina, e não castanhos.

Depois que termino meu banho, Ben entra para se arrumar para o trabalho.

Quando escuto a água correndo, e um inocente Ben cantarolando uma música familiar, eu me sento na cama sentindo gotas de água molhando as costas, a borda da toalha e o edredom. Eu pego meu celular e cometo o maior erro da minha vida.

Com as mãos trêmulas, e sentindo o estômago revirar de nervoso, faço mesmo assim.

Eu mando uma mensagem para ele.

Sinto sua falta.



Ben e eu estamos voltando do trabalho quando meu telefone toca. Eu o atendo sem olhar no identificador de chamadas

— É a Catherine? — pergunta uma mulher irritada.

— Sim. É ela. Posso saber quem está falando?

— Meu nome é Sali. Nós não nos conhecemos, mas sou amiga de Arsen. Escuta, não sei o que acontece entre vocês dois. Quer dizer, não é como se você fosse famosa ou algo assim, mas ele está bebendo há quase quatro dias seguidos. Meu namorado, Alec, tem feito companhia a ele durante toda a sua

bebedeira e já estou farta. Eu quero meu namorado de volta. Além disso, não aguento mais ver Arsen beber até desmaiar.

Atordoada por suas palavras, engulo em seco antes de responder:

— Certo. E o que isso tem a ver comigo? — Sentindo Ben pegar minha mão, me viro para olhar seu perfil no escuro e o vejo dirigir.

— Uh, tudo ou nada. Nunca se sabe quando se trata de Arsen. Tudo o que sei é que ele não para de falar de você. Ele está muito mal hoje e eu queria saber se você poderia vir aqui e conversar um pouco com ele. Talvez levá-lo para casa e fazê-lo parar de beber. Ele não está bem.

Aperto o celular com mais força.

— Tudo bem. Estou com meu marido. Então nós dois iremos. Me passe o endereço e nós iremos até lá.

— Você é casada? Não acredito nisso. — Minha resposta parece aturdi-la, mas só momentaneamente. — Tanto faz. Não tenho nada com isso. Basta vir o mais rápido possível, por favor. A banda do meu namorado, MOMO, está prestes a começar a tocar, e não quero assistir a mais uma das performances bêbadas de Arsen.

Desligo depois que ela me dá o endereço. Estou me contorcendo por dentro de ansiedade.

Eu vou vê-lo de novo.

— Ben, hum, essa era uma garota chamada Sali. Ela é amiga de Arsen.

Quando ele olha para mim, nossos olhos se prendem por um milésimo de segundo, e sua expressão é cautelosa.

— Por que ela estava te ligando? O que ela quer com você? Aquele garoto pediu que ela te ligasse? — Seu tom é acusatório.

Incomodada pelo tom áspero e o modo como se refere a Arsen, eu me viro para ele, soltando sua mão.

— Ele não é um garoto, Ben. Ele tem vinte e quatro anos de idade. E ele não sabe que ela me ligou.

Cruzo os braços, depois me viro no banco para olhar para ele.

— Parece que ele está muito bêbado, e ela precisa que eu vá falar com ele. Talvez fazer ele ir embora com a gente.

Ben franze a testa.

— De jeito nenhum. Você não é a mãe dele. — A palavra mãe me faz estremecer. — Nós não iremos lá. Eu não farei isso, Cathy. Deixe que seus amigos cuidem dele. Ele não é nada pra você, além de um ex-empregado.

O farol fica vermelho, fazendo-nos parar. Frustrada e magoada com suas palavras, não quero mais olhar para ele, então olho pela janela. Estou pensando em sair do carro e acenar para um táxi e ir ver Arsen sozinha, quando sinto os dedos frios de Ben envolverem meu queixo, virando meu rosto para que ficássemos cara a cara. Preste a puxar o queixo de seu aperto, seu semblante me paralisa.

Amor.

Eu vejo amor.

Eu sinto amor.

Um amor que faz seus olhos queimarem, ferozes, tão brilhantes quanto um incêndio.

A culpa me apazigua.

A culpa mancha minha pele de vermelho.

Mais calma, tento explicar a Ben porque preciso fazer isso por Arsen, e talvez, ao mesmo tempo, eu tente explicar para mim mesma. Seguro sua mão e deixo as palavras voarem da minha boca antes que a luz fique verde e eu o perca:

— Ben. Por favor... Arsen é meu amigo. E-Ele me fez rir e me alegrou no trabalho, e ele, hum, esteve ao meu lado quando precisei de alguém para

conversar sobre a gravidez.

É, isso soou bem verdadeiro.

— O que aconteceu sobre a sua gravidez? Você não disse nada para m...

— Não importa, só aconteceu uma vez — eu minto para ele. — Mas essa não é a questão. A questão é que ele é meu amigo e, aparentemente, seus amigos acham que ele vai me escutar. Não sei por que acham isso, mas tenho que pelo menos tentar, Ben. Eu preciso.

Ele olha para mim intensamente, parecendo considerar sua resposta. Depois de uma breve pausa, ele solta meu queixo e circula o volante com as mãos. Está apertando com tanta força que dá para ver as veias das mãos saltando. Assentindo uma vez, sua voz está cheia de ira disfarçada de calma:

— Tudo bem. Mas, Cathy, esta será a primeira e a última vez. Eu não gosto disso, e tenho certeza de que você também não gostaria se fosse eu a ter que ir buscar uma mulher qualquer que você mal conhecesse. Vou deixar essa passar porque, bem, eu não tenho escolha e porque você disse que ele é seu amigo. E essa é a única razão pela qual estamos indo.

Ele se vira para me olhar uma última vez quando a luz fica verde.

— Porque ele é seu amigo. É por isso.

Eu murmuro baixinho:

— Sim, meu amigo.

As palavras fazem meu peito apertar.



Depois de dirigir por quinze minutos, tentando encontrar uma vaga para estacionar em uma noite de sexta-feira em Manhattan, Ben me deixa na

entrada do bar. Ele me diz para ir na frente enquanto ele procura um estacionamento.

Assim que aceno, me despedindo de Ben na rua, eu me viro até deparar com a fachada surrada e dilapidada do que eu acho que seja o bar. Olhando para a esquerda e para a direita, procuro por algo com melhor aparência, mas com tudo fechado, parece que esse é o lugar certo.

Fale-me sobre um muquifo.

Nunca imaginei encontrar Arsen, um mimado que adora chamar a atenção, em um lugar como este. Quando atravesso a entrada do lugar esfarrapado, sou recebida com o cheiro de cerveja e fumaça de cigarro. A repulsa faz meu nariz enrugar e os olhos piscam momentaneamente. Assim que me acostumo com o ambiente, olho pelo bar, procurando a cabeça familiar de cabelos loiros dourados que sinto tanta falta. Não o encontrando em lugar algum, meus olhos pousam em uma linda mulher bronzeada de cabelos negros. Seus grandes olhos castanhos estão me observando conforme ela se inclina sobre um cara alto e bonito e sussurra em seu ouvido, balançando a cabeça na minha direção. Quando ele se vira, vejo as tatuagens cobrindo seus braços e pescoço. Ele agarra a garota pela mão e caminha em minha direção, só parando quando estão a um passo de mim.

Uau.

O cara em pé na minha frente é lindo em seu perfil euroasiático.

Seu corpo é esguio, mas bem definido, seus olhos são azul-celeste e o cabelo preto faz com que a brancura de sua pele se destaque. A garota é tão linda quanto. Pequena e magra, seus grandes olhos castanhos me fazem sentir acolhida.

— Você deve ser a Catherine. Acho que chegou aqui um pouco tarde demais. Agora devemos aguentar outra de suas performances embriagadas. Mas

assim que ele acabar, por favor, tire Arsen daqui. O homem vai ter tabloides derrubando o lugar, e as pessoas vão enlouquecer. Nós odiamos notoriedade — diz ele com uma voz rouca sexy.

— Oi. Sim, sou a Cathy. E você é?

— Você é tão idiota às vezes, Alec. Chega pra lá, baby. — Empurrando-o para o lado, a pequena garota me cumprimenta: — Você é tão bonita quanto eu imaginava, mas mais velha. Enfim, oi, eu sou a Sali. Eu te liguei. E este é Alec, meu namorado. Sua banda está tocando esta noite e, bem, Arsen decidiu que quer ser um astro do rock e tocar com eles. Eu queria que tivesse vindo antes que ele subisse ao palco e fizesse papel de bobo na frente de todas essas pessoas, mas é tarde demais. Como pode ver, ele está prestes a se apresentar.

Quando ela afasta o pequeno corpo, meus olhos pousam no palco onde há um homem sentado em um banquinho de madeira atrás do microfone.

Ele está olhando para o chão, aparentemente perdido em pensamentos.

Meu coração bate descontrolado.

A boca seca.

As palmas suam.

O nevoeiro que me envolveu como um casulo anestésico na última semana começa a se dissipar lentamente quando eu me encho de sua beleza devastadora com olhos tão sedentos que parecem ressecados. Suas bochechas estão magras e ocas, parece que ele perdeu peso, e suas roupas, geralmente tão imaculadas, parecem gastas e sujas.

Arsen.

Finalmente.

Quando um estranho grita algo para ele, Arsen ergue o rosto, mas seu olhar não cai na plateia. Cai em mim. Meu coração dispara quando nossos olhos

se conectam pela primeira vez, mas seu olhar azul é como um desfibrilador no meu peito, enviando choques elétricos quentes, me trazendo de volta à vida.

Olhos vazios exploram e me estudam atentamente ao mesmo tempo em que um tremor potente percorre minha coluna, deixando-me gelada. Observo Arsen fechar os olhos, levantando uma palma trêmula para tirar uma mecha de seu cabelo loiro do rosto, destacando os contornos de seus braços e peito perfeitos. Depois de uma pausa, ele sacode a cabeça uma vez e ergue os olhos para olhar na plateia, evitando olhar em minha direção.

Ignorando minha presença por completo.

Eu sinto uma dor intensa na garganta, tornando difícil de engolir enquanto o vejo se levantar, caminhar até a beira do palco, e se inclinar para a plateia para dizer algo a um grupo de garotas mais próximas a ele. Rindo, elas se cutucam até que uma delas, a que está usando a saia mais curta, tira a calcinha e a entrega para ele. Com os olhos vazios, ele sorri encantadoramente e coloca o item nojento no bolso da frente de sua camisa. Depois que acaba com a sedução, ou como preferir chamar isso, Arsen volta ao banco e se senta. Quando um jovem com uma guitarra se aproxima dele, Arsen vira de costas para o público, as garotas são esquecidas e começa a conversar com o rapaz.

Sentindo uma pequena mão envolver meu braço, afasto o olhar do palco e vejo Sali, que atualmente está me analisando com seus lindos olhos castanhos.

— Não ligue para isso. Ele está mexendo com todo mundo. Pelo lado positivo, ele não parece tão bêbado como antes, mas ainda estou com medo de que faça papel de bobo. Quando ele terminar a música, Alec vai tirá-lo do palco e essa é a sua oportunidade de fazê-lo ir com você. Ah, espere! Onde está seu marido? Ele foi para casa? Porque isso seria muito bom. Talvez você pudesse dirigir o Porsche de Alec?

Tenho a sensação de que Sali não quer Ben aqui.

— Sim. Ben, meu marido, está aqui comigo. Ele deve chegar aqui a qualquer momento. Não conseguimos encontrar uma vaga para estacionar.

— Oh, bem, deixa pra lá. Só tire ele daqui, tá?

— Baby, tenho que ir para o palco. Não sei o que o Arsen quer fazer, mas preciso estar lá. Tudo bem?

Depois de um rápido beijo nos lábios, Sali diz a Alec para arrebentar no palco, e cuidar para que Arsen não cometa o maior erro de sua vida. Não entendo por que cantar uma música seria algo tão terrível. De fato, isso me deixa orgulhosa dele.

— Hum, Arsen é bom? — Odeio o tanto que a minha voz está trêmula.

— Porra, sim! Ele é incrível! Alec tem tentado fazer com que ele se junte à banda, mas ele não quer. Pessoalmente, acho que ele não quer lidar com a fama. Quer dizer, olhe para ele! Já é popular o suficiente sem estar em uma banda.

— Momo é famosa?

— São normais. — Ela sorri para mim, orgulho brilhando em seus olhos.

— Enfim, olha! Estão começando. Vamos torcer para que Arsen seja capaz de cantar depois da bebedeira em que se encontra desde a última noite de quinta-feira.

Eu lanço um olhar em sua direção e o vejo conversando com Alec enquanto sua mão cobre o microfone. Alec parece estar tentando convencer Arsen, que balança a cabeça, obstinadamente, para ele, então Alec joga as mãos para o ar e se afasta, deixando-o sozinho. Um sorriso tão cruel que poderia ser de desdém cruza seus lábios enquanto ele olha para os pés. Quando ergue os olhos para a plateia, sinto os pelos da nuca se levantarem.

Balbuciando um pouco as palavras, ouço a voz que achei que nunca mais ouviria e isso me deixa feliz.

Tão feliz.

— Não vou me apresentar porque não há a porra da necessidade. De acordo com meu pai, eu sou um Zé ninguém e está tudo certo. — Ele passa a mão pelo cabelo, deixando se acomodar na nuca. — Concordo com ele. Enfim, meu amigo Alec, que gosta de fingir que é um músico com dificuldades quando provavelmente poderia comprar uma gravadora, me permitiu agraciá-lo com meu talento de merda e sem valor. Espero que gostem. Ah, e, estava me esquecendo. Eu dedico esta música para uma amiga.

Ah, não. Não.

Arsen ri ao microfone com sua própria piada particular, mas suas próximas palavras me destroem.

— Sabe, ela é uma coisinha bonita. Linda pra caralho, de verdade. E ela tem covinhas, as covinhas mais bonitas que você já viu. Mas ela é casada, ama seu homem e isso não dá certo para mim porque eu a quero. Eu a quero tanto. — A multidão enlouquece com suas palavras, mas não consigo ouvir nada.

Estou surda para o barulho ao meu redor.

Suas palavras são tudo que consigo ouvir.

Tudo que quero ouvir.

Em poucas frases, ele quebrou todas as minhas ilusões tolas de que éramos amigos, apenas amigos. Ele falou a verdade final que não posso mais negar.

E isso machuca.

Dói muito porque eu fiz isso. Eu permiti que acontecesse.

— De qualquer forma, essa é para ela. — Quando as palavras saem de sua boca, ele ergue o olhar da plateia até se concentrar em mim.

Quando nossos olhos se conectam, nos encaramos como se o mundo não existisse ao nosso redor.

Como se fosse só nós dois.

Fogo e gelo.

Abraçando-me mais forte, quero fugir e sumir deste lugar. Eu quero abandoná-lo, mas não posso. Meus pés estão travados no chão sujo e molhado, observando-o prestes a cair e queimar, me levando com ele.

Sem quebrar o contato visual, ele estilhaça meu coração com a letra da canção.

Nas sombras de outro homem, nas sombras de outro homem.

Nas sombras de outro homem, posso ouvir sua voz chamando por mim, chamando por mim.

Beleza de olhos verdes com um coração de aço, coração de aço.

Abra seus olhos, abra seus olhos e me veja, me veja.

Feiticeira, você me hipnotiza com sua maldade e com a tentação de chocolate branco que é o seu corpo. Deixe-me sentir seu gosto antes de arrancar minha cabeça, minha cabeça do pescoço.

Eu vagueio sem rumo pelas páginas da minha história de amor triste tentando encontrar o caminho de volta para você.

Nas sombras de outro homem, nas sombras de outro homem.

Nas sombras de outro homem, posso ouvir minha alma clamando por você, clamando por você.

Apanhador de almas, ladrão de almas, devolva minha alma. Sem minha alma, eu não sou nada, sem você, eu não sou nada, eu não sou nada.

Nas sombras de outro homem, nas sombras de outro homem.

Nas sombras de outro homem, eu não sou nada.

Eu não sou nada.

Sinto arrepios percorrendo meu corpo. Eu me sinto quente e fria... tão fria. Estou tremendo e tão quente que minhas bochechas estão ardendo. As palavras de Arsen estão girando na minha cabeça, me deixando tonta.

Eu não posso.

Eu não posso fazer isso.

Pedindo licença, tento ir devagar em direção ao banheiro, sem sair correndo. Com os passos trêmulos, sinto olhos em mim. Em toda parte. Uma voz irritante na minha cabeça me diz que eu deveria me preocupar com Ben. E se ele visse toda a cena e ligasse os fatos? Mas não posso. Eu tenho que sair daqui e lidar com as consequências mais tarde.

Preciso ficar sozinha.

Quando estou no banheiro, desisto de tentar me resfriar com uma toalha de papel molhada e jogo água no rosto. Funciona um pouco, mas ainda sinto o rosto pegando fogo. Erguendo os olhos para o espelho, entro em pânico com as emoções pintadas nele. Estou vermelha, quase febril, e meus olhos estão brilhando de novo, um brilho eufórico que não deveria estar lá.

Não, não, não, não.

Mas é verdade, não é? Eu sabia o tempo todo. A egoísta em mim queria Arsen, então eu o rotulei como amigo quando éramos tudo, menos isso. Sua provocação, seus sorrisos, seu toque...

Nunca foi o mesmo com mais ninguém. E eu gostei.

Não, eu adorei.

Amei a atenção que ele me deu e o jeito que me fez sentir. Viva.

Feliz. Ele me fez esquecer. Ignorância é felicidade, certo? Bem, o conhecimento é tristeza.

E a verdade dói.

Porque nunca poderá acontecer, jamais acontecerá.

Ao sair do banheiro, não reparo as pessoas esperando para usar as instalações. Portanto, sou pega de surpresa quando sinto uma mão ao redor do braço, me impedindo de andar. Antes que eu tenha a chance de me livrar do seu aperto, ele abre o banheiro dos homens, nos leva para dentro e tranca a porta atrás de nós.

Assustada, porque não sei o que ele tem na cabeça, eu grito com ele:

— Que diabos pensa que está fazendo? Me deixe sair agora mesmo. — Tentando empurrá-lo para longe da porta, ele me agarra pelos ombros e me prende contra a superfície de madeira. Eu estremeço com a força de seu aperto. E fico esperando que ele faça alguma coisa, qualquer coisa.

Mas ele não faz nada.

Tudo o que ele faz é me encarar. Ele está me observando com tanta sede e fome no olhar.

Como pude não perceber isso antes?

Ah, mas você sabia.

Calor pulsa no meu núcleo a cada carícia de seus olhos no meu rosto.

Vagando pelas minhas feições, ele olha para a minha boca, pescoço, bochechas, olhos...

Arsen se inclina para frente, sua bochecha tocando minha testa, e para ali. Sinto uma mistura de cerveja e cigarros nele, mas não ligo. É ele. Eu sinto seu verdadeiro cheiro por baixo de tudo. Arsen. Sua pele na minha pele.

Explosão.

Fogo.

Estou prestes a falar, quando sinto a ponta do nariz dele traçando o meu queixo. Lentamente, Arsen desce para o pescoço, seu nariz seguindo o caminho da clavícula. Preciso fazer alguma coisa. Fazê-lo parar, mas não consigo, estou atordoada.

E se eu for honesta comigo mesma, estou gostando do toque dele.

Senti falta disso.

Quando sinto sua língua substituindo a ponta do nariz enquanto ele continua a traçar meu pescoço, não consigo impedir o gemido que escapa da minha boca. Estou perdida na sensação quando ele para. Do nada, ele endireita o corpo e me solta. Ele para na minha frente, enorme e imponente. Sua respiração está pesada e ofegante. Vejo a protuberância na frente da calça, me provocando, fazendo-me imaginar como seria se eu o tocasse agora. Se eu abrisse o zíper da calça e segurasse o pau dele. Duro. Eu sei que ele queria que eu fizesse isso.

Olhando um para o outro sem dizer uma palavra, é Arsen quem quebra o silêncio:

— Vá em frente. Toque meu pau. Eu sei que você quer. Vejo isso em seus olhos.

Nego com veemência.

— Não. Pare com isso, Arsen. Você está maluco.

— Você que está. Eu vi o jeito que olha para mim. Você me quer, Catherine. Então pare de mentir para si mesma. Merda, até quando seu marido perfeito estava sentado ao seu lado no bar, você não conseguia parar de me encarar.

— V-você está louco? Eu não quero isso. Nós somos...

— Diga. Atreva-se. O que somos nós, Covinhas? Por que não me diz o que somos?

— Por que você está fazendo isso? — Lágrimas ardem em meus olhos.

— Por que você o trouxe aqui?

— Quem?

— Seu marido! — grita ele.

— E-ele não estava aqui.

— Sim, ele estava. Ele viu a merda toda. E devo dizer, estou feliz que ele tenha visto.

— Ah, Arsen. O que você fez? Isso faz você se sentir melhor?

— Não, isso não me faz sentir melhor, mas não consigo tirar você da cabeça. E eu tentei, acredite em mim, tentei com todas as minhas forças. Mas ver você aqui. — Ele empurra seu corpo contra o meu. — Eu sei de uma coisa. Estou farto pra caralho de fingir, Catherine. Caramba, eu senti sua falta. Eu preciso de você.

Balanço a cabeça vigorosamente, negando suas palavras e o jeito que elas me fazem sentir.

— Não. Você é maluco.

Quando sua respiração acalma, ele sorri.

— Seus olhos traem você, Cathy, e, praticamente posso cheirar sua boceta molhada por mim. E devo dizer, Covinhas, está me excitando.

Eu sinto vergonha e raiva crescendo dentro de mim. Ele está certo.

— Eu não quero você. Pode descer do cavalo, amigo. Você é bonito, sim, mas sou casada e não estou interessada. Você é meu amigo, e isso é tudo, Arsen. Você é como uma criança para mim.

Estou mentindo, mentindo, mentindo.

O sorriso é arrancado de seu rosto. Fico feliz.

— A porra de uma criança? Um amigo? — A mágoa em seus olhos é a morte para mim.

— Por favor, me deixe sair. Você está imaginando coisas, Arsen. — Virando-me de costas para ele, eu alcanço a maçaneta quando sinto toda a frente de seu corpo pressionar às minhas costas. Fecho os olhos, sentindo um arrepio percorrer todo o meu corpo. Ele me empurra para frente até que estou presa contra a porta, e as minhas costas estão coladas a ele. Eu o sinto em todos os

lugares, desde a sua respiração quente atrás da orelha e pescoço, até a ereção protuberante.

— Por favor, Arsen. Não faça isso. Eu sou casada — imploro com todo meu coração.

— E se eu te disser que não me importo que você seja casada? Eu não me importo em compartilhar. E se eu te disser que vou me contentar em te foder uma única vez? Apenas uma vez, onde te farei gozar tão forte com o meu pau, que você esquecerá que é casada e implorará por mais? E se você for uma boa menina, Covinhas, poderá tê-lo de novo antes de eu te deixar voltar para o seu marido, dolorida entre suas pernas, porque eu te comi bem gostoso.

Estou chocada e excitada.

O que diabos há de errado comigo? Por que estou tão excitada quando ele basicamente acabou de insultar a mim e ao meu casamento?

— Acho que você está bêbado, Arsen, e precisa ir dormir. Você não está atraído por mim. Acha que está, mas não está.

Imediatamente empurrando os quadris para frente, sinto a pressão implacável de sua ereção nas costas de novo. Arsen aproxima a boca do meu ouvido para sussurrar palavras que fazem minha barriga apertar de excitação e medo:

— Isso parece que não sou atraído por você? Você é linda pra caralho, Catherine. E eu te quis desde que pus os olhos em você pela primeira vez. Porra, tudo que pude pensar naquela noite, toda hora que via você tomar um gole de vinho, era que eu queria seus lábios em volta do meu pau, me chupando forte e rápido. E sempre que você descruzava as pernas, eu só podia imaginar como seria abri-las para que meu pau entrasse em sua boceta apertada e eu te fodesse na mesa. Tem sido um maldito inferno te querer e não ser capaz de ter você, não ser capaz de fazer nada a respeito disso. — Ele faz uma pausa. — Eu quero

você, Catherine.

Quando a palavra boceta saiu de sua boca, ele me tocou lá, esfregando-me devagar sobre a saia, sua mão deslizando num vai-e-vem, seus dedos tentando ir bem fundo e o mais perto do meu clitóris que a saia permitia.

— Mmmhmmm... sim, você é tão gostosa. Sinta o quão duro sua boceta molhada está fazendo meu pau ficar... Aposto que se eu pudesse deslizar sua calcinha de lado, eu te foderia bem forte contra essa porta, agora mesmo.

Suas palavras me tiram da minha névoa.

O que diabos estou fazendo? Eu me recomponho, afasto a mão dele e me viro para encará-lo mais uma vez. A última vez.

— Tire suas mãos de mim. Quem você pensa que é para falar comigo desse jeito? Funciona com outras mulheres? Você diz a elas que vai fodê-las, e elas simplesmente abrem as pernas por sua causa? Você é bonito demais para mim. Eu gosto de homens de verdade. E meu marido é tudo que você não é. Um homem.

Eu vejo a raiva substituindo a descrença em seus belos traços. Eu menti quando disse que ele era muito bonito e não um homem de verdade. Ele é lindo. Antes que eu perca o fôlego e minha própria raiva seja substituída pelo medo, continuo:

— Você escolheu a mulher errada para mexer. Sou muito bem-casada e feliz com um ótimo homem que amo muito. E-e eu não estou interessada em te foder. Minha mão provavelmente faria um trabalho muito melhor.

Tudo mentira.

Ele parece tão bravo. E perplexo. Pensando que o coloquei em seu lugar, Arsen se mantém sob controle. Com um sorriso malvado, quase cruel, que não atinge seus olhos.

— Linda, você pode dizer não para mim esta noite e fingir que está

acima de tudo isso. — Ele pega minha mão, guiando-a em direção ao seu pau enquanto me faz esfregá-lo sobre o jeans. — Mas você vai me implorar para eu te deixar chupar meu pau um dia desses, escreva o que estou dizendo. Você está muito molhada. Consigo sentir o cheiro.

— Você é nojento.

— Mas você me quer — diz, categórico.

— Estou grávida de outro homem! — grito.

Enquanto eu o lembro, e a mim mesma, do meu estado, sinto Arsen estremecer quando sua mão se afrouxa imediatamente. Ótimo. Sinto nojo pela reação que seu toque desperta em mim e quero fazê-lo se sentir tão mal quanto eu.

— Mas que inferno. Eu... — murmura ele.

Aproveito seu choque momentâneo e consigo tirar a mão do seu aperto. O ar parece saturado pelas poderosas correntes de eletricidade que fluem entre nós conforme nos encaramos. É tangível. Percebendo que esta é minha chance de escapar antes que ele diga outra coisa, eu me movo o mais rápido que posso, abro a porta e corro. Sem olhar para trás, deixo ele e suas palavras agridoces para trás – onde eles pertencem.

Voltando ao bar, vejo Sali conversando com Ben. Ele parece tão familiar e formidável, tão diferente de Arsen. Dia e noite. Como ela sabia que era meu marido?

— Oi, amor. Quando chegou aqui? — Estou surpresa que minha voz soa tão calma quando estou completamente perturbada por dentro.

— Estou aqui há um tempo. Eu até vi Arsen se apresentar, mas não consegui encontrá-la, então fiquei lá nos fundos — diz Ben sem olhar para mim.

Estendo a mão para pegar a dele e o faço olhar na minha direção.

— Oh. A a-apresentação foi ótima.

Sali interrompe e eu, silenciosamente, a agradeço de todo o coração.

— Uau. E que apresentação foi aquela! Sabe, é perturbador ver que ele ainda está tão gamado naquela mulher com quem estava saindo em Paris. Que desperdício. Mas sabe como essas socialites entediadas gostam de brincar com carne fresca. Pense comigo, foi a maior besteira ele se envolver com uma, mas esse é o Arsen. Ele gosta de brincar com fogo. Cathy, acho que você deveria ir. Quero dizer, acho que exagerei quando te liguei. Ele está muito melhor. Não tão bêbado quanto eu suspeitava. Então, sim, obrigada, pessoal! Ben, foi muito bom conhecer você! E, Cathy, antes que eu me esqueça, venha comigo ao bar para que eu possa arrumar uma caneta e pegar as informações do seu cabeleireiro. Amei suas luzes!

Confusa, encaro seus olhos suplicantes. Do que ela está falando? Concordo e a sigo depois que ela se despede de Ben. Enquanto eu a acompanho até o bar, eu me viro assim que Ben ergue as mãos para o rosto, as palmas das mãos esfregando os olhos como se tentasse apagar imagens de sua cabeça.

Quando chegamos ao bar, depois que as pessoas abrem caminho para nos deixar passar, uma sóbria Sali se dirige a mim.

— Não sei o que está acontecendo entre você e Arsen, mas aquilo foi fodido. Você precisa se afastar. Eu não sabia que você era casada e quando descobri isso ainda não me preocupei. Arsen gosta de boceta e ele fode o que quer e sempre que é oferecido a ele. Mas aquilo — ela aponta para o palco —, não foi legal. Aquele é meu amigo sofrendo. Então é melhor você parar de posar de inocente e dar o fora daqui. Volte para o seu marido que parece ser um cara muito legal e não fale com Arsen de novo. Ele vai te esquecer. Ele sempre esquece. Agora, vaza, vadia.

E ela vai embora.

O que eu fiz?

Entorpecida, volto para Ben e finjo que o que aconteceu no banheiro entre Arsen e eu nunca rolou. Que Sali nunca pronunciou essas coisas horríveis para mim e que a apresentação toda nunca ocorreu. Enquanto nos preparamos para sair, não sinto o chão quando vejo Arsen vindo em nossa direção. Ben deve tê-lo visto também porque, de repente, ele envolve o braço pela minha cintura com tanta força que parece que meus ossos vão quebrar.

Quando Arsen para à nossa frente, ele não me ignora como achei que faria. Ele continua a se comportar como o paquerador de antes, mas agora, quando encaro seus olhos, eles parecem frios e vazios.

— Ben. Que bom te ver de novo. Espero que tenham gostado do espetáculo. — Ele vira o olhar vazio para mim, murmurando rispidamente: — Espero que não esteja sentindo muito a minha falta no trabalho. Enfim, eu queria agradecer a vocês dois por ouvirem meus amigos babacas e virem ao meu socorro, mas como podem ver, não há necessidade. Eles são uns idiotas que pensam que preciso ser salvo... foda-se essa merda. Eu preciso de mais álcool e boceta.

Suas palavras são açoites pelo meu corpo, fazendo-me estremecer de dor.



Quando chego em casa, sinto-me suja e culpada. Eu sei que não pedi para Arsen me seguir até o banheiro, para me tocar e dizer todas essas coisas para mim. Não pedi. De forma alguma. Mas não consigo parar de pensar nisso. E o pior de tudo, eu queria que fosse de verdade naquele momento.

Ben ficou quieto e pensativo no caminho de casa, mas ele não pareceu se afastar de mim como da última vez que vimos Arsen. Ele me perguntou o que

achei da música que Arsen cantou, e pude lhe dar uma resposta honesta quando disse que foi boa. Depois, ele deixou o assunto de lado e me perguntou como foi meu dia.

Nada mais.

Ele estava ignorando o que aconteceu no bar? Ou estava em negação como eu?

Depois de tomar banho, coloco uma camisola de seda, passo creme no rosto e vou para a cama. Estou exausta e só quero fechar os olhos e esquecer desse dia. Preciso de descanso dos meus pensamentos por algumas horas.

Estou acordada quando sinto a cama ceder ao meu lado. Ben. Meu querido e doce marido. Sem pensar, eu o alcanço. Talvez se eu o tocar, não vou desejar outra pessoa. Eu me aproximo mais dele, começo a beijar seu peito todo. Dou beijinhos pela extensão dura e pelas ondulações de seu abdômen. Estou usando seu corpo para me distrair, mas funciona porque de repente, eu quero que Ben me toque. Que ele faça amor comigo.

— Jesus, Cathy... o que está tentando fazer comigo? — sussurra, rouco, no quarto escuro, enquanto me deixa explorá-lo.

— Me deixe te mostrar... — digo sem fôlego.

Assim que minha mão envolve sua ereção crescente, ele me puxa por cima dele e levanta minha camisola, rosnando quando seus olhos se estreitam diante da minha nudez. Lentamente, ele vira meu corpo ao contrário, guiando seu pênis até os meus lábios ao mesmo tempo em que aproxima meus quadris de sua boca. Seus dedos gentilmente me abrem e sinto sua língua dentro de mim, saboreando minha excitação. Estou perdendo a sanidade e morrendo de prazer. Gemendo, permito que o traço suave de sua língua e a pressão gentil de seus dedos me acariciando, deem o que preciso, o que quero. Almejando mais de Ben, coloco seu pau, agora duro, inteiro na boca até que sinto lágrimas nos

olhos. Ele é tão grande e grosso, mas eu gosto da sensação de asfixia que sinto como se não pudesse respirar.

Minutos passam, o quarto é preenchido com o cheiro do sexo, somos todos mãos, bocas, pele contra pele, suor por toda parte, nos ajudando a se mover, ajudando nossos corpos a deslizarem. Clímax ao nosso alcance, fecho os olhos e cedo, me perdendo na magia de sua língua acetinada. Meu corpo explode enquanto provo seu gozo pousando na minha língua. Ben levanta os quadris, a ponta do seu pau batendo no céu da minha boca com meu nome saindo de seus lábios marcados com o meu sabor. Fechando os olhos com força e engulo tudo, até deixá-lo limpo.

Quando estou quase gozando, é em Arsen que eu penso.

Agora sei por que me senti tão culpada.

Ele estava certo.

Arsen estava certo.

Eu o queria.

Eu ainda quero.

Eu me sinto tão suja por querer seu toque e sua respiração quente na minha pele outra vez. Eu me sinto tão poluída porque só de pensar em suas mãos em mim ainda me deixa muito molhada. Eu me sinto envergonhada e com ódio de mim, porque Ben não tem sido capaz de me excitar assim há muito tempo.

Não posso acreditar nisso.

E o pior de tudo?

Eu quero que isso se repita.

Muito.



Depois de revirar na cama por mais uma hora, desisto de lutar com a insônia e vou tomar um copo de água. Vermelha e quente, minha boca parece seca, mas a água não ajuda em nada. Que se dane. Eu preciso me refrescar. Abro o congelador e enfio a cabeça dentro, sentindo o ar frio explodir no meu rosto. Parece delicioso. Mais calma, volto para a cama.

Quando a cabeça encosta no travesseiro branco e fofo, eu me viro para olhar o relógio. A luz neon me avisa que é quase três da manhã. Gemendo, fico de lado e começo a dormir quando a vibração do meu celular me assusta, me acordando. Às cegas, pego o telefone e olho para as letras que juntas formam um nome que se gravou nos recessos mais profundos da minha mente.

Olhando por cima do ombro no homem que dorme ao meu lado, observo um inocente Ben, alheio no sono. Uma energia nervosa corre através de mim fazendo minhas mãos tremerem.

Devo atender?

E se eu acordar o Ben?

Eu quero atender.

Preciso falar com ele.

Preciso ouvir sua voz.

Você não deveria.

Indecisão, hesitação, incerteza.

Boas intenções perdem a batalha quando sinto um pânico esmagador me consumir com o pensamento de não falar com ele nunca mais, porque de alguma forma, chame de palpite, eu sei que se eu não atender esse telefonema, ele estará perdido para mim.

Para sempre.

E não estou preparada para isso. Eu não estou. Olhando por cima do ombro uma última vez, rezo para que ele continue dormindo e nunca descubra

sobre isso, sobre nada disso. Não é traição se eu conversar com ele, certo? Certo. Com a decisão tomada, levanto e saio do quarto o mais rápido possível, sem hesitar os passos uma única vez.

Quando chego ao banheiro, fecho a porta, desço a tampa do assento e me sento. Corpo tremendo e respiração ofegante, limpo a testa suada com as costas da mão enquanto tento me acalmar.

Posso fazer isso? É certo? Por que sinto vontade de vomitar? Por que estou me escondendo no banheiro? Eu não sei. Estou prestes a explodir, e não me importo. Por ele, eu não me importo. Pressiono a rediscagem e espero.

Um toque.

Dois toques.

Três toques.

Ele não vai atender. É tarde demais.

Afastando o telefone da orelha, eu quase desligo quando sua voz rouca me cumprimenta.

— Não consigo parar de pensar em você.

— Arsen...

— Tentei tanto te esquecer, sabia?

— Não sei o que você quer que eu diga.

— Acabei de foder uma mulher qualquer, e eu pensei em você o tempo todo.

Fico em silêncio, sinto-me mal com as palavras dele. Estou louca de ciúmes.

Sinto nojo.Só me sinto mal.

— Isto foi real? Qualquer parte disso foi real?

— A amizade era...

— Foda-se a amizade. Eu nunca quis ser seu amigo.

— Isto não é justo. Você disse que queria ser...

— Eu sei o que eu disse, Catherine. Eu sei. Eu tentei. E falhei.

— Eu sou casada. — Engulo em seco. — E estou grávida.

Silêncio. Eu ouço sua respiração ofegante do outro lado da linha. Cada respiração que ele dá é como um soco no meu estômago. Eu o levei a sentir isso? Sabia o que estava acontecendo?

Eu sempre soube.

— Porra. Eu tentei. Quando você me disse que era casada, tentei recuar, tirar você da cabeça e ser seu amigo, mas — ele geme — isso é tão fodido. Eu tentei. Isso é tudo o que posso dizer.

Depois de alguns minutos de total silêncio, ouço Arsen perguntar:

— Você o ama? Porque se o amasse, não teria atendido. Não teria se importado.

— Claro que eu amo o Ben! Atender sua ligação não tem nada a ver com amar meu marido ou não.

— Você me quer.

— Não. Não quero. Gosto de você como amigo. Eu gosto de você como amigo.

Mentira.

— Mentira. Você me quer. Tanto quanto eu quero você, talvez mais. Eu senti como sua boceta estava molhada. Para mim. Não para ele. Mas sabe de uma coisa? Já chega. Eu não mereço nada. Adeus, Covinhas. Espero que tenha uma vida feliz.

— Espera! Não...

Clique.

A ligação acaba.

Assim como uma pequena parte de mim se vai.

CAPÍTULO 17
PASSADO

— Morte perfeita — murmura Ben.

— Como?

— Morri.

— O que quer dizer com “morri”?

O homem estava me beijando toda nem um minuto atrás.

— Seus lábios me matam. — Ele olha nos meus olhos e sussurra com a voz rouca: — Eles são a morte perfeita. Minha morte perfeita.

— Oh.

Ben e eu ficamos de conchinha em sua cama... na verdade, fizemos dela a nossa cama já que me mudei oficialmente na tarde de ontem. Não consigo acreditar que já estamos juntos há quatro anos. Parece que eu o conheci ontem. Fora de brincadeira. Porém mesmo depois desse tempo todo, acho que nunca me cansarei desse sentimento de pura felicidade que sinto sempre que ele está ao meu lado. Ele me faz tão feliz e inteira.

Ele é meu tudo.

— Eu amo toda a safadeza que temos feito desde ontem à tarde, mas isso — ele aperta os braços ao redor da minha cintura —, é tudo para mim, linda. Minha garota em meus braços. É o paraíso para mim.

Ficamos deitados nos braços um do outro olhando para o teto,

perfeitamente satisfeitos em estarmos rodeados pelo silêncio. É, Ben está certo. Isto é o paraíso. Meu tipo perfeito de paraíso.

Eu me solto de seu abraço e me sento recostando-me à cabeceira da cama. Eu me ajeito, e coloco sua cabeça deitada no meu colo. Nesta posição consigo brincar com seus cachos pretos e admirá-lo.

Meu garoto lindo.

Sorrindo, olho bem nos olhos de Ben e descubro qual é o segredo da vida.

Amor.

Revela-se em seu olhar, ecoa com seu toque e grava-se a cada beijo na minha alma.

— Quais são os planos para hoje, mulher? — pergunta, erguendo a mão para mexer com o meu cabelo solto. Estou deixando crescer, já que ele parece gostar mais dele desse jeito.

— Eu não sei. Qualquer coisa que você quiser fazer. É tão estranho ter essa liberdade toda e não ter o meu pai respirando em cima de nós, né?

Um sorriso satisfeito toca seus lábios.

— Mmhhmm, mas você agora é toda minha. E agradeço a Deus por isso. Por um instante, pensei que seu pai fosse mudar de ideia. Eu não sei. Inventar uma doença de mentira para que você tivesse que ficar e cuidar dele. Linda, estou com 26 anos. Estou me esforçando muito no escritório de advocacia para podermos ter um futuro juntos sem a ajuda dos meus pais, e seu pai ainda consegue fazer com que eu me sinta um lixo por querer ter a minha garota morando comigo, como se tudo o que eu quisesse com ela fosse sexo e nada mais.

Começo a rir. Isso é tudo o que temos feito desde que a minha última caixa entrou em seu apartamento.

Ben ri.

— Não diga nada! Eu sei, eu sei. Mas...

— Mas o quê? Por favor, diga. Preciso ouvir isso — eu o provoco, cutucando-o na barriga.

— Bem, tenho certeza de que conseguimos trocar uma palavra aqui e ali.

— Ah, é. Totalmente. — Com a voz grossa, repito seu cumprimento: — Linda, que tal você vestir algo mais confortável, tipo, eu? Essas foram as primeiras palavras que você disse assim que cheguei. Isso é conversar? Porque você nem terminou de descer minha caixa no chão e já estava me jogando por cima do ombro e me levando para o seu quarto.

Ben sorri.

— Nosso quarto. E acho que nós tivemos uma conversa bastante impressionante na minha cama. Lembro-me de te ouvir dizendo: “mais forte, por favor, nossa, assim...

Dou tapa em seu ombro e sinto um rubor cobrir minha pele toda. Suas palavras me trazem lembranças da noite passada e desta manhã.

— Oh, Nossa... amor... não pare! Não! Sim! Sim! — ele continua me provocando. Desistindo, Ben e eu choramos de rir até ficarmos sem fôlego.

Quando paramos, seguro seu rosto, inclino-me para baixo e o beijo. Tento demonstrar com a língua, com os lábios, as mãos e corpo, o quanto ele significa para mim. Ele é o tudo para o meu nada.

— Eu te amo tanto — sussurro em seus lábios.

Ben geme.

— Diga isso de novo.

— Eu te amo.

— Mais uma vez.

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo, eu te amo — repito, rindo.

— Cara, é música para meus ouvidos cada vez que você diz isso.

As mãos de Ben começam a descer meu short, mas eu o impeço. Fico olhando para ele por um instante, memorizando-o. Este meu garoto é uma força da natureza. Sua energia me revive. Ele enche a minha vida com todas as cores bonitas. Ele me faz tão feliz.

— Hum, Ben?

— Sim? — Ele se senta e começa a dar beijos no meu pescoço.

— Pensei que íamos fazer alguma coisa hoje. Sabe, talvez passear no parque?

Ben para de me beijar e se deita de costas de novo, mas seus dedos continuam a acariciar os contornos expostos do meu corpo.

— Você está certa. Precisamos sair para comprar comida. Esperei para ir com você, assim poderia escolher o que quisesse.

— Ahhh, amor. Isso é tão doce.

— É. Eu sou bem doce, quer provar?

— Meu Deus. Tá. Vou tomar banho. Quer vir comigo? — pergunto. Eu meio que espero que ele queira. Sexo no chuveiro com Ben é um dos meus preferidos.

— Você sabe que eu quero, mas tem razão. Precisamos nos mexer. E tenho que ligar para Julian, Micky e a namorada dele, Megan, para ver se eles querem sair com a gente em algum bar hoje à noite.

— Isso parece ótimo. — Saio da cama e vou para o chuveiro. Quando estou quase lá, viro para olhá-lo mais uma vez.

Ben está mordendo o lábio, observando o meu corpo, cheio de desejo. Sorrindo, eu rebolo a bunda sedutoramente ao ir para o banheiro. Ouço-o grunhir, e não consigo parar de gargalhar.

Isto é felicidade.



Tem um pet shop a duas quadras do apartamento de Ben e cada vez que passamos por lá, eu o faço parar e me esperar até que acabe de babar pelos gatinhos e cachorrinhos da vitrine.

Hoje, no entanto, quem para é ele quando chegamos à loja.

Curiosa para saber por que ele parou do nada, eu pergunto:

— O que foi, amor? Entrou uma pedra no seu sapato?

Ele faz que não com cabeça quando sinto sua mão tremer na minha.

— Não. Nada disso. Na verdade, estava pensando... hum, gostaria de entrar? Talvez pudéssemos pegar uma tartaruga ou um hamster... Sabe, o nosso primeiro animal de estimação? — pergunta, com a voz trêmula.

Solto sua mão e coloco as minhas sobre o meu coração.

— Sim! Eu adoraria.

Não acredito que ele quer adotar um bicho de estimação comigo. Não ligo se é uma tartaruga ou um pássaro, será o nosso primeiro bichinho. É como se estivéssemos nos tornando uma família, e isso é tudo que eu sempre quis. Ter uma família com ele. Ser mãe.

— Oras, o que está esperando? Vamos entrar, então. Talvez possamos pegar uma cobra bem legal ou algo assim?

— Sem chance. Eu te mato. Cobras não são permitidas no apartamento.

Ben se inclina e sussurra no meu ouvido:

— Tarde demais para isso.

— Você é um tarado. Vamos lá. Quero um hamster lindo — digo,

balançando a cabeça.

Dou risada quando o ouço murmurar algo sobre cobras e por eu não ter reclamado disso ontem à noite. Fala sério, meu namorado é um pervertido.

Assim que entramos, eu me separo de Ben e começamos a andar pelos corredores, admirando os bonitinhos peixes, pássaros, cachorros e tudo mais.

Estou toda empolgada com um filhote de cachorro muito bonitinho quando sinto na perna o mais leve dos arranhões. Abaixo o olhar e vejo um gatinho bem fofinho com uma fita vermelha amarrada no pescoço olhando para mim. Fico de joelhos para pegá-lo no colo e vou até o balcão, pensando que ele deve ter fugido de sua gaiola.

Quando chego lá, vejo Ben me observando atentamente, quase como se esperasse que eu fugisse da loja com o gato nos braços.

Estranho.

O proprietário também tem um olhar ansioso no rosto.

— Ei, achei essa coisinha linda do outro lado da loja. Aqui está.

E é quando acontece. Na hora em que entrego o gatinho de volta para o proprietário, vejo um sininho pendurado no seu laço brilhando igual a... oh.

Oh!

Engulo em seco.

— Hum... o que é isso?

Ben tira o gatinho das mãos do proprietário e se afasta do balcão até ficar na minha frente. Sem dizer nada, eu o vejo desatar a fita vermelha do pescoço do gato, fazendo escorregar uma das alianças mais lindas que eu já vi na vida.

Odeio chorar, mas neste momento, eu não consigo fazer nada que impeça as lágrimas de caírem dos meus olhos. Quando a aliança se solta da fita, Ben segura a minha mão direita e me encara com olhos amorosos.

O quê? Espere um minuto. Essa é a mão errada!

— Hum, Ben... Acho que você pegou a mão errada — consigo sussurrar.

Ben olha para baixo, solta um palavrão baixinho, solta e pega a esquerda desta vez.

Bem melhor.

Ele limpa a garganta.

— Cathy, conhecê-la foi um acaso, me apaixonar por você foi destino e te amar é minha razão de existir. Poderia te dizer todas as maneiras diferentes que eu a amo, mas palavras são banais. Então, se você aceitar ser minha, se me deixar ser seu, eu vou lhe mostrar pelo resto de nossas vidas o quanto significa para mim. Linda, eu quero envelhecer junto com você. Quero que você seja a mãe dos nossos filhos e quero que você seja a última pessoa que eu verei antes de dar o meu último suspiro nesta terra. Eu te amo. Casa comigo, e deixe o meu amor por você fazer de mim o melhor homem que eu possa ser?

—S-sim. Sim. Sim! — Eu o vejo deslizar a linda aliança de diamantes no meu dedo. Sem esperar que ele fale mais alguma coisa, eu me jogo em seus braços. Seguro sua nuca, puxando-o para mim e dou um beijaço em sua boca.

Quando nos separamos, Ben segura meu rosto e me encara.

— É isso, amor. Você está presa a mim e ao gatinho pelo resto da vida agora — diz com a voz rouca.

— O gatinho faz parte do pedido?

Ben acena com a cabeça e sorri.

— Bem, quando você fala desse jeito, não há mais nada a dizer.

Rindo, Ben me puxa para mais perto e beija o topo da minha cabeça.

Ao deixarmos o pet shop, meu olhar para em Ben segurando o gatinho contra o peito. Um sorriso tranquilo adorna seu belo rosto e os seus cachos

pretos balançam no ar com a brisa suave que sopra no início da tarde.

Abaixo o olhar para ver o enorme diamante decorando minha mão esquerda. Aparentemente é uma relíquia de família e muito valiosa, mas Ben não escolheu me dar isso por esse motivo. Sua avó lhe deu antes de falecer e disse que só desse essa aliança para a mulher que o fizesse sentir como se ele pudesse conquistar o mundo, porque é isso que o amor verdadeiro faz. Faz você se sentir invencível e capaz de fazer qualquer coisa que imaginar.

Ele disse que eu era aquela mulher.

Olho para o céu e vejo o sol brilhando sobre nós. Não sei o que o amanhã trará, mas de uma coisa tenho certeza: enquanto ele estiver ao meu lado, e contando que ele faça parte da minha vida, ficarei bem.

Tudo ficará bem.



Se eu soubesse que, anos depois, sofreria três abortos em um ano, e depois nada, acho que eu teria questionado as minhas palavras.

Mas eu era jovem e apaixonada, e como a avó dele disse, eu senti como se pudesse conquistar o mundo com o seu amor.

Eu me sentia invencível.

Se eu soubesse que era preciso muito mais do que amor para fazer um casamento dar certo, então talvez a nossa história teria sido diferente.

Se eu soubesse.

CAPÍTULO 18
PRESENTE

O sábado foi um borrão.

Domingo foi um borrão.

Hoje é segunda-feira, e já parece um borrão.

Só mais um dia.

Só mais um dia.

Só mais um dia como o dia anterior.

Sinto-me inquieta. Eu me sinto incompleta. Eu me sinto meio vazia, meio cheia.

Ben tem sido perfeito e doce como sempre. Ele sussurra as palavras certas no meu ouvido, me beija nos momentos adequados, e sempre me abraça forte.

Então, por que eu me sinto assim?

Será que a bolha já estourou?

Estou parada na frente do espelho me preparando para o trabalho, olhando o meu bonito reflexo. Não me reconheço esta manhã. Não consigo. Para onde se foi a magia? Onde está o brilho dos meus olhos?

Eu sinto que o meu mundo foi dominado pela escuridão. Tenho um marido amoroso, uma bela casa, sou financeiramente estável... temos até a nossa segunda chance de felicidade plena com o pequeno milagre crescendo dentro de

mim.

A minha vida é boa.

Então, por que eu me sinto oca?

Talvez seja porque no breve período em que ele fez parte da minha vida, eu tenha descoberto algo que não sabia que existia; algo que não sabia que eu poderia ter. Alguma coisa que eu poderia querer?

Não sei.

Sem perceber, Arsen me envolveu com tanta força em uma teia doce com seu charme delicioso que não acredito ser capaz de me libertar mesmo que eu queira.

Olhos verdes me encaram no espelho. Meus olhos. Os olhos de uma estranha. Ergo a mão para ajeitar o cabelo, olhando fixo no meu reflexo. Ondas caem em cascata nos ombros conforme passo os dedos através dos fios macios e dourados. Cabelo arrumado, pego o meu perfume, inclino a cabeça de lado e exponho o pescoço para a bruma. Quando meu dedo está no frasco, prestes a pressioná-lo, sinto o puxão familiar na parte baixa do meu abdômen.

Ah, não...

Ah, não...

Desta vez, não.

De novo, não.

Entorpecida pelo medo, minha mão automaticamente solta o perfume, deixando-o cair no piso acarpetado. Fecho os olhos com força e tento respirar pelo nariz e expirar pela boca, tentando me acalmar, mas não consigo.

Só de respirar dói.

Lutando para escapar da nuvem escura de pânico que me cobre, espero o próximo golpe doloroso vir e tenho esperança de que isso nunca aconteça, mesmo com o desespero começando a enfiar suas garras dentro do meu coração.

Eu espero, porque não há mais nada a fazer.

De novo.

A dor vem.

Paralisada, observo meu reflexo e reparo que meus olhos não estão mais opacos. Estão brilhando intensamente. Brilham com lágrimas de tristeza, de dor, do que nunca será. Mas jamais era para ser, não é?

Meu Deus.

Estava escrito no destino.

Sinto as contrações dolorosas me atacarem repetidas vezes, cada uma mais intensa que a outra. Cada golpe me matando lentamente. Sem nada a fazer, a não ser esperar pelo inevitável, envolvo os braços firmemente ao redor da barriga. Não quero me mexer, com medo de que isso faça o meu bebê deixar meu corpo mais cedo, mais rápido.

Preciso senti-lo dentro de mim mais um pouquinho. Preciso abraçar esse pequeno milagre só mais...

Lentamente, eu me abaixo até o chão e inclino-me contra o espelho. Fecho as pernas o mais forte possível e as puxo para cima contra o peito, ainda não permitindo que o bebê deixe meu corpo. Coloco as pernas no ilusório casulo seguro dos meus braços e começo a balançar para frente e para trás, proibindo que a verdade me penetre. Meu corpo está tremendo, minhas mãos estão tremendo, e estou com muito medo.

Com tanto medo.

Consigo ouvir uma voz arrasada murmurando palavras ininteligíveis no meu ouvido conforme me balanço feito uma louca.

— Por que comigo?

—... Corpo defeituoso...

—... não é mulher suficiente...

Olho para o quarto e percebo que estou sozinha. Sozinha.

A voz enlouquecida que continuo ouvindo é minha.

Minutos se passam comigo lutando com meu corpo, suplicando, rogando a Deus para me deixar ficar com meu bebê desta vez. Eu me recuso a acreditar que a vida seja tão cruel a ponto de me provocar, pela quarta vez, após um longo período sofrendo de ansiedade e necessidade só para me tirar tudo de novo. Continuo a balançar, alheia ao mundo exterior, quando sinto uma dor tão intensa na base das costas que me atira para longe do meu devaneio louco. A dor excruciante é como se alguém pegasse um salto alto e o cravasse nas costas, torcendo-o impiedosamente. À medida que ela passa, fico lutando para recuperar o fôlego.

Quando sinto algo úmido entre as pernas, com cuidado eu as separo e vejo o brilhante sangue vermelho encharcando minha calça. A morte se espalha pelas minhas roupas, igual a uma doença.

Parece tão vermelho.

Tão intenso e brilhante.

É bem neste momento, quando estou olhando a vida me deixar lentamente, que eu voluntariamente salto para o abismo escuro da desesperança. A tristeza me acolhe com seus braços mortos, o desespero congela meu coração.

Um desejo louco se apodera de mim. Preciso sentir o sangue nas minhas mãos para saber que é verdade. Tocando-me, deixo meus dedos ali até que estão cobertos com meu sangue. Quando afasto a mão e a ergo até meus olhos para poder ver melhor, esfrego o líquido vermelho entre os dedos e o deixo manchar minha pele. Meu corpo treme com força, meus dedos estão vermelhos, algo dentro de mim quebra, e se solta. Agarro a cabeça entre as mãos, fecho os olhos e grito.

A angústia, a raiva e a tristeza são transportadas nesse grito

interminável.

— Cathy! O que foi? Ah, Cathy! — Escuto Ben gritar, entrando correndo no nosso quarto.

— Oh, Ben... por favor, me perdoe... — Olhando para cima, consigo ver a expressão horrorizada de Ben. — Por favor, me perdoe.

Minha voz está rouca de tanto chorar e gritar tão alto.

— Eu não consegui... não consegui... não consegui manter o nosso bebê seguro.

Vejo quando Ben se abaixa e se senta ao meu lado. Ele me levanta do chão e me coloca em seu colo. Sinto os tremores atravessarem seu corpo, o jeito que seus braços me envolvem com tanta força em seu abraço aconchegante.

Mas eu não sinto nada.

Estou morta por dentro.

Estou fria.

— Eu não consegui...

— Ah, Cathy... por favor... — Sua voz está rouca de agonia.

— Não. Eu não consegui. Está acontecendo. — Engolindo em seco, eu continuo: — Já aconteceu. Acabou.

Tudo é um borrão quando Ben se levanta me segurando nos braços e me leva para a cama. Ele chama a Dra. Pajaree e fica ao meu lado, me abraçando forte e em luto comigo pelo que não estava destinado a ser meu.

— Fique comigo, Cathy. Fique comigo — ele chora.

CAPÍTULO 19

Lixo.

Estou jogando tudo fora. Estou limpando o sótão. Livrando-me de qualquer item que me faça lembrar do que nunca vou ter, do que eu e Ben nunca teremos. É uma limpeza ou uma expurgação?

Quem se importa.

Ergo a mão para limpar o suor da testa, olhando ao redor do espaço quase vazio. Eu quase começo a sentir-me em paz. Não quero nunca mais ver outro acessório de bebê na minha casa. Quero que todas as lembranças infernais sejam removidas de uma vez por todas. Quero um sótão vazio.

Assim como eu.

Deus me fez mulher para me punir. Eu odeio o meu corpo. Queria poder apagar minha memória. Talvez se eu conseguisse esquecer de tudo da minha vida, pararia de doer tanto.

Eu perdi toda a esperança.

A vontade...

A vontade...

A vontade...

Meus sonhos e esperanças estão destruídos.

Assim como meu coração.

Meu corpo.

E a minha alma.

Sinto vontade de gritar.

Meu corpo é uma bomba-relógio.

Tic. Tac. Tic. Tac.

Tudo morre dentro de mim.

Nada sobrevive.

A placenta não implantou adequadamente. A placenta não implantou adequadamente. A placenta não implantou adequadamente. A placenta não implantou adequadamente. A placenta não implantou adequadamente. A placenta não implantou adequadamente.

Já se passaram três semanas desde o incidente, desde que a minha vida mudou por completo. Não ligo para mais nada. Não me importo com Ben. Não me preocupo com o trabalho. E, certamente, não estou nem aí para o que acontece comigo. Minha vida não leva a nada, então por que eu deveria continuar tentando e tentando?

Já chega.

Desisti. E é tão bom, porra. Viver em um estupor sem emoção combina comigo, porque me ajuda a esquecer e não sentir. E quero isso. Quero não sentir.

Absolutamente nada.

Quando o último dos acessórios de bebê está num saco de lixo, chego até o patamar das escadas e o jogo por cima dos outros. Vejo os sacos aterrissarem em uma montanha de plástico preto brilhante. Assim é melhor.

Aliviada, ando até o meio do lugar arejado, e agora vazio, e deixo os olhos percorrerem as paredes vazias de madeira. Não tem mais nada. Nenhum móvel ou caixas cheias de memórias do meu casamento ao longo dos anos, mais

nenhuma lembrança amarga. Eu me livrei de tudo isso, porque cada imagem, cada cadeira frágil, cada item fazia ressurgir uma dor tão profunda, tão incapacitante dentro de mim que era difícil respirar.

Sim, isso é muito melhor.

Quando dou uma verificada no lugar, sinto vontade de rodopiar. Quero que o meu corpo se mova livremente em qualquer direção que ele queira me levar. Fechando os olhos, inclino a cabeça para trás e giro com os braços estendidos, sentindo-me livre, aliviada.

Mais e mais rápido, estou girando de olhos fechados quando lágrimas inundam meu rosto. Enlouquecida pela dor, dou tanta risada que minha barriga dói. Ou estou soluçando? Talvez um pouco dos dois.

— Cathy, pare com isso agora. Você vai ficar tonta — escuto Ben falar. Sua voz ecoa tristeza. Por quê? Ele não deveria ser a porra do Ben perfeito? Nunca triste e sempre feliz. Sempre pronto para me segurar quando eu cair.

Ben. Ben. Ben. Ben. Ben. Ben. Ben.

A distância entre nós cresce a cada dia. Podemos impedir isso? Eu não sei. Eu não sei. Eu não sei.

— Vá embora, Ben. Ou junte-se a mim! Mas não me diga o que fazer — digo entre as risadas. — É muito divertido! — De verdade. Ele deveria tentar.

— Não me faça te obrigar a parar.

Bem, isso não funciona comigo. Com os olhos fechados, continuo a girar e ignorar seu aviso.

— O que vai fazer, hein? Vai me parar com suas mãos grandes e fortes? — eu o ameaço, porque não ligo mesmo.

— Talvez...

Sou interrompida quando sinto suas fortes mãos em meus braços, me

parando como ele disse que faria.

— Pare! Pare! — ele grita comigo. — Abra os olhos, Cathy! Olhe pra você. Não posso mais fazer isso. Não consigo continuar a ver minha esposa caminhar para uma morte precoce. Você está se matando, Cathy! Abra a porcaria dos olhos e olhe pra mim! — Engolindo em seco, Ben me sacode conforme as palavras sufocadas deixam sua boca. — Olhe pra mim, Cathy. Olhe pra mim. Por favor.

E eu olho.

Seus olhos castanhos suplicantes estão molhados de lágrimas não derramadas.

— Então, o que você quer? Estou te olhando agora. Diga o que você quer de mim, Ben?

Seu aperto em meus braços fica mais forte. Eu tenho certeza que ficarei com hematomas esta noite. A dor é boa, no entanto. Isso me faz sentir viva.

Ouço-o gemer quando solta meus braços e me puxa para perto de seu corpo. Ele me envolve em um abraço bem apertado. É um apelo desesperado por ajuda, uma ajuda pela qual não ligo. Não retribuo o abraço. Minhas mãos sem vida permanecem de lado, e Ben puxa meu queixo para cima fazendo-me olhar para ele.

Cerrando a mandíbula tensa, Ben me encara por um momento antes de falar:

— Quero que você pare de se machucar. Você não está comendo, não toma banho há dias e tudo que faz quando não está dormindo, é limpar este sótão. Não tem mais nada aqui para jogar fora, então, por favor, Cathy... por favor. Vamos descer comigo. Me deixe te dar um banho... te alimentar... qualquer coisa que você quiser, linda. Apenas volta pra mim. Não consigo vê-la assim e

não poder fazer nada.

— Me deixa. Vai passar... — sussurro.

— Como, Cathy? Você não fala com ninguém. Não retorna as ligações de Amy, nem mesmo as de seu pai. Inferno, você nem sequer fala comigo. É como se estivesse aqui nos meus braços, mas não está de verdade. A verdadeira Cathy se foi e eu fiquei só com a casca da minha esposa. Você precisa de ajuda, amor, e está tudo bem em pedir isso. Eu estou aqui.

— Não preciso de salvação.

— Precisa, sim. E eu gostaria de poder te salvar, Cathy. Mandar a dor embora; apagá-la do seu corpo. Queria poder sentir a dor por você, mas não posso. Você tem que salvar a si mesma. Tudo que posso fazer é te amar. Através disso tudo, só te amar. Mas você precisa voltar para mim.

— Você ao menos está sofrendo, Ben? Sabe mesmo o que aconteceu? Porra, eu perdi o quarto bebê, Ben. O quarto lindo bebê. Que tipo de mulher eu sou que nem consigo levar uma gravidez até o fim? Meu corpo está envenenado. Ele os mata, Ben.

Minha voz está ficando mais alta, mas não me importo. Eu não suporto o equilíbrio de Ben, sua perfeição... O jeito que ele parece sempre olhar para a merda do lado positivo em tudo. A vida é uma piada do caralho. E ele precisa ver isso.

— Você fica dizendo que vai ficar tudo bem. Que nós vamos superar essa bosta. — Erguendo os braços, eu o afasto até ficarmos frente a frente sem nos tocar, com um abismo entre nós. — Que existe outras opções. Pois bem, querido Ben, eu não suporto mais porra nenhuma. Estou farta dessa merda. Não quero mais tentar. Eu não quero olhar para outro acessório de bebê nesta casa. Não quero nunca mais ouvir você falando sobre termos um bebê, ou nas diferentes opções disponíveis para nós. Não quero ouvir essa porcaria saindo da

sua boca. Já chega. Cansei. Não quero saber mais! Você está me entendendo? Não quero mais isso!

Meu corpo está tremendo de raiva.

Ou é de desespero?

— Dói, Ben. Você me entende? Não, você não consegue entender! Por que eu ainda pergunto? Perguntar ao Ben que tem respostas para tudo. Quer saber minha resposta? Não sou mulher suficiente, Ben! — Eu começo a me bater de raiva, minhas mãos atacando meu útero vazio enquanto soluço palavras irracionais. Quero sentir a dor física, tanto quanto possível. — Eu sou uma piada. E essa é a triste verdade. Então, por favor, por favor, por favor! Pare! Apenas pare. Me deixe chorar o tanto que eu quiser. Eu preciso...

— Amor, me deixe tentar...

— PARE! PARE! PARE DE ME TRATAR COMO SE EU FOSSE UMA BONECA DE PORCELANA, CARALHO! EU SOU DEFEITUOSA, VOCÊ ME OUVIU?! EU. SOU. DEFEITUOSA.

Ele tenta me alcançar com uma mão suplicante, mas não permito. Balançando a cabeça, eu me viro e corro do sótão tão rápido quanto meus pés são capazes. Eu viro as costas para ele e, talvez, para nosso casamento, mas quando eu disse que não suportava mais, estava falando a verdade.

Eu quis dizer cada palavra.

E ele está certo. Ben está certo.

Eu morri.



Um mês depois.

Catherine, preciso te ver.

Por quê? Pensei que tivesse cortado relações comigo.

Fui ao escritório para ver meu pai. Encontrei a Amy. Ela me contou o que aconteceu...

E daí? Já aconteceu.

Quero estar ao seu lado...

Que piada. E, não. Eu não preciso de você. Não preciso de ninguém.

Covinhas, por favor. Eu sei que você deve estar sofrendo. Antes dessa merda acontecer entre nós, antes de eu ficar embriagado e estragar tudo, nós éramos amigos. Eu quero estar ao seu lado.

Me responde, por favor.

Você está aí?

Não me deixe de fora de sua vida, Cathy.

Tudo bem. Mas não conte a ninguém. Não quero que ninguém saiba.

Mais tarde naquela manhã, eu ligo para Ben em seu escritório para

avisar que estou indo até a cidade para me encontrar com a Amy e tomar algumas bebidas. No começo, ele fica surpreso e assustado. Não posso dizer que o culpo. Não tenho conversado com ninguém há dois meses, mais ou menos. Mas quando a mentira deslavada rola da minha boca, percebo que eu gostaria de vê-la, de falar com ela de novo. Eu sinto sua falta. Mas, antes de hoje, eu não estava preparada para encarar ninguém. Preciso me curar no meu próprio ritmo, sob os meus próprios termos.

Meu coração está dilacerado, meus sonhos e esperanças estão despedaçados ao seu lado. Mesmo que o processo de cura já tenha se iniciado, e eu sei que vou me curar um dia, jamais serei a mesma. Nunca serei a Cathy que eu costumava ser.

Ela se foi.

E no lugar dela, estou eu.

O resto.

As ruínas queimadas.

Sou uma mulher com tantas cicatrizes internas que a reflexão retorcida de Dorian Gray poderia ser minha. Mas são as minhas cicatrizes. Minhas lembranças infernais. Elas fazem parte de quem sou, do que sobrou de mim para viver. E não posso mudar isso.

— Quer que eu vá com você? — pergunta Ben.

— Não. Está tudo bem. Preciso de uma noite de garotas. Acho que vai ser bom para mim. — Queria saber por que mentir se tornou tão natural. Será que eu sempre menti para mim mesma?

Talvez.

Depois de um pouco de silêncio, ele continua:

— Acho que seria bom para você. Estou feliz que está falando com ela de novo. Talvez você possa tentar ligar para seu pai...

— Não. Um passo de cada vez. Isso é bom. Enfim, tenho que ir. Preciso fazer algumas coisas. Vou deixar o jantar pronto pra você já que não estarei aqui quando você chegar.

— Cathy, não desligue ainda. Preciso te dizer uma coisa. Estou feliz que você vai sair. Estou mesmo. Talvez isto signifique...

— Ben. Isso não quer dizer nada. Tudo o que estou fazendo é sair para me encontrar com uma amiga para beber um pouco e talvez jantar.

O que vou fazer... mais ou menos.

— Tudo bem, amor. Fico feliz. Divirta-se e fala que mandei um oi para Amy.

Desligo sem me despedir. Não vou pensar em me sentir culpada por isso. Eu não vou.

Além disso, por que eu deveria? Se estou em ruínas, eu nem saberia como descrever o estado de nosso casamento.

Eu odeio quando Ben se aproxima de mim durante a noite.

Sinto vontade de vomitar toda vez que ele faz amor comigo.

Comecei a odiar olhar o seu belo rosto e tudo o que o torna tão perfeito.

Odeio a porra da piada que o nosso casamento se transformou.

E eu me odeio porque pareço ter deixado de me importar com tudo.



Um Valentino Vermelho. Lábios vermelhos brilhantes.

Um vestido justo que exibe a minha pequena estrutura.

Cachos loiros caindo nas costas.

Taça de champanhe na mão.

Bolhas efervescentes na língua fazendo cócegas na garganta.

Eu espero por ele. Sentada em um banquinho ao lado do bar, procuro por Arsen enquanto a música alta explode nos meus ouvidos. Ele está atrasado, ou talvez, eu tenha chegado cedo. De qualquer forma, isso não tem importância, porque estou fora de casa, da prisão que eu me impus.

Calma.

Eu sei que deveria me sentir nervosa, mas não sinto nada.

Eu só me sinto fria.

— Desculpe, reparei que está sozinha. Você me permitiria lhe pagar outra bebida? — pergunta um homem de cabelo preto. Após um exame minucioso, noto que ele é muito bonito e se parece com Ben, mas um pouco mais velho do que meu marido.

— Obrigada, mas não. Estou esperando um amigo. E ele deve chegar a qualquer momento. — Eu me viro em meu assento, descartando-o completamente.

— Você não tem que ser uma megera tão fria, sabe? — O homem se inclina para sussurrar cruelmente em meu ouvido.

— Você tem menos de um minuto para se desculpar com ela e dar o fora, cara. — Ah. Um frio feroz serpenteia pela minha coluna quando ouço sua voz doce e deliciosa.

Arsen.

Pelo canto do olho eu vejo o homem murmurar algo para Arsen, talvez um pedido de desculpas, mas eu realmente não presto atenção. Tudo que quero, tudo que preciso neste momento está bem na minha frente. E, pela primeira vez em muito tempo, não me sinto mais tão perdida. Nem tão fria.

Observo Arsen e a maneira como seus olhos brilham com um fogo azul quando param em mim, um fogo ardente que gradualmente derrete a

crônica camada de gelo que cobre o meu corpo. Com um olhar, Arsen me dá o calor que eu não sabia que precisava, até este momento.

— Oh, Covinhas.

E é isso. Com essas duas palavras, eu me despedaço. Não me importo de estar no meio de um bar movimentado com um monte de pessoas nos vendo, eu me jogo nele, enterrando o rosto em seu peito, e me permito chorar.

Oh, como eu senti falta do seu cheiro.

Como eu sentia falta dele.

Envolvida na segurança de seus braços, Arsen lança algumas notas no balcão e nos leva para uma mesa no canto, longe de todas as pessoas que nos observam atentamente. Ele se senta primeiro e depois me puxa no seu colo, sem me soltar. Ele começa a nos balançar em um movimento suave, tentando me consolar. Uma de suas mãos está na minha nuca; meu cabelo enrolado em seu punho e a outra mão acaricia com delicadeza as costas. Para cima e para baixo. Seu toque não é sexual... é reconfortante. Arsen, meu amigo torto, está me confortando. Seus braços são os primeiros em que sou capaz de encontrar consolo.

— E-eu... sinto... tanto.

Minhas palavras se misturam com as lágrimas.

— Está tudo bem, linda. Está tudo bem. Eu estou aqui. Conversaremos depois.

Depois de um tempo, quando chorei tudo que tinha para chorar, eu começo o meu conto de tristeza, a minha viagem pelo passado. Contar como tem sido a minha vida desde o último dia em que o vi, me faz sentir como se um grande peso deixasse o meu peito. Ele me permite respirar sem dor outra vez. Com Arsen, finalmente posso chorar e não fingir que está tudo bem. Com Arsen, posso deixar minhas emoções me possuírem e não me envergonharem.

Com Arsen, eu posso ser eu.

Fungando, pego o guardanapo que ele me entregou mais cedo e enxugo os olhos e nariz.

— Eu devo estar uma bagunça.

— Não. Você se parece o guaxinim mais lindo que eu já vi. — Eu o vejo levantar a mão e, lentamente, acariciar meu rosto. Fechando os olhos, me perco na sensação de sua mão quente contra a minha pele, e seu leve toque faz com que meu corpo formigue. Quando volto a olhar para ele, seus olhos estão cobertos de desejo e ele me observa enquanto o polegar gentilmente acaricia minha pele. Percebo sua respiração começar a acelerar à medida que continuamos a nos encarar. A música alta no fundo mudou para um hip-hop, mas é o silêncio entre nós que me deixa imediatamente ciente de suas mãos no meu corpo.

Devagar, eu saio de seu colo e sento-me ao seu lado. A distância entre nós me dá a chance de clarear a cabeça e desacelerar as batidas loucas do meu coração.

— Então, basicamente, eu desisti. Não quero tentar de novo, nunca mais, Arsen. Dói só em pensar. Eu não sei se é porque o aborto ainda está muito recente na minha memória. Não sei mesmo. Quero dizer, tente se colocar no meu lugar. Desejando, esperando e rezando para que o que mais se quer e precisa seja finalmente seu, e vem o destino, ou a vida, ou o carma, ou seja lá de que raios chame isso, e arranca isso de suas mãos outra vez. Não posso passar por isso de novo. Eu simplesmente não posso.

Seus olhos me penetram.

— Eu sei exatamente como se sente. Mais do que imagina. — Deixo suas palavras pairando no ar por um instante e tenho a sensação de que ele está tentando me dizer algo. — Mas me escuta, me escuta com bastante atenção... Eu

já estive nesse lugar. Você sabe da Jessica. — Ele segura a coxa. — Não vou entrar em detalhes, mas houve um momento em que eu quis desistir da vida. Coisas ruins aconteceram e me fizeram ser quem sou e não posso, nem irei jamais mudar essa situação. Porra, só de pensar nisso ainda dói, mas ao longo do caminho, tentando encontrar-me novamente, descobri uma verdade inata.

— E... — sussurro.

— A vida sem amor, sem perseguir seus sonhos, não é nada. Não significa nada. É uma casca vazia e triste, Catherine. É tão fácil se afogar na escuridão, deixar que ela te sufoque, te engula inteiro, ser cegado por ela. Mas você tem que lutar. Porra, você tem que lutar.

— É fácil pra você dizer isto. Eu odeio quando as pessoas me dizem que as coisas vão melhorar... que um dia não vai doer tanto... que não devo desistir e que devo lutar! Bem, me mostre como. Mostre-me uma maneira de...

— Pare. Eu também não sei o que estou fazendo, Catherine. — Ele segura a minha mão. — A vida é cheia de surpresas e desafios a cada virada, mas não vou deixar que elas me parem. Tento improvisar à medida que aparecem. É a única maneira de sobreviver. Você precisa olhar para a porra da piada de mau gosto que é a vida, bem nos olhos, e pedir que ela lhe mostre a merda do plano A, porque você não deveria parar de lutar.

Ele beija minha mão e vira o seu corpo alto para mim enquanto me envolve nele.

— Não vou deixar você desistir. Você tem que lutar. Então, chore tudo o que precisar, fique bêbada para esquecer, mas não deixe a porcaria da vida te atingir. Você é melhor do que isso. E talvez devesse conversar com Ben. Se abrir com ele. — As palavras são tiradas à força de sua boca.

— Não. Eu não quero falar com ele. Ele sempre me diz a mesma coisa. Que vai ficar tudo bem. Que nós vamos ficar bem, mas não vamos. Não vamos.

— Covinhas, estou dizendo a você praticamente a mesma porcaria. E Ben está certo. Você precisa deixar que ele te ajude. Juntos, vocês provavelmente poderiam superar toda essa merda — diz ele.

— Não. Você não está tentando me tranquilizar com falsas promessas. — Ele abre a boca para falar, mas eu o impeço antes que diga algo que eu não quero ouvir. — Não, Arsen. Obrigada, mas deixe as coisas como estão. Não quero falar dele, nem sobre o estado terrível em que o meu casamento está.

O bar está ficando cada vez mais cheio. Estou pensando há quanto tempo estamos aqui quando percebo que ainda estamos de mãos dadas. Estou olhando para elas quando o sinto se aproximar de mim, inclinando-se para sussurrar no meu ouvido:

— Ele é um bom homem, Covinhas. Tenho certeza de que tem boas intenções. E talvez você não devesse estar aqui comigo, quando pode estar com ele.

Irritada, empurro sua mão. A verdade sempre incomoda.

— Sim. Mas não quero. Eu quero estar aqui. Se você quiser ir embora, vá. Eu não me importo. Eu gosto de você, Arsen, mas não vou receber conselho sobre relacionamento de um homem que não sabe se abrir ou ficar tempo suficiente com a mesma mulher porque isso o assusta. Desculpa.

Ele me paralisa com olhos furiosos e cruza os braços.

— Quer saber? Vá se foder. Estou tentando te ajudar. E para sua informação, eu não estou nem aí para o seu casamento e...

— Isso. Vá em frente! Diga! Eu te desafio. Diga que não está nem aí pra mim. E por que ligaria para mim? Nem gosto de mim mesma.

Com lágrimas de raiva começando a arder nos olhos, eu me levanto e o deixo sentado lá. Não foi por isso que concordei em me encontrar com ele às escondidas de Ben. Não sei bem o que eu esperava, mas definitivamente não era

isso.

Fora do bar, ando até o meio-fio para tentar arrumar um táxi. Quando ergo o braço exposto no ar, eu me lembro, tarde demais, que esqueci meu casaco no guarda-volumes. Tanto faz. O ar frio é um alívio bem-vindo, que esfria minha pele aquecida.

Quando um táxi para na minha frente e estou prestes a entrar, a voz de Arsen me para:

— Porra. Cathy, espera! — Ele agarra meu braço e me vira até que estamos frente a frente. Com o canto do olho, vejo que estamos chamando atenção indesejada, mas eu não ligo.

— Me solta, seu babaca!

Minha raiva o pega de surpresa, fazendo sua mão afrouxar. Puxo meu braço com força e o deixo ali parado, e corro cegamente por algumas ruas antes de Arsen me alcançar. Ele pega minha mão bruscamente, e me força a ir com ele até um beco vazio que nos esconde dos pedestres, e eu começo a bater nele e a gritar para que me solte. Uma de suas mãos tenta cobrir a minha boca para me fazer parar de gritar, mas não deixo. Violentamente, eu o mordo, sentindo os dentes atravessando sua pele. Sinto o seu sangue. E, é doce demais, porra.

— Vá se foder, Arsen. Me deixa em paz. Eu te odeio! Eu te odeio! Eu te odeio!

— Dá pra você me ouvir, por gentileza? PORRA! Pare, Catherine! Olhe pra mim! Fica calma!

Chorando e derrotada, deixo ele nos abaixar até o chão sujo. Sento-me no seu colo e Arsen murmura com desespero em sua voz:

— Shhhh... Cathy. Você entendeu errado. Entendeu tudo errado. Eu me importo... eu me importo muito. — Há desesperança e desejo em sua voz e em seu abraço.

Quando ergo os olhos e encontro seu olhar, finalmente entendo tudo. A música, o telefonema, hoje à noite... eu compreendo. De verdade.

E não tenho certeza se é o desespero e a tristeza que sinto, o olhar de desejo em seus olhos ou a atração que venho lutando contra esse tempo todo, mas decido que não ligo mais. Estou cansada de fazer a coisa certa. É neste momento, quando sinto o hálito quente de Arsen no rosto e seus braços ao meu redor, que resolvo jogar tudo fora. Ben, meu casamento, meu futuro.

Preciso senti-lo dentro de mim.

Preciso que Arsen me queime até eu virar as cinzas com o fogo crepitante de seus olhos azuis. Preciso beijá-lo.

Então, eu o beijo.

Quando nossos lábios se encontram não é um momento de ternura. É voraz.

Apaixonado.

Carnal.

Um chocar de dentes.

Puxões de cabelo.

Como se este fosse o último beijo que iríamos provar.

Arsen se afasta primeiro. Com o peito subindo ofegante, ele olha para mim com um desejo tão poderoso que faz calor se acumular entre as minhas pernas.

— Vamos sair daqui — diz ele, com as mãos sobre os meus ombros, deixando as pontas dos dedos acariciarem a minha pele, me marcando com suas impressões digitais.

Em silêncio por um momento, permito me levar por sua beleza. A cor de seus olhos, a forte mandíbula, a barba dourada por fazer adornando seu rosto, seus lábios carnudos...

Não sou ingênua. Estou ciente de que, se eu sair com ele agora, nós vamos fazer mais do que ficar de mãos dadas.

Nós vamos foder.

Se eu sair com Arsen, virarei as costas para o meu casamento e para Ben de uma vez por todas. Se eu sair com esse homem que tem um inferno azul nos olhos, vou queimar até que não reste mais nada em mim.

CAPÍTULO 20

Arsen fecha a porta depois que entramos, imediatamente me empurra contra ela e começa a me beijar desesperadamente. Ele me beija da boca até o pescoço. Um brilho de suor cobre meu rosto, o peito... sinto um desejo pulsando nas veias. Gemendo, alcanço sua cabeça e o puxo para mim, cara a cara. Preciso sentir seus lábios nos meus outra vez.

Quando interrompemos o beijo, nós nos olhamos, deixando a realidade do que estamos prestes a fazer nos penetrar. O silêncio enche o ambiente e tudo que consigo fazer é olhar para ele ao mesmo tempo em que ele me olha com fome nos olhos. Ele é tão diferente de Ben. A beleza dourada de Arsen é o contraponto perfeito para a aparência morena de Ben.

— Covinhas, o que eu não daria para saber o que se passa dentro dessa sua cabecinha — diz ele, com um sorrisinho em seus lábios.

— Arsen, não estou aqui para conversar.

O sorriso desaparece de seu rosto.

— Você está aqui para quê, Catherine?

Balanço a cabeça. Não acho que eu consiga, de fato, expressar o que quero que ele faça, mas Arsen parece saber exatamente o que quero.

— Mostre-me os seus seios — ordena com uma voz áspera feito lixa.

— O quê? Não. Por quê?

Sou pega de surpresa com a crueza de suas palavras. Mas o que eu esperava? Um poema de amor?

— Você quer foder, bem, vamos foder. Eu quero ver os seus seios. Eu preciso senti-los em minhas mãos. Você não tem ideia de quanto tempo esperei por isso. Porra, Covinhas... — murmura ao descer meu decote, fazendo com que meus pequenos seios pulem para fora do vestido. Fecho os olhos de vergonha ou, muito provavelmente, de excitação quando sinto as mãos grandes de Arsen cobrindo meus seios. Seus polegares esfregam os mamilos, acordando-os.

— São sensíveis? — pergunta Arsen com voz rouca, apertando-os. — Eles são sensíveis? — repete a pergunta quando não respondo.

— Sim — gemo.

Arsen os aperta mais forte antes de soltá-los. Assim que suas mãos estão fora do meu corpo, sinto falta de seu toque.

— Vire-se e me mostre sua bunda. — Estou tão fora de mim, pois sigo suas instruções sem argumentar. — Isso, assim. Agora, encoste-se na parede e a empine. Eu quero ver a sua boceta.

Arsen não hesita. Ele apenas ordena e eu obedeço.

De costas para ele, sinto suas mãos em mim, baixando lentamente minha calcinha até o meio da coxa. Com a lingerie fora do caminho, ele abre minha bunda com as mãos, massageando-a, e um de seus dedos me penetra por trás, sentindo o quão molhada estou, o quanto ele me deixa excitada.

Gemendo, empurro a bunda com mais força contra a sua mão.

— Oh, delícia do caralho. Sinta como está molhada... gosta disso, né?

Eu o quero dentro de mim, então começo a me afastar da porta quando ele puxa meu cabelo, arqueando meu pescoço para trás.

— Não se mexa. Quer que eu te foda aqui, desse jeito? — Balançando a cabeça igual a uma louca, eu digo que sim. — Com força?

Engulo em seco.

— Do jeito que você quiser. Eu só quero você agora. — Quero que ele me entorpeça, arranque a porra da dor só por um tempo.

— Empurre sua bunda para mim, linda. Eu vou te foder agora. — Ele faz uma pausa. — Esta é a sua última chance de dizer não. Tem certeza de que quer fazer isso, porque uma vez feito, não tem volta.

Fecho os olhos e tomo minha decisão.

—Sim. Deus, sim. Tenho certeza.

Arsen se inclina e sussurra no meu ouvido:

—Você não vai se arrepender.

Sinto os braços de Arsen me envolverem quando ele me ergue no ar e me leva para a sua cozinha.

— Que porr...

Eu não termino a frase, porque sua boca está na minha. Uma batalha de línguas. O beijo é agressivo, possessivo e necessitado. Quando sinto o balcão contra a bunda, ele solta meu corpo e se inclina para trás para me olhar. Lentamente, tira o meu vestido vermelho e o sutiã, deixando meus seios expostos. Completamente nua, eu começo a desabotoar sua camisa.

— Porra... você me faz perder a cabeça. — Ele se abaixa, mordisca meu lábio inferior e envolve ambos os braços ao meu redor, me segurando.

Com a camisa branca aberta, seu peito nu roça em meus seios, e os mamilos já sensíveis de seus dentes estão tão duros que chega a doer. Fecho os olhos e deixo sua boca descer pelo meu corpo e os abro quando sinto sua língua arranhar entre os meus seios. Eu o vejo traçar um caminho com a língua até o meu pescoço, nunca afastando os olhos dos meus. Mantendo o contato visual, ele abaixa a boca em um dos meus seios e circula o mamilo com a língua.

Quando Arsen me solta, coloco os braços para trás e me apoio. Então,

Arsen agarra a minha bunda com força e me puxa para mais perto dele. Sinto sua ereção através da calça enquanto ele se esfrega contra o meu clitóris. E bem quando estou prestes a me perder na deliciosa sensação, eu o sinto se mover e ficar entre os meus joelhos. Seus dedos os circulam e os afastam. Não resisto quando ele fica entre as minhas coxas, respirando sobre a minha boca e inclinando-se para morder meu lábio inferior.

Sinto o meu próprio sangue.

Minha barriga fica tensa e as batidas do meu coração enchem meus ouvidos. Eu o observo atentamente, e o que vejo em seus olhos me assusta porque é o reflexo do que eu quero. Mas Cathy veio para brincar, certo?

Sou mulher.

Eu sei o que quero.

Nós nos olhamos e eu sinto o seu polegar sobre o clitóris. Ofegando profundamente, eu pergunto:

— Por que estamos fazendo isso, Arsen? Por que você me quer? Poderia ter quem quisesse.

Arsen esfrega três dedos sobre meu clitóris e, depois, os enfia dentro de mim. A excitação dispara pelo meu corpo. Minhas mãos vão para o seu cabelo, puxando seu rosto mais perto do meu, e eu gemo. Abro mais as pernas e ergo os quadris, um convite para seu toque impiedoso. Estou gemendo com Arsen me esfregando mais rápido. Com mais força. Com uma brutalidade maravilhosa. Depois de alguns instantes, estou quase gozando quando ele para.

— Levante-se. Vire e se curve — ordena.

Estou tão perdida de prazer que não me ligo para o que suas palavras significam.

Com o que ele está prestes a fazer.

Com o que estamos prestes a fazer.

Até agora, Arsen e eu só tínhamos nos enganado, fingindo que éramos amigos e nada mais. Na minha névoa mental, sei que se continuarmos adiante com isso, o meu casamento acabará. O meu lado cansado, o que rege a minha vida, está me dizendo para ir em frente e foder com Arsen. Jogar tudo fora só para me sentir viva outra vez, apenas para voltar a sentir.

Por outro lado, tem uma grande parte minha, a que tenho ignorado bastante desde que concordei em me encontrar com Arsen, que está me dizendo, clamando para eu não o fazer. Não fazer isso com Ben. Não fazer isso comigo. Que estou enganando a mim mesma; que sou melhor que isso. Essa parte, também, está dizendo que eu amo Ben e que sem ele eu não serei nada.

Bem, que se dane.

E que se dane a culpa que estou sentindo, e que se dane o que o meu coração volúvel está me dizendo.

Como eu disse antes, quero esquecer.

E Arsen...

Ele é minha criptonita.

Então eu me viro e me curvo sobre o balcão. Escuto os sons de seu zíper descendo e de uma embalagem sendo rasgada. Quando sinto suas mãos agarrarem meu quadril, aperto a beirada do balcão para me apoiar. Inclinada desse jeito, oferecendo-me a ele, meus olhos caem sobre um objeto que brilha intensamente quando a luz reflete na minha mão. É o meu anel de noivado e minha aliança de casamento de diamantes. Sem sentir um pingo de paixão, admiro a beleza das alianças... a simplicidade do design...o jeito que estão piscando como um sinal de alerta.

Ben.

Ele me deu estas alianças como uma promessa de ser meu para sempre. Nós dissemos nossos votos de casamento quando ele colocou a aliança

no meu dedo.

Ben.

Fecho os olhos para o que estou prestes a fazer, para o que estou prestes a jogar fora. Para o que quero fazer.

— Você quer isso, hein? — pergunta ele com voz rouca.

— Sim! Sim! Sim! Cale a boca e me fode, Arsen. Apenas me fode — choramingo e imploro. — Me faça esquecer. Por favor, faça-me esquecer.

— Droga, Catherine. — Ele acaricia minhas costas nuas com delicadeza, me fazendo estremecer sob seu toque suave. — Eu vou.

Tudo acontece ao mesmo tempo. Fecho os olhos, meu celular toca e Arsen desliza completamente dentro de mim, empurrando-me para frente com a força de seu impulso. Um grito me escapa pela garganta. É dor? É prazer? É culpa? Talvez seja os três.

Quando sinto seu pau dentro de mim, meu corpo reconhece instantaneamente a diferença. A espessura... o comprimento... Não é igual, mas é tão bom quanto. Talvez ainda melhor porque não é o Ben. Fecho os olhos e silencio a voz que berra na minha cabeça, dizendo que isso é errado. Neste instante, nada existe além de mim e Arsen.

Nem mesmo Ben.

— Gosta assim, Covinhas? Gosta do meu pau fodendo a sua boceta? — murmura entre dentes, começando a se mover.

Sinto minha excitação cobrindo-o quando ele empurra lenta e cuidadosamente. Meu corpo inchado o abraça, o acolhe, e o recebe completamente.

E meu celular continua tocando.

Prendo a respiração, ignoro o toque irritante e o que lembra. Não quero pensar. À beira de um orgasmo, empurro o corpo contra ele. Ouço o som de

nossos corpos se chocando... batendo... e o telefone tocando.

Arsen geme, agarrando meu quadril com mais força, seus dedos deixando marcas na minha pele, me enchendo descontroladamente, apagando cada memória de Ben do meu corpo. Ouço meu gemido ficar mais alto, e ele leva uma das mãos até meu clitóris, e o esfrega sem parar.

Estou quase, tão perto.

O telefone toca de novo, e de novo, e de novo...

Sem parar. Deixando-me irritada com seu toque.

Eu não abro os olhos. Não quero perder o ritmo, mas meu corpo tem outras ideias. Arsen agarra minhas mãos e se inclina sobre mim, seu corpo me empurrando bem para trás, e recupera o ritmo perdido.

Não há palavras de amor sendo sussurradas em sua cozinha. Nada de risos. O ruído que enche o lugar é o tapa frenético de nossos corpos, seus gemidos, meus gemidos.

E a porra do celular que não para de tocar.

Ele me penetra suavemente enquanto seus dedos encontram meu clitóris, desta vez me esfregando sem piedade. Sinto meu clímax pairar em cima de mim, só esperando o empurrão final. Abro os olhos e abaixo a cabeça para olhar o meu corpo bem onde ele está entrando em mim. Seu pênis enorme e reluzente me faz querer levá-lo à boca e chupá-lo, mas não faço isso. Levanto a bunda no ar e empurro com mais força contra seu pau, forçando-o a bater com o corpo no meu. Estou dando tudo o que tenho a ele. Arsen começa a empurrar com mais força, e mais, e mais forte. Eu me sinto extasiada. Estou tão perto. A dor se torna insuportável, mas não consigo deixar de desfrutar da agressão de seu quadril. Isso está me deixando mais perto do êxtase. Atrás de mim, Arsen entra em mim uma última vez, me empurrando para frente.

Nós gozamos juntos, forte.

— Poooooooorraa! — ele grita.

Eu gemo.

Depois de um longo silêncio, a nossa respiração ofegante é o único som no lugar, e Arsen finalmente responde minha pergunta de mais cedo.

— Porque nós não podemos evitar. Não podemos continuar evitando isso.

Quando Arsen sai de dentro de mim, meus olhos param no meu celular que espreita para fora da minha bolsa. Uma imagem olhando para mim.

Ben segurando Mimi e sorrindo para a câmera.

Mais tarde, depois de mais uma rodada, estou deitada nua em cima de Arsen. Nossos corpos suados do sexo, sua mão acariciando minhas costas, um pensamento claro como cristal, de repente, surge na minha cabeça. Com o peito pulando freneticamente, percebo que não me sentia assim há muito tempo. VIVA.

E eu quero mais.

Muito mais.



Chorando.

Meus olhos estão cansados.

Esfregando.

Meu corpo está em carne viva.

Deus, me dê força. Eu quero voltar. Preciso voltar, mas eu podia?

Será que eu poderia voltar para Arsen e deixar ele me foder de novo até que acabe com a dor? Até que ele me tire do oceano profundo de remorso em que estou me afogando?

Essas ondas. Elas continuam me puxando para baixo. E preciso atravessá-las. Tenho. Mas ele fez tudo ir embora. Ele me fez esquecer, mesmo que só por algumas horas. Ele me fez esquecer, e eu quero esquecer.

Preciso esquecer.

Ardendo. A água que cai na minha pele me queima e a sensação é muito boa. A dor é um castigo doce por eu ter provado o proibido delicioso.

A espuma do sabonete me cobre enquanto continuo a esfregar o corpo, limpando ele de mim. Não quero, mas preciso. Não posso voltar para a cama com o cheiro de outro homem, cheirando ao perfume almiscarado da porra de Arsen, então cubro o corpo com o sabonete perfumado de jasmim repetidas vezes. Ignoro a vermelhidão e o inchaço no meio das pernas, a ardência nos joelhos, o machucado no seio esquerdo perto do mamilo... apago todos os vestígios dele do meu corpo.

Depois que acabo o banho, eu me seco, passo hidratante no corpo e no rosto e vou para a cama. Com o cabelo ainda úmido do banho, molhando o travesseiro quando me deito, finjo estar dormindo antes que Ben venha se deitar. Não sei como vou encará-lo, beijar seus lábios ou sentir seu gosto na boca, quando tudo que eu quero é provar outra pessoa. Esfregando as pernas uma na outra, sinto a dor entre elas, um lembrete de que eu deveria me sentir arrependida. E eu me sinto, sinto remorso, mas acho que isso não vai me impedir de repetir o que aconteceu esta noite. Não. Eu quero ser egoísta. Pela primeira vez em muito tempo, fui capaz de esquecer a dor e as memórias.

Eu me perdi no corpo delicioso de Arsen.

Eu me senti viva.

Eu me senti no auge da liberdade, longe da porcaria da minha vida e fingi por um breve momento, que eu era somente Catherine. Uma mulher. Uma mulher sensual que não é um fracasso.

Quando Arsen me tocou, não senti uma reação visceral ao seu toque.

Quando ele estava dentro de mim, a cada impulso de seu quadril, não senti como se fosse sexo para engravidar, não senti a falta de romance.

Quando ele me fez explodir no chão acarpetado pela segunda vez, não senti que era um trabalho ou tarefa. Foi paixão nua e crua, e eu quero mais.

Eu desejo mais.

Mas sou capaz de fazer isso de novo?

Eu não sei.

As lágrimas de culpa secaram, meu corpo está limpo, e minha consciência está um lixo, então por que me sinto tão confusa? A resposta deveria ser simples; afaste-se, seja honesta com Ben, peça desculpas e espere que ele tenha nele o perdão e o esquecimento. A verdade é que sinto vergonha, mas não me arrependo. Não. É engraçado, de verdade. Pensar em como ele gozou dentro de mim, em mim, em todos os lugares, me deixa enojada, culpa me remoendo por dentro. No entanto, as memórias fazem meu coração vibrar tão rápido quanto as asas de um beija-flor. Controle e amarras se foram, estar com ele foi felicidade pura.

Às vezes, não estar no controle, não ser capaz de pensar e deixar-se perder no momento é a melhor sensação do mundo. É libertador. É viciante. É a mais poderosa embriaguez que se pode sentir. É um tipo de liberdade que parece tão doce na boca que você não resiste e quer mais toda vez que a prova.

Ben se junta a mim na cama não muito tempo depois, e eu gostaria que ele não tivesse vindo. É só quando sinto sua mão quente no quadril, quando estou deitada ao lado do meu marido que não desconfia de nada, que finalmente cai a ficha do que eu fiz. Uma enorme repulsa ruge dentro de mim, fazendo meu estômago embrulhar. Suja. Eu me sinto suja.

Sou uma adúltera.

Sou escória.

Não suporto o seu toque, por isso eu me afasto e me deito de lado. Com as costas voltadas para ele, posso fingir que essa é como uma noite qualquer. Posso mentir para mim mesma e ignorar o remorso que apodrece dentro de mim, impedindo-me de dormir. Mas na hora que fecho os olhos, percebo o grande erro que cometi quando começo a repassar o que aconteceu no apartamento de Arsen.

Com um aperto no peito, eu me lembro de cada detalhe vívido...



Toque-se.

Eu quero ver como você goza.

Isso... esfregue esses dedos no clitóris.

Porra.

Olhe pra mim enquanto faz isso.

Isso. Assim.

Imagine meu pau dentro de sua boceta, enquanto meus dedos fodem essa sua bunda deliciosa.

Consegue sentir isso?

Eu o vejo segurar o pau e começar a bombeá-lo lentamente.

Para cima e para baixo...

Para cima e para baixo...

Esfrego meu clitóris mais rápido conforme o observo se masturbar.

Pare.

Foda sua boceta com os dedos.

Isso... Mais fundo. Quero vê-los desaparecer dentro de você.

Tire-os. Levante-se. Venha aqui.

Boa menina. Agora os coloque dentro da minha boca e bombeie meu pau com a outra mão.

Gemendo, ele mexe a ereção na minha mão, sussurrando para que o aperte com mais força.

Eu o vejo sugar meus dedos. A forma que a língua de Arsen desliza sobre eles. E continuo a observá-lo quando ele os retira da boca.

Assim.

Enfia mais forte...

Mais forte...

Jesus, Covinhas. Preciso de você agora.

Fique de joelhos no chão.

Vou foder essa doce boceta agora.

Forte.

Com força pra caralho.

Sim, estou de joelhos, sentindo um homem, que não é o meu marido, dentro de mim. Sinto como suas mãos abrem, me escancaram para ele poder ir mais fundo, empurrar-se mais profundo.

Seus dedos me invadem.

Em todos os lugares.

Sinto o corpo tremer, e ainda me lembro de como um gemido foi arrancado de seu peito quando ele saiu de mim e gozou nas minhas costas, espalhando-se sobre mim.



Sim. Preciso pedir desculpas a Ben por tudo. Preciso me desculpar por

ter amado o gosto de Arsen na minha língua pelo simples fato de não ter sido o dele. Tenho que pedir desculpas porque pela primeira vez em muito tempo, fui capaz de gozar sem fechar os olhos e imaginar azul em vez de castanhos. Porque esta noite, com os olhos bem abertos, eu gozei, perdendo-me num azul do mar.

Será que ele será capaz de me perdoar? Não sei se quero que ele me perdoe. Não. Eu quero. Eu quero. Eu amo Ben. Eu amo meu Ben.

O que foi que eu fiz?

O que foi que eu fiz?

Pânico começa a crescer dentro de mim quando sinto a barba por fazer do queixo de Ben roçar meu ombro por trás. Com o nariz enterrado na curva do meu pescoço, ele inala profundamente, fazendo a minha respiração acelerar. Quando estou prestes a me virar para mostrar que estou acordada, ele me envolve em seus braços.

— Desculpa. Eu sinto tanto por não ser capaz de te dar... mas você é tudo que eu preciso. Você é tudo. Você é a porra do meu mundo, linda. E eu preciso de você de volta. Por favor, pare de me afastar, não aguento mais. — Ele me abraça mais apertado, deixando nossos corpos mais próximos enquanto continua a sussurrar ferozmente no meu ouvido: — Me possua, me encha, me destrua, me note, me complete. Faça o que quiser comigo. Apenas fique comigo. Preciso de você. Preciso ser capaz de viver. Preciso da minha vida de volta, eu preciso de você de volta.

Eu morro lentamente com cada palavra que ele sussurra em meu ouvido. Suas palavras são como punhais no meu coração. Elas me atravessam. Elas me rasgam. Suas palavras me destroem.

Sem saber o que dizer, e me sentindo um lixo, continuo fingindo que estou dormindo. Depois de alguns minutos, escuto a respiração de Ben se acalmar, mostrando que ele finalmente dormiu.

Tenho vontade de gritar.

Quero chorar.

Quero pedir desculpas.

Quero ficar sozinha.

Eu quero morrer.

Fecho os olhos bem apertados e faço uma promessa a mim mesma: não vou me aproximar de Arsen nunca mais. Não vou contar para Ben, porque foi uma vez só, e algumas coisas são melhores se não forem ditas.

E isso não vai se repetir. Não vai. Eu sei. Nós vamos superar essa fase. Será como se nunca tivesse acontecido. Meu amor por Ben basta.

Eu o amo.

Eu o amo.

Eu o amo.

É o que continuo dizendo até cair no sono, mas a última coisa que lembro é a imagem dos olhos azul-piscina me olhando.

E simples assim, sei que as minhas palavras são vazias e minhas promessas, volúveis.

Eu verei Arsen de novo.

Eu verei...

Até que eu não possa mais.

CAPÍTULO 21

As pessoas dizem que se você brincar com fogo, vai se queimar. Bem, quando se trata de Arsen, não só quero me queimar, como quero ser incinerada.

Ele é a minha chance de abaixar a guarda e soltar as contenções. De ser enlouquecida, feroz e incrivelmente feliz. Com um beijo, ele despertou algo dentro de mim que esteve dormente por muito tempo, a vontade de viver. E vou abraçar isso, mesmo que custe meus valores e meu casamento.

Três semanas se passaram desde que o nosso caso começou. Três semanas vivendo em um paraíso maculado. Um lugar onde o seu gosto, o seu cheiro e a sua sensação são tudo o que importa, tudo o que faz meu coração acelerar. Um lugar onde ele é a minha única realidade. Três semanas ignorando sobre pensar em Ben durante o dia, e evitando seu toque à noite. Eu o amo, ainda o amo. Mas ele não é o que eu preciso, não é por ele que sinto fome.

Sentindo-me louca, tenho que estar com Arsen para me sentir em paz, para me acalmar e me centrar. Para me sentir reivindicada. Possuída. Estou perdendo a cabeça por esse homem e não consigo impedir que isso aconteça. Não consigo fazer nada além de esperar e observar que o naufrágio aconteça. E vai acontecer. E vai me quebrar.

Destruir.

Despedaçar.

Nas raras ocasiões em que Ben e eu jantamos juntos, tornou-se extremamente difícil comer ou falar com ele como se tudo estivesse normal, porque nada está. Às vezes, pequenos detalhes no jeito que ele segura o garfo ou coloca a comida na boca me lembram de Arsen. Vejo o cabelo preto de Ben e imagino as mechas loiras de Arsen entre as minhas pernas. Fico olhando seus dedos segurando o garfo e penso em voltar para o lugar proibido, onde os dedos de Arsen estavam no outro dia. Como doeu no princípio, porém, como foi bom quando Arsen me fodeu bem depois.

É horrível me sentar na frente do meu marido e reviver o meu dia com o meu amante.

O pior é quando Ben faz amor comigo, e penso em Arsen.

Mas essa é a minha realidade. Ninguém disse que trair era outra coisa além de um inferno, puramente repulsivo.

No entanto, não consigo parar.



Hoje, Ben acha que estou indo fazer compras na cidade e, talvez, vá jantar com Amy. Na verdade, as mentiras são tão fáceis de falar quando não se importa mais, ou quando perdeu toda a vergonha.

Essa é a minha verdade.

Arsen me pega em seu carro branco esportivo na Grand Central e começa a dirigir para lugar nenhum, aparentemente.

— Para onde está me levando?

Ele segura a minha mão e me encara.

— Para o meu apartamento. Sinto que é o único lugar onde temos privacidade, onde não precisamos nos preocupar se vamos esbarrar em algum

conhecido.

— Mas estamos em Manhattan. Tenho certeza de que podemos conseguir privacidade se quisermos. — Eu me inclino e passo as mãos em seu cabelo.

— Acho que sim. Mas se eu te quiser, não serei capaz parar e a terei, não importa onde estejamos. — Ele solta a minha mão e deixa os dedos vaguearem pelas minhas pernas expostas, seu toque acariciando e aquecendo a minha pele igual ao sol.

Eu sorrio e lembro da última vez em que o vi.



Estávamos em uma boate mais afastada. Arsen tinha escolhido este lugar porque poderíamos nos misturar às pessoas com facilidade e passar despercebidos. A música era agitada e pulsante, mas conforme todos se moviam ao nosso redor, pulando e dançando, Arsen e eu permanecemos em nossa pequena bolha. Sentia seu perfume delicioso e, se eu quisesse, podia provar o seu suor com a língua. Arsen inclinou a cabeça para descansar a testa à minha, agarrou minha bunda e me puxou contra ele, acendendo instantaneamente meu desejo. E como ondas que arrebentam, nós dançamos juntos como um só. Lenta. Sensual. E carnalmente.

O calor da boate, o suor de nossa pele, a sensação de seu corpo tão perto do meu, ainda que não perto o bastante, me fez sentir eufórica. Nada parecia ser mais importante que Arsen.

Empurrando-me com delicadeza, e depois não tão gentil, comecei a rir quando senti exatamente o que estava me cutucado. Arsen, sorrindo, aproximou nossos rostos e me tascou um beijaço, conforme nossos corpos continuavam se

esfregando um no outro.

Eu amei.

Deveria ser vergonhoso dar uns amassos assim no meio da pista de dança, mas Arsen e eu parecíamos estar em um outro mundo, e a paixão que estava me deixando tão molhada, e Arsen extremamente duro, tornou tudo muito trivial. Eu nem mesmo me preocupei se fotos desta noite fossem parar nos jornais. Estava longe em êxtase.

Quando a música mudou para algo ainda mais alto e rápido do que antes, Arsen pareceu perceber onde estávamos. Ele soltou a minha bunda e segurou meu queixo com a mão, seus dedos correndo pelo meu cabelo.

Ele moveu a boca até no meu ouvido e sussurrou:

— O que você tem que me faz enlouquecer?

Antes que eu tivesse a chance de reagir, agarrou minha mão e me fez segui-lo até um canto escuro e vazio. Assim que chegamos lá, ele fez com que eu me encostasse contra a parede. Arsen puxou a ponta de sua camisa para limpar o suor do meu rosto, revelando parte de seu abdômen sarado. Tive vontade de me inclinar e passar a língua em cada ondulação coberta de suor.

Depois que soltou a camisa, Arsen me pegou de surpresa quando usou a frente de seu corpo para me prender na parede. Colocou as mãos ao lado da minha cabeça, me enjaulando, e então se inclinou para passar o nariz no meu cabelo, na garganta, por trás da orelha.

— O seu gosto... — sussurrou em meu ouvido. — Eu te quero tanto. Acho que nunca desejei tanto alguém quanto desejo você.

Eram nesses momentos em que eu estava com Arsen, tão cheia dele, que nem uma vez Ben passava pela minha cabeça. Era quando eu conseguia enterrar meus sentimentos por ele no fundo do meu coração e ignorar a culpa apodrecendo dentro de mim.

Era quando eu podia ignorar a realidade e fingir que Arsen era meu.

E naquele instante, eu estava embriagada e nas alturas por ele.

Ele era tudo o que eu queria.

Ele me fazia querer jogar a cabeça para trás e gargalhar.

Ele me fazia esquecer.

Quando Arsen expressava o quanto me queria, eu me sentia poderosa e inebriada de animação. Eu queria mostrar a ele o quanto ele significava para mim.

Ele me olhou atentamente conforme eu abaixava os olhos para onde nossos corpos estavam unidos, minha mão vagueando pela lateral de sua cintura, dos músculos de seu peito e de seu abdômen rígido. Nosso desejo era tão palpável no ar ao nosso redor...

Eu queria tocá-lo, senti-lo em minhas mãos, queria que ele se sentisse tão excitado quanto eu. Eu o queria de joelhos com desejo. Por mim.

Sem pensar muito no que eu estava prestes a fazer, deslizei os dedos por dentro de sua calça jeans e da cueca boxer até eles circularem sua ereção.

Eu o vi fechar os olhos e respirar fundo quando a minha mão sentiu o quão duro ele estava. Querendo dar tanto prazer a ele quanto possível, devagar eu o acariciei, e, com o polegar, esfreguei lentamente a cabeça do seu pau.

Para cima e para baixo...

Para cima e para baixo...

Contraí os dedos com audácia, até que o ouvi gemer rispidamente.

Arsen abaixou a cabeça e começou a dar beijinhos por todo o meu rosto com tanta ternura que me deu vontade de chorar. Era como se ele estivesse me amando com a boca e o toque. Seus lábios à procura dos meus lábios. Com urgência, virei o rosto para beijá-lo, querendo seus lábios, a língua, sua boca na minha, e ele me deu o que eu queria. Ele me beijou sem pressa, me possuindo

em excruciantes níveis, fazendo-me gemer e abrir a boca por completo para a penetração de sua língua. Arsen conduziu o beijo, ditando o ritmo, sem deixar que eu me afastasse, mesmo quando eu me sentia subjugada por ele.

Ele tirou as mãos da parede e me puxou ainda mais perto. Então, Arsen se abaixou e levou uma de suas mãos para segurar minha bunda, me erguendo na ponta dos pés. Soltei sua ereção e levei as mãos ao seu cabelo. Eu o torci e puxei até ouvi-lo gemer. Ele desceu a boca pela minha garganta, até o topo dos meus seios que espreitavam para fora da blusa e lambeu meu suor.

A essa altura, eu tinha perdido a porra da cabeça com o desejo por ele, então levantei uma das pernas e a envolvi em torno de sua cintura, deixando-nos mais colados do que antes. Nesta nova posição, eu estava aberta para ele, exposta à sua mão viajante. Ele acariciou o interior da minha coxa enquanto seus dedos entravam debaixo da minha saia, avançavam para cima, e para cima, e para cima, até que soube que ele podia sentir o quanto eu estava excitada. Sua mão possessiva me acariciou através da calcinha.

Sabia que deveríamos estar prestando mais atenção ao que estava acontecendo ao nosso redor, afinal, estávamos em um lugar público e as pessoas podiam tirar uma foto, mas para ser sincera...

Não estava nem aí, e Arsen parecia ainda menos preocupado.

Os lábios dele entreabriram, e seus olhos abriram só um pouco quando sentiu que eu estava quase gozando; seus dedos me provocaram e me acariciaram até que eu explodi.

Meu pulso latejava nos ouvidos e na garganta conforme eu sentia os espasmos me cobrindo, cada batida de felicidade extraindo gemidos da minha garganta. Se não fosse o apoio de sua mão na minha bunda, eu teria caído. Sua ereção estava pressionada com força contra a minha barriga enquanto observava meu rosto, boca, a rápida subida e descida do meu peito, com uma expressão de

admiração. Quando estava coerente de novo, reparei seu rosto corado e a forma que sua mandíbula definida estava rígida, demonstrando o quanto ele estava tenso e dolorido de desejo.

Sorrindo, Arsen colocou um dedo embaixo do meu queixo e o levantou até que olhei em seus olhos bonitos. Ele se inclinou para me beijar outra vez, mas este beijo foi breve e gentil.

— Só... muito... autocontrole. — Eu o escutei dizer por cima da música. Então, ele me ajudou a descer a perna e a ajeitar nossas roupas, estremecendo ao ajustar sua ereção. Quando estávamos para voltar à nossa mesa, verificou se minhas roupas estavam no lugar. Ele se inclinou e sussurrou: — Não sei como é possível, mas você está ainda mais bonita do que antes.

Olhei para ele sentindo o rosto, já vermelho, ficar ainda mais quente e murmurei:

— Ummm... obrigada.

Arsen me olhou por mais um momento antes de jogar a cabeça para trás e sorrir. Quando parou de rir, disse:

— Melhor experiência dançante da minha vida. Talvez eu devesse fazer isso mais vezes?

Queria dar um tapa em seu ombro, mas ao invés disso, dei risada. Ele parecia tão bonitinho, tão livre.

— O que me lembra da... sua situação.

Arsen passou os braços em volta da minha cintura.

— Não pense nisso, Covinhas. Estou muito satisfeito. Basta manter o seu delicioso traseiro na minha frente quando chegarmos à mesa e ficaremos bem.



— Esse sorriso é por quê? — pergunta Arsen.

— Ah, nada. Só pensando no que estávamos fazendo.

— Na boate? — pergunta, com um sorriso arrogante nos lábios.

— É.

— Merda, aquilo foi incrível pra caralho.

E eu concordo. Foi incrível, mas porque foi com ele.

Quando chegamos em seu apartamento, admiro a decoração minimalista. Eu só estive aqui duas vezes. Costumamos nos encontrar em um hotel no Queens, mas Arsen acha que seu apartamento também pode ser privado, se fingíssemos ser dois estranhos ao entrarmos.

Na última vez que estive aqui, toda a minha atenção esteve em Arsen, portanto, quando o sigo para seu quarto, observo ao meu redor. Tudo parece tão vazio e sem vida.

— Por que você não tem nenhuma fotografia pendurada nas paredes? — pergunto, olhando por cima do ombro para encarar Arsen, que está me despindo com os olhos.

Arsen dá de ombros e me segue.

— Não tem por quê. Tudo o que quero olhar está bem na minha frente — responde com voz rouca.

— Ah. Um... — eu gaguejo.

— Espere, venha aqui.

Curiosa, eu viro e me aproximo. Arsen me surpreende quando me pega, fazendo com que eu envolva sua cintura com minhas pernas. Nossos corpos se unem intimamente e nossa roupa é a única barreira existente.

— Melhor — comenta, apertando a minha bunda. — Senti sua falta. — Ele se inclina e me beija, a língua procurando e enroscando com a minha.

Depois de beijá-lo por alguns minutos, eu me afasto precisando tomar

um fôlego.

— Também senti sua falta — murmuro em seus lábios.

Arsen me leva para o quarto e me coloca na frente de um espelho do chão ao teto do lado de sua cama. Quando olho para o meu reflexo, começo a tirar os grampos do cabelo para deixá-lo cair sobre os ombros.

Eu quero Arsen. Ele me faz sentir livre. Só sua simples presença enterra um lado meu que odeio, que me deixa vulnerável, que me lembra de toda a dor. A dor que quero esquecer. E Arsen faz isso comigo. Talvez seja por essa razão que me sinto obcecada por ele.

— O que está pensando? — pergunta ele.

Observo seu reflexo no espelho quando ele começa a tirar a roupa. Ele tira a camiseta de algodão cinza e a joga no chão, depois as calças e cueca boxer. Os músculos fortes de seu peito e braços me dão a sensação de que ele pode me erguer com uma única mão sem o menor esforço.

— Nada. Só admirando você — respondo, e o calor se acumula em meu centro ao observar seu corpo nu.

Arsen ri e se aproxima. Colocando os braços nos meus ombros, ele se inclina para baixo, enfia o nariz no meu cabelo e respira fundo, inebriado com o cheiro. Ele está tão perto de mim que seria muito fácil ficar de joelhos e levá-lo à boca. A imagem e a memória do seu gosto me fazem estremecer da cabeça aos pés.

— Tire a roupa pra mim, Catherine — ordena de forma rude.

Quando começo a retirar o meu casaco, ele se afasta e senta na beirada da cama. Ele me observa atentamente, como se fosse o caçador e eu, sua presa.

Minhas mãos tremem ao tirar a roupa até que estou só de sutiã de renda preta e a calcinha fio-dental, mostrando o meu corpo esguio. Dá para ver meus mamilos rosados endurecidos e o “v” da parte mais íntima do meu corpo

através do detalhe em renda.

Eu levanto os meus olhos da leitura cuidadosa do meu corpo e observo Arsen fazer o mesmo enquanto acaricia sua ereção na mão. Há um sorriso sexy adornando seu rosto enquanto me admira.

— Venha aqui. — A ordem, embora dita em voz baixa, me faz tremer, excitada.

Arsen faz um lado obscuro meu, que é desinibido, sair, e eu quero ser tão má quanto ele. Talvez seja porque me liberta, não sei, mas quando estou com ele, nada mais me importa.

Lentamente, eu me sento em seu colo até que a única coisa que nos separa é a seda fina da calcinha. Seria tão fácil transar nesse instante. Tudo o que ele precisa fazer é deslizar o tecido de lado e empurrar dentro de mim. Mas não nos mexemos. Em vez disso, nós nos olhamos com intensidade.

— Você me deixa louco pra caralho — diz, antes de lamber entre os meus seios, passando as mãos nas minhas costas devagar. Inclino o pescoço para trás e me ofereço para ele.

— Eu quero tanto te comer, Covinhas. Não fui capaz de pensar em outra coisa desde a última vez que te vi. — Ele levanta os quadris, roçando a ereção no meu sexo. O atrito carnal me faz gemer ao sentir o calor úmido do meu corpo transbordar através do tecido que nos separa.

— Consegue sentir o quanto eu te quero, porra? — pergunta, asperamente.

Encontro o seu olhar febril.

— Eu também quero você — sussurro suavemente contra sua boca. Eu quero isso. Eu o quero. Ele é tudo o que preciso agora.

Arsen permanece em silêncio por um segundo.

— Sabe, quando te vi pela primeira vez, lembro de perceber como seus

olhos pareciam tristes. — Ele passa o dedo, contornando minha mandíbula. — Mas aquilo não era nada comparado a como estavam perdidos há três semanas — acrescenta com voz rouca.

— E como estão agora? — pergunto, esfregando-me no seu pau.

Ele sorri com carinho para mim e esfrega o polegar nos meus lábios.

— Não tão perdidos.

Concordo com a cabeça. Como um farol, a luz interior deste homem ilumina toda a escuridão ao meu redor.

Arsen fica sério.

— Covinhas, eu quero fazer a porra dessa tristeza desaparecer completamente.

— Oh. — Não acredito que seja possível. Sou um caso perdido. E se eu não era antes, agora sou. — Não sei se isso vai acontecer algum dia. E-eu não acho que seja possível — digo.

— É possível sim, caralho. — Ele me beija nos lábios. — Por você, farei a porra do impossível acontecer. Não existe espaço para a tristeza em um rosto tão bonito como o seu.

Quero sorrir ao ver a expressão séria no seu rosto, mas só balanço a cabeça uma vez e um poço de lágrimas enche meus olhos. Estou me apaixonando por ele, e não quero. Descarto esse pensamento e deixo a emoção do momento tomar conta de mim.

Arsen começa a beijar meu pescoço, traçando com a língua os arrepios despertados por seu toque na minha pele. Com habilidade, ele tira o meu sutiã, joga-o no chão e, depois, acaricia meus seios até meu mamilo ficar vermelho vivo.

Ergo os joelhos, prestes a tirar a calcinha, quando ele cobre minha mão com a dele.— Não — manda ele. — Fique com ela.

Arsen segura seu pau duro em uma das mãos, e com a outra, empurra o tecido fino da calcinha, torcendo a lateral tão forte que dá para ver a marca vermelha na sua pele.

— Você é tão linda, deliciosa pra caramba — murmura.

Começo a me abaixar na sua ereção quando meu telefone começa a tocar.

É ele.

Esta é a quarta ou quinta vez que liga.

— Não atenda. — Arsen empurra o pau dentro de mim, depois tira e começa a esfregar a cabeça do pau no meu clitóris. — Deixe ir para a caixa postal. Se for ele, sabe que você está ocupada com os amigos. — Ele ri com a palavra amigos rolando de sua língua.

A zombaria cruel de Arsen me tira da minha névoa. Fico sóbria na hora. Sinto-me devastada pelo que estamos prestes a fazer, mas a umidade entre as minhas pernas me trai. Meu corpo sabe o que quer.

— Não. Tenho que atender. Ele vai se preocupar. Não conversei com ele desde que saiu hoje cedo. — Retiro suas mãos da minha calcinha, saio de seu colo e vou até a minha bolsa. Cobrindo os seios com um braço, pego meu telefone com o outro, desejando poder ignorar Ben e acabar com a culpa que apodrece dentro de mim.

Quando finalmente encontro o telefone, eu atendo.

— Alô?

— Amor.

— Oi, querido. O que foi? Não posso falar por muito tempo. A loja está ficando cheia e ainda tenho que experimentar as roupas que escolhi — aviso, parecendo sem fôlego.

Ben ri.

— Pode comprar o que quiser, desde que não compre mais daqueles babados que usa na cama e que eu sempre acabo arrancando ou rasgando com os dedos. — Olho para o conjunto que estou vestindo e vejo como estão esticados.

Sentindo uma vergonha sufocante queimar o rosto, deslizo a calcinha pelas pernas e a jogo no chão. Agora estou completamente nua. Limpa do lado de fora e ainda assim tão imunda por dentro.

— Hum, Ben... Eu...

— Está tudo bem. Preciso ir. Estava te ligando para avisar que não estarei em casa para o jantar. Tenho que repassar alguns papéis. Kerry vai ficar e me ajudar, então, provavelmente vamos apenas pedir algo.

Ouvir o nome Kerry faz meus sentidos começarem a formigar, mas eu os sufoco. Não tenho o direito de questionar qualquer coisa. Estava sentada no pau de Arsen.

— Ah, tudo bem. — Estou para dizer que preciso desligar quando sinto a mão de Arsen entre as pernas, seus dedos encontrando e invadindo o meu centro pulsante.

Ele se inclina e sussurra no meu ouvido:

— Diga a ele que está ocupada e que tem que ir. — Ele empurra mais forte dentro de mim. — Eu quero te foder agora.

— Esse é o Arsen? — Há descrença em sua voz.

Arsen ri e continua me acariciando. Quero gemer por causa das coisas que sua mão perversa está fazendo com o meu corpo, o desejo inundando meus sentidos. Arsen fica mais perto de mim até que sua ereção está entalada entre a minha bunda e sua barriga.

—S-sim, querido. É o Arsen. — Minha voz sai trêmula.

Tento me afastar, mas ele não me deixa. Seu braço livre circula minha cintura com força, me prendendo no lugar.

— Não se atreva, Catherine. Você é minha por agora — sussurra asperamente antes de beliscar o lóbulo da minha orelha. O homem gentil de minutos atrás se foi e no seu lugar está o velho Arsen, frio e bruto. Seu polegar esfrega furiosamente meu clitóris, seus dedos continuam a deslizar dentro e fora de mim.

— Que diabos você está fazendo com ele? Pensei que estava fazendo compras. — Ele parece bravo.

Segurando um gemido, tento achar uma desculpa válida do porquê estou com Arsen. Tento encontrar a mentira certa para contar ao homem do outro lado da linha. O homem que eu supostamente amo tanto, meu marido fiel e estável.

— E-eu acabei o encontrando. Está aqui com a sua mãe.

Eu sei que ele não acredita em mim. Ben fica em silêncio por um minuto. Um longo minuto.

— Tenho que ir. Tchau — diz friamente.

A frieza em sua voz me assusta, me levando a impedi-lo de desligar.

— Espere! — Uso todas as forças para afastar Arsen. Desta vez, funciona, ele me solta e vou para o meio do quarto.

— Sim? — ouço Ben perguntar.

Meu corpo e mente estão em desacordo, porque ainda estou excitada pelo toque de Arsen, mas me odeio por permitir que isso aconteça. Só que não consigo parar. Não consigo.

Tento ganhar tempo, mesmo sem saber o que dizer.

Enquanto isso, meu amante está de pé na minha frente, me olhando com olhos tempestuosos conforme seu peito se contrai com a respiração ofegante. Sua furiosa ereção é bonita e tentadora.

— Acho que vou te ver em casa — digo.

Os músculos do peito de Arsen ficam tensos, mas eu ignoro. Ben fica em silêncio, e acredito que ele vai desligar antes de responder, mas ele me surpreende com suas palavras e com o quanto elas me perfuram profundamente:

— Sim. — Ben faz uma pausa. — Eu te amo. Não se esqueça disso. Sempre.

A linha fica muda, deixando-me afogada em vergonha.

Arsen deve ter notado a mudança no meu comportamento, porque não me dá a chance de dizer ou fazer qualquer coisa e se lança em mim. Pegando-me nos braços, ele me leva de volta para a cama.

Assim que estou deitada, ele começa a espalhar beijos por todo o meu corpo, quase como se estivesse tentando me marcar com os lábios. No instante em que sinto a sua pele na minha, consigo voltar a fingir que nada existe além das paredes de seu quarto. Sei que deveria estar zangada e com nojo do que ele fez, mas ainda consigo ouvir Ben na cabeça, e não quero. Não posso. Vou enlouquecer de culpa.

Então, eu uso Arsen.

— Arsen...

Seus lábios pousam nos meus.

— Sim... — murmura ele entre beijos, suas mãos explorando as curvas do meu corpo.

— Eu preciso de você. Agora — imploro.

Faça com que eu não sinta nada além de seu corpo dentro do meu.

Deixe-me perdida de prazer.

Enterro a verdade para que eu não tenha que sofrer por causa disso.

Levantando-se nos cotovelos, ele paira acima de mim. Percebo que seus lábios estão vermelhos e inchados dos meus.

— O que acha que estou tentando fazer aqui?

— Não quero mais beijar. E-eu...

— Você só quer que te foda? — Ele empurra a ponta da ereção dentro de mim. — Assim?

Abro bem as pernas para recebê-lo, segurando-o pelos ombros e ergo os quadris.

— Isso, por favor. Não quero mais pensar — imploro.

Assim que as palavras deixam minha boca, percebo o erro que cometi.

O corpo de Arsen fica rígido na hora.

— É por causa da ligação? Porque se quer que eu te foda para que não tenha que pensar nele, não vou fazer isso. Que se foda — grita Arsen e rola para longe de mim, caindo de costas.

— O que você quer dizer? Eu... você não me quer? — Eu me sento, pego o lençol branco de seda, e cubro o peito exposto, olhando para sua forma preciosa. A cabeça inchada do pau brilha com a prova do meu desejo por ele.

Nós nos olhamos sem dizer nada. Estou vermelha de vergonha e Arsen está me olhando abertamente com raiva estampada no rosto.

— Não — responde sem rodeios, praticamente bufando.

Estou humilhada e mortificada. O que eu estava pensando? Claro que ele não me quer. Não tenho qualquer valor.

— Eu entendo.

Eu me mexo para me levantar, mas Arsen me impede. Ajoelhando-se na minha frente, ele segura meu rosto.

— Porra, Catherine. Pare. Olhe pra mim, por favor.

Ergo os meus olhos. Ele é como o sol. Ofuscante. Não sou capaz de afastar meu olhar, mesmo que esteja sendo ofuscada por ele.

— Por que é sempre assim com a gente? — murmurando, ele passa a mão pelo cabelo. — Uma hora, é como se estivéssemos voando, na outra, tenho

vontade de surrar alguém, porra. — Ele pausa, a luxúria e algum sentimento que não entendo batalham em seus olhos. — Eu quero você. Pra caralho. Você sabe disso. Mas não posso fazer isso. Não quando é nele que você está pensando.

—M-mas eu quero você. — Isso não é mentira. Eu quero, muito.

Sempre que estou com ele, não me sinto fria, ou vazia, ou triste. Ele faz tudo ir embora.

— Não. Assim não. Sou um merda inútil por pegar o que não é meu, mas não vou permitir que ele entre aqui. — Ele aponta para a cama. — Aqui não. Este é o lugar onde não tenho que dividir você. Este é o lugar onde você é minha — diz ele com carinho.

— Oh, Arsen. Você não está... e ele...

— Shh, linda. Chega de falar dele. Vem cá, me deixe te beijar. Preciso dessa sua boca deliciosa na minha, porra — diz ele baixinho.

Quando Arsen solta meu rosto, ele se inclina e me beija mais uma vez. É rápido, mas não consigo parar a reação do meu corpo assim que nossas bocas se unem. Seu beijo invade os meus sentidos, me embriaga com o seu doce sabor.

— Você está certo. Eu estava tentando... Desculpa. Me desculpa mesmo — digo, culpada, quando nos deitamos em sua cama.

Ele olha para cima depois de examinar as nossas mãos entrelaçadas.

— Está tudo bem. Entendo o que estava tentando fazer. Eu já passei por isso. Usei o sexo para enterrar meus pensamentos e emoções. — Ele beija minha testa antes de continuar: — Às vezes, dá certo, outras, não, só que não quero transar com você enquanto pensa nele.

— Eu sinto muito.

— Esqueça isso. Além do mais, eu gosto disso. — Ele solta minha mão, me envolve em seus braços e sorri. — Conchinha. Quem diabos teria imaginado? Você está me transformando em uma mulherzinha. Dizendo não para

trepar e, ao invés disso, deitando de conchinha — diz, com um sorriso maroto no rosto.

— Tem certeza que não quer que eu cuide disso? — Aponto em sua ereção.

— Não, ela vai descer.

— Mas não está com dor?

— Nada que eu não possa lidar. Agora fique quieta e me beije de novo.

E nos perdemos em doces momentos de esquecimento. Nossas respirações enchendo os pulmões um do outro, Arsen se tornando parte de mim aos poucos.



Horas mais tarde, antes de eu sair de seu apartamento, Arsen me abraça com força. Ele beija o topo da minha cabeça e meu rosto todo. Quando me solta, ergue a mão e segura meu queixo.

— É assim com ele?

Fico surpresa pela pergunta.

— Não, não responda. Não quero saber — comenta, dando outro beijo rápido nos meus lábios.

Quando vou para a estação de trem, noto que eu deveria ter ligado para Ben, mas não tenho vontade. Eu quero pensar em Arsen um pouco mais. Pela primeira vez, desde que o nosso caso começou, Arsen e eu não transamos, mas de alguma forma, eu me sinto mais próxima dele do que nunca.



Quando chego em casa mais tarde naquela noite, sou recebida pelo cheiro de alho e molho de tomate.

— Ben? — chamo alto e começo a tirar meus brincos de diamantes, sentindo o cabelo raspar na ponta dos dedos.

— Aqui! — grita ele.

Quero trocar de roupa e escovar os dentes, mas vou até Ben. Hesitante ao caminhar, não sei exatamente o que dizer quando o vir. Sei que ele não acreditou na minha desculpa de que encontrei Arsen por acaso enquanto fazia compras.

Assim que chego à cozinha, encontro Ben de pé junto ao balcão, comendo espaguete em uma tigela estampada com flores. Ele parece formal como de costume, mesmo de jeans manchado e com uma velha camiseta cinza clara. Ele está olhando Mimi ronronar enquanto ela se enrosca em sua perna, e está com uma expressão triste no rosto. Quando ele me ouve entrar, ergue o olhar e estuda a minha aparência. Um olhar desolador lampeja em seus olhos, mas some rapidamente. E assim, eu me lembro de tudo o que quero tanto esquecer e o porquê. Ele é um lembrete diário do que nunca acontecerá.

— Oi. Achei que ia trabalhar até tarde hoje? — pergunto, colocando algumas sacolas de compras no chão. Arsen comprou algumas coisas para mim para que eu pudesse voltar para casa e continuar com a minha mentira.

— Era, mas depois decidi voltar para casa. Achei que estaria aqui...

— Hum, sim. Resolvi jantar com Arsen já que não o via há tempos — ao mentir, sou tomada pela repugnância do meu próprio comportamento. Sem saber o que fazer para me livrar disso, afasto todos os pensamentos de Arsen da cabeça e me concentro em Ben.

— Acabou de deixá-lo? — pergunta Ben, colocando cuidadosamente sua taça no balcão de mármore branco.

Pego um guardanapo, limpo os cantos de sua boca, e deixo os dedos sobre seus lábios. Erguendo os olhos, encaro os seus tão familiares e a forma com que me observam com tanto amor.

— Sim, ele quis ir tomar uns drinques depois do jantar. Não estava com vontade de beber, então vim pra casa mais cedo.

Ele circula os braços pela minha cintura um pouco mais forte do que estou acostumada. Silenciosamente, a gente se olha conforme Ben levanta uma mão, então, roça meu lábio inferior com o polegar, espelhando o que Arsen tinha feito nem duas horas atrás.

Gostaria de saber se ele consegue ver como meus lábios estão inchados...

— Acho interessante que ele tenha sumido por tanto tempo e, de repente, parece estar em todos os lugares — diz ele com a voz baixa, ainda esfregando meu lábio. Está começando a doer.

— O que você quer dizer? Não tive notícias dele ou o vi desde aquela noite no bar — digo e um calafrio percorre a minha coluna.

— Como eu seria capaz de me esquecer daquele dia? Aquilo foi um show do caralho. No entanto...

— E?

— Digo que ele está aparecendo em todo lugar porque há uns três dias, li na Page Six que ele tem sido visto com uma loira desconhecida pela cidade.

Eu perco o chão.

— V-verdade? Será que eles s-sabem quem é ela?

— Sim, é verdade. — Ben aperta a minha cintura com mais força. — E, não, eles não sabem. Você sabe como é Manhattan. Se quer ser anônimo, esse é o lugar certo.

— É — comento, levantando a mão e colocando-a por cima da de Ben,

parando-o porque seu toque está doendo.

— Como eu estava dizendo, eles não sabem a identidade da mulher, mas não parecem muito preocupados. Eles a chamam de “a bola da vez” — ele ri.

Eu sinto como se Ben tivesse acabado de me dar um soco no estômago.

— Bem, se ela é a bola da semana, por que ligariam?

— Não faço ideia. Enfim, não foi isso que quis dizer. O que quero dizer é que até você esbarrou com ele. Engraçado, né? — pergunta, sarcástico.

— Hum, é. Bem, eu... nós não conversamos da vida amorosa dele. Falamos só de... um... você sabe, da vida. Enfim, as compras me esgotaram. — Começo a me afastar dele, mas sua mão continua travada na minha cintura. — Ben, me solta. Quero tomar banho e ir me deitar.

— Por quê, amor? Está cansada? — pergunta, com uma pontada de ironia.

— Sim. Por favor, pode me soltar? — peço e tento me afastar, porém encontro resistência outra vez.

De repente, seu toque me deixa desconfortável. Tem algo no jeito que ele está me olhando, e a tensão que senti emanar de seu corpo me mostra o quanto está com raiva. Mais irritado do que jamais o vi antes.

— Muito cansada para ficar um pouco comigo? — pergunta Ben, apertando a minha cintura, nos virando e me apoiando contra o balcão.

— Ben, não. Hoje não. Estou cansada. Por favor, pare. — Eu me sinto mal.

— Amor... Sinto sua falta. — Quando ele se inclina e roça o nariz no meu pescoço, sinto seu desespero. Suas mãos se fecham em torno dos meus pulsos, movendo-os para abraçar seu pescoço. Então ele segura a minha bunda e

me levanta até o balcão.

— Não. Não estou no clima esta noite.

— Preciso de você, amor. Pra caralho. Faz tanto tempo — diz, com a voz rouca, levantando a saia e começando a descer minha calcinha.

— Não! — exclamo, empurrando-o com toda a força.

Escuto Ben soltar um palavrão, mas não se aproxima mais. Com nossas respirações ofegantes, eu desço do balcão e ajeito a saia sem olhar para ele.

— Eu disse não, Ben. — Sinto vontade de chorar e de vomitar, porém, não faço nenhum dos dois. — E-eu preciso me deitar.

— Jesus Cristo — reclama. — Então vá, porra. — Ele passa as mãos no seu cabelo, sua frustração explodindo na minha cara. — Não há como ganhar de você. Esqueça. Vou para o escritório. — Ele sai e me deixa parada no meio da nossa cozinha vazia.

Quando o vejo se afastar, eu desabo e choro.

O que eu fiz com Ben?

Olho para baixo, percebendo que minhas mãos estão tremendo violentamente e sinto nojo revirar meu estômago do avesso pelas minhas próprias ações. Quero gritar, quero vomitar, quero morrer. Sinto nojo de mim, só que isso é o preço que estou pagando, por vontade própria, por estar com Arsen.

Desligo a voz dentro da minha cabeça, dizendo que isto é o começo do fim.

CAPÍTULO 22

Estou agora na Barneys, a luxuosa loja de departamentos, procurando um vestido de festa para usar em um dos eventos de gala de Ben amanhã à noite. Queria não precisar ir para poder passar a noite com Arsen, em sua cama, enquanto Ben está fora, bajulando pessoas com quem não me importo. Esperando Arsen chegar, não consigo evitar o sorriso nos lábios quando me lembro de suas palavras ao telefone uma hora atrás.



— O que gostaria de comer?

— Você.

— Pare com isso. Estou falando sério.

— Eu também.

— Tanto faz. Que tal me encontrar na Barneys primeiro, então podemos decidir pra onde ir?

— Sim. Para a minha casa. Aonde vou te mostrar como estou faminto.



Sentindo o calor umedecer o ápice das minhas pernas, resolvo levar a sério meu esforço em encontrar o vestido certo antes que eu exploda de desejo. Escolho um vestido J. Mendel de alças finas, com uma segunda pele subindo por cima de um dos ombros. É preto, e não é descaradamente sexy, porém, tem uma fenda na saia. Procurando por sapatos, tenho sorte quando um moço, que é uma gracinha, se aproxima de mim e me pergunta se preciso de ajuda. Depois que aponto o par roxo de Manolos que gostei, e digo o número que calço, eu me sento e espero. Enquanto isso, pego meu celular para ver se tenho alguma ligação perdida de Arsen. Tem só uma mensagem de Ben. Sinto uma pontada de dor no peito, mas ignoro sua mensagem e envio uma para Arsen, avisando onde estou.

Quando o moço loiro, e bonito, volta com o par de sapatos, ele se ajoelha na minha frente, pegando o meu pé descalço e o apoia em seu joelho.

— Espero que não se importe, de eu ajudá-la. É uma das poucas vantagens de meu trabalho.

Com um sorriso simpático nos lábios, não consigo evitar e retribuo a brincadeira. Ele é uma graça.

— Ah, é? Tenho certeza de que as mulheres não se importam mesmo.

Ele sorri e aponta para as minhas alianças de casamento.

— Infelizmente, parece que cheguei tarde demais. Devo dar uma surra nele? Faria você desistir dele por mim?

Olho para a mão esquerda e vejo o grande diamante de Ben e a minha aliança de casamento. Tenho vontade de tirá-los. Elas estão muito apertadas, de repente. Estão prendendo minha circulação de tão apertados.

O bonitinho deve ter reparado a mudança na minha expressão.

— Peço desculpas, senhora. Não foi minha int...

— É bom ver que está tendo bastante diversão ao provar a porra de um

par de sapatos, Catherine.

O vendedor solta o meu pé na hora e se afasta. Ergo a cabeça e olho para um Arsen muito bravo. Se olhar matasse, o coitado do bonitinho provavelmente estaria morto agora.

Irritada com o tom acusatório, dou de ombros e finjo não ligar para o que as suas palavras implicam.

— Estamos, quer dizer, estava até agora. Se não se importa, Arsen...

Arsen empurra o moço de lado, se ajoelha na minha frente e coloca meu slingback Ferragamo de volta nos meus pés, e depois se levanta. Virando-se para olhar o vendedor, ele entrega o seu cartão American Express Black e diz para cobrar o que eu quiser. Depois que as compras foram pagas, e sem dizer uma palavra para mim, ele segura meu braço e me faz segui-lo até um provador.

Nós olhamos um para o outro em um silêncio cheio de raiva por um momento. Estou tão brava com sua grosseria que minhas mãos estão tremendo.

— Que diabos foi isso? — grito, não me importando que as pessoas possam nos ouvir. — Ele estava só fazendo o trabalho dele!

Fulminando-me com seus olhos azuis, a voz calma de Arsen é mais potente do que o mais alto dos gritos e seu jeito quieto apazigua a minha raiva.

— Não estou nem aí. Ele tocou em você, e você é minha. Só minha. Só eu posso te tocar.

— Não sou sua. Você está sendo bobo — sussurro.

— Que merda está tentando me dizer? Queria que ele te tocasse? Quer que ele seja o seu próximo brinquedinho? O quê, meu pau não basta para você? — dispara Arsen, sabendo que está me magoando.

— Não! Pare com isso, Arsen! Você está sequer ouvindo o que está dizendo?

Ele se afasta de mim e senta-se no banco.

— Para ser honesto, Cathy... você tem antecedentes.

— Como você se atreve? — A vergonha e a raiva ressurgem.

— Bem, você está aqui comigo, né? Enquanto seu marido está no trabalho?

— Eu te odeio.

Arsen sorri, frio.

— Você só me odeia porque sabe que é verdade.

— Vou embora. Adeus, Arsen. Me procure quando você crescer.

Quando me viro para sair, ele segura a minha mão. Tento afastá-lo, mas suas mãos estão em toda parte do meu corpo, me puxando para ele.

— Desculpa, Covinhas. Não foi o que eu dizer. Não vá — murmura Arsen.

— Arsen! — Meus protestos se tornam indiferentes quando seu toque acende a paixão que só ele é capaz de despertar em mim. Seus dedos ágeis abrem o meu vestido até que ele cai no chão, deixando-me parcialmente nua. Então Arsen coloca a mão dentro da minha calcinha e descobre a evidência da minha excitação.

— Não, você não vai embora. Está tão molhada. Você vai foder comigo, aqui e agora.

— Não quero você.

— Continue dizendo que não me quer, mas sinta... você está encharcada. — Ele retira o dedo de mim e traz até a minha boca. — Prove a si mesma. Não se atreva a mentir para mim. Você me quer — rosna.

E eu quero. Consigo provar o sabor agridoce do meu corpo em seus dedos.

— Covinhas, diga que você me quer. Diga — manda e traz o dedo molhado para dentro de mim outra vez, circulando, me provocando, acendendo

fogos de artifício pelo meu corpo.

— Diga!

— Sim! Arsen, eu quero você! — sussurro quando o meu mundo se torna nublado com prazer e luxúria. Necessidade e desejo.

— Pode me ver te tocando? — sussurra ele com a voz rouca no meu ouvido.

— Sim.

— Observe.

E como eu não poderia? Nós estamos em um provador cercado por espelhos; vejo nosso reflexo em todos os lugares que olho e isso faz meu corpo pegar fogo.

Vejo quando ele abre o zíper da calça e abaixa a boxer, soltando sua ereção. Eu observo ele tirar minha calcinha devagar, abrindo minha bunda para ele. E continuo a assistir enquanto abaixa a parte superior do meu corpo, curvando-me na cintura, minhas mãos sobre a bancada de apoio, oferecendo-me totalmente a ele.

— Empurra essa bunda gostosa contra o meu pau. — Ele desliza o pau ao longo de minha entrada, esfregando-se em mim. — Você com certeza queria trepar, minha linda Covinhas. — Sua voz é arrogante, ainda que tenha um tom de admiração nela. — Porra. Ah, essa bunda... curve-se mais para baixo para mim... isso... continue.

E eu me abaixo. Estou flutuando em uma nuvem de desejo da qual jamais quero descer.

— Bom, Covinhas. Agora, veja.

Vejo quando ele desliza o pau inteiro dentro de mim. Seus impulsos são lentos. Arsen tem o próprio ritmo, desfrutando em nos observar. Cubro a boca com a mão. Eu a mordo com força, tentando impedir que um gemido alto

me escape.

Quando ele puxa para fora, observo no espelho como seu pau brilha, e sei que se o colocasse na boca seria capaz de sentir o meu gosto. Ele ordena com voz rouca:

— Vire-se. Sente-se no banco. Eu quero te ver, inteira. Abra as pernas bem abertas para mim e mostre a sua boceta gostosa.

— Arsen, talvez não devêssemos. Estou com medo de ser pega — sussurro conforme ele desce a minha calcinha pelas pernas com uma mão e com a outra me esfrega sem piedade. Ouço os sons que seus dedos molhados estão fazendo quando começa a bombear, dentro e fora. Primal. Cru. Tão bonito.

Solto uma gargalhada porque só Arsen é capaz de me levar da raiva à alegria tão rápido.

— Nunca fiz isso.

— O quê? Trepar em público? Isso não é nada, meu bem. — Tem um sorriso sexy no seu rosto, que destaca como é bonito. Beleza preciosa. Soltando-me, um gemido desesperado escapa da minha boca e seguro a sua mão e a trago de volta ao meu corpo.

— Não... Arsen, por favor... acabe com isso.

— Eu vou me deitar. Quero te ver cavalgando meu pau.

Não consigo evitar a risada ao ver o grande corpo do Arsen se esforçando para caber no pequeno chão do provador. Um sorriso brincalhão toca seus lábios.

— As coisas que você e seu corpo me fazem, Catherine. Agora, vem me foder.

Quando me abaixo nele, seguro seus braços e os mantenho acima de sua cabeça. Vê-lo assim, com ele dentro de mim, sentindo-o pulsar... Eu me sinto tão viva.

— Você me faz...

Não termino a frase. Sua boca cobre a minha quando sua mão enrola meu cabelo, me puxa para um beijo maravilhoso cheio de promessas.



Assim que saímos da Barneys de mãos dadas, sem nos preocuparmos se alguém iria nos ver deste lado da cidade e tirar uma foto, Arsen diz que quer dar uma passada na Barnes & Noble. Concordando a cabeça, solto sua mão e o abraço pela cintura. Enterro o nariz no lado esquerdo do seu peito e inalo o cheiro de seu perfume, deixando a suavidade do algodão de sua camiseta se esfregar no meu rosto. Estar com Arsen desse jeito, sozinhos, no meio do dia sem nada para fazer, além de desfrutar da companhia um do outro, faz com que eu me sinta alegre, feliz, satisfeita. Se ao menos a vida pudesse ser sempre assim.

Solto um suspiro, satisfeita, aperto meu abraço em torno dele e permito que ele guie nossos passos.

— O que foi, Covinhas? Está muito dolorida para andar? Acho que me empolguei demais no vestiário. — Ele ri e agarra a minha bunda, dando um apertão.

Eu sorrio. O brilho provocante nos seus olhos o faz parecer um menino tão malvado.

— Talvez você tenh... Espera! O que está fazendo? Me coloque no chão agora, Arsen! — Arsen se levanta, e me joga por cima do ombro e morde a minha bunda!

— Me desça agora mesmo, Arsen! — Dou risada, e me remexo em seu ombro com ele dando mordidinhas na minha bunda. — Que diabos pensa que

está fazendo, seu bobo! Não, não, não me morda de novo! Faz cócegas!

Porém Arsen não escuta; ele só continua a rir junto comigo. Quero revidar, e mesmo que esteja pendurada de cabeça para baixo, eu o belisco na bunda, o que só faz com que ele se acabe de tanto rir.

— Claro que não. Guarde sua energia para mais tarde, Covinhas. Estou pensando em manter essa sua linda boca ocupada, não se preocupe — provoca ele.

— Arsen, estou falando sério! Pare com isso agora mesmo! Me desça! — Estou rindo tanto que meu estômago dói.

— Não.

Mortificada porque estamos chamando atenção, cubro o rosto com as mãos, tentando com afinco descer.

— Minha nossa! Que vergonha!

— Deixe que vejam. Os coitados precisam de um pouco de emoção em suas vidas chatas de vez em quando, Covinhas. Além do mais, gosto disso — comenta, satisfeito.

E então o cretino morde minha bunda outra vez.

No táxi, a caminho da Barnes & Noble mais próxima, que fica no prédio do Citigroup Center, tudo o que eu e Arsen fazemos é dar uns amassos. Beijar, sentir, tocar, como se não pudéssemos ter o bastante um do outro. Com a mão de Arsen debaixo da minha camisa, esfregando meu mamilo duro, minhas mãos em seu cabelo loiro, puxando-o para mim, estamos no meio de um caloroso beijo quando a voz do taxista atravessa nosso estupor.

— Ei, cara. Chegamos. Ou paga agora, ou continuarei dando volta no quarteirão e você vai pagar por isso!

Sinto o rosto esquentar, então o escondo no pescoço de Arsen e tento lutar contra a mistura de vergonha e tontura por termos sidos pegos no flagra

como dois adolescentes cheios de tesão.

Com os olhos brilhando e me dando um sorriso perplexo, Arsen ergue o meu queixo e me dá beijinho no nariz.

— Quer continuar? Ou devemos sair?

— Está tudo bem. Vamos sair daqui — respondo, a felicidade transbordando de mim.

— Boa escolha. Eu iria à falência se fosse deixar o taxímetro rodando, porque seria capaz de fazer isso o dia todo — diz, com as costas da mão acariciando meu rosto devagar.



Deixo Arsen viajando pelas prateleiras dos livros de ficção e vou até a seção de romance. Romance de época é o meu ponto fraco. Eu os descobri com quinze anos, e nunca mais parei. Quando encontro um que gostei, com uma capa sexy com um homem sem camisa e olhos ardentes, pego o livro e me sento no chão. Com as costas contra as prateleiras e as pernas dobradas sob o bumbum, começo a ler a sinopse. Parece boa, então folheio as páginas até chegar na última e leio o fim só para saber se tem final feliz. Infelizmente, este não acaba bem, então eu me levanto e o guardo de volta onde o encontrei e vou procurar Arsen.

Assim que o acho, ele está segurando uma sacola na mão cheia de livros.

— O que você comprou? Me deixe ver. — Pego a bolsa e retiro os livros para ver os títulos. Surpreendida por ele gostar desse tipo de gênero, eu o olho fixamente. Passando a mão no cabelo, vejo um rubor cobrir seu rosto enquanto ele tenta justificar a sua compra.

— É, bem... Assisti os filmes e... Harry Potter me conquistou. Então,

quero tentar ler.

— Arsen! Não tenha vergonha! É fofo. E os livros são demais. Eu li todos e amei cada um deles. Quer que eu leia com você? — Sorrio.

— Sério? Você faria isso? — pergunta com descrença em sua voz.

— Sim! Bellatrix e Snape são meus personagens favoritos.

— Bellatrix é a Helena Bonham-Carter?

Concordo com a cabeça.

— Ela foi maravilhosa. Mas, bem, tudo o que ela faz é genial pra caramba. — Vejo a insinuação de um sorriso em seus lábios. Ver seu entusiasmo é cativante.

Sorrimos um para o outro e desfrutamos do momento por ter encontrado outra coisa que temos em comum.

— Tudo bem, vamos. Estou morrendo de fome — digo.

Puxando-me para mais perto enquanto me envolve nos braços, Arsen abaixa a boca e me dá um beijo atrás da orelha. Com um livro de Harry Potter em uma mão e o saco plástico pesado na outra, minha barriga fica tensa quando ele sussurra:

— Eu também...

Entrego para Arsen a sacola de compras e digo que preciso usar o banheiro. No caminho, reparo na seção infantil, que é cheia de sofás confortáveis, brinquedos à venda e, brilhantes e coloridas capas de livros. Lá estão parados carrinhos de bebê por todos os lados, mães dizendo a seus filhos para não tocarem nas coisas, babás fofocando, crianças correndo e tirando livros das prateleiras com as suas mãozinhas, enquanto outras se sentam e viajam pelas páginas repletas de fotos. Sentindo uma pontada familiar no meu peito, acelero o ritmo e tento fugir de lá o mais rápido que posso. Depois de usar o banheiro e lavar as mãos, vou para a entrada, evitando a área que faz com que meus

pesadelos voltem.

Quando chego à entrada, não encontro Arsen lá. Depois de alguns minutos andando pelas seções mais próximas da frente da loja, começo a pensar que ele talvez tenha ido me buscar. Relutante, vou à sua procura, embora não queira ir para os fundos, de verdade. Só de saber que estou me aproximando daquela área, meu coração acelera, os meus passos ficam mais pesados e as palmas das mãos suadas.

Nos meses que se passaram desde o meu último aborto, eu tenho sido capaz de evitar o contato próximo com crianças, principalmente as menores e os bebês, e gostaria de continuar assim. Engulo em seco. Não sei se estou preparada para que a onda de sorte acabe. Não consigo nem olhar para uma mulher grávida sem sentir inveja e raiva.

Onde está Arsen, caramba?

— Jaime! Volte aqui agora mesmo! — uma mulher chama um garotinho que vem correndo por um caminho estreito entre as mesas cheias de livros, vindo direto em minha direção. Saindo da frente a tempo, por pouco evito a trombada. Com uma mão no peito, tentando acalmar a respiração, olho ao redor procurando por Arsen. Não acho que consigo ficar aqui por muito mais tempo. O pânico está começando jogar sua magia negra em mim.

Eu me inclino contra uma estante mais alta e fecho os olhos por um momento.

Não tem importância.

Não tem importância.

Você não se importa, se lembra?

Você os superou.

Você superou.

Repetindo estas palavras como se fossem uma ladainha na minha

cabeça e lutando contra a escuridão que sempre tenta me engolir inteira quando sinto braços fortes que parecem cordas de salva-vidas me puxarem, trazendo-me de volta à realidade onde há luz. Sua luz.

Continuo com os olhos fechados e deixo ele me envolver em um abraço reconfortante. Com seus braços ao meu redor, cheiro sua essência picante, e escuto as batidas tranquilas do seu coração até que os fantasmas que me atormentam começam a desaparecer. O fantástico do momento é que Arsen não está envergonhado do meu surto maníaco. Pelo contrário, é como se ele estivesse tentando me ajudar a passar por ele.

— Catherine, estou aqui. Está tudo bem — sussurra ele, suavemente.

Quando consigo formar um pensamento coerente e me sentir mais calma, digo contra o seu peito.

— Precisamos ir, Arsen. E-eu não sei se posso fazer isso... ainda não.

Arsen fica em silêncio por um momento.

— Acho que não. Acho que devemos ficar aqui, Catherine.

Suas palavras são como um tapa na cara.

Magoada, começo a me afastar, mas ele me impede, apertando seus braços ao meu redor.

— Não. Por favor, Covinhas, me escute...

— Você tem um minuto, Arsen. Depois, estou indo. — Abrindo os olhos, eu o encaro sem pestanejar. — Com ou sem você.

Ele ergue a mão e puxa seu cabelo.

— Não pode continuar fugindo de seus pesadelos. Eles vão te alcançar um dia. Sempre alcançam. Não estava com você quando aquela merda aconteceu, e não tem um dia em que não me arrependa, mas hoje eu posso te ajudar. Posso estar ao seu lado. Você não precisa fazer nada. Apenas vá, enfrente as porras desses demônios e mostre a eles do que é feita. Você é mais forte do

que pensa. Está parada aqui comigo, afinal. Está rindo e vivendo de novo. Então, lute, Covinhas. Lute, porra.

— Oh, Arsen...

Suas palavras me quebram e me curam ao mesmo tempo. Um soco no estômago e uma carícia reconfortante em um único movimento.

— Olha... Não existe um jeito de corrigir o seu presente sem confrontar seu passado. Vamos lá, sentamos por alguns minutos, e depois saímos. Não vou pressioná-la para fazer nada mais, somente isso. Por favor, me deixe ficar ao seu lado. — Há uma fervorosa súplica em sua voz, nos seus olhos e no seu abraço.

Dou risada porque ele faz isso parecer tão fácil.

— Só isso?

— Porra, sim. Sei que você consegue — diz Arsen.

Agito a cabeça, porque não acredito que estou realmente ouvindo este doido e concordando com sua ideia idiota de cura.

— Tudo bem. Não acredito que está me obrigando a fazer isso.

Sentindo um leve toque na lateral da perna, desço meu olhar e encontro uma criancinha parada na minha frente segurando “Onde Vivem os Monstros” nas mãos. Seus grandes e inocentes olhos castanhos estão me encarando com intensidade.

— Meu imão é mau. Ele não quer ler uma itólia pa mim e não sei lê ainda. Quero ouvi uma itólia. Quero ouvi uma itólia.

Com um nó na garganta, eu solto Arsen e me ajoelho.

— Hum... onde está a sua mãe ou sua babá? Quer que eu as encontre para você?

— Nu-uh. Lilah tá com as amigas.

— Quer que eu vá buscar Lilah para você? Ela é sua irmã mais velha?

— Na-ah. Sua boba! Lilah é minha babá. Quero que você leia a minha itólia. — Ela enruga o nariz quando me vê fazendo que não com a cabeça. É horrível, eu sei. Negar a esta linda menininha o que ela quer, parte meu coração, mas não consigo fazer isso. Eu simplesmente não consigo.

Estou prestes a me levantar quando ela agarra meu ombro, seu rosto brilhando feito o sol.

— Por favorrrr? Minha mãe disse que se eu disser “por favor” e “obrigada”, consigo o que eu quiser. Por favooorr?

Eu xingo mentalmente, e olho para Arsen, implorando com os olhos que me ajude a sair disso. Com suas mãos nos bolsos da frente da calça jeans e um sorriso preguiçoso nos lábios, ele dá de ombros como quem não se importa, murmurando:

— Ela pediu pra você.

Eu sei que ele está fingindo que não liga, mas seus olhos revelam a verdade, eles contradizem o seu comportamento indiferente. Seus olhos estão dizendo para eu ser corajosa.

Engolindo em seco, o meu coração batendo acelerado e fortemente como uma debandada de animais selvagens, aceno para a menininha.

— Claro. Por que não?

E, é neste momento, com Arsen sorrindo para mim, que resolvo lutar de novo. Talvez não tenha nada a ver com ele, mas o seu apoio tem tudo a ver com isso.

Quando a garotinha se senta no meu colo, ali no chão acarpetado, com livros e o burburinho de pessoas conversando ao nosso redor, sinto o confortável calor de seu corpo no colo, me aquecendo, aquecendo meu coração, e sei que estou no caminho para me recuperar. Fechando os olhos por um instante, eu me inclino e inalo o cheiro doce de morangos e chocolate que exalam de seu cabelo.

Depois de alguns minutos, ergo os olhos e vejo o fogo azul que amo tanto olhando para mim com carinho.

É neste momento que sei que um capítulo doloroso acabou.

Ele estava certo. Mesmo quando o horizonte parece obscuro e repleto de dor, devemos aprender a lutar e perseverar, porque as recompensas daquelas lágrimas de dificuldade significam que você é capaz de recomeçar a sua vida de novo. Arsen me ensinou isso.

Encarando-o, uma névoa ofuscante se dispersa do meu coração conforme encaro a verdade nos olhos enevoados.

Eu o amo.

Eu me apaixonei por outro homem.

Mas é possível amar dois homens ao mesmo tempo?

Porque eu acho que amo.

CAPÍTULO 23

ARSEN

Voltei a sentir.

Posso ver seu rosto.

Posso tocar seu corpo ao meu lado.

Posso afundar o nariz em seu cabelo e respirar seu cheiro.

Fecho os olhos e sinto seus lábios macios traçando meu rosto com beijos demorados.

Posso me esbanjar em seu corpo como se fosse a minha última refeição.

Voltei a sentir.

O sol da tarde brilha através das janelas sem cortinas do meu apartamento quando abro os olhos e encontro Catherine aqui, me vendo dormir. Ela está deitada de lado, de frente para mim com as mãos enfiadas debaixo da bochecha direita, com o sol iluminando seu rosto. Ela ainda não foi embora. Vejo o sorrisinho em seus lábios, e não consigo deixar de retribuir seu sorriso. Ela me faz tão feliz.

Ainda há momentos em que não acredito que está finalmente comigo. Você pensaria que passar quase todos os dias juntos – enquanto seu marido está no trabalho –, rindo de qualquer bobagem e fazendo muito sexo bom pra caralho teria perdido a graça, mas não perdeu. Vivo por estes momentos em que ela está

comigo, quando o mundo é deixado de fora deste quarto e a única pessoa que importa está bem aqui ao meu lado.

Ela está usando uma das minhas camisetas velhas. Hmm... Gostaria de saber se é só o que está vestindo. Delícia. Seu cabelo loiro está solto, emoldurando seu rosto, porém, os olhos estão inchados e vermelhos, como se tivesse chorado. Quero perguntar o que a fez chorar, o que trouxe aquele olhar triste aos seus olhos de novo, só que em vez disso, eu a toco. Quando estamos juntos, seu olhar triste e perdido desaparece.

Lembro de quando a conheci. Ao dar um aperto de mãos e olhar nas profundezas verdes e intensas de seus olhos, pude ver sua maldita alma através deles, e estava destruída, chamando por mim. Covinhas, apesar de bonita por fora, escondia algo dilacerado, algo forte, alguma coisa que eu queria muito consertar. Também tive a sensação, uma que não consigo me livrar até hoje, de que ela mudaria tudo.

Eu quero que ela fique livre de tudo o que ainda a atormenta.

Quero ser o templo onde ela procura consolo.

Eu quero ser a droga do seu salvador.

Quero ajudá-la a se curar.

— Me fale da Jessica — pede Catherine, tocando a tatuagem no meu peito.

A princípio, não respondo, apenas me permitindo desfrutar do rastro quente que seus dedos deixam ao traçar o contorno da borboleta.

— Arsen?

Pego sua pequena mão, trazendo-a até os lábios e dou um beijo na palma. Como podem meras palavras descrever adequadamente o quanto ainda me sinto culpado pela morte de Jessica?

Limpando a garganta, resolvo ser o mais honesto possível com

Catherine. Não consigo olhar em seus olhos perfeitos e dizer que eu matei alguém, portanto, me concentro em nossos dedos entrelaçados, descansando em meu peito.

— Ela morreu. Ela morreu por minha causa.

— Arsen, olhe para mim. O que você quer dizer?

— Eu a matei. Eu estava bêbado... estávamos bêbados... ela estava dirigindo. — Pauso um instante para respirar fundo antes de continuar: — Não devia ter deixado ela dirigir seu carro, mas estava tão ferrado quanto ela. Nós deveríamos ter dormido lá, mas ficamos chapados e decidimos dar uma volta em sua nova Ferrari. Eu saí só com duas costelas quebradas, mas ela morreu.

— Oh, Arsen. Lamento muito...

Ficamos em silêncio por um tempo até que ela volta a falar:

— V-você a amava?

— Sim. Achava que ela era a lua da minha noite sem estrelas.

— Oh.

— Quantos anos você tinha? Quero dizer, há quanto tempo foi isso? — pergunta, hesitante.

— Eu tinha vinte, e ela dezoito.

Fechei os olhos com força. Merda. Mesmo depois de todo esse tempo ainda dói.

— Eu sinto muito, Arsen.

— É, eu também. — Faço uma pausa. — As mulheres, as drogas, o álcool... tudo isso me ajudou a esquecer e entorpecer a dor. Mas, uma hora ou outra, você tem que lidar com seus demônios, porque nunca está verdadeiramente livre até que os enfrente. E eu os enfrentei.

— Você... você ainda a ama?

— Amo. Acredito que uma parte minha sempre vai amá-la. Sim, nós

éramos jovens quando nos conhecemos, mas ela foi meu primeiro amor.

— Você tem que parar de se culpar pela morte dela, Arsen. Não foi culpa sua.

— Eu sei que não, porém, eu podia ter evitado. Eu ainda me culpo... É só que não deixo mais a culpa me comer vivo. Não permito que isso me destrua. Eu sei que Jessica não ia querer isso.

— Por que não tenta encontrar outra pessoa? Apaixonar-se de novo? — pergunta, olhando diretamente nos meus olhos.

Voltando com Jessica para as profundezas de meu coração, onde ela estará para sempre, observo Catherine por um longo minuto. Reparo na cor febril cobrindo seu rosto, nos tempestuosos olhos verdes, e a maneira que ela parece iluminar o quarto todo, o meu mundo inteiro.

— Sabe, não pensei que pudesse me apaixonar de novo, mas...

— Por que está perdendo seu tempo comigo? Isso... isso... — Sem terminar a frase, ela olha para mim como se eu fosse um adivinho, mas é sua pergunta e a dor que vejo refletida em seu belo rosto que me pega de surpresa.

— O que foi, Covinhas? — Precisando sentir o calor de sua pele na minha, levanto a mão para traçar seu rosto, o contorno da bochecha, os lábios.

— Como algo tão errado pode parecer tão certo? Como se fosse predestinado — pergunta ela, rouca.

— Talvez nós estejamos destinados a ficar juntos...

Mas estávamos? Ou será que forçamos a situação?

Catherine fica em silêncio e olha para mim com a porra do sentimento que faz meu coração de merda cantarolar. São nestes momentos, quando ela está sem maquiagem, com os lábios inchados de meus beijos e o cabelo esparramado no meu travesseiro, que não consigo deixar de me sentir feliz por ter ido atrás dela, por não ter dado a mínima se era casada, por ter me aproveitado da situação

sendo o filho da puta que sou.

Eu preciso dela.

— Por que você me quer? Sou tão ferrada. E ainda por cima, sou infiel e mentirosa — diz.

— Eu quero você. Simples assim. Não tem necessidade de explicação. Não tem porque, nem como, eu apenas quero. Você é perfeita pra mim, Catherine. Completamente. Não se engane sobre isso. E se é infiel, o que isso faz de mim?

— Mas, e Ben? Não é justo com ele. Ele não merece isso.

— Não sei. Deixe eu te perguntar uma coisa. Você seria capaz de se afastar disso, de nós, agora mesmo, sem olhar para trás? — pergunto.

— Eu não sei...

Perguntas deixadas sem respostas, Catherine fecha os olhos e se joga em cima de mim.

— Me beija, Arsen. Me faça esquecer — sussurra suavemente na minha boca.

Continuo com os olhos abertos no começo, observando o jeito que seus lábios se abrem para receber meu beijo, só fecho quando provo sua doçura na língua. Beijar Catherine é perfeito demais, porra.

Bem devagar, interrompendo o beijo por um momento, tiro sua camiseta e abro seu sutiã, depois a puxo para perto de mim até que sinto os seus seios contra o meu peito nu. Ficando duro, levo uma das minhas mãos à base de suas costas, puxando e mantendo-a mais perto. Quero que ela sinta o quanto eu a desejo, o quanto preciso dela. Nunca está perto o bastante. Ela me possui. E gostaria de pensar que eu também a possuo, mesmo que seja por algumas horas a cada dia.

Vou aceitar qualquer coisa que conseguir.

Com nossas mãos emaranhadas em nosso cabelo, nós nos beijamos por um longo tempo. Agora nus, Catherine se deita de costas e abre as pernas me convidando. Cristo, como diabos você diz não a isso?

Eu me posiciono entre suas pernas, mas não a penetro na hora. Não, gosto de me divertir e deixá-la gemendo primeiro. Beijo sua testa, depois o nariz, pálpebras, a bonita marquinha ao lado da boca, e vou até a clavícula. Quando alcanço seus seios, deixo a língua brincar com os mamilos, chupando-os delicadamente e mordendo com força até que a ouço gemer.

Ao chegar na barriga, meus dedos continuam acariciando seu clitóris para deixá-la pronta para mim. Sento-me sobre os joelhos, sem quebrar o contato visual, trago os dedos encharcados à boca e os lambo até deixá-los limpos. Sentindo seu gosto, sorrio quando a vejo corar desse jeito. Catherine é tão bonita, e não faz ideia do poder que tem sobre mim. Eu me inclino e passo a língua ao longo do clitóris antes que ela tenha a chance de se mexer. Tão doce, respiro o seu cheiro como se fosse a última ingestão de ar dos meus pulmões nesta vida.

— Coloque as pernas sobre meus ombros — mando, respirando entre as suas coxas e vendo seu corpo tremer.

Sem afastar o olhar, ela descansa os calcanhares nas minhas costas. Ela é tão perfeita. Abaixo a boca outra vez e me permito enlouquecer em sua boceta.

Quando a sinto puxar o meu cabelo, olho para cima e a vejo jogar a cabeça para trás no travesseiro, empurrando os quadris na minha boca sem parar, enquanto eu lambo, deslizo e chupo.

— Porra, Arsen! Eu estou... eu estou... — ela ofega.

Aperto sua bunda com as mãos e a pressiono com mais força na boca. Sua essência me deixa louco demais porque não existe nada tão doce quanto o sabor de sua mulher na língua.

Aqui e agora, ela é minha.

Coloco dois dedos dentro dela e a acaricio rápido e forte, até que ela se despedaça, gritando o meu nome. Dou um sorrisinho porque amo fazê-la gozar com o meu nome em seus lábios.

Depois que seu corpo se acalma, eu me posiciono entre suas pernas outra vez. Espalhando-as abertas para mim com uma mão, pego meu pau em outra e a penetro.

Finalmente...

Maldito lar, doce lar.

Um desejo excruciante faz meu corpo tremer. Envolvo as mãos em seu cabelo e faço com que ela me olhe quando começo a me mover dentro dela. Quero ver o seu rosto enquanto fodemos. Eu me movimento devagar no começo, deixando que seu corpo me receba o máximo possível, mas quando sinto seu aperto em torno do meu pau de novo, eu me retiro. Gentilmente, eu a viro para deitá-la de bruços, minhas mãos agarrando seus quadris, e a fodo suavemente por trás. Gosto de ver as marcas vermelhas que meus apertos fortes deixam em sua pele branca, desejando por um instante que a porra do seu marido preste mais atenção e as veja.

O ciúme me consome quando acelero o ritmo, fodendo-a mais forte, possuindo-a com mais força, apagando-o de seu corpo. Quase gozando, agarro seu cabelo nas mãos, inclinando sua cabeça para trás e me solto. Sinto o tanto que ela está molhando o meu pau enquanto eu a possuo, e adoro isso, porra. Esfrego seu clitóris com mais rapidez e começo a me chocar em sua bunda. Dentro e fora de seu corpo. Meu corpo.

Eu a possuo.

Catherine estica o pescoço para me olhar ao mesmo tempo em que nos aproximamos do êxtase juntos. Grito seu nome e ela grita o meu e, assim,

gozamos, como uma entidade, um só corpo, uma só alma. Olho em seus olhos excitados e minha cabeça finalmente reconhece o que o meu coração sempre soube que era verdade – eu sou dela. Eu pertenço a Catherine. E quero que ela seja minha, só minha.

Depois de empurrar mais algumas vezes, nossos corpos tremem e amolecem. Envolvo os braços em volta dela com força e a puxo para mais perto do meu peito, deitando-nos de lado. Com os nossos corpos entrelaçados, e meu pau ainda dentro dela, sinto que sou capaz de voar. Acaricio seu pescoço e lambo o suor salgado com a língua, prolongando-me atrás da orelha e rindo quando a sinto tremer. Não consigo evitar. Ela é tão doce.

Eu murmuro em seu ouvido:

— Oras, oi, estranha. Muito bom te encontrar aqui. — Empurro com delicadeza meu pau amolecendo dentro dela. Deitada de lado de conchinha e uma de suas mãos abaixo de sua bochecha, como um travesseiro, Catherine entrelaça a outra com a minha.

— Nunca fica cansado? — Uma risada ressoa em sua voz.

— Não... — Solto sua mão e faço cócegas em suas axilas. Não consigo deixar de rir quando ela se contorce sob meus braços como um peixe fora d’água. Ela é tão sensível. Estamos rindo quando saio de dentro dela. Não quero, mas isso está prestes a se transformar em uma grande batalha e não quero perder. Odeio perder. Catherine me distrai quando desliza a língua pelo meu mamilo e o suga na boca, sabendo muito bem que vai foder com a minha concentração. Um momento depois, ela está montada em cima de mim com os meus punhos presos firmemente acima da minha cabeça. Podia me libertar em um piscar de olhos, mas gosto desse lado brincalhão da minha Covinhas, então a deixo continuar. Seu cabelo loiro cai como uma cascata por seus ombros, mostrando a brancura sedosa de sua pele, e seu corpo é perfeito para eu me esbanjar. Seus lindos olhos

verdes não estão mais com pedaços de gelo. Estão brilhando de emoção e, tomara, com amor.

Ela me possui.

Ela abaixa os lábios nos meus, e conforme nos beijamos, não percebo que suas mãos soltaram as minhas até que é tarde demais. Suas mãos podem ser pequenas, mas aqueles dedos sabem fazer cócegas!

Prendo suas pernas com as minhas e viro com tudo. Melhor. Ver sua boca está me deixando louco, então eu a beijo de novo. Quero comê-la. Devorá-la. De repente, não consigo me mexer.

Não consigo respirar.

Eu a amo.

Esta mulher é minha alma gêmea. Pensei que Jessica era o amor da minha vida, e talvez fosse, mas não posso continuar negando que me apaixonei por Catherine. A verdade me paralisa, mortifica, mas me liberta. E me faz sentir poderoso, também.

Um poderoso super-herói do caralho.

— Obrigada, Arsen. Obrigada por me fazer esquecer, por me fazer rir de novo, pelo que fez na livraria — sussurra Catherine. Eu meio que gemo, meio que murmuro, e a puxo para o meu colo. Conforme ela se senta, envolve os braços pelo meu pescoço, enrola os dedos pelo meu cabelo e dá um leve puxão. Passo o braço sob sua bunda deliciosa e outro em torno da cintura, puxando-a tão perto quanto possível.

Sentindo um frio na barriga, como as garotas gostam de chamar, fecho os olhos e acaricio seu pescoço, lambendo sua orelha.

— Quero que você seja feliz de novo, Catherine. Quero mesmo. E quero ser parte da razão da sua felicidade.

Catherine fecha os olhos por um instante e parece considerar suas

próximas palavras com cuidado. Quando ela os abre, tristeza me encara e a minha pele formiga. Sinto uma sensação ruim se apoderar por dentro.

— Por favor, não. Não me peça por mais. E-eu não posso...

Porra, como dói.

— E por que diabos não pode? — pergunto, porque sou um masoquista e sei que a resposta será como levar um soco no estômago.

— Porque sou casada. E eu amo meu marido.

Porra. Porra. Porra. Perguntei, mesmo.

Eu zombo:

— Não parecia que amava nada além do meu pau quando estava me chupando ainda agora.

Minhas palavras a fazem recuar. É, as suas me fazem mal.

— Ah, Arsen. Não diga isso... não seja cruel. Sabia que eu era casada.

— Está de gozação com a minha cara? É claro que eu sabia! Só não tinha ideia de que eu iria...

Paro antes de dizer palavras das quais me arrependeria. Soltando-a, eu sento na beirada da cama e me afasto.

— Quer saber? Esquece o que eu disse. Esquece. Não importa, né? Estamos só nos divertindo. Trepando até quando você não está fingindo ser a perfeita Cathy, a esposa do poderoso Benjamin Stanwood.

— Arsen... — Sua voz vacila.

— Não. Está tudo bem, Cathy. Porra, eu entendo. Eu entendo. Sou a porra do seu brinquedo da crise de meia idade, só que dez anos mais cedo. Em vez de pedir a Ben para te comprar um colar de diamantes, você decidiu me foder. E por que diabos não? Os diamantes não iriam fazer você gritar e gozar tão forte como faz quando está montando meu pau.

Rangendo os dentes, meu corpo treme conforme tento controlar a

raiva. Não quero que o veneno crescendo dentro de mim nos envenene até a morte, mas quero muito magoá-la. Quero despedaçá-la, estilhaçá-la.

Toma lá, dá cá, vagabunda.

Com a respiração ofegante, cerro os punhos bem apertados, porque se eu não fizer isso, seria capaz de destruir meu apartamento. Jesus, como dói.

Tentando me controlar, sinto Catherine se mexer e sair da cama. Talvez ela já tenha se cansado? Ótimo. Já chega. Fechando os olhos, ergo a mão até a nuca e esfrego. Mãos quentes e macias cobrem meus joelhos.

— Você não entende. Não pode. E-eu não entendo também, mas isso entre nós nunca deveria ter acontecido. Não era para ter acontecido. É errado, muito errado. Eu am... — Catherine olha para si mesma. — O que quer que eu diga? O que quer que eu faça? V-você diz palavras bonitas, Arsen, mas não significam nada. São só palavras vazias. Você faz amor comigo, me fode, faz tudo o que quer comigo, e eu deixei porque eu adoro. Eu amo estar com você.

Ela olha para as mãos antes de encontrar o meu olhar de novo.

— Você me faz esquecer. Você me faz feliz, me faz sorrir e rir igual a uma adolescente... mas o que não percebe é que o meu casamento estava exatamente da mesma maneira antes que as coisas ficassem complicadas, antes de começar a me machucar, antes que cada aborto abrisse um buraco maior dentro de mim.

— Meu casamento não era só bom, Arsen. Era incrível. E não é culpa de Ben que eu esteja aqui deitada nua com você. Ben ainda é o mesmo homem. Quem mudou fui eu. Quem decidiu trair o meu marido fui eu; meu casamento de seis anos. Fui eu quem escolheu atender a todas as suas chamadas e vir aqui. Ninguém está me forçando a tirar a roupa e ficar de joelhos na sua frente... fui eu. Fui eu.

— Catherine...

— Não. Me deixe terminar. Então, o que te faz pensar que é diferente de mim? De Ben? O que te faz pensar que você tem o que preciso? Quer que eu deixe Ben e fique com você? VOCÊ é o único se divertindo, Arsen. Então, quando afirma q-que acho que você é só meu brinquedo e nada mais... Não sei o que quer que eu diga. Não sei o que quer de mim.

Olho em seus olhos brilhantes e me perco. Começo a implorar feito a porra de uma criança.

— Não sei. Eu não sei. Só não vá esta noite. Fique comigo... diga que vai passar a noite na casa da Amy. Não volte hoje à noite.

Ela nega com a cabeça.

— Você está me ouvindo? — argumenta, elevando a voz. — Não. Você sabe que isso é impossível. Eu não posso. Tenho que ir para casa. Ben está começando a suspeitar que algo está acontecendo. Eu preciso...

— Ir e desempenhar o papel da esposa perfeita do caralho, né? — A raiva substitui o meu desejo por ela. Cuspo as palavras como se fossem ácido na minha língua.

— Sim — ela afirma, simplesmente.

— Deixe eu te perguntar uma coisa. Você faz isso à noite, também? Quando sai do meu apartamento depois de ter ficado comigo, volta para a sua perfeita mansão de três milhões de dólares na região de Westchester e trepa com seu marido?

Eu a vejo corar e ela solta meus joelhos. Ajoelhada no chão, só com um lençol enrolado no corpo, Catherine fala:

— Não é da sua conta.

— Está de brincadeira comigo? Sim, é da minha conta. Você é minha! — grito com raiva pulsando nas veias, fazendo-me queimar por dentro.

— Não. Não sou. Eu sou de Ben. Sou casada com ele. Não com você

— diz baixinho olhando para o chão.

— Quer saber? Que se foda! — Minha cabeça está latejando, e parece que está prestes a explodir. Levantando, tento me afastar dela o mais rápido possível.

— Não. Não. Não. Por favor, Arsen... não vá — implora desesperadamente. Olho para ela no chão e vejo a dor expressa de forma vívida em seu rosto. Porra. Não consigo vê-la sofrendo assim e ficar sem fazer nada.

Sento-me no chão e puxo seu corpo nu para o meu. Com seu pequeno corpo nos braços, a situação não parece tão desesperadora como realmente é. Também já não dói tanto. Quando acho que sou capaz de voltar a respirar, a ouço falar conforme a balanço para frente e para trás.

— Por favor, Arsen, não fique bravo. Me deixe pensar. Me dê tempo para entender a confusão que eu fiz. Por favor, entenda que não posso simplesmente me separar de Ben. E-eu... Ele não merece isso. Preciso de tempo para pensar, Arsen. Preciso de tempo. Por favor, não me pressione. Por favor, eu imploro. E-eu quero dizer... isto ao menos significa alguma coisa para você? Como eu sei que não está só se divertindo?

— Que porra é essa, Cathy? Estou com cara de quem está brincando? Que não estou nem aí? Estou a seu dispor o tempo todo! — grito. Depois de respirar fundo e me acalmar, eu continuo: — Você se importa comigo? Você se importa pelo menos um pouco comigo?

As palavras são arrancadas do meu peito.

Rasgadas da minha alma.

— Sim. Muito, Arsen. Muito. M-Mas isso não muda nada. Nada — ela repete.

Não há lágrimas derramadas, nem sangue jorrado.

Nada.

Apenas a verdade entre nós. E dói. Dói demais porque não existe nada que eu possa fazer para mudar isso. Nada que possa fazer para que ela deixe de amar seu marido, e me amar em seu lugar. Nada que possa fazer para que se separe dele e fique comigo.

Nada.

Estou sangrando por ela.

O brilho da tarde desapareceu do quarto, e em seu lugar, uma escuridão fria nos envolveu. Enquanto balanço nossos corpos, não sei quem está tentando confortar quem, algo me parece muito engraçado. Nem quinze minutos atrás, eu me sentia como se estivesse na porra de um nirvana. Rindo, apaixonando-me, não me sentindo um fracasso pela primeira vez na vida por causa dela.

E agora isso.

Sim.

Estou sangrando.

CAPÍTULO 24

CATHY

Eu disse a ele.

Disse para não pensar nisso.

O que devo fazer agora?

Continuo dizendo que nunca imaginei que ia acontecer.

Mas aconteceu.

Você não pode esperar brincar com fogo e não acabar queimada.

Eu brinquei, e agora estou incinerada.

A verdade é que eu quis ser.

Continuo a querer.

Toda ação tem uma reação. Não importa se você tentar fugir ou se esconder. Eventualmente, vai alcançar você. Chame de carma, se quiser, mas saiba que o dito carma pode totalmente acabar com você.

Gostaria de poder me convencer de que não tinha noção do que estava fazendo, ou no que estava me envolvendo, mas eu sabia. Estava bem ciente na hora em que nos beijamos, e que pedi para me levar ao seu apartamento, de onde não havia volta. Tomei uma decisão naquela noite, e continuei com ela toda vez que encontrava com Arsen às escondidas, e cada vez que menti para Ben. Sou responsável por cada palavra mentirosa que proferi, e cada ação desonesta que cometi.

Eu sou.

E agora tenho que dançar conforme a música toca. Tenho que decidir mais uma vez. E não importa qual escolha seja. Que caminho eu resolva seguir. Qualquer um, vou partir meu próprio coração. Perderei uma parte minha.

Mas acredito que já perdi.

Eu amo dois homens.

E, desta vez, o monstro que sou, que me tornei, vai derrubar alguém comigo. É a escuridão em mim... Ela me acompanha onde quer que eu vá, espalhando-se como tinta negra derramada em papel branco.

Eu me envolvo em seus braços, a cabeça descansando em seu peito, e deixo as batidas de seu coração me acalmarem, encherem-me de uma esperança agridoce.

Posso mesmo fazer isso?

Com o cheiro de sexo nos cercando, olho para cima e encontro o seu olhar ardente e um pensamento torna-se óbvio – Arsen tem que estar em minha vida. Não posso deixá-lo. Preciso dele. Eu o quero. Ele se tornou uma parte vital de mim. É o ar que respiro.

E acho que está na hora.

Mas será que consigo?

Resolvo tomar banho antes de voltar para casa. Levantando a mão, cheiro o interior do meu pulso. Sinto o cheiro de Arsen – uma deliciosa mistura de perfume, suor e o aroma almiscarado de sexo. Depois de alguns minutos sob a água, desisto de qualquer expectativa de que ele vá se juntar a mim como geralmente faz. Quando acabo e me visto, saio e encontro um quarto vazio. Arsen não está em lugar algum. A cama ainda desarrumada e os lençóis de seda jogados para a esquerda parecem desprovidos e frios.

Com meus Ferragamo em uma mão e a bolsa de couro na outra, estou

prestes a ir atrás dele na cozinha quando um Arsen sério entra no quarto já de banho tomado e vestido. Seu cabelo loiro molhado está para trás, fazendo seu rosto jovem parecer severo e mais velho.

— Oh... tomou um banho no banheiro de hóspedes? — pergunto sem graça. Não reconheço o homem solene me olhando.

— Sim, tomei. Alec me ligou enquanto estava no chuveiro. Ele precisa que eu vá ao seu estúdio.

— Ah. Tudo bem. Acho então que t-te ligo depois.

— Como quiser. Estou por aí. — Ele dá de ombros, sua voz com desdém.

— Hum... hum... sobre antes... — Estou prestes a dizer que preciso de alguns dias para pensar sobre a minha decisão, mas o olhar vazio me paralisa no lugar.

— Covinhas, esqueça o que eu disse. Pensei enquanto estava no chuveiro. Está legal esse acordo que temos. Estou bem com isso, desde que você esteja.

Estremecendo com a frieza de sua voz, eu o observo virar e sair do quarto, deixando-me sozinha. De repente, eu me sinto muito fria.

— Tudo bem — sussurro para o nada.



Dirijo para casa e resolvo que preciso desabafar. Tenho que conversar com alguém sobre o que parece ser a maior decisão ou erro que farei em toda minha vida.

Arsen. Meu peito aperta e o estômago revira só de pensar nele. Tenho uma sensação estranha quando penso no jeito com que ele me olhou antes de

sair. Agito a cabeça, livrando-me desse pensamento, e decido ligar para Amy. Ela é a pessoa mais mente aberta que conheço. E já passou por tudo isso. Se alguém pode me ouvir sem julgar ou bancar o advogado do diabo, é ela. Pressionando a opção de “mãos livres” no carro, digo o nome dela e espero que o aplicativo faça a chamada.

— Oh, nossa. É Cathy Stanwood me ligando? Achei que tinha desaparecido da face da Terra, minha querida.

Dou risada com o sarcasmo na sua voz.

— Sim. Sou eu. Preciso falar com você, e de acordo com o meu GPS, temos cerca de quarenta minutos para conversar antes de eu chegar em casa. — Respiro profundo. — Estou traindo Ben... com o Arsen.

— Eu sabia. Eu simplesmente sabia. Eu te disse... aquele garoto parecia querer te comer toda vez que estavam juntos no mesmo lugar. Sabia que era questão de tempo antes acabasse cedendo, enfim. Eu te...

— Pare, Amy. Não te liguei para que me dissesse o que sabia ou achava de Arsen. É irrelevante. Estou telefonando porque... porque acho que vou me separar do Ben. — Aperto as mãos no volante quando digo as palavras que jamais achei que seria possível dizer.

— Cathy, tem certeza? Escuta... Eu sei que me ligou porque já passei por isso. Duas vezes. Mas escute, garota. Preste atenção em mim. Meu primeiro marido era um porco que dormia com a esposa de seu melhor amigo e nunca vou me arrepender de ter me separado dele. Foi a melhor decisão que já tomei. Mas Matt era um homem gentil e muito bom. Eu só estava no momento errado da minha vida quando pensei que me casar com ele me salvaria. Quando percebi que não ia dar em nada, eu o traí. Eu o traí e mandei os papéis do divórcio. E deixe-me dizer, ele é o meu maior arrependimento. Sinto falta dele todos os dias, e não passa um dia em que eu não me arrependa de como acabei com tudo. Ele

não merecia isso.

— Acho que Ben não merece que eu o traia com Arsen, mas é tarde demais. Já foi, e acredito que não sou capaz de parar. Não agora. — Engolindo em seco, ofego com minhas próprias palavras. — Arsen me faz sentir viva, Amy. Ele me faz sentir de novo. Quando estou com ele, eu me sinto completamente livre... É como se meu coração...

— Deixe eu te interromper agora mesmo, querida, e dizer para parar de besteiras. Acho que seu coração não tem nada a ver com isso. A verdade é que a pessoa gosta quando um lindo rapaz de vinte e quatro anos de idade te fode até dizer chega. E não posso dizer que te culpo. Já passei por isso, trepei feito o coelhinho das Pilhas Duracell. Portanto, por favor... vamos ser honestas aqui. Você quer largar do Ben, um homem incrível que beija o chão em que pisa, porque está entediada com a vida de casada e ia escolher por...

Ranjo os dentes antes de interrompê-la.

— Quer saber? Pensei que você seria a última pessoa que fosse me julgar. Não te liguei para que pudesse me dizer que tudo o que fiz é errado. Sabia disso, ainda sei. Eu queria alguém que me ouvisse, e talvez dar alguns conselhos, em vez de apenas dizer que estou traindo meu marido porque estou entediada.

— Então me diga, Cathy. Me fale por que está traindo? E qual é o propósito de me ligar quando parece que já está de cabeça feita? Espera que eu diga “Isso! A vida ficou complicada, então tudo bem trair?” Sabe, eu costumava ter muita inveja de você. Tanto que levou muito tempo para conseguir ficar no mesmo ambiente vendo o jeito que Ben olhava para você, com tanto amor transbordando de seus olhos, e te odiava um pouco. Então, sim. Estou puta. Não tive notícias suas desde o bebê, e então do nada, você me liga dizendo que está pensando em largar seu marido? — Ela faz uma pausa. — Querida, não sei o que está esperando de mim, mas acho que você está cometendo o maior erro da sua

vida. Pronto. Falei. É o que você queria ouvir?

A vergonha espalha calor pelo meu corpo.

— Quer saber, Amy? Você é uma hipócrita. E pode ir para o inferno. E-eu sei que o que fiz é horrível...

— Ouvir a verdade dói, né?

— Ben não merece isso. Droga, eu vivo com o homem. Estou casada com ele. Eu sei que ele é a última pessoa que merece esse tipo de traição, mas aconteceu, e não tenho sido capaz de parar. Não consigo, está me ouvindo? Eu não consigo. Não sei por que te liguei. Me desculpa ligar pra você acabou te irritando, mas nunca pensei que iria me julgar tão duramente já que passou pela mesma situação. Às vezes, essas coisas acontecem... — Minha voz vacila e começo a chorar.

Merda.

— É... mas elas são evitáveis.

— Eu não consigo! Desculpa, tá? — eu soluço.

Depois de alguns momentos hesitantes, Amy finalmente volta a falar:

— Oh, querida. Desculpa... Estou tão brava. E o jeito que você tratou isso como se não fosse importante porque já estava feito... — Ela solta um grunhido no alto-falante. — Esqueça o que falei. Vou te dar um conselho e é tudo o que direi porque cada casamento é diferente, e as pessoas traem por muitos outros motivos. Algumas traem porque querem, porque sabem que não serão flagradas, por causa do tédio ou do desejo, porque é a maneira de se comunicar, de mostrar que precisam de ajuda, de pedir ajuda. Quaisquer que sejam as suas razões, antes de acabar com o seu casamento, tenha a certeza de que não há volta. Não existe máquina do tempo que te permita desfazer seus erros, se você e Arsen não derem certo. E as chances são, meu amor, que não dê certo. Nunca dá. Vai saber? Talvez alguma garota nova, mais jovem e mais

bonita com os seios empinados aparecerá e Arsen te trocará por ela. Ele é jovem, Cathy. O que te faz pensar que ele está sério nessa e não só se divertindo? Que você não é apenas a bola da vez? Mesmo que por um tempo?

— Eu não sei — eu fungo. — Tudo o que sei é que não posso continuar fazendo isso com Ben. E não consigo parar de sair com Arsen. Eu preciso dele. Assim, a única escolha que me resta, a única solução mesmo é me separar.

— Mas e se...

— E se as coisas com Arsen não derem certo, bem, pelo menos Ben estará livre para encontrar alguém que o mereça mais que eu. Sei que pode parecer uma desculpa patética, mas é a verdade. Eu não o mereço mais. A essa altura da minha vida, eu quero tanto o Arsen que estou disposta a jogar tudo fora. Além disso, não posso continuar mentindo para Ben... ir para a cama e o d-de-deixar me tocar depois de ter estado com Arsen. Não é justo. Não é justo.

Em silêncio por um momento, quase posso imaginar Amy lutando contra ela mesma.

— Querida, faça o que acha que é certo. Só tenha em mente que não tem volta, meu amor. É isso. E se tudo der errado, vai acabar divorciada e sozinha. Claro, eu estarei com você, mas...

— Eu sei. Não será igual.

— Você sente algo pelo garoto?

— Sim, eu sinto. Amy, acho que estou apaixonada por ele.

— Mulher! Meu Deus. Essa não era a resposta que eu estava esperando. Quero dizer... tem certeza de que é amor e não luxúria misturada com gostar?

— Não sei, Amy. — Solto um suspiro. — Acho que é amor. Sinto que é amor. Parece amor.

— Só porque parece não significa que seja. Poderia ser paixão, uma novidade... mas me diz, e o Ben? Você não o ama mais? Não se importa com o que isso vai fazer com ele?

— Claro que me importo, eu me importo muito. É por essa razão que não posso continuar fazendo isso com ele. Preciso libertá-lo, Amy. Deixá-lo ir embora, mesmo que no processo, eu quebre o seu coração... e o meu. Ele vai se curar... nós todos iremos. Eu o amo, mas não tenho certeza se ainda estou apaixonada por ele.

E amo. Eu amo Ben. Muito. Só que ele não faz meu coração vibrar. Ele não me deixa com frio na barriga. Estar com Ben não me deixa nas alturas mais... Não. Todos esses sentimentos foram transferidos para ele. Para Arsen. Então acredito que essa é a resposta da minha própria pergunta.

Depois de perguntar a Amy como ela está, a gente se despede e desliga. As ruas de Manhattan já passaram há muito tempo e dirijo em silêncio pelo caminho arborizado que resta até a minha casa. Encostando na entrada, reparo que o Maybach preto de Ben não está aqui. Querendo saber se está trabalhando até tarde, pego o celular e verifico se há ligações perdidas ou mensagens. Só tenho uma de hoje cedo, me perguntando se eu queria ir até a cidade e encontrá-lo para o almoço. Uma mensagem que eu, obviamente, ignorei já que estava muito ocupada mandando mensagem para Arsen e o esperando.

Depois que estaciono o carro na garagem, vou até a entrada, acendo as luzes e ando pelos corredores. Assim que tenho certeza de que Ben não está, fico sob o grande lustre de cristal pendurado no domo central e penso no meu próximo passo. Toco um dedo no queixo, invento uma desculpa rápida por ele não ter tido notícias minhas o dia todo, e ligo para ele. Seu telefone toca cinco ou seis vezes antes de ir para a caixa postal.

Estranho.

Olho para o celular e verifico a hora – é, ele deveria ter saído do trabalho horas atrás. Depois de tentar mais duas vezes sem sucesso, deixo uma mensagem avisando que estou em casa, mas indo direto para a cama e que nos falaremos pela manhã. É como os meus dias e noites têm sido nas últimas três semanas. Ignoro suas ligações durante o dia e o evito à noite. Com o peito pesado pela culpa, olho ao redor da grande casa, da nossa casa, e me pergunto o que vai acontecer com tudo isso se eu for em frente com o que acho que será a minha decisão final.

Gemo baixinho conforme as lágrimas começam a encher meus olhos. Desde quando eu virei esse poço de água?

Ergo a sacola da Barneys que deixei no chão quando entrei e vou até meu quarto. Preciso descansar. É, é isso. Toda a mentira, a traição e a covardia finalmente me dominaram. Estou exausta. Estou, emocional e mentalmente, retorcida.

Busco consolo no sono, sem ouvir uma palavra de Ben.



Na manhã seguinte, quando abro os olhos, reparo que o travesseiro de Ben parece intocado. Querendo descobrir se ele dormiu no escritório, eu me levanto e vou atrás dele, sem saber exatamente por que, de repente, sou consumida por... por essa necessidade de vê-lo, de tocá-lo, de sentir sua pele quente contra a minha, de ter certeza de que ele é real.

Quando estou parada em seu escritório, não deixo de notar como as minhas mãos estão tremendo. Depois de alguns segundos respirando fundo para me acalmar, bato uma vez, giro a maçaneta e abro a porta.

O que meus olhos encontram me estarrecem.

Absorvo a sala irreconhecível.

O que diabos aconteceu aqui? Parece que um tornado passou pelo escritório impecável de Ben.

Há papéis e pastas espalhadas pela mesa e no chão. Suas roupas estão jogadas em um canto. O-o sofá... o sofá do amor se foi e, no lugar, tem um novo de couro, cor de vinho escuro.

Novinho em folha.

Com as pernas bambas, eu me aproximo da peça estranha da mobília que não pertence a este lugar. Isso não deveria estar aqui. Devagar... timidamente... eu me ajoelho na frente dele e deixo os dedos acariciarem a superfície lisa. Sentir a frieza do couro é acolhedor. Engraçado, não tinha percebido até agora como eu estava quente. Afasto a gola do meu robe do pescoço, e a sala, de repente, parece opressiva, restrita... não consigo respirar. Eu preciso sair daqui.

— Gostou? Foi entregue ontem — diz Ben, categoricamente.

Eu me viro quando, de repente, ouço sua voz. Minhas mãos cobrindo meu peito, assustada.

— Ben! Amor. Você me assustou! — Ben está com o ombro apoiado no batente da porta, observando-me. Seu paletó está jogado de qualquer jeito por cima do ombro. Resumidamente, vejo que ele ainda está com a mesma roupa de ontem.

— Desculpa. Não queria te assustar.

Afastando-se da porta, Ben se aproxima de mim com cuidado e minha pulsação começa a acelerar. Quando está a poucos centímetros de mim, ele estende a mão e oferece ajuda para eu me levantar. Pego a sua mão, deixando-o me levantar, trazendo nossos corpos roçando um contra o outro. Sem equilíbrio, apoio em seu peito duro e olho em seus olhos, olhos que normalmente brilham

com tanta luz, mas que hoje parecem tão ásperos quanto pedras preciosas sem polimento. Eles me observam intensamente. Seu olhar me tira o fôlego, me despe e faz meu coração disparar em um frenesi selvagem. Ben levanta a mão e acaricia a minha bochecha com as costas dos dedos. Sem fechar os olhos, nos encaramos como se estivéssemos tentando memorizar nossas feições. E eu faço isso. Memorizo sua beleza até que esteja impressa em todas as fendas da minha alma. Ben é o primeiro a quebrar o silêncio:

— O sofá foi entregue ontem. Eu gostei.

— Ah. M-mas quem...

— Eu recebi. Vim para casa já que você não estava aqui. — Não tem suspeita ou acusação em sua voz. Só a resignação de um coração frio. — Enfim, preciso tomar banho. — Ben me solta. — Não se esqueça, esta noite é a festa de máscaras de Alan. Espero que você não tenha feito outros planos — avisa, com frieza.

— Não. Claro que não. Comprei um vestido ontem.

— Só confirmando.

Ben sai do escritório, sem olhar para trás.

CAPÍTULO 25

Depois de um curto percurso de carro até Greenwich, chegamos à casa de Alan Vanderhall. A bela propriedade está localizada em uma região bem exclusiva e cobiçada da Round Hill. Há duas majestosas entradas com portões que nos levam a um caminho privado de cascalho até a casa principal. Quando o carro segue pela propriedade, vejo um lugar exuberante com belos gramados e jardins formais. O caminho está iluminado por luminárias japonesas e as árvores estão circuladas por pisca-piscas. As luzes são um contraste mágico contra a escuridão da noite, e tento não ficar impressionada com a beleza, a energia e magia no ar é impossível.

Ao olhar para as luzes piscando, tento não pensar em Arsen. Hoje cedo, quando Ben saiu do escritório para ir tomar banho, liguei para Arsen para avisar que não poderia encontrá-lo hoje, mas ele não atendeu. Nem sequer mandou mensagem. De repente, sinto frio e começo a esfregar os braços. Ben olha para mim e balança a cabeça, com o semblante cansado.

Sinto um pânico começar a tomar conta de mim.

Estou com medo.

Minha indecisão me custou o Arsen?

Não.

Ele só estava ocupado. Só isso.

Deixo meus pensamentos negativos de lado, fico observando o caminho iluminado conforme continuamos a dirigir até chegarmos à casa principal, uma extraordinária e gigantesca mansão de pedra de estilo georgiano. Só depois que Ben estaciona o carro e dispensa um manobrista que veio nos ajudar, é que ele fala pela primeira vez comigo essa noite, sem sequer olhar na minha direção.

— Será que mataria se você sorrisse e não ficasse com essa cara triste só uma vez, Cathy? Sei que a minha presença é repugnante pra você, mas, por favor, poderia tentar? Alan é um cliente muito importante da empresa.

Com descrença nos meus olhos, fico chocada com a dureza de suas palavras.

— Desculpa, o que você disse?

— Nada, Cathy. Esqueça o que eu disse. Só finja que quer estar aqui comigo e não em outro lugar. — Um olhar sombrio atravessa os olhos de Ben, mas desaparece antes que eu tenha a chance de compreender.

Seguro sua mão e o faço virar para me olhar, franzindo o cenho.

— Ei... amor, Ben. Eu quero estar aqui. Quero estar com você. — A verdade flutua de mim ao mesmo tempo em que a dor se aloja na garganta, mas falei a verdade. Não importa o que acontecerá amanhã, não importa qual é a minha decisão final, eu quero estar aqui com Ben esta noite. Quero fingir pela última vez que sou Cathy Stanwood. Sua esposa. E que ele é meu.

Sem olhar para mim, estremeço quando Ben pega seu casaco e uma máscara de couro de pantera negra que cobre só metade do rosto, e começa a colocá-los em silêncio. Quando acaba de amarrar a máscara atrás da cabeça, vira para me olhar. Só consigo ver seus olhos escuros através das fendas da máscara brilhando feito mármore negro, seu lábio inferior carnudo e os traços fortes de seu queixo coberto de uma leve barba por fazer. Vestido com um smoking preto

novo e com a maior parte do rosto coberto, ele parece tão perigoso, gracioso e lindo quanto o felino de sua máscara.

— Se está dizendo, Cathy. Quer que eu te ajude com a sua? — Ele aponta para a máscara no meu colo.

— Sim, por favor — respondo em voz baixa.

Vejo como suas grandes e fortes mãos acariciam cada lado da minha clavícula, devagar. Seu toque gentil é como asas de borboleta e me deixa com vontade de fechar os olhos e inclinar a cabeça em seu ombro, sem me preocupar que existe algo diferente entre nós, mas não faço isso. Apenas continuo a observar conforme uma de suas mãos alcança minha elegante máscara prateada coberta de renda preta e a posiciona no meu rosto. Depois que termina de amarrar a fita preta por cima do coque francês e, garantindo que o meu penteado não fique bagunçado, ele coloca as mãos sobre meus ombros. Meu corpo treme com o calor do seu toque que se espalha por mim, e estou prestes a agradecê-lo, mas o jeito que ele está me olhando, tão atentamente, tão cativante, detém todo meu pensamento.

Meu gentil Ben está me observando como se quisesse me foder até dizer chega. Como se quisesse me possuir com seu pau e os fortes músculos de seu corpo – marcar-me com a sua semente, esmagar-me com a força de seus braços poderosos e me estrangular com as próprias mãos conforme empurra tão forte em mim que a cabeceira da cama faria a parede sacudir.

Este não é ele.

E a culpa é minha.

Um estranho com raiva substituiu meu marido gentil, e de alguma forma, não consigo desviar de seu olhar sombrio. Continuo a encará-lo quando ele abaixa uma das mãos até o meu joelho exposto pela fenda do vestido. Seus dedos afastam o tecido e, assim que a sua mão toca a minha pele nua, a excitação

se espalha em meu corpo. A mão dele começa a traçar um caminho subindo pela minha perna, mais e mais perto do meu centro pulsante, sem se preocupar se a seda do vestido vai rasgar. Ele para quando alcança a beirada da minha calcinha de seda.

Os olhos de Ben não se afastam dos meus conforme me toca, a palma da mão sentindo a umidade no meio das minhas pernas através da seda encharcada. Ben engancha o dedo e puxa a calcinha de lado, me expondo para ele. E, só então, introduz um dedo em mim, deslizando lentamente, mas firme. Quero fechar os olhos, mas não consigo. Depois de me acariciar vagarosamente, ele retira o dedo e o leva até a boca, misturando o meu gosto com o seu. Voltando com a mão no meu centro, ele me penetra com dois dedos, desta vez, me esticando ao mesmo tempo em que sua saliva me lubrifica um pouco mais. Jogando a cabeça para trás, não consigo evitar de gemer quando seus movimentos ficam mais fortes.

Tudo se transforma em um borrão de sensações inebriantes, e me perco na sensação de sua mão, no som que a umidade faz em meu corpo, no cheiro. Sim, meu marido está me fodendo com a mão e é o céu. Vejo um brilho febril ardendo em seus olhos, o que mudou entre nós, minhas pernas abertas para ele, e tudo o que importa é isso. Com sua respiração acelerada, consigo ouvir meus gemidos cada vez mais altos.

Estou quase, quase gozando.

Estou prestes a gozar quando ele retira os dedos de mim, deixando-me desprovida. Sem seu toque, eu me sinto vazia, latejando, e querendo sua mão dentro de mim de novo. Ele ergue os dedos molhados, traçando-os ao longo dos meus lábios, convidando-me para que os chupe. Chocada pelo comportamento imprudente de Ben, eu não me mexo.

— Abra a boca, Cathy. Quero que você prove a si mesma... prove o

que posso fazer com você — rosna ele.

Sentindo a cor manchar meu rosto, abro a boca e ele mergulha seus dedos dentro.

— Agora, feche a boca e chupe, Cathy.

E eu chupo, forte. Mesmo que o movimento me faça lembrar de Arsen e do que aconteceu na Barneys.

Quando retira os dedos da minha boca, penso que vai esperar para nos recompormos, mas ele me surpreende outra vez ao se inclinar e me beijar nos lábios. Nós nos perdemos na doce sensação de seu beijo selado com o meu sabor. É exigente. Necessitado. É um beijo que quer se gravar em nossos lábios – em nossas almas.

Quando se afasta, Ben está com a respiração ofegante e parece tão descomposto quanto eu.

— Quero que se lembre assim que entrarmos na festa... que agora eu tenho você marcada nos meus lábios. — Ele se inclina e sussurra com aspereza no meu ouvido: — Você é minha.

Eu o observo ajeitar a máscara e as roupas antes de sair do Maybach e ir até a porta do passageiro. Ainda com falta de ar e dolorida em todos os lugares, estou prestes a retocar o batom vermelho dos meus lábios quando ele abre a porta para mim.

— Você está deslumbrante nesse vestido, a propósito. Vou te esperar aqui fora enquanto retoca a maquiagem. — Sua voz está fria e distante de novo, tão diferente do meu Ben.

Dentro do carro, sozinha, desconfortável e necessitando de um orgasmo, eu me olho no espelho do passageiro. Encaro o meu reflexo e tudo o que vejo são mentiras... mas, neste instante, estando dolorida entre as pernas pelo toque áspero de Ben, ainda que celestial, uma verdade se revela:

Sinto como se tivesse acabado de trair Arsen com meu próprio marido.



Depois de sair do carro, nós vamos para a majestosa entrada iluminada com a música de orquestra flutuando no ar ao nosso redor. Subo as escadas com uma mão erguendo a parte da frente do vestido para não tropeçar, e com a outra no antebraço de Ben, enquanto aprecio a paisagem.

No começo, sou ofuscada pelas potentes luzes que emanam de todas as direções da casa, mas quando me acostumo com o esplendor do ambiente, a primeira coisa que penso é em como tudo parece deslumbrante envolto por essa luz dourada.

Depois de entregar os nossos casacos a um atendente, olho a casa espetacular e me permito ser arrebatada por sua beleza. Majestosos lustres de cristal brilham como pequenos diamantes no ar, velas iluminam com sua luz âmbar, há centenas de orquídeas brancas, talvez milhares, cercadas por um musgo verde. É encantador.

Em contraste com as paredes sem cor, centenas de cores na forma de vestidos de festa movem-se feito um caleidoscópio, flutuando pela sala, enquanto os homens se tornam o cenário de fundo perfeito em seus smokings pretos, permitindo que as mulheres brilhem.

Despreocupada e livre, existe uma espécie de atmosfera ousada nos envolvendo conforme cada pessoa usa uma máscara fingindo ser outra pessoa esta noite.

Há energia no ar. Um tipo de magia.

E isso está me deixando louca, chame de intuição, mas posso sentir que ele está aqui.

Com todos os olhos sobre nós, vamos até um grande grupo de pessoas que está próximo de um piano de cauda, onde um virtuoso pianista está tocando uma belíssima e melancólica melodia. Com o braço de Ben na minha cintura, sinto o exato momento em que ele fica tenso e seu aperto fica cada vez mais forte, quase me machucando.

— Ah. Estou vendo Alan e sua esposa, Loretta, com a filha. Vamos cumprimentá-los. Preciso falar com ele antes de irmos até o bar.

— Como sabe quem são Alan e sua esposa quando todo mundo está usando máscaras? Não consigo reconhecer ninguém. Será que a Megan e Micky estão aqui? — encaro seus olhos ao perguntar.

— Posso reconhecer Alan e sua esposa em qualquer lugar e em qualquer momento. Os dois são muito altos com o tom de cabelo loiro bem distinto.

Dou uma olhada nas pessoas abrindo caminho para nos receber entre elas, e vejo três delas com cabelo tão loiro que chega a ser quase branco.

— Oh. Acho que você tem razão. Dá para ver como são únicos...

Meu Deus. Não.

Eu quero parar de andar. Completamente.

Não posso.

Não consigo dar mais um passo.

Oh, não, não, não.

Porém Ben parece pensar diferente. Sem soltar da minha cintura, ele me puxa para frente, continuando a andar.

Eu me viro para sussurrar em um tom acusador:

— N-não, Ben... p-por favor. Você... você sabia.

Vejo os olhos de Ben através da máscara e a raiva refletida neles.

— Não, eu não sabia que ele estaria aqui. Não sabia ao certo, de

qualquer maneira. E não importa. Já estava na hora de ele ver você comigo, seu marido. Agora, continue andando, Cathy, ou quer que eu te arraste até ele?

— Não, não, não, não. Por favor, Ben, não gosto disso. Não desse jeito.

Sentindo a bile subir na garganta, quero vomitar. Meu estômago dói, e sinto lágrimas nos olhos. Não, não quero que Arsen me veja assim. Não depois da maneira que nos separamos ontem à noite... não com Ben.

— Sim, Cathy. Talvez fazendo isso, você finalmente entenda o quanto é...

— Ora, ora... olha quem decidiu no agraciar com a sua presença, enfim. O poderoso Benjamin Stanwood e sua bela esposa, Catherine, correto? — estremeço quando Alan diz meu nome. Ben nunca me chama de Catherine.

Não. Só Arsen me chama pelo meu nome.

Evito olhar para o homem de máscara inteiriça e que parece ser o cruzamento entre o sol e o fogo com chamas ou raios apontando em todas as direções. Não consigo. Em vez disso, meus olhos vão para a bela mulher ao lado dele. Ela está usando um requintado vestido branco com corte de princesa. O bustiê é preenchido com cristais Swarovsky e sua máscara imita um cisne com penas prateadas e brancas enfeitando um dos cantos. Seus lábios são tão carnudos como os meus, e seu pescoço é longo, fino e elegante. O cabelo loiro dela, penteado para trás em um simples coque de bailarina, me permite ver sua estrutura perfeita. Ela é de tirar o fôlego, e está segurando a mão de Arsen.

Ouviu isso? É o carma gritando no meu ouvido: “Engula essa, vagabunda” enquanto vejo Arsen com outra mulher.

O ciúme é uma emoção tão potente e ameaçadora. Ele não só a come viva, ele devora de dentro para fora. É um veneno que se espalha em sua corrente sanguínea, poluindo, matando. Corrói até que não exista mais nada. E

agora estou sendo sufocada por isso. Eu a odeio. Eu a odeio.

Sinto que vou desmaiar, suor frio rompendo na testa e nas costas, e ouço Alan falar:

— Senhoras e senhores, permitam-me apresentar-lhes, Ben Stanwood e sua...

Ben interrompe Alan.

— Minha esposa, Cathy Stanwood.

E nesse momento em que finalmente ergo os olhos para olhar em Arsen, eu sei. Parada ao lado de Ben em uma sala cheia de pessoas, vejo e anseio o homem de pé na minha frente, e sei que não tem mais volta.

Eu escolho Arsen.

Eu o escolho.

CAPÍTULO 26

A garota loira estende a longa e bonita mão primeiro. Como eu odeio a mão dela.

— Oi, meu nome é Jillian, mas pode me chamar de Jill. E este — sua mão livre espalma o meio do peito sólido de Arsen —, é Arsen Radcliff. Um amigo íntimo da família. — Seu rosto idiota acende quando Arsen sorri para ela. Cerro as mãos com tanta força que sinto as unhas fincando a pele, e luto contra uma reação visceral que toma conta de mim. Tenho vontade de dar um tapa em seu rosto para arrancar esse sorriso.

Ele é meu.

Meu. Meu. Meu.

O aperto de Ben agora é tão doloroso que sinto a cintura dormente.

— Jill, tudo bem. Eu já conheço os Stanwoods. Catherine! — A voz rouca de Arsen enfatiza meu nome. — Trabalhou para o meu pai. Eu estagiava sob sua supervisão até que resolvi que não estava nem aí para aquela merda. — Ficando vermelha diante de suas palavras, observo Arsen se dirigir a Alan e Loretta com um sorrisinho nos lábios. — Espero não ter ofendido você, tio Al. — Ele se vira para olhar na maravilhosa mulher de pé ao lado dele. — E, tia Lo, sabe que não tive a intenção de ser desrespeitoso. Ahh... a banda está tocando no salão de baile.

Erguendo a mão de Jillian aos lábios, ele dá um beijo suave na palma da sua mão e a solta no ar.

— Linda, você se importaria se eu dançasse com a encantadora Sra. Stanwood? Já faz tempo que a vi pela última vez — pergunta Arsen, sarcasticamente.

Arsen se dirige a Ben, sem olhar para mim.

— Você se importaria se eu roubasse sua esposa, Ben? Sabe, só um pouquinho?

Estremeço ao escutar sua insinuação rude e mentirosa, ficando vermelha de vergonha. O queixo de Ben fica rígido e as veias grossas do seu pescoço sobem antes de responder a Arsen:

— Se a Cathy quiser, por mim não tem problema.

Quando ele me prende com seu olhar suplicante, a fachada fria de Ben vacila por uma fração de segundo, permitindo-me ver a vulnerabilidade por trás de seu fingimento esta noite. Seus olhos me imploram para não ir. Para não ir com Arsen. Para ficar com ele.

Por favor. Por favor. Por favor, não vá com ele. Fique comigo.

A questão de ser egoísta é que você não liga se alguém está a seus pés, implorando para que fique com ele, oferecendo o mundo, o coração e a alma para você. Não importa. Você vai fazer o que quiser. O que tem que fazer por si mesma. Nada importa, exceto o que você quer. Do que acredita precisar.

Eu quero ser egoísta.

Não quero me importar.

Estou cansada de sentir culpa.

Eu estou, completa e totalmente, louca por um homem, e não me importo. Sou igual a um viciado em heroína passando por recaídas. Preciso ter Arsen.

E sinto raiva.

Estou com raiva porque essa vagabunda está aqui com ele, e não eu.

Sem olhar para Ben, eu me afasto de seu aperto e seguro a mão de Arsen, aceitando o seu pedido para dançar.

Fugindo.

Estou fugindo lentamente de Ben e de seu domínio sobre mim.

— Sim. Eu adoraria.

Estranho. De alguma maneira, a minha voz soa clara e calma, sem mostrar a tempestade furiosa crescendo dentro de mim.

Solto a mão de Arsen assim que começamos a nos afastar do grupo e caminhamos para o salão de baile. Não olho para trás, apesar de uma grande parte minha querer olhar, a parte que sabe o quanto ainda amo Ben, a parte que não tem deixado que uma trepada nuble seu bom senso.

Mas eu não olho.

E sei que devia.

Arsen se inclina e murmura com raiva no meu ouvido. A respiração atravessando por sua máscara faz cócegas nos pelos do meu pescoço e na minha pele exposta com sua voz provocando arrepios pela minha coluna. A proximidade de nossos corpos desperta o desejo no meu corpo de novo.

— Ben está em algum tipo de porra de negação? Você me comeu com os olhos na frente dele e de um monte de gente, caralho. Depois aceitou vir dançar comigo e ele ainda não fez nada. O cara é cego? — rosna ele.

— Como você se atreve? — sussurro.

— Como eu me atrevo a quê? A dizer a verdade? A insultar o seu marido? A recusar suas ligações patéticas e depois aparecer na porra dessa festa com alguém? O que é, Covinhas? Me diga o que você quer, caralho.

Não posso continuar o ouvindo sem desmoronar ou chorar no meio da

pista de dança, ou sem dar um tapa em seu rosto, chamando atenção indesejada para nós. Empurro a mão dele com força, deixando Arsen na entrada do salão e saio para procurar um lugar onde eu possa ficar sozinha e me acalmar.

Encontrando um pequeno quarto, me enfio ali dentro e imediatamente reparo na luz da lua entrando através das sombras, vencendo a escuridão. Conforme a música se torna um eco distante, começo a fechar a porta com as mãos trêmulas quando Arsen aparece do nada e nós fecha ali.

— Que merda você está fazendo aqui? Alguém pode ter visto você me seguir. Vai ter fofoca! — brigo.

— Dói, né? — ele me insulta. — Me ver com outra? Ignorar seus telefonemas porque estou ocupado demais com a vida real para lidar com uma amiga de foda? Agora sabe o que significa não ser desejado.

— Eu nunca disse que não te queria! — grito.

— Sim, você disse. — Tirando a máscara e a jogando no chão, eu o observo passar a mão pelo cabelo loiro. — Você pediu para eu não te pressionar. Disse que ama seu marido, e me deu a pior desculpa que já ouvi... que te desse a porra de um tempo. Mas, quer saber, Catherine? — diz ele, com um sorriso feio estampado no rosto dolorosamente perfeito. — Aceito essa merda, mas não espere que eu fique sentado no meu apartamento esperando você me ligar sempre que estiver entediada. Você volta para o seu marido e brinca de casinha, então, por que diabos não posso curtir um pouco de boceta nas horas vagas? Ah, espere, não... Já entendi. — Ele dá um tapa na própria testa. — Você é a boceta nas horas vagas, né?

Dou um tapa na cara dele. Minha mão arde e dói tanto quanto me machuca por dentro. Suas cruéis palavras são como sentir um punhal no meu coração, porque são verdadeiras.

— C-como você se atreve! — Estou tremendo de raiva.

Rindo, Arsen dá de ombros.

— Eu te odeio. Eu te odeio. Está me ouvindo? — As palavras são arrancadas do meu peito, mas não consigo parar de repeti-las. — Eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio. — Cerrando os punhos de lado, quero chutá-lo, arranhá-lo, mordê-lo, qualquer coisa que o faça sentir dor. Quero que ele sinta o meu sofrimento. Quero que ele sofra o tanto que está me fazendo sofrer.

— E daí? — pergunta, indiferente.

Ao ver Arsen dar de ombros, fazendo pouco caso de novo, algo dentro de mim estala. Vou para cima dele e começo a bater, a morder, chutar... qualquer coisa para machucá-lo.

— VOCÊ É UM FILHO DA PUTA...

— CALE A BOCA, PORRA! — grita comigo e segura as minhas mãos com força, girando nossos corpos e me pressionando contra a parede.

Nossos peitos sobem e descem, com a respiração ofegante olhando um para o outro. O desejo, a raiva e a necessidade refletidos em seus olhos me faz querer foder ele, aqui e agora. Mas em vez disso, murmuro derrotada:

— Me solta... Preciso voltar para o Ben. Acabou.

Arsen solta meus braços para levantar com urgência a minha bunda em suas mãos, empurrando nossos corpos mais próximos um do outro, e ele rosna no meu ouvido:

— Não. Nunca. Você é minha. Toda minha, porra.

Enquanto o pânico cresce dentro de mim, uma onda de desejo tão forte e impossível de evitar, a não ser sentir, se apodera de mim. Preciso de Arsen no meu corpo. Preciso sentir seu pau deslizar dentro e fora de mim. Quero que ele me foda forte. Rendendo-me, coloco as pernas em volta de sua cintura e o deixo fazer o que quiser comigo.

Eu sou sua.

— Por favor... — imploro conforme meu corpo pulsa de desejo por ele, sem me importar que Ben poderia nos flagrar nesse exato momento.

Sua boca desce sobre a minha enquanto ondas de calor desabam sobre nós, levando embora o desespero e a vergonha que eu sinto. Com nossas línguas enroscadas, abro bem as pernas para ele. Sinto sua ereção esfregar em mim. Perdida nas profundezas de seus olhos, ouço o som de seu zíper descendo e seda sendo rasgada.

Um impulso forte e ele está dentro de mim. Penetrando-me profundamente, de forma voraz, mas ao mesmo tempo suave, enchendo-me por completo. Ele ergue mais a minha bunda com as mãos e encosta a testa na minha, o suor começando a cobrir nossos corpos.

— Não consigo, não consigo. Pensei que conseguiria compartilhar você, mas não consigo. Por favor... se separe dele. Eu preciso de você, e sei que também precisa de mim. Você precisa de mim. Seja minha... — pede com a voz rouca.

Ele me penetra.

— Eu sou sua. Eu sou sua — reverbero.

Ele me penetra.

— Não posso dividir você com ele. Ver você com ele está acabando comigo, porra. Está acabando comigo. — Sua voz está rouca de paixão.

Ele me penetra.

— Se separe. Não posso continuar com isso. Não posso continuar dividindo você com ele.

Ele me penetra.

— Sim, vou me separar dele.

Ele me penetra.

— Quando?

Ele me penetra.

— Hoje à noite.

Arsen aumenta a velocidade de suas penetrações, mais rápido e mais forte, nos levando para mais perto do clímax.

— Posso te sentir tremer... porra... sua boceta é tão apertada... caralho, você está quase gozando. Olhe para mim, Covinhas. Quero ver seus olhos quando você gozar.

Ele coloca os lábios perto do meu ouvido e sussurra com a voz rouca:

— Goze pra mim, Catherine, goze pra mim. Agora.

Eu explodo, me perco no mar azul de seus olhos. Arsen me beija, empurrando mais fundo, gozando conforme seu corpo treme ferozmente com a intensidade de seu clímax.

Depois que alguns minutos se passam e nossa respiração acalma, Arsen sai de dentro de mim, me fazendo estremecer quando sua ereção macia deixa meu corpo dolorido. Ele fecha a calça e olha para mim.

Sem dizer uma palavra, Arsen me entrega um lenço para eu me limpar; a saia do meu vestido desce até o chão em um rio de seda preta. Atordoada, não consigo olhar para ele enquanto limpo o líquido pegajoso entre as coxas.

Quando acabo, Arsen pega o lenço da minha mão, indo jogar o lenço fora numa lata de lixo próxima. Quando volta, ele vê minha calcinha no chão. Pensando que vai jogá-la fora, fico surpreendida quando Arsen a pega e enfia dentro do paletó.

— Vamos voltar antes que as pessoas comecem a querer saber onde diabos estamos. Mas, Covinhas, ao voltar para encontrar Ben, quero que se lembre do que me disse. — Aproximando-se mais de mim, ele envolve meu cabelo na mão, puxando para que olhe para ele. — Quando você voltar para ele, lembre-se de que estou dentro de você... que você me pertence.



Saio antes de Arsen, que aguarda dentro do quarto para não levantarmos qualquer suspeita. Minhas pernas estão tremendo do aperto forte com que segurei seus quadris, e volto para Ben. Estou tremendo e muito envergonhada. Não acredito que acabei de permitir que Arsen me fodesse contra a porta de alguém com meu marido no mesmo lugar, e não pensei nele uma única vez. Nem uma. Nem mesmo quando estava gozando e vendo malditas estrelas. Com a culpa tentando me dominar, procuro não pensar no que acabou de acontecer, finjo que jamais aconteceu.

Quando volto para o salão principal, Ben me vê imediatamente e caminho em sua direção. No começo, ele parece com raiva conforme observa minha fisionomia de longe, porém, assim que eu o alcanço, tudo o que consigo ver é tristeza em seus olhos.

Uma tristeza desesperadora.

Os olhos que costumavam brilhar tanto com amor, agora parecem vazios e sem vida.

Ben levanta a mão, instantemente penso que vai segurar a minha, só que em vez disso, ela sobe até o bolso da frente de seu paletó. Pega um lenço e me entrega.

— Seu batom está borrado — diz Ben com a voz calma.

CAPÍTULO 27

Ao encarar os olhos de Ben cheios de uma dor tão crua, penso que eu não deveria estar aqui. Não depois do que aconteceu ontem à noite. Devia ter ido para um hotel e passado a noite lá.

Estou com um turbilhão de pensamentos idiotas; há tantos deles nadando na minha cabeça que não me deixam ficar em paz. Mas acho que não mereço a paz, certo? Uma mulher mentirosa, infiel e falsa como eu deve sofrer.

Meu Deus. O que foi que eu fiz?

Acabou.

Mas já acabou há tempo.

Desde a primeira vez que voltei ao apartamento do Arsen.

Oh, Ben.

Ben e eu acabamos.

Meu casamento acabou.

Eu fiz isso.

Eu.

Será que dá para ficar doente fisicamente de um coração partido?

Porque dói. Muito.

Eu me sinto suja.

Inútil.

Não mereço sentir dor, no entanto. Não mereço as lágrimas que estão começando a se formar em meus olhos. Eu não o mereço. Mas depois de hoje, ele estará livre de mim. Estará livre de mim quando souber a verdade.

O que foi que eu fiz?

Pouco depois que voltei da foda rápida com Arsen contra a parede, a dor entre as pernas bastando como prova, Ben decide que já ficou o suficiente na festa e que está na hora de ir. Estamos nos despedindo quando alguém fantasiado de leão se aproxima de nós querendo falar com ele sobre trabalho.

Pedindo licença, Ben segue o homem-leão e se perde no mar de estranhos mascarados.

Sinto uma mão forte envolver meu cotovelo, e Arsen sussurrar em meu ouvido:

— Não volte com ele. Acabe com isso agora. Volte comigo. Ligue para ele no caminho do meu apartamento. Só não volte com ele — implora com ferocidade.

Nego com a cabeça, veementemente, e tento me afastar do seu toque.

— Tenho que voltar. Preciso acabar com isso do jeito certo, Arsen. Não que exista um jeito certo de fazer isso. Agora, por favor, pare. Eu já disse que vou me separar, mas você tem que me deixar fazer do meu jeito. Eu te ligo amanhã.

Se Arsen enciumado acha que voltar para casa com Ben significa que algo vai acontecer, ele é maluco. Ainda sinto o cheiro dele na minha pele, nas roupas, o gosto do cigarro que ele fumou antes... Arsen está em toda parte.

Ele está em mim.

Dentro de mim.

Ao meu redor.

Sei que preciso ir para casa e, de alguma forma, conseguir esclarecer

as coisas com Ben. Meu doce, amado marido. Ele merece saber a verdade. Merece saber que a mulher que ele diz conhecer e amar, tem trepado com um homem mais jovem há algum tempo, ama isso e não pretende parar.

Preciso sair daqui.

Quando Ben me vê indo em sua direção, ele se levanta. Franzindo a testa, observa as minhas roupas, o cabelo, cada movimento meu. O que me faz pensar que ele já sabe.

Ótimo. Quero acabar com isso.

Estou prestes a perguntar se está pronto para ir, mas seus olhos vazios me deixam sem palavras. Gostaria de saber o quanto ele sabe, e se vai me odiar quando descobrir a verdade.

Há duas partes dentro de mim em conflito nessa confusão toda. A que quer fazer o certo por Ben, e a egoísta que não liga para mais nada.

A Cathy que o ama quer segurá-lo nos braços e implorar seu perdão, prometendo que aquilo não significou nada.

Mas essa é a questão...

Não é mais só a emoção, ou a embriaguez que Arsen me deixa sempre que me faz gozar, nem o entorpecimento que ele proporciona. Agora é mais.

A volta para casa é silenciosa. Ele envolve o braço por cima dos meus ombros durante todo o caminho, às vezes apoiando o rosto na minha cabeça, outras beijando minha cabeça, inalando o cheiro do meu cabelo... Eu quero me afogar na corrente de ternura que flui entre nós, mas e se ele puder sentir o cheiro de Arsen em mim?

Continuo com a cabeça reclinada nos seus ombros e nossas mãos entrelaçadas.

Está desconfortável com o câmbio entre nós, mas essa é a última coisa que estou pensando – eu só preciso senti-lo perto de mim. Olhando para nossas

mãos unidas, sinto como se estivesse sendo sugada para um buraco negro de tristeza e dor. Sei que esta será a última vez que Ben e eu andaremos em seu carro, juntos desse jeito.

Ergo a cabeça e olho para fora da janela por um instante. A lua parece vermelha esta noite. Linda.

Chegamos em casa, já sem nossas máscaras, e estou prestes a dizer a Ben que vou tomar banho quando ele segura a minha mão e me leva até a cozinha sem dizer uma palavra. Depois de acender as luzes, abaixa o corpo e me pega em um abraço tão forte que me deixa sem fôlego e um pouco abalada. Quando abre os olhos para olhar para mim, ele me estilhaça.

— Quer uma taça de vinho? — pergunta baixinho, sorrindo com tristeza.

Não posso fazer isso esta noite. Não posso fazer isso com Ben. Mas eu já o fiz.

Retribuindo o abraço, fico na ponta dos pés e beijo seu queixo quando sinto um ataque de pânico surgir. Consigo fazer isso. Só não pense nisso. Fale com ele amanhã.

— Você se importaria se eu tomasse um banho primeiro? — Eu preciso me lavar e limpar o Arsen de mim. Será que a culpa do que fiz também será lavada? Duvido.

Quando saio do banho, Ben está vestido com moletom e uma camiseta da Columbia, e está cozinhando alguma coisa.

— Jantar? — pergunto.

— Sim, estou morrendo de fome. Não entendo como as pessoas esperam que homens do meu tamanho fiquem satisfeitos com canapés. Não entendo mesmo.

Ben e eu quase não conversamos durante a nossa refeição tardia,

porém, não ligo para o silêncio. A última coisa que quero fazer, no que será a nossa última noite juntos, é jogar conversa fora. Não quero comer. Não quero beber o vinho que ele me serviu. Só quero olhar para ele. Memorizar os padrões de sua barba escura por fazer e a forma com que suas covinhas aparecem para mim cada vez que ele mastiga, me implorando para beijá-las.

Depois de ajudar Ben a tirar os pratos da mesa, começo a lavá-los. A água quente queimando minhas mãos é um alívio bem-vindo. Nada como a dor física para lhe entorpecer. A voz assombrosa de um homem cantando sobre como não consegue tirar os olhos de sua amante envolve toda a cozinha. Fecho os olhos e me perco na voz melancólica do cantor que diz a sua amante que sem amor não há esplendor.

Com um nó na garganta, sinto os braços calorosos de Ben envolverem a minha cintura por trás. Deixando de lado o prato e limpando o detergente nas calças de yoga, ergo a mão até seu pescoço, puxando seu rosto para mais perto da curva do meu ombro enquanto a outra mão cobre a dele por cima da minha barriga. De costas para ele, balançamos no ritmo suave da música... lentamente... com ternura. Ben beija meu pescoço, o cabelo, atrás da orelha, me cobrindo com beijos que se parecem com uma despedida.

O nó na garganta continua crescendo mais e mais até que lágrimas escorrem pelo meu rosto. Lágrimas traidoras. Não sei se Ben as vê. Eu não me preocupo com isso.

Só quero me perder em seu toque, em seu calor, me perder nele pela última vez.

A música acaba e eu me viro conforme Ben me solta. Inclinando-se, ele me pega com facilidade nos braços. Sem dizermos nada, coloco os braços em volta de seu pescoço e descanso a cabeça em seu ombro, inalando-o profundamente em meus pulmões, tentando absorver seu cheiro. Enquanto ele

me carrega, consigo ouvir sua respiração acelerar, ficar tensa, e de alguma forma, sei que não é por causa do meu peso.

Ele também sente.

A nossa última noite.

Nosso grand finale.

Quero dizer alguma coisa, mas não consigo encontrar as palavras certas.

Só quando chegamos ao nosso quarto, e ele me coloca carinhosamente na cama, que percebo que sei que tenho que parar o que quer que esteja para acontecer.

Mas não consigo...

E não porque me importo que Ben possa apagar Arsen do meu corpo. Não me importo com Arsen agora. Não posso fazer isso porque não quero macular Ben com o meu corpo. Não quero que a nossa última vez juntos seja no dia em que permiti que outro homem gozasse dentro de mim enquanto eu gemia seu nome em um quarto vazio.

Lentamente, Ben tira as nossas roupas até não ter mais nada entre nós.

— Tão bonita... — sussurra com a voz rouca, passando a mão por meus seios. — Você é tão bonita.

Estou a ponto de pará-lo quando ele se inclina sobre mim. O que vejo me dá um soco no estômago, deixando-me sem palavras. Segurando minhas mãos nas suas e olhando para mim, eu vejo o brilho das lágrimas em seus olhos conforme sussurra na minha boca:

— Por favor, Cathy... não esta noite. Não esta noite. Nos deixe... me deixe apenas te beijar.

Ele beija minhas lágrimas, lambendo-as do meu rosto e engolindo-as como se fossem suas.

— Sempre foi você, Ben... — ofego, sentindo uma profunda emoção me dominar. Quero dizer a ele que continuará para sempre sendo ele, mas seria mentira.

Ben encosta a testa contra a minha. Eu sinto a umidade de suas lágrimas, minhas lágrimas, nossas lágrimas. Juntas.

— Não quero que a porra do amanhã chegue, Cathy. Estou com medo — implora Ben com a voz rouca de sofrimento. Ele se inclina para beijar meus lábios, os olhos, a testa, o nariz. Tento fazer o mesmo, envolvendo os braços e pernas ferozmente por seu corpo. Quero consumi-lo, absorver seu corpo no meu e mantê-lo desse jeito. Só nós dois, preenchendo um ao outro, abraçando-nos.

Segurando minhas mãos acima da minha cabeça, ele me olha ao mesmo tempo em que desliza com delicadeza e devagar dentro de mim. Ele parece tão perdido, tão magoado, tão vulnerável... é tão carinhoso, tão doce e tão doloroso. Nossas emoções nos guiam através da dança de dois corpos tentando se comunicar em seu momento mais honesto, vulnerável, básico e primal o que eles não conseguem com as palavras.

Eu te amo.

Por favor, me perdoe.

Não me deixe.

Como você pôde.

Eu te odeio.

Eu te amo.

Eu morrerei sem você, porra.

Você é minha.

Só meu.

Eu pertenço a você.

Só você.

É bonito. É uma destruição de alma. É uma despedida.



Final da manhã de domingo. Observo conforme o grande e poderoso corpo do meu marido despenca no chão, rendido.

Destruído... por mim.

— Eu transei com Arsen — digo em voz baixa.

CAPÍTULO 28
PASSADO

BEN

Naquela manhã mais cedo.

Depois de tomar um banho, enrolo uma toalha na cintura e volto para a cama, onde uma exausta Cathy está dormindo.

Cathy.

Meu passado, meu presente e meu futuro – minha para sempre.

Ou foi o que pensei.

Ao observá-la dormir com o cabelo bagunçado e sem maquiagem pelo rescaldo de ter fodido durante a noite toda, ela ainda consegue me deixar sem fôlego. Eu me abaixo e beijo seus lábios, lábios que parecem vermelhos e inchados, e desta vez, sei que sou a razão por trás disso e não ele. Apreciando o momento, deixo a boca mais um pouco na sua enquanto fecho os olhos e inalo profundamente o cheiro de jasmim e sexo marcados em sua pele, degustando por, agora, ela não ter o cheiro dele. Ranjo os dentes e me lembro de todas as vezes em que ela voltou para casa, fingindo estar muito cansada para ficar acordada e me fazer companhia. Ou nas poucas ocasiões em que a procurei durante a noite, e ela se afastou de meu toque porque não sentia vontade de transar, o tempo todo cheirando a um homem diferente.

Queria saber...

Queria saber quantas vezes fui enganado por ela? Por eles?

Às vezes, a necessidade de saber me consome, me deixando louco de ciúmes. No entanto, em outras, quando olho fixamente em seu lindo rosto sorrindo para mim, dizendo que me ama, permitindo que eu a foda tenho vontade de sufocar essa necessidade. Quero acreditar em cada mentira sua só para eu poder continuar vivendo alegremente em negação. Eu a amo tanto assim, porra.

Mas esse amor, essa loucura tornou-se a cruz que carrego, que me joga de joelhos. Meu purgatório em vida. Não posso continuar vivendo uma vida onde questiono cada palavra, cada ação da pessoa em quem eu deveria confiar incondicionalmente. A dúvida constante e as perguntas não respondidas que correm pela minha cabeça estão ferrando com a minha paz de espírito. Não dá.

Ela está com ele?

Ela acabou de foder com ele?

Ela estava no telefone com ele?

Onde ela está?

Por que não atende às minhas ligações?

Ela está pensando nele quando faço amor com ela?

Não posso mais fazer isso.

Está me matando, porra.

Não posso mais continuar me enganando. Não posso. Vê-la desaparecer com Arsen noite passada foi o último golpe que a porra do meu pobre coração... do meu orgulho... podia suportar.

Porra, acabou.

Eu me levanto e pego o lençol enrolado em sua cintura nua e o puxo para cima, cobrindo os ombros dela. Seu cabelo loiro brilhante está espalhado por nossos travesseiros, rodeando-a em uma piscina de ouro. Minha Cathy.

Eu me afasto dela, me visto e sigo até a porta. Paro antes de sair, dou

uma última olhada no quarto, meus olhos percorrem o lugar e param nos porta-retratos, nas almofadas, nos móveis – em todas as nossas memórias juntos. Eu não sinto nada ao ver o quarto cheio de tanta felicidade, mágoa, amor, ódio.

Eu não sinto nada.

Estou entorpecido.

Meus olhos param na cama e admiram uma Cathy ingênua. Seu rosto, os seios rosados... eu memorizo cada curva do caralho de seu corpo. Elas já foram minhas, mas não são mais.

O amor não deveria doer nunca. O amor deveria curar, ser o refúgio da sua tristeza, fazer a porcaria da vida valer a pena. Mas enquanto encaro minha esposa, eu sei que isso é a mais pura mentira.

O amor tem o poder de destruir você.

O amor tem o poder de enterrá-lo vivo em um caixão cheio de dor e desespero, roubando seu ar e a vontade de viver.



Fecho os olhos e ergo a palma da mão para esfregá-los. De repente, eu me sinto tão cansado. Meu corpo inteiro dói – minha cabeça dói, meus olhos doem, meu peito dói. Quando eu me sento no escritório, esperando Cathy acordar e se juntar a mim, percebo que a noite passada foi a porra de um erro; a pior decisão que já tomei. Sabia que pagaria caro por isso hoje, mas eu precisava. Precisava dela. Precisava passar uma última noite com minha esposa. Queria cheirar o seu cabelo, beijar seus ombros e segurá-la nos braços, como se fosse qualquer outra noite, fingindo que ela ainda era minha. E queria me despedir dela – da nossa pequena família de dois.

Mas, conforme eu a espero, estou afundando em uma areia movediça

de culpa que ameaça me engolir. Aqui estou eu, esperando para enfrentar Cathy, para exigir a verdade quando também sou culpado.

Em busca de alívio emocional do pesadelo que a merda da minha vida se transformou, eu me rebaixei ao nível deles e não posso dizer que me sinto melhor por isso. Pelo contrário, sinto nojo de mim porque permiti a fraqueza me vencer.

Abro os olhos e reclino a cabeça para trás na cadeira de couro, olhando para o teto. Sentindo-me mal, eu me lembro do que aconteceu na sexta à noite. Na noite que não voltei para casa.



Depois de sair do trabalho para poder estar aqui e receber o novo sofá, já que Cathy resolveu que tinha coisas melhores para fazer do que atender às minhas ligações, fiquei em casa por algumas horas. Mas só de estar aqui enquanto ela estava fora, provavelmente fodendo com Arsen, me encheu de raiva. Sabia que se eu estivesse aqui quando ela chegasse, eu não seria capaz de me controlar perto dela, então voltei ao escritório para me afogar no trabalho. Isso me ajudou a esquecer.

Estava planejando ficar e repassar mais alguns casos, quando Micky e os estagiários perguntaram se não queria ir com eles tomar alguns drinques.

Dessa vez, eu não recusei.

Uma bebida se transformou em duas, duas em quatro.

Na minha névoa induzida pelo álcool, eu me lembro de pensar que as estagiárias, Clara e Kerry, eram lindas demais. Ambas estavam tentando me fazer dançar com elas, daí eu dancei. Por que não? Logo não seria mais problema nenhum...

Enquanto nós dançávamos, senti os braços de Kerry circulando meu corpo, e eu gostei. Gostei de sentir o toque caloroso de uma mulher, de alguém me querendo. Olhando para baixo, eu a vi sorrindo de forma sedutora para mim.

É.

Ela me queria.

E naquele momento, eu a queria também.

CAPÍTULO 29

CATHY

Vejo o corpo sem vida de Ben deslizar até o chão. Quando ergue o olhar, ele me olha com seus calorosos olhos castanho-claros que brilham com as lágrimas não derramadas.

— Há quanto tempo isso está acontecendo? — Sua voz vacila. — Quantas vezes você trepou com ele, Cathy?

— E-eu... — Respiro profundamente. Agora não posso parar. Preciso continuar. — Está acontecendo há algum tempo.

— Eu sabia. Eu sabia. Eu sabia.

Ben abaixa a cabeça entre os joelhos e começa a puxar o cabelo com as mãos, quase como se quisesse arrancá-lo. Quando ele me olha de novo, seus olhos perfuram a minha alma.

— Você transou com ele antes ou depois de ficar comigo, porque não parou de foder comigo.

Silêncio.

Sem palavras pela dor e traição que enxergo em seus olhos, não sou capaz de formar uma resposta coerente. Quando Ben percebe que não vou responder as perguntas ou acusações que está jogando na minha cara, ele explode:

— Responda a porra da pergunta! — A raiva faz com que as veias do

seu pescoço se sobressaltem, como se estivessem prestes a explodir.

Não posso responder.

Eu não posso.

Ele vai me odiar.

A intensidade da raiva direcionada a mim, a raiva que ele tem direito de sentir, me assusta e me surpreende. Jamais vi Ben tão bravo antes.

— Porra, me responda! Eu mereço a porra da resposta, sua vagabunda!

Nós dois estremecemos com suas palavras.

— Os dois — murmuro.

As lágrimas que estão brilhando em seus olhos transbordam, e tudo que posso fazer é vê-las descendo por seu belo rosto. Eu quero ir até ele e pedir desculpas, pedir perdão, mas não posso. Eu perdi esse privilégio há muito tempo. Mereço a sua fúria, o seu nojo, o seu ódio.

Enquanto olhamos um para o outro, deixando a verdade nos penetrar, eu encaro um estranho. Ben não parece o garoto despreocupado pelo qual eu me apaixonei. Ele parece um homem devastado. Um homem que conhece a dor, do tipo que pode matar, destruir, afogar você em um mar de escuridão e ódio. Eu me pergunto se um dia ele vai se recuperar e se curar?

— Você o ama? — Ele deixa suas palavras penduradas no silêncio da sala. Baixando o olhar, vejo que minhas mãos estão tremendo. — Pelo amor de Deus, Cathy! Poderia responder à merda da pergunta! Você o ama, porra? Sim, não? O que vai ser?

— Eu...

Seu corpo treme quando ele se lamenta.

— Sim. Não... Eu não sei. Parece amor quando estou com ele. Eu me sinto... eu sou feliz quando estou com ele, Ben. Essa é a verdade.

Ben olha para mim do chão. Vejo as lágrimas nos seus olhos,

penduradas nos cílios, escorrendo pelo rosto. Ele limpa algumas com a língua que estão no canto da boca e o rosto com as costas da mão, sem afastar o olhar nem uma vez.

— Você me ama? Você ainda me ama? E seja honesta pela primeira vez na porra da sua vida. — Cerrando os punhos, ele murmura para si mesmo: — Porra, eu mereço isso. Isso é ridículo. Não posso... eu não posso.

Bem, chegou a hora. Talvez isso faça com que ele me odeie, destruindo todo o amor que ainda sente por mim. Eu não o mereço mesmo. Preciso destruí-lo para que ele possa seguir em frente. E ele merece a minha honestidade.

— Eu amo você, Ben. Só não sei mais se ainda sou apaixonada por você.

Eu o vejo estremecer. Bom. Fico feliz. Esta é a única maneira de ele se livrar de mim. Por um instante, queria saber se existe algo essencialmente de errado comigo. Como posso ferir alguém que digo amar tanto? Por que estou fazendo isso? Como chegamos a este ponto?

Porque você escolheu o caminho mais fácil quando as coisas ficaram difíceis, Cathy. Você não lutou.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que fez isso? Caralho! Por que me traiu, Cathy? E por que continua a me trair? O sexo era tão bom assim, cacete? Pensa que não sofri tanto quanto você no último aborto? Acha que eu não queria o bebê tanto quanto você?

Quero dizer a ele que é por causa do aborto. Que sempre foi por isso. Os abortos eram o combustível, e Arsen foi a faísca. Juntos, tacaram fogo no meu casamento arruinado, incinerando-o. Quero dizer que estou tão confusa e

que as minhas emoções estão por todos os lados. Que desacreditei de nosso casamento há algum tempo. Que pensei que o bebê era a nossa segunda chance, mas isso também já se foi. Quero ser honesta, mas suas perguntas cruéis são a morfina que preciso para me anestesiar, para eu poder responder sem sentir remorso.

— Dormi com ele pela primeira vez na noite em que disse que estava indo me encontrar com Amy para algumas bebidas. Ele me ligou e disse que queria conversar comigo sobre o a-aborto... ele queria me ajudar. Eu estava entorpecida com tudo. Não conseguia suportar ver seu rosto, ficar perto de você. Sua perfeição estava me enlouquecendo. Eu me encontrei com ele, jamais pensando que eu dormiria com ele.

— Mas você estava atraída por ele. Eu vi isso. Você tinha que saber... aquela porra de música, era para você.

— Sim. — Sentando-me ao lado dele, eu continuo: — Não começou assim, Ben. Éramos só amigos. Mas em algum momento isso mudou. A primeira vez que aconteceu, eu me senti tão bem, tão viva, que na hora soube que não ia parar. Ele me f-fodia, Ben. Ele não fazia amor comigo. Ele me fez esquecer, fez a dormência ir embora, fez eu me sentir desejada, necessitada. Eu não sei... Eu me senti jovem e bonita de novo – não tão destruída.

Eu encaro seus olhos.

— Com ele não parecia obrigação. Com Arsen, eu podia chorar, ficar com raiva e até mesmo sentir ódio, e não ligava se iria ferir os sentimentos dele, como eu fazia com você. E-ele não me tratou igual a uma boneca de porcelana; ele me tratou como uma pessoa. Todas as vezes que tentei te falar como eu me sentia, como eu estava toda ferrada, você só dizia que tudo ia ficar bem e que iríamos superar isso.

— Foi muito para eu aguentar, Ben. Foi muito, porra. Sua perfeição

estava me sufocando, e eu não conseguia suportar. Acho que passei a te odiar, fiquei ressentida por você, e Arsen fez tudo ir embora. Com ele, era só eu, Cathy. Não era esposa, ou uma fracassada, nem nada. Apenas eu. E foi tão bom. Era como uma droga. Eu precisava de mais, ansiava por mais, e quanto mais eu tinha, mais queria. Mais eu o queria.

Engulo em seco, porque minhas próximas palavras são as mais duras de admitir, até para mim mesma.

— Tudo começou com sexo, Ben, como uma fuga, mas não é mais assim. Conforme tudo se desenrolou... e-eu acho que me apaixonei por ele.

Silêncio.

— N-não pense que estou tentando justificar o meu comportamento, porque não estou. Eu sei que agi errado, muito errado, m-mas estou tentando responder suas perguntas da forma mais sincera possível. — Abaixo a voz, murmurando baixinho: — Você merece isso.

Ele começa a bater a cabeça na parede.

Tumm.

Tumm.

Tumm.

A batida constante está me deixando maluca.

Sentada ali, eu fico vendo-o se machucar até que não suporto mais. Estou prestes a tocá-lo quando ele dá um tapa na minha mão, como se faz com um mosquito irritante.

Dói.

Mas eu fiz isso. Eu fiz isso com Ben e comigo. Não posso reclamar por ele estar repelindo meu toque.

Quando finalmente olha para cima, ele me agarra pelos ombros e me sacode agressivamente.

— Vocês se precaveram, porra? — diz, nojo e medo gravados em cada sílaba.

No começo não entendo o que ele quer dizer.

Oh.

Negando com a cabeça, o olhar em seus olhos diz tudo. Ele quer me matar. Ou matar Arsen. Ou a nós dois.

— Deixe-me ver se eu entendi. Ele te fode, goza dentro de você, e depois você me deixa fazer a mesma coisa? Agora entendo os banhos constantes. Você só pode estar de brincadeira comigo. — Em silêncio, observo o seu rosto quando se enche de uma súbita compreensão.

Prendendo-me com olhos furiosos, sua respiração acelera.

— Na noite passada... precisou limpar a porra dele de seu corpo, né?

Assentindo afirmativamente, começo a chorar.

— Você me dá nojo.

Ben me solta bruscamente e se levanta, quase como se ficar muito perto do meu corpo fosse causar dor física a ele. Ao me soltar dessa maneira, eu caio para trás e mal tenho tempo de me apoiar em meus braços para amortecer a queda.

Virando-se, ele começa a gritar furioso comigo, o rosto vermelho de ódio e lágrimas.

— Você alguma vez pensou no que isso faria comigo? Você ao menos — ele xinga baixinho. — Você ao menos se importa, porra?

Meu estômago se contrai quando ele grita comigo. Cada palavra é como um golpe no meu peito, me punindo, me tirando o ar, mas eu devo a chance de colocar tudo para fora – de me apunhalar com as suas palavras e me despedaçar com sua raiva. Chame de consternação, mas tenho que pagar pelo que fiz. Eu só não esperava que a honestidade pudesse machucar tanto. Que

testemunhar as consequências do meu comportamento e da confusão que fiz, pudesse ser tão doloroso. Eu deveria sofrer sozinha as consequências dessas escolhas. Não ele. Mas, infelizmente, ele está pagando por elas, também.

— Sim, no começo... m-mas depois parei de ligar.

Ben está com a respiração ofegante e seus olhos tempestuosos estão cheios de angústia.

— Você precisa ir embora. Não posso... Eu não posso... não posso continuar fazendo isso comigo mesmo. E-eu... — murmura ele e coloca as mãos na cabeça e começa a balançar para frente e para trás.

Em silêncio, eu o observo pelo que parece ser uma eternidade, tentando dar espaço a ele. Depois de alguns minutos, Ben olha para mim.

— Quando você estava destruída, eu te amei por nós dois, Cathy. Por nós dois e eu não me importei, porra... eu não me importei. Pensei que meu amor bastasse, eu te amava a esse ponto. Se tivesse me pedido para cortar o próprio braço por você, eu teria feito. Eu teria te dado a porra do meu corpo inteiro, Cathy. Só por você. Eu jamais deveria ter que compartilhar você, Cathy. Nunca. Achei que fosse minha, como eu sou seu. Ou era. Porra. Porra. Porra. Isso é inacreditável, caralho.

— Quer saber de uma coisa? Vamos falar a verdade nessa merda. Ouvi suas desculpas patéticas, o que acha de me ouvir agora? Deixe eu te dizer uma coisa, Cathy, eu espero que você esteja feliz, porque Arsen pode ter seu coração, seu corpo, mas você será sempre vazia porque eu possuo a sua alma. Sua alma é minha e será para sempre. Eu vou me recuperar, vou aprender a amar de novo, mas você... você me dá pena.

— Você diz que está se afastando de mim e do nosso casamento por causa da tensão que os abortos criaram em nosso relacionamento. — Ele bate no peito com força. — E eu? Pensa que não estava sofrendo tanto quanto você?

Cada vez que fecho a merda dos meus olhos ainda consigo ouvir o seu grito devastador daquele dia. Às vezes, tenho medo de dormir, porque imagens de você, coberta em seu próprio sangue, me atormentam até mesmo nos meus sonhos. Você abortou e perdeu os bebês, Cathy. Bem, eu perdi os bebês também e ainda perdi minha esposa. Fui deixado com nada além de lembranças.

Ele faz uma pausa e enxuga algumas lágrimas do rosto antes de continuar:

— Eu queria aquela porcaria de família, também. Você foi capaz de se refugiar em sua própria cabeça, se escondendo de todo mundo que se preocupava com você. Você parou de se importar e eu aceitei. Fui capaz de aguentar isso porque continuei com esperanças de que as coisas melhorariam, que com o tempo, eu teria a minha esposa de volta. Pensa que foi a única a duvidar de nós? A querer desistir de nós? A ter vontade de se esconder? Querer pensar em outras pessoas? Quis trepar com outras mulheres também, Cathy, só pra poder te esquecer e me lembrar de como é se sentir desejado, querido, de novo. Mas não fiz isso. Eu te amei muito, e infelizmente, ainda amo, e eu tinha mais respeito por nosso casamento, por você.

— Tudo o que eu queria mesmo era... eu só queria te segurar nos braços pelo tempo que fosse. Queria aquela segunda, terceira ou quarta chance para que voltássemos a ser inteiros de novo. Era isso. Então, se acha que vai ser feliz com Arsen, bem, boa sorte. Mas, honestamente, não acredito que você será capaz disso. Você precisa dar uma boa olhada em você mesma antes de estar com qualquer outra pessoa, enxergar porque não pôde simplesmente se abrir comigo e deixar que eu te ajudasse. Mas isso não é mais problema meu. Acabou. Só se lembre, o carma é vingativo.

Suas palavras dolorosas acendem um fogo furioso dentro de mim, e quero queimá-lo com ele. Como ele se atreve! A vida tem sido um inferno para

mim desde o último aborto, um inferno desde o começo de toda essa confusão. Não tenho sido capaz de pensar direito desde aquele dia, não que isso justifique meu comportamento. Ele queria saber a verdade, então vou dar a ele a minha própria versão, nem por um instante eu estava tentando justificar as minhas ações. Sabia que era errado na primeira vez que aconteceu, e continuei sabendo durante todo o caso, que tudo aquilo era mais do que errado – era imperdoável. Mas, às vezes, nem toda a lucidez do mundo vai impedir você de cometer um erro. Às vezes nem segurando-se em alguém quando você está caindo não o impede de cair. Às vezes você só tem que cair.

Estou com tanta raiva dele, de mim. Tão culpada, tão triste e envergonhada. Mas a vergonha, de repente, me faz ter vontade de gritar e de machucá-lo de novo. A vergonha me faz querer jogar coisas nele, em vez de pedir perdão.

Olhando de onde estou no chão, com lágrimas turvando a minha visão, caindo pelo meu rosto, respondo da melhor forma que posso.

— O carma pode ser vingativo, mas quando ele gozou dentro de mim, não liguei, porque eu gozei tão forte que vi estrelas!

Ele me encara, e o amor que vi em seus olhos tantas vezes, desaparece.

— Sua vagabunda... fora... fora daqui!

Eu fui.

Eu o fiz me odiar tanto quanto eu me odeio.

Agora ele pode ser livre.

Eu me levanto do frio chão de madeira de seu escritório e vou para o nosso quarto. Preciso ir para a casa da Amy. Não posso mais ficar aqui. Meu casamento acabou. Acabou. Arsen foi o combustível que faltava para queimar o meu casamento até virar cinzas, mas quem segurou as chamas nas mãos o tempo todo, fui eu.

Limpando o nariz com a manga da blusa, jogo fora no lixo o máximo das minhas coisas que posso. Estou apagando a minha existência de sua casa. Quando acabo, saio do banheiro. Ben está parado perto da grande janela em frente do nosso jardim da frente, de costas para mim. Com a cabeça baixa, derrotado, ele está puxando o cabelo descontroladamente; consigo ver os músculos de seus braços se contraindo.

Conforme vou até ele, reparo seu corpo ligeiramente trêmulo. Quero puxá-lo para perto de mim e beijar suas lágrimas, dizer que eu o amo e o que disse ontem era verdade, mas o que faria de bom? Está tudo acabado entre nós.

De costas para ele agora, pego o meu casaco e começo a vesti-lo quando o escuto sussurrar com a voz rouca de lágrimas:

— Na outra noite, quando não voltei para casa...

— Sim?

— Eu quase fodi a Kerry. — Ele respira fundo. — Eu quero o divórcio.

Sem me virar, deixo o significado do que ele acabou de dizer me penetrar. Eu envenenei Ben. Mereço isso. Com vontade de brigar agora sendo drenada do meu corpo, sussurro:

— Eu entendo. Voltarei amanhã quando estiver no trabalho para pegar o resto das minhas coisas.

Com estas palavras ainda frescas na língua, eu saio.

Saio de casa.

Eu saio de sua vida.

Deixando a minha luz do sol para trás, permito que a escuridão, disfarçada de liberdade, me receba.

Quando estou parada do lado de fora da casa, olho da calçada para a janela do nosso quarto e vejo que as cortinas estão fechadas. Conforme eu me

viro e começo a ir em direção à garagem, finalmente começa a chover. Com meu rosto molhado, lambo os lábios e consigo provar uma mistura de sal e chuva. Engraçado, não reparei que ainda estava chorando.

A dor agonizante começa a bater dentro do meu peito, pronto para explodir de tristeza. Eu dou alguns passos, mas paro e olho para o cimento molhado. A chuva continua caindo ao meu redor, gotas de água fresca fazendo com que o asfalto debaixo dos meus pés brilhe igual às estrelas.

Eu quero voltar.

Eu cometi um erro terrível.

Tenho a sensação de que deixei meu coração inteiro, todo o meu ser na casa, com ele. Parada aqui, perdida no passado, a verdade me atinge. Eu o amo com todo o meu coração, de verdade, e eu o perdi. Para sempre.

Mas também amo Arsen.

Não vejo a hora de voltar para o apartamento dele. Preciso de seus beijos para apagar a dor, como só ele é capaz de fazer. Ele é o meu entorpecimento.

Minutos se passam e eu quero me mover, mas meu corpo não me obedece. Meus pés estão colados no chão. Quero que a chuva me limpe. Eu me sinto tão suja e tão fria.

Vazia.

Oh, Ben.

O que foi que eu fiz?

CAPÍTULO 30

Arsen.

Preciso dele.

Preciso vê-lo e confirmar ter feito a escolha certa, mesmo que no fundo eu saiba a resposta.

Estou dirigindo e tentando me recompor. Eu não posso desabar agora. Preciso chegar ao apartamento dele primeiro. Depois posso enterrar essa dor esmagadora que me engole para dentro das profundezas do meu coração e ignorar a realidade. Mas a dor é muito forte para aguentar, e ela se apodera de mim. Jogo o celular no banco do passageiro e enxugo as lágrimas quando soluços profundos e angustiantes são arrancados do meu peito. Vendo que não consigo parar de chorar, as lágrimas me impedindo de enxergar à frente, saio da rua e estaciono carro.

Uma dor excruciante me atinge por dentro, fazendo-me curvar e envolver os braços pela barriga, tentando me proteger dela. Fechando os olhos com força, luto contra a náusea me revirando por dentro e o desespero que me tira o ar.

Não consigo respirar.

Não consigo respirar.

Não consigo respirar.

Estou me afogando na dor.

Ele se foi.

Foi.

Foi.

O amor da minha vida foi embora.

E é culpa minha.

Abro a porta do carro e vomito com violência no chão. Depois que não tem mais nada dentro de mim a não ser bile, descanso a cabeça no vidro frio da janela do motorista. Meus olhos ardem de todas as lágrimas que derramei desde hoje cedo. Saber do que eu tinha – e perdi – faz a ficha começar a cair em minha cabeça e no meu coração.

Como vou viver uma vida sem o Ben nela?

Ele é tudo o que eu conheço. Ele tem sido o meu mundo, a minha verdade e a minha realidade desde que eu tinha dezoito anos. Ele é a minha outra metade. Existe ao menos uma Cathy sem ele?

Grande merda. Você fez isso, agora aguenta.

Mesmo se eu quisesse Ben de volta, seria tarde demais para nós. Tarde demais.

Fecho os olhos por um instante, exausta demais para lutar com as lembranças. Permito que tomem conta de mim, me envolvam em um manto agridoce feito do passado. A primeira vez que nos beijamos na chuva, a primeira vez que disse ‘eu te amo’, o dia em que ele me pediu em casamento, todas as vezes que ele me segurou enquanto eu sangrava... essas lembranças são tudo o que me resta de Ben, do nosso amor, e elas me pertencem. E nada vai tirá-las de mim. Nada – nem mesmo o meu coração mentiroso, infiel e falso.

Volto a dirigir e meu telefone continua tocando, mas ignoro.

Como fiz ontem à noite e durante todo o dia de hoje.

Arsen.

Eu preciso dele. Preciso vê-lo. Ele será capaz de tirar a dor, de me fazer esquecer como sempre, com seus beijos entorpecentes e seu toque que parece morfina. Ele é o belo anestésico que o meu corpo destruído e meu coração despedaçado exigem para parar de doer. Dou risada como uma louca porque não me restou mesmo mais nenhuma vergonha, e não estou nem aí para isso, contanto que eu consiga fazer a dor agonizante de ter perdido Ben, desaparecer.

Depois que estaciono o carro na garagem de seu prédio, pego o elevador até o apartamento de Arsen. Olho ao redor no espaço quadrado e me vejo refletida nas paredes espelhadas; meus olhos estão inchados de tanto chorar, minha pele está pálida de vomitar, e os meus lábios ainda estão inchados da noite passada. Conforme olho para a mulher perturbada que me encara, tento afastar os pensamentos de Ben da consciência.

Quando chego ao apartamento, meu corpo está tremendo tão violentamente pelo nervoso. Não sei como será a partir daqui. O que acontece agora? Eu amo Ben, e ainda assim, estou parada na frente da porta de alguém, esperando que ele acabe com a dor e as lembranças da minha cabeça.

Acontece que também amo este homem.

Engulo em seco, parada do lado de fora de seu apartamento, tentando não pensar em nada que não seja o êxtase que meu corpo necessita de Arsen. Ignoro a voz gritando dentro da cabeça dizendo que ele é a escolha errada. Se é a escolha errada, por que me sinto tão bem quando estou com ele?

Depois de tocar a campainha, Arsen abre a porta imediatamente e me deixa entrar sem dizer nada. Ele está péssimo, talvez até pior do que eu. Vestido só com a boxer Armani e nada mais, consigo ver os contornos do seu corpo perfeito e a forma como a sua pele dourada destaca cada ondulação de seus

músculos. Sempre que vejo as covinhas bem acima de sua bunda e o “v” profundo espreitando da cueca, uma vontade louca de lambê-lo ali toma conta de mim.

Olho para cima e observo suas dolorosas e belas características. Seus olhos estão vermelhos, seu cabelo loiro está uma bagunça, e as sombras escuras de sua barba por fazer dão ao seu rosto uma aparência ameaçadora. Sim, quero que ele me foda sem dó. Quero que ele deixe arranhões, hematomas e marcas vermelhas em mim como prova do que eu fiz. Quero que ele me coma até que a dor física entorpeça meu ser inteiro e meus orgasmos nublem meus pensamentos.

Em silêncio, nos encaramos por um longo tempo. Arsen é o primeiro a falar:

— Onde você estava? — pergunta ele, curto e grosso. — Por que não atendeu a porra das minhas ligações? Estou tentando falar com você desde a noite passada. — Ele esfrega as mãos pelos cabelos sem parar. — Você disse que ia voltar para casa para terminar tudo com ele. Quanto tempo isso poderia ter levado?

Ver sua raiva surgindo é como assistir a um furacão prestes a atingir uma cidade desavisada. Intenso. De tirar o fôlego. Devastador.

— O que diabos está acontecendo? Por que está parada aí sem dizer nada? — Arsen vem na minha direção e me agarra pelos ombros, exatamente como Ben fez nem duas horas atrás, me apertando com força, desesperado. — Você estava com ele, não estava? Passou a noite com ele? — pergunta com nojo.

Aceno afirmativamente e o ouço xingar baixinho.

— Você trepou com ele?

— Sim — sussurro.

— Quantas vezes?

Nego com a cabeça e tento me afastar dele, mas Arsen me aperta mais forte, me impedindo.

— Olhe para mim quando eu falar com você e responda à minha pergunta. — Sua voz oscila. — Porra! Quantas vezes, Catherine? — Quando ele percebe que não vou responder, ele me sacode de novo, quase como se isso fosse soltar a verdade. — Porra, responda!

— Três vezes — respondo e o vejo recuar.

— Você gozou? — pergunta, engolindo em seco.

— Sim. — Eu gozei. Em todas elas.

— Como?

— Como o quê?

— Como ele te fez gozar? Será que ele te fodeu por trás? Comeu a sua boceta? Será que ele...

— Pare! Pare! — grito e cubro os ouvidos. Suas palavras me embrulham o estômago. A verdade faz meu estômago revirar.

— Responda às perguntas, caralho! Como é que ele te fez gozar? Eu quero saber.

— A primeira vez, ele fez amor comigo por cima de mim. N-nós gozamos olhando um para o outro. Na segunda vez, chupei o pau dele até que ele gozou na minha boca ao mesmo tempo em que ele c-comia a minha b-b-boceta. Na terceira vez, ele me fodeu por trás na beirada da nossa cama.

— Você pensou em mim? — pergunta com a voz áspera.

— Não.

Arsen me solta. Cerrando as mãos em punhos, ele fecha os olhos respirando mais rapidamente. Quando ele me encara de novo, o olhar duro me faz dar alguns passos para trás.

— Catherine, vá para o meu quarto, fique nua e me espere lá. Não faça

nenhuma pergunta do caralho, e faça o que eu digo. — Ele me queima com seu olhar azul. — Vá. Agora. — Ele se vira e vai para sua cozinha, deixando-me sozinha.



Em seu banheiro, tiro o casaco Burberry, minha blusa de cashmere cor creme e, depois, o jeans skinny. O sutiã preto de renda e a calcinha são os últimos. Nua, eu saio do seu banheiro esperando um quarto vazio, mas Arsen já está lá, nu e bombeando sua ereção devagar. Quando ele me vê indo em sua direção com olhos famintos, sinto a umidade entre minhas pernas aparecer. A alguns centímetros dele, estou prestes a alcançá-lo e beijá-lo, quando Arsen ergue uma mão, me parando.

— De joelhos — ordena, com raiva. — Quero você de joelhos. Agora.

Assustada, eu tento entender suas palavras.

— EU DISSE AGORA, SUA VAGABUNDA! FIQUE DE JOELHOS, CARALHO!

Estremecendo como se ele tivesse me dado um tapa, fico na posição à frente dele. Quero sentir raiva por ele ter me chamado de vagabunda, porém, eu sou uma. Eu sou uma vagabunda que traiu o marido e agora voltou para o apartamento do amante.

Eu sou uma vagabunda.

Sinto a frieza do piso de mármore atravessando a minha pele. Ergo os olhos para encará-lo, sua furiosa ereção está bem perto do meu rosto.

— Agora abra a boca pra mim.

Conforme a abro, sinto um rubor de vergonha cobrindo meu corpo da cabeça aos pés. Mortificada, fecho os olhos e ele segura o pau e começa a

empurrá-lo dentro da minha boca.

— Abra os olhos. Quero vê-los enquanto fodo seu rosto.

Quando o encaro, ele enche a minha boca com sua ereção pulsante. Envolvo uma mão por seu pau e começo a lamber a cabeça, engolindo uma gota de esperma que faz a ponta brilhar. Meu corpo fica imediatamente excitado e meus mamilos endurecem sob o seu olhar.

— Morda — ordena Arsen, com a respiração ofegante. — Quero sentir seus dentes em volta do meu pau.

Faço que não com a cabeça e começo a soltá-lo.

Ele empurra o quadril para frente até que o sinto bater no fundo da garganta. Estou de joelhos, tentando não engasgar com suas investidas. Lágrimas de vergonha queimam meus olhos e a minha visão turva quando olho para seu rosto enfurecido.

— Eu disse para me morder, porra!

Ele está fazendo isso de propósito.

Machucando-me.

Humilhando-me.

— Porra! — exclama quando eu o mordo. O meu lado doente e distorcido gosta disso de verdade. Machucá-lo fisicamente.

Suas mãos vão para a parte de trás da minha cabeça, enrolando meu cabelo em um punho e me puxam para mais. Acelerando o ritmo castigador, ele investe na minha boca dolorosa e sem misericórdia.

Mais rápido.

Mais rápido.

Tentando respirar pelo nariz, eu me esforço para não engasgar quando minha saliva e lágrimas cobrem meu rosto.

— Esta boca.

Ele empurra mais fundo.

— É.

Empurra com mais força.

— Minha.

Ele explode dentro da minha boca enquanto bombeia mais algumas vezes, até que eu o tenha deixando todo limpo. Arsen estremece e sai com um estalo. Seus ombros e peito se contraem com a respiração pesada e intensa, e ele olha para mim, ainda de joelhos no chão, com olhos tempestuosos.

— Lembre-se disso da próxima vez que foder seu marido — afirma e sai de seu quarto.



Estou nua, sentada no piso de seu chuveiro com os braços em torno das pernas enquanto a água escaldante cai sobre mim, deixando minha pele ardendo e em carne viva.

Eu me sinto tão entorpecida.

Tão perdida.

Fecho os olhos com força, tentando fazer as imagens do que aconteceu há pouco no quarto desaparecerem. Quando descanso a cabeça sobre os joelhos, sentindo a água quente queimar as costas, escuto a porta do banheiro abrir. Sem querer encará-lo, eu me viro para a parede.

— Catherine... — sussurra com a voz rouca.

Eu o ignoro e sinto um nó na garganta. Não posso chorar na frente dele; Arsen não merece minhas lágrimas, portanto, fecho os olhos bem apertados e encosto na parede do chuveiro.

Sinto quando Arsen se ajoelha na minha frente, suas mãos frias

tocando meus joelhos. Abro os olhos e ele segura minha mão, fazendo com que eu me deite no chão com seu corpo acima do meu, protegendo-me da água escaldante que cai sobre nós. Frente a frente, peito a peito, coração batendo contra coração, com as mãos segurando meu rosto enquanto olhamos um para o outro.

Nunca perto assim.

Nunca distante assim.

Trago os braços entre nós para afastá-lo, mas ele me impede e começa a beijar meus lábios com desespero. Entre murmúrios tristes, Arsen sussurra freneticamente em meus lábios:

— Desculpa. Desculpa. Por favor, pare. Não chore mais. Não chore... Desculpa. Não sou digno de suas lágrimas. Porra. Porra.

Sentando-se no chão, Arsen me levanta e me abraça em seu colo. Com as pernas envolvidas em seus quadris, não consigo retribuir o abraço, então encaro sua beleza dourada ao mesmo tempo em que a água escorre pelo seu rosto. Choro ainda mais quando vejo a névoa em seus olhos.

— Oh, Arsen... — sussurro contra sua boca. — Você não entende? Sinto você na pele, o seu gosto na língua, sua ereção dentro de mim, e nunca basta.

— Porra, Catherine. Por favor, me perdoe, me perdoe, me perdoe — ele repete, despedaçado. Ele aponta para o seu peito com o punho fechado. — Isto pertence a você. Só a você, Catherine. Foi seu desde o dia em que te conheci, e será seu até que você não o queira mais — grunhindo, ele me puxa para mais. — Eu só quero suas mãos no meu corpo, seus lábios na minha boca e que seu coração seja meu. Só meu.

Perdida em suas palavras, nós nos beijamos e depois fodemos. Só que, desta vez, sinto que ele está fazendo amor comigo.

Gosto.

Suor.

Sentir.

Umidade.

Calor.

Excitação.

Impulso.

Dedos.

Investidas...

Investidas...

Investidas...

Pele contra pele.

Pernas tremendo.

Cabelo repuxando.

Unhas fincando na pele.

Arsen se movendo dentro de mim.

Minhas mãos e pernas em volta dele.

Seus olhos me penetrando.

Fogo azul-piscina me incinerando.

Nada existe.

Nada mais importa, exceto ele.

Só Arsen.

E eu.

Movendo-me ao ritmo agressivo de suas fortes investidas.

Primal.

Tão primal.

Dói.

Mas adoro.

Eu o amo.

Sua rudeza parece amor.

Seu amor é como uma droga.

Ele é minha droga.

Meu entorpecimento.

Ele sussurra em meu ouvido:

— Você me pertence... só a mim... Preciso de você... precisamos um do outro.

Fecho os olhos e me perco no meu êxtase entorpecente, não ouvindo as últimas palavras que ele sussurra no meu ouvido ao gozar dentro de mim outra vez.



Sentada com os braços em torno dos joelhos ao lado de Arsen, eu o observo dormir, parecendo tão inocente e contente. Mas mesmo sua perfeição não é capaz de fazer com que a dor, a culpa e vergonha deixem de aparecer. Sinto nojo de como me rebaixei. Eu me odeio porque não consigo deixar Arsen. E eu me odeio por toda a dor que causei.

Ergo a mão para acariciar seu rosto, sentindo a leve barba no queixo. Sim, eu o amo. Eu amo Arsen porque ele me ensinou a seguir em frente, a viver a vida e a esquecer. Eu o amo porque ele me faz rir. Porque abriu os meus olhos para a vida e ajudou a me curar. E o amo porque ele é Arsen.

Mas ele não é o meu Ben.

Lembrar de Ben e de como nos separamos é pura agonia. Dói respirar. Mas ao mesmo tempo em que vejo Arsen dormir ao meu lado, sabendo muito

bem que não o mereço, que não mereço ninguém, faço uma promessa a mim mesma. Vou libertar Ben e sofrer em silêncio. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para mostrar a Arsen minha gratidão por ter me dado tanto, sem nem perceber. Se a vida me ensinou uma coisa foi que, você não pode segurar nada que queira ir embora.

Ben tentou tanto manter a nossa relação, o nosso passado, mas não adiantou, porque mesmo assim eu o traí, mesmo assim eu planejei deixá-lo. Portanto amarei Arsen com o que quer que tenha restado em mim, com o que quer que seja que não pertença a Ben, e é isso.



Um mês depois.

Ainda estou sofrendo.

Não tive notícias de Ben, então tenho sido capaz de fingir que está tudo maravilhoso e perfeito com Arsen. Ele não pergunta nada e eu não dou abertura. O mês passado foi um dos mais felizes em um longo tempo, mas há algo básico faltando, ausente... algo que não me permite ser completa. Sinto uma dor subjacente que continuo ignorando. Espero que um dia ela vá embora e que o amor que sinto por ele também desapareça, permitindo-me amar Arsen por completo.

Amor.

Não dissemos as palavras, mas sei que ele me ama. Ele deve sim. Está estampado no jeito em que segura a minha mão quando dormimos, na forma em que penteia meu cabelo, em como me alimenta com morangos conforme bebemos champanhe nus em sua cama, e na maneira em que faz amor comigo. Eu sei que está ali.

Eu o amo.

Quando estou com Arsen, não penso em Ben. Nem uma vez, nunca. É como se Ben fosse uma lembrança distante, uma memória. No entanto, assim que Arsen sai, os pensamentos sobre Ben me engolem inteiramente. Melancolia

me invade e não consigo me livrar dela até que esteja nos braços de Arsen.

Não é a situação ideal, mas estamos felizes e de alguma forma, fizemos dar certo. Não voltei a trabalhar, portanto ficamos ocupados durante os dias com visitas a museus, passeios ao parque, e, à noite, fazemos amor ou fodemos. Eu sei que nós dois estamos evitando a vida real, mas quando estamos juntos podemos fingir que tudo é perfeito.

Os paparazzi descobriram sobre nós. No começo, ficaram obcecados e ainda arrastaram o meu divórcio para a confusão toda, mas essa atenção já passou. Não sei se Ben tem lido todas as matérias sobre nós, mas meu pai não está conversando comigo.

A última vez que encontrei Amy, ela me disse para não confundir sexo com amor quando contei que tinha largado Ben para ficar com Arsen. Ela disse que era fácil confundir gratificação física com a realidade, mas no final, é tudo o que era. O velho e bom sexo.

Parei de falar com ela. Não quero acreditar em suas palavras. Não posso.



Depois do rotineiro xixi no copo, a pesagem e a verificação da pressão arterial, estou sentada na maca, com a bata descartável aberta na frente expondo meus seios enquanto aguardo a Dra. Pajaree. Três dias atrás Arsen encontrou um pequeno caroço no meu seio esquerdo. Depois de surtar, ele me obrigou a passar por uma consulta médica. Tenho certeza de que estou bem, mas aqui estou por sua insistência.

Quando meu celular vibra, eu me levanto e o pego da bolsa. Tem uma mensagem de Arsen.

Quero você de todas as maneiras. Você é a droga que me oferece alívio... que me revigora... que me acalma... que me leva ao doce entorpecimento. Você é a droga que eu escolho, Catherine. Você é o meu vício. Minha euforia.

Coro e recordo as coisas que ele fez comigo ontem à noite com uma garrafa de champanhe e os lugares em que ele degustou a bebida.

Depois que a Dra. Pajaree entra e verifica meus seios, não encontrando nada além de um gânglio linfático maior, ela me pede para encontrá-la em seu consultório depois que eu me vestir. Eu me sinto aliviada porque o pequeno nódulo não era nada, mas me sinto ansiosa porque acho que ela quer me perguntar como estou e sobre as notícias das revistas. Como vou dizer que da última vez que ela nos viu, Ben pediu o divórcio e estou atualmente morando com um homem de vinte e quatro anos?

Vestida, vou até seu consultório. Assim que estou sentada à sua frente, percebo que ela está evitando me olhar nos olhos. Preocupada que tenha encontrado alguma coisa, eu estou prestes a perguntar qual é o problema quando ela me interrompe:

— Cathy. Você está grávida.



Atordoada, volto para o apartamento de Arsen. Não posso estar grávida de novo. Não pode ser. Quando o táxi me deixa na frente do prédio, juro ter visto o Maybach preto de Ben sair do meio-fio ali perto, mas não é possível. Estou imaginando coisas por causa do que acabei de descobrir, então esqueço isso e pago o taxista.

Atrapalhando-me com as chaves da porta do apartamento de Arsen,

sinto vontade de chorar de alegria e medo. Franzo o cenho quando me lembro de que estou grávida de sete semanas. Ben ou Arsen podem ser o pai.

Quando entro no apartamento, Arsen sai do quarto vestindo um jeans desbotado e um suéter fino azul de gola V. Seu cabelo loiro está mais longo do que o normal. Mencionei que eu adoro mais comprido, então ele está deixando crescer.

— Porra, Covinhas, o que diabos fizemos esta manhã? — Ele ri, fazendo seus olhos brilharem com uma luz devassa. — Quer dizer, como os lençóis ficaram tão molhados?

Ele me puxa para um abraço, envolvendo as mãos pela minha cintura e beijando meu pescoço. Sinto um desespero em seu aperto que não sentia vindo dele desde o dia em que larguei Ben.

— Eu senti sua falta pra caralho — sussurra em meu ouvido, inalando o meu perfume. Afastando um pouco o peito para que pudéssemos nos encarar, ele ergue a mão até meu rosto. — Estou feliz que está em casa... Agora, por favor, me diga que sou um maldito maluco e que não teve nada de errado.

Oh.

Como eu poderia sequer começar a dizer o que a Dra. Pajaree descobriu sem assustá-lo? Será que ele vai surtar? Nem eu consigo acreditar, e ainda estou em estado de choque. Será que é mesmo possível? Quero ignorar a esperança traiçoeira se reunindo no meu peito, eu quero sufocá-la antes que ela me mate de novo, mas não consigo.

Eu não consigo.

Eu não consigo.

Eu não consigo.

Ao sair do consultório, meu primeiro instinto foi ligar para Ben, mas ao invés disso, achei que seria melhor mandar um e-mail. Meu peito aperta só de

pensar nessa novidade e em Ben. Não é como se fosse grande coisa. Conhecendo meus antecedentes, este bebê pode nunca ver a luz do dia. Poderia Ben sequer ainda estar interessado?

Perdida em pensamentos, escuto Arsen falar e sou tirada do meu transe. Foco meu olhar em seu rosto enquanto as perguntas nadam na cabeça. Resolvo que ele precisa saber. Engulo em seco colocando as mãos no pescoço, me preparando para falar da melhor e, provavelmente, mais dolorosa notícia em nosso curto relacionamento.

— Não, não. Umm... Ummm... está tudo bem. Arsen... Preciso dizer uma coisa. Quer se sentar?

— O que diabos está acontecendo? Você está me assustando — sussurra e estreita as sobrancelhas.

— Estou grá... — Respiro uma vez e termino a frase: — Estou grávida.

Pasmo, ele solta meu braço e se senta no chão, reclinando a cabeça e as costas na parede.

Bem, acho que isso responde à minha pergunta.

— E isso é mesmo possível? — Ele respira. — Quero dizer, sem querer soar como um babaca, mas quais são as chances de ir para frente?

Ele acabou mesmo de dizer isso para mim?

— Eu não sei. Dra. Pajaree disse que acontece... às vezes você fica grávida sem qualquer explicação. Ainda sou considerada como uma gravidez de alto risco. Acho que ela estava falando de uma pomada que ajuda...

— Eu não posso, Cathy. Nunca me predispus a ser pai. Pensei que estávamos só nos divertindo. — Sua voz é fria, sem risadas ou paqueras. — É isso que posso te dar: diversão, entende? Mas não posso ser um pai. Sinto muito.

Não posso dizer que estou chocada com esta resposta. Sempre soube

que o que tínhamos acabaria um dia, só não esperava que fosse desta maneira – que Arsen poderia me dispensar fazendo tão pouco caso. Os avisos de Amy e de Ben se tornaram realidade, afinal.

— E-eu... você pediu que eu largasse o meu marido. V-você me pediu isso — eu o lembro, estupidamente.

— Pedi.

— Eu pensei que você me amava. Quer dizer, você nunca disse isso, mas t-tive a impressão de que me amava. — Pronto. Falei. Eu nem sei por que estou argumentando sobre isso, não importa, acabou, mas acho que preciso saber. Eu quero saber.

— É, talvez. Eu não sei, Cathy. — Ele olha pela sala como se estivesse procurando uma resposta, a resposta certa, então se vira para mim outra vez. — Acho que amo, mas não a ponto de ter uma família com você. Não estou preparado e... Eu não sei. Eu não te amo dessa forma.

De repente, me sentindo zonza, dou um passo para trás à procura de algo para me apoiar antes que eu caia. Quando a base das minhas costas alcança uma cadeira, eu me sento e continuo a escutar Arsen partir meu coração com suas palavras.

Desapaixonadamente, percebo que ele está me chamando de Cathy. Ele não me chamou desse nome desde o dia em que nos conhecemos.

— Nós nos divertimos, Cathy. Porém nenhuma promessa foi feita. Pensei que estávamos só...

— Só o quê? Nos divertindo? Sempre foi só uma foda pra você? E quanto a mim? — Minhas palavras o fazem recuar.

Ótimo.

— Eu gosto de você, você é legal. Mas é... sempre foi sobre uma boa trepada, e você nunca pareceu interessada em mais.

— Não aguento... Não posso. Está se ouvindo? Eu larguei do meu marido por você! Como isso podia ser só sobre uma boa trepada? E o seu ciúme? V-você me disse que eu era sua! — grito com ele, a histeria começando a tomar conta de mim.

— Porra, Cathy, o que quer que eu diga? Não gosto de dividir. É isso.

— Dividir? Você está de brincadeira, porra? Me dividir com o meu próprio marido? Eu o traí com você!

— Bem, acho que teria acontecido de qualquer jeito. Eu vi uma oportunidade e a peguei.

Meu corpo treme violentamente e finjo que isso não está acontecendo. Que este é um pesadelo horrível. Sim, é isso. Um pesadelo. Arsen nunca faria isso comigo. Meu Deus. Eu vou vomitar. Fecho olhos e tento lutar contra a náusea quando o ouço desferir o golpe final no meu peito.

— Acho que você deveria voltar para o seu marido. Eu te amo, mas não dessa maneira, Cathy. Não dessa forma. Quer dizer... será que esse bebê é mesmo meu? Pelo que sei, pode ser dele. Afinal, você estava fodendo nós dois ao mesmo tempo.

Eu me levanto, pego minha bolsa e vou para a porta. Eu me viro e vejo Arsen me olhando com os olhos mais tristes que já vi, o que é estranho. É ele quem está acabando com tudo o que temos.

Não consigo sentir nada. É como se todas as emoções, boas ou más, tivessem sido arrancadas de mim. Estou congelada de dentro para fora, de verdade.

— Não sei quem é o pai, Arsen. Não que isso importe, porque conhecendo o meu corpo, provavelmente não serei capaz de carregar a gravidez até o fim. — Observo Arsen fechar os olhos diante das minhas palavras. — Quanto a Ben, eu o traí com você e ele pediu o divórcio. Então, sim, voltar não

vai dar certo.

Arsen se levanta e vai até a porta. Levanto a mão trêmula para o impedir.

— Não dê mais um passo para perto de mim, Arsen, ou vou te dar um tapa tão forte que vai deixar marca. Sabia que isso ia acontecer... Eu sabia. Era bom demais para ser verdade, mas nunca pensei que você acabaria sendo um babaca. Acho que é o que eu mereço... Eu fiz a mesma coisa com Ben. — Virando-me, coloco a mão na maçaneta.

— Covinhas... Eu... — ele diz, desesperado.

— Adeus, Arsen.



Deitada na cama de Amy enquanto ela me abraça, tenho vontade de chorar e gritar, mas não faço nada. Encarando as paredes verdes de seu quarto, percebo que já não tenho forças para lutar. Não sinto nada.

Estou vazia.

Seca.

Oca.

O único lembrete de que estou viva é a dor no meu peito. É insuportável, mas bem-vinda ao mesmo tempo, porque me ajuda a afogar as lembranças de Arsen e Ben. Fecho os olhos com força e puxo Amy para perto de mim.

Meu peito...

Não consigo respirar...

Não consigo.

Eu me puno mais uma vez, e me lembro do encontro com Ben e de

como ele olhou para mim. O desgosto e mágoa em seu rosto, suas palavras dolorosas.



Depois de falar com Amy da minha situação, ela concordou que eu precisava falar com Ben e contar a verdade. Ele merecia saber o que estava acontecendo, mesmo que houvesse uma grande chance de que nada saísse disso. Então liguei para ele e pedi para me encontrar na Starbucks da esquina de seu apartamento.

Lembro-me de ter andado até o café, nervosa e pensando em Arsen. Achei que o tinha visto me seguindo até a cafeteria. Lembro-me de ter virado, pensando ter visto a sua cabeça loira entre as pessoas, mas ele não estava ali.

Estava sentada em um daqueles sofás em tons de marrom, nos quais seu corpo afunda direto, inalando o aroma de café e caramelo flutuando no ar. Logo depois que me sentei, Ben entrou. Ele estava diferente. Eu não o tinha visto há um mês, e ele não parecia o mesmo homem com quem fui casada por seis anos. Ele tinha perdido tanto peso que parecia muito magro, e suas roupas estavam penduradas em seu corpo. Seu rosto normalmente belo estava coberto por uma barba grossa, e a única coisa que dava para ver eram seus lábios. Seus olhos castanho-claros pareciam vazios e sombrios, e as olheiras estavam quase roxas de tão escuras. Havia tanta raiva emanando dele...

Sabia que não podia contar.

E suas palavras provaram que eu estava certa. Sem dizer oi ou me perguntar como eu estava, ele foi direto ao assunto:

— Concordei em te encontrar aqui porque, francamente, estou curioso para saber o que tem para me dizer. O que é? — dispara as palavras.

Eu disse o que queria ter dito há muito tempo:

— Desculpa. Eu sinto tanto, tanto. A-acho que eu queria me desculpar com você mais uma vez.

Mentira, mentira, mentira.

— Ah? Não acha que é um pouco tarde para isso, Cathy? — respondeu enquanto eu olhava em seus belos olhos, ainda que vazios.

Sim...

Eu soube bem ali que ainda o amava muito. Nem mesmo Arsen tinha sido capaz de eliminar isso. Estava me enganando.

— Onde está Arsen? Estou surpreso que conseguiu ficar sem trepar com ele tempo suficiente para me encontrar. Quer dizer, quando estávamos casados, eu tinha sorte se conseguisse passar cinco minutos com você em qualquer dia.

Estremeci com suas palavras. Elas machucam.

— Ele, hum, hum... foi embora. — Olhei para as minhas mãos.

Ben deu risada.

— Uau. Isso foi rápido pra caralho. Tenho que dar crédito ao garoto. Acho que ele se cansou de te foder, hein? Diz pra mim, linda Cathy, não foi uma trepada boa o bastante? Acha que ele se cansou de você chupando o pau dele? — Ele limpou as lágrimas dos olhos antes de continuar: — Quanto tempo faz? Duas ou três semanas? As revistas parecem ter perdido o interesse em vocês dois.

— Um mês — respondi baixo.

Ben se levantou e olhou para mim com um sorriso cruel nos lábios.

— Bem, espero que você esteja feliz. Onze anos jogados no lixo por um mês de trepada. E não. Não posso te perdoar. Acho que jamais serei capaz disso.

Depois de fechar os olhos por um momento, ele os abriu e me prendeu

com seu olhar furioso outra vez.

— Eu te odeio tanto quanto te amei. Provavelmente mais, porque não consigo parar com isso, porra. Preciso ir. Não posso mais fazer isso.

Ele se virou e saiu. Estava chorando naquele momento, então não vi quando voltou. Só reparei depois que colocou as mãos sobre a mesa e se inclinou para sussurrar no meu ouvido:

— Sabe, Cathy, era para você ter sido o meu passado, o meu presente, o meu futuro... o meu para sempre. Mas agora... nada restou. Você me destruiu, está me ouvindo? Você me destruiu. Olho para seus olhos e belo rosto, e ainda dói pra caralho. Sua vagabunda, ainda dói, porra. Quero apagar todas as lembranças suas. Cada uma delas, até que eu seja capaz de acordar um dia sem pensar em você. Até que pensar no que você fez com a gente não acabe mais comigo. Está me ouvindo? Por favor, não tente me ligar de novo para se desculpar. Quero você fora da porra da minha vida. Fora.

Então, ele se foi.



— O que você vai fazer, querida? — pergunta Amy.

Balanço a cabeça. Não consigo falar porque a dor é insuportável. Estou tentando respirar pelo nariz e soltar pela boca para ver se ajuda a superar a sensação esmagadora de que o ar não entra o bastante em meus pulmões. A pior parte é que não sei mais por que, nem por quem estou sofrendo. Arsen, Ben, a maneira que Arsen terminou nosso relacionamento ou a raiva e o ódio de Ben. Enterro o rosto no pescoço de Amy e deixo o contato físico me acalmar até dormir. Estou tão cansada. Tão cansada.

Dá para ouvir? O som do meu coração se quebrando, deixando de

bater.

Dá para sentir? A dor excruciante me engolindo viva, lentamente acabando comigo, membro por membro.

A culpa é minha. Só minha. Não dele. Não deles.

Estou sozinha.

— Cathy, querida. Aconteça o que acontecer, eu estou aqui. Apenas saiba disso. Você pode se mudar e morar aqui pelo tempo que quiser. Como sabe, estou saindo com Charles já há algum tempo. Ele realmente gostava de você, e se sente mal pelo que Arsen fez com você. Enfim, nós vamos te ajudar nessa fase toda. Você não precisa desses dois babacas em sua vida. Precisa ficar sem pau por um tempo e focar na gravidez, se concentrar nas coisas boas em sua vida. Talvez ligar para o seu pai? Ele vai te perdoar. Tá bom? — sussurra enquanto passa as mãos pelo meu cabelo.

Concordo com a cabeça e começo a dormir, pensando se um dia esquecerei as últimas palavras de Ben, pensando se um dia superarei a traição de Arsen, pensando se algum dia serei completa de novo.

Pensando.

Pensando.

Pensando.

CAPÍTULO 32

O amor é infinito. Não há começo nem fim.

Não há ponto de partida ou linha de chegada.

O amor simplesmente é.

O amor é nascer, crescer, amadurecer e, às vezes, morrer.

Mas a memória permanecerá com você até seus últimos suspiros.

Você se apaixona, deixa de amar.

Mas vai amar de novo.

Sempre.

É um lindo dia. O sol está brilhando, fazendo as janelas dos edifícios altos refletirem sua luz. Parecem milhares de espelhinhos adornando o horizonte de Manhattan.

— Como você está hoje, Cathy? — pergunta Crystal, minha terapeuta.

— Estou muito bem, obrigada. — Eu sorrio, esperando sua próxima pergunta.

Comecei a ver Crystal duas semanas depois da última vez que vi Ben. No começo, relutei, porque só queria mesmo era me afogar na minha tristeza, chafurdar nela até que estivesse morta. No meu pior momento, até considerei o suicídio para fazer a dor desaparecer. Doía muito acordar todas as manhãs e viver. Eu queria ser capaz de respirar sem sentir como se o meu peito estivesse

sendo esfaqueado a cada respiração exalada.

Queria cair no esquecimento.

Desaparecer.

Não sentir nada.

Mas tudo mudou no ultrassom das nove semanas. Por minha gravidez ser considerada de alto risco, precisava fazer exame de imagem a cada duas semanas até o segundo trimestre, depois, uma vez por mês se o crescimento do bebê estivesse bom. Sorrindo, toco a minha barriga enorme, mas sei que não serei capaz de dar um suspiro de alívio até que a esteja segurando em meus braços e sentindo suas mãos macias nas minhas.

Conforme olho para Crystal, eu relembro o dia em que decidi voltar a lutar. O exato momento em que a Dra. Pajaree me mostrou a imagem do meu bebê no monitor. Quando eu vi a cabecinha e o corpo pequenino comecei a chorar e a dormência evaporou do meu corpo. Essa pequena criatura, meu bijuzinho, era minha e tudo o que me restava – tudo o que importava. Resolvi lutar. Foi nesse instante, quando tudo era indecisão na minha vida, que percebi que era hora de procurar ajuda; de me abrir sobre os meus medos, meus erros, e de aprender a não afastar da minha vida as pessoas que mais se importam comigo.

Então, vinte e sete semanas depois, estou enorme, gravidíssima, sentada em um sofá de couro desgastado e confortável, olhando para uma das mulheres mais bonitas que já vi, de olhos azuis, sorrindo para mim. Pelo jeito do seu sorriso, eu sei o que está por vir, e acho que estou preparada para isso. Pouco a pouco, desde que começamos nossas sessões semanais, fomos conversando de tudo, desde a minha infância até os abortos, mas ela não tocou no nome de Ben ou Arsen novamente. Acho que foi na terceira sessão que expliquei a ela como acabei sozinha e grávida, mas nunca me senti à vontade para discutir isso de

novo. Suspeito que ela quer que toque no assunto, e eu quero, mas, às vezes, só de pensar em Ben e Arsen sinto a dor toda de volta, as lembranças. Traz de volta a sensação esmagadora de amar alguém quando toda a esperança está perdida.

Então, eu espero passar.

— Como está o bebê? — Ela sorri. Está ganhando tempo também.

— O bebê está ótimo. Ela está se mexendo muito. Às vezes acho que tenho uma futura ginasta crescendo dentro de mim. — Dou risada levemente, descansando as mãos na barriga. Eu amo sentir seus movimentos e o jogo de adivinhação de qual é a parte do seu precioso corpo que está se sobressaindo por fora, quando ela se mexe e empurra. — Ela chuta sempre depois que tomo sorvete ou como chocolate. Nossa! Aqui! — Pego a mão de Crystal e a levo para o lado esquerdo da minha barriga.

Olhando para mim com olhos sorridentes, ela pergunta:

— Isso é tão legal. O que estou sentindo aqui?

Eu sorrio para ela e movo sua mão com a minha, seguindo a trajetória do membro de Nadia.

— Acho que é seu bumbum. Mas pelo que sei, poderia ser o pezinho, talvez. Eu te disse, ela gosta de se mexer, especialmente quando Taylor Swift canta.

Crystal se afasta e reclina-se em sua cadeira.

— Estou tão feliz por você, Cathy. Mais quatro semanas, né?

— Sim. Quatro semanas. — Engulo em seco enquanto luto para ficar do lado bom do otimismo, não me aproximando das profundezas do medo. — Mais quatro semanas até que possa relaxar e realmente acreditar, sabe? Claro, minha mala está pronta desde a semana passada e todas as roupinhas dela estão lavadas. Amy comprou a roupa mais fofa para a saída da maternidade, e... — Sorrio timidamente, ajeitando a barra do vestido. — Estou fazendo de novo?

Falando pelos cotovelos sobre as coisas do bebê quando você deveria estar entrando na minha cabeça?

— Está tudo bem. Estou aqui para te ouvir falar.

— É só que... não consigo parar de pensar e falar dela. Meu mundo inteiro tornou-se esta menininha crescendo dentro de mim. Nadia é o meu milagre. Mesmo que às vezes eu ainda não consiga acreditar. Acordo no meio da noite e minhas mãos vão direto para a minha barriga, e só fico ali deitada, deixando que o bebê se mexa para eu saber que está tudo bem. — Olho para a minha barriga e a acaricio enquanto falo para Crystal: — Dra. Pajaree diz que isso pode acontecer, sabe? Mulheres com a minha condição engravidam e são capazes de completar a gestação sem qualquer explicação. Queria pensar que é mágica. — Dou de ombros e sorrio.

— Estou muito feliz por você, Cathy, mas acho que está na hora de enfrentar Ben e Arsen... — Ela deixa que as palavras pairem no ar.

— Sim... acho que consigo fazer isso — respondo, remexendo-me no meu lugar.

— Por que acha que traiu Ben? Por que acha que seu casamento fracassou do jeito que aconteceu?

— Oh, uau. Sem rodeios, não é?

Rindo, Crystal balança a cabeça.

— Não. Fizemos muito progresso nos últimos meses. Penso que está na hora de falarmos com mais profundidade sobre Arsen e Ben. Então, me diga, Cathy. Por quê?

— Hum... bem, sei que tudo começou a ir por água abaixo após o terceiro aborto. E depois disso, quando não pude engravidar, bem... a tensão que isso causou ao nosso casamento foi letal. Eu me afastei dele, de tudo, mas Ben não enxergava isso. Ele continuou a fingir que estava tudo bem, que nós íamos

ficar bem. Chegou a um ponto que a sua positividade parecia estar me sufocando demais.

— Vá em frente — ela me incentiva.

— Sempre que tentava dizer o quanto estava com medo de que nós nunca fôssemos nos tornar pais, contar sobre os meus receios, ele simplesmente os varria para debaixo do tapete, dizendo para eu parar de me preocupar, então, parei de tentar falar com ele sobre o assunto. Passei a odiar sua perfeição, acho. Lá estava eu, destruída e perdida, cheia de ódio e inveja das outras mulheres que podiam engravidar apenas com um toque de seus maridos. Foi demais. Eu senti que não era mulher suficiente. Foi a perda do meu sonho, o medo de nunca me tornar mãe que me despedaçou por completo. Queria chorar, gritar, xingar Deus... eu não sei. E então...

— Lá estava Ben.

Sim. Ah, como eu queria...

— Sim. O perfeito e amoroso Ben. Sem nenhuma rachadura aparente, sempre otimista. Eu odiava aquilo. Não conseguia falar com ele. Quanto mais ele tentava, mais eu me afastava. Mas então fiquei grávida pela quarta vez depois de muito tempo, e pensei que era a nossa segunda chance de ser feliz.

— Acha que foi um erro não contar nada disso a ele? — pergunta.

— Hum, sim. Foi um erro. Agora eu sei. Minha amiga, Amy, tentou falar comigo. Ela me perguntou se eu estava preparada para o caso de perder aquele bebê também. — Dou risada e olho para o teto. — Eu sabia que estava apostando todas as minhas fichas, mas realmente não queria pensar naquilo. Sabia que meu casamento estava por um fio e que bastava um leve sopro para desmoronar. E foi o que aconteceu, embora não possa necessariamente dizer que foi um sopro ameno. Quando perdi a-aquele bebê, acho que enlouqueci também.

Eu toco a barriga mais uma vez.

— Passei a odiar tudo ao meu redor... até mesmo Ben. Principalmente ele. Odiava quando ele me tocava, quando me beijava, e quando dizia que íamos ficar bem. Eu odiava. Odiava mesmo.

— Por que não contou tudo a ele?

— Porque a essa altura não me importava mais. Acho que me fiz acreditar que não o amava, que eu o odiava. Eu tentei uma vez.

— Por que odiava o toque dele?

— Me fazia pensar em engravidar. Parecia obrigação. Eu me ressentia disso. Eu gostava dele. Quer dizer, agora que tive tempo para pensar nisso... Eu não sei. É tarde demais. Os “e se” são apenas arrependimentos da vida.

— Acha que tudo isso teria se resolvido se você tivesse se aberto com ele depois do terceiro aborto? Acha que uma conversa franca teria impedido, de alguma forma, a separação?

Penso muito por um momento, encontrando a resposta dentro de mim.

— Sim. Acho... Quer dizer, não acredito que estaria divorciada agora.

— Mas, e Arsen? Você mencionou que começou a amá-lo.

Colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, eu me viro para olhar pela janela mais uma vez. Ainda está ensolarado e bonito lá fora. Engraçado como o sol me faz lembrar de Arsen.

— Penso que se o meu casamento estivesse melhor do que estava, se Ben e eu estivéssemos em um casamento sólido, com uma comunicação aberta e sem tanto ressentimento da minha parte, eu não teria procurado Arsen. Eu teria gostado de sua paquera boba, admirado a sua beleza de longe, mas só. Nunca teria levado a outro patamar e traído meu marido, de verdade. Quer dizer, eu me lembro de como fiquei louca por Ben durante a nossa fase de lua de mel. Eu nem sequer via outros homens no mesmo ambiente. No meu mundo, só um homem existia: Ben. Nunca olhei para outro homem. Nunca.

— Mas você me disse que estava atraída por Arsen, muito atraída, antes de realmente dormir com ele pela primeira vez?

— Sim, estava. Mas havia esta lacuna enorme na minha vida e, um dia, Arsen apareceu e a preencheu. Ele me fazia rir, ouvia meus medos mais secretos, ele trouxe a cor de volta à minha vida. — Afasto o olhar da janela e me viro para ela. — Acho que nada disso teria acontecido se eu não tivesse perdido o bebê, mas nunca vou saber. Quando traí Ben com Arsen, ele me fez sentir viva de novo. Ele fez a dor sumir. Sempre que estava com ele, eu me sentia eufórica. Ele me fazia sentir bonita, perfeita e menos destruída. — Faço uma pausa e passo os dedos pelo cabelo. — Toda vez que estava com ele, todas as vezes em que estivemos juntos... eu era capaz de esquecer. As pessoas ao meu redor... meus amigos... minha família... eu não ligava para eles. Tudo o que importava era conseguir minha nova dose de Arsen.

— Acha que isso justifica a traição?

— Não. Nada pode justificar o que fiz para Ben. Nada jamais justificará a traição. Mas eu traí, e é tarde demais para fazer qualquer coisa sobre isso. Por mais clichê que pareça, tudo o que posso fazer é aprender com os meus erros.

— Diz pra mim, já que não me respondeu antes. E amar Arsen? Você acha que era amor?

Solto um suspiro pela boca. Acho que Crystal quer mesmo me matar. Não consigo pensar neles sem sentir a cicatriz que acabou de começar a curar, abrindo de novo.

— Tudo bem, isso vai ser demorado. Acredite, pensei muito nisso.

— Sou toda ouvidos.

— Dizem que estar apaixonado e amar são duas coisas diferentes, certo? Quer dizer, você ama seu melhor amigo, mas ama seu marido, não é?

Apaixonar-se por alguém é fácil. É amor quando a novidade se foi, quando a vida fica complicada, quando as coisas atrapalham, quando a atração física se foi, e o verdadeiro amor permanece. Quando o amor pode conquistar tudo isso.

Pego o copo de água na minha frente e tomo um gole porque estou com muita sede, de repente.

— Quando você não está mais apaixonada não significa que parou de amar alguém. Simplesmente não faz mais seu coração bater acelerado. Você não anseia por ele até não saber onde um termina e o outro começa. E-eu não sei se algum dia deixei de estar apaixonada por Ben, mas sei que me apaixonei por Arsen no meio da história. Ou talvez tenha confundido sexo e desejo com amor. Não sei. Acho que nunca vou saber.

— Mas o que sei é que ambos foram essenciais para o meu bem-estar. Não percebi o quão importante Ben era para mim até que ele foi embora. Arsen tornou-se o ar que eu respirava, mas Ben era meu pulmão. De que me serviria o ar se eu não tinha o pulmão?

— Você ainda pensa no Arsen? Já o perdoou?

— Sim, mas pensar nele não dói tanto quanto ao pensar em Ben. Arsen poderia facilmente ser responsabilizado, porque ele ficou atrás de mim, mas acho que foi o contrário. Acho que a culpa é toda minha.

Eu o perdoei, tanto ele quanto a forma como foi embora. Entendo de onde veio e, de certa forma, ele estava certo. Palavras de amor nunca foram ditas entre nós. Promessas não foram feitas. Sempre que olho para trás em nosso relacionamento, só consigo ser grata por todas as coisas que ele me ensinou. Por isso, eu sempre o amarei. Às vezes, gostaria de ter tido a chance de dizer o quão especial ele foi para mim, o quanto passei a amá-lo. Arsen me ensinou a seguir em frente. A viver a vida e esquecer. Ele me fez rir quando tudo o que queria era deixar de existir. Sempre vou amá-lo. E, também, há a possibilidade de que ele

tenha me dado a Nadia.

E agora ele se foi.

— Casamento é trabalho, Cathy. Você tem que trabalhar nele todos os dias em que estiverem juntos. Jamais pode se descuidar. É difícil ser casada. Você passa por ótimos momentos, passa pelos terríveis, mas é o que você tira dessas experiências que vale. É como lida com elas que a diferencia de outros casais que desistem. Comprometendo-se completamente com o parceiro e dando tudo de si. Porque o divórcio é fácil, é o caminho mais fácil.

É, vida... Você é mesmo simples assim?

— Sim... mas às vezes não é fácil. Quem falou que o casamento era fácil deve ter sido viciada em filmes da Disney.

— Boa, Cathy. Então, me diz, antes de dar o seu horário, o que você teria feito diferente?

Reflito bastante.

— Eu teria sido honesta com Ben desde o princípio, em vez de afastá-lo de mim.

E essa é a verdade.

A minha verdade.

Eu só queria ter percebido isso há muito tempo.

CAPÍTULO 33

Quatro semanas depois.

Em paz.

Um suspiro de alívio.

Posso finalmente respirar.

Estou sem palavras e maravilhada.

Estou encantada.

Torcer com toda a alma e desejar com todo o coração finalmente valeu a pena, estou segurando em meus braços o meu futuro, o meu “feliz para sempre”. E, de alguma forma, sei que minha vida nunca mais será a mesma.

Estou inteira.

Estou completa.

Olhando para o meu precioso bebê, não consigo parar de chorar. Meu corpo está tremendo do choro angustiante que escapa da minha boca, e não ligo, porque sou grata, muito grata. Enxugo as lágrimas que fluem livremente pelo rosto com as costas da mão, e olho para o milagre todo enrugado que dorme em meus braços. Ela parece tão pequena e frágil. Tenho medo de que se eu me mexer ou segurá-la do jeito errado, poderia machucá-la.

Ela é minha.

Toda minha.

Minha Nadia.

Minha esperança.

E mesmo que seja só nós duas agora, eu não ligo. Ela é tudo o que preciso, minha razão de ser, e farei tudo que estiver ao meu alcance para fazê-la feliz. Tudo.

Eu a trago para mais perto do peito, como se um instinto quase primitivo me possuísse. O desejo de protegê-la e abrigá-la de toda a feiura do mundo torna-se prioridade número um para mim, meu objetivo na vida. Foram-se os pensamentos sobre o divórcio, sobre desmerecimento, sobre meu relacionamento fracassado com Arsen... todos eles se foram. Não há espaço para egoísmo quando se tem um ser humano indefeso dependendo de você.

— Oi, linda Nadia. — Eu a trago até o rosto para poder sentir seu cheiro doce de bebê.

Tão limpa, tão pura.

— Eu sou a sua mamãe. — Beijo seus lábios preciosos e luto contra a necessidade de chorar de novo. — Posso te contar um segredo? — sussurro em seu ouvido. — Eu te amo tanto, tanto, meu pequeno raio de esperança.

Ouço meu pai limpando a garganta. Ergo o olhar e o vejo aproximar-se da cama do hospital com um sorriso no rosto.

— Ela é igualzinha a você quando era um bebê.

Com um lenço na mão, ele se inclina e limpa meu rosto, já que as minhas mãos estão ocupadas no momento com algo importantíssimo. Com olhos que brilham por causa de lágrimas não derramadas, ele sorri com carinho para mim.

— Ela é tão linda quanto a mãe.

Sinto um aperto por dentro.

— Papai, como posso amá-la tanto se acabei de conhecê-la? Ela é de

verdade? Ela é minha mesmo?

— Sim. Ela é toda sua, minha menina.

— Estou te segurando, cheirando, beijando e ainda não consigo acreditar. Tenho medo de que seja um sonho. Que vai acabar quando eu acordar, me deixando completamente só. — Minha voz vacila.

Meu pai se senta na beira da cama e envolve um braço no meu ombro.

— Pare, Cathy. Ela é real. Está na hora de você finalmente desfrutar da maternidade, filhinha. Ser mãe. É hora de deixar todos os seus fantasmas partirem.

Olho para o meu pai, depois para Nadia e deixo a verdade tomar conta. Ela é real. Eu sou sua mãe.

Sua mãe.

À noite, depois que meu pai vai embora, eu me inclino contra os travesseiros às minhas costas. Minha camisola está aberta na frente, e me vejo paralisada quando Nadia agarra meu mamilo, sugando o leite materno. É algo tão simples, observar sua filha se alimentar de seu corpo, mas também é mágico. Ouvir os sons suaves que ela está fazendo acalma a minha alma.

Eu sorrio, lembrando-me de ter andado na maternidade empurrando Nadia no berço portátil e pedindo às enfermeiras para me ensinarem pela segunda vez naquele dia como amamentá-la. Depois que elas me avisaram que eu não deveria estar andando, minha enfermeira, Lili, fez com que eu me sentasse na cadeira de balanço e me ensinou tudo de novo; eu apenas acenava e prometia que aquela seria a última vez que eu a chamaria para me ajudar.

Tudo o que consigo fazer é observar, estudar, analisar e memorizar meu bebê. Cada curva de seu corpo minúsculo, de seu cheiro único, a maneira que sua mãozinha envolve meu dedo, o peso contra os meus braços. O jeito que ela está imprimindo-se na minha pele e roubando meu próprio coração.

Meu pai disse que ela é minha, mas acho que é o contrário.

Eu sou dela.

Nada mais importa, só ela.

Quando vejo que acabou de mamar, eu a tiro do meu peito e começo a minha segunda tentativa de fazê-la arrotar. A primeira vez, aquilo me assustou tanto que pedi à enfermeira que viesse verificar se eu estava fazendo a coisa certa. Estava com medo de machucá-la se desse tapinhas com força.

Depois que consegui fazê-la arrotar uma vez, me deitei com ela em cima do meu peito nu. Na escuridão do quarto, só com a luz da lua nos iluminando, e a cabecinha de Nadia descansando em cima do meu coração, deixo meus muros caírem pela primeira vez em muito tempo. Enquanto acaricio suas costinhas, eu me permito pensar nele.

Quando a Dra. Pajaree colocou Nadia em meus braços logo depois do nascimento, a primeira coisa que fiz foi erguer os olhos, na esperança de ver Ben dividindo este momento de alegria comigo. O momento que esperamos e desejamos por tanto tempo, finalmente ter um filho nosso. Mas ele não estava lá. Ele se foi. Em vez disso, encontrei o olhar encorajador da enfermeira.

Eu me afastei.

Eu destruí tudo.

Então, deitada em uma cama de hospital fria, com um milagre dormindo no meu peito, eu choro. Permito-me chorar porque ainda o amo muito.

Porque eu estava certa.

Sempre foi ele.

Não Arsen.

Ninguém mais.

Meu menino de olhos castanhos.



Três anos depois.

Estou com dor de cabeça?

Como era possível ter dor de cabeça durante o sono?

O que diabos está acontecendo?

Abro os olhos e um par de olhos verde-esmeralda paira em cima de mim, olhando-me com seus cachinhos loiros fazendo cócegas no meu nariz; ela bate na minha cabeça com o pequeno elefante de jade que tenho no criado-mudo.

Então, era essa a "dor de cabeça".

— Mamãe, mamãe! Acorde! Acorde! — manda com a voz meiga.

Ela está prestes a me bater com ele de novo quando seguro sua mãozinha, removendo a arma mortal de seu aperto, e começo a fazer cócegas nela.

— O que é isso, sua macaquinha! O que está fazendo no quarto da mamãe tão cedo?

Rindo, porque estou fazendo cócegas em suas axilas, ela começa a chutar as perninhas.

— Mamãe! Pare! Mamãe — reclama entre risos.

Quando nós duas estamos com lágrimas nos olhos, eu paro. A visão de suas covinhas espreitando-se ao rir, ainda aperta o meu coração com tanto amor. Sua risada é uma doce música para os meus ouvidos.

— Quero suco, mamãe! Estou com fome!

— Tá, tá, sua pestinha. — Eu me levanto da cama, pego meu robe e a pego no colo. Já se passaram três anos desde que a segurei pela primeira vez em meus braços, e não tem um dia em que a necessidade de mantê-la perto de mim não esteja presente. Eu relembro aqueles primeiros dias, quando não me

importava com nada, exceto Nadia. Conduzia minha vida em torno de suas atividades, e estava muito bem com isso. Foi com prazer que desisti de tudo para ficar com ela, para não perder nenhum dos seus sorrisos, de suas expressões, de seus beijos.

Mesmo nos dias em que as coisas ficam complicadas, muito difíceis, tudo o que tenho a fazer é apenas me lembrar do quanto ela mudou a minha vida. Como meu amor por ela me fez uma pessoa melhor, uma pela qual não sinto vergonha. E agradeço a ela por isso todos os dias.

Depois que despejo um pouco de cereal com leite em uma tigela e coloco à sua frente, eu me sento e a observo comer. Os cachos de cabelo loiro platinado estão apontando em todas as direções, fazendo-a parecer uma criança selvagem. Inclinando-me, beijo o topo de sua cabeça e vou fazer um café.

— Mamãe... — diz, entre colheradas de cereal.

— Sim, macaquinha?

— Eu quero um papai.

Eu paro de uma vez, e coloco o pote de café e a caneca na mesa. Eu me viro e me ajoelho na sua frente, segurando suas mãos pegajosas nas minhas.

— O-o que quer dizer, Nadia? Você quer ver o Papa? — Tomara que ela esteja perguntando do avô, embora, no fundo, eu saiba exatamente o que ela quer dizer.

— Não seja boba. — Ela ri. — Papa não é um papai. Minha amiga Lucy me disse que seu papai levou ela para o Zoológico do Bronx amanhã. — Ela sorri, como se eu não estivesse entendendo. Ah, se ela soubesse o quanto eu entendo.

— Você quis dizer ontem, e...

— Ela me disse que a mãe escolheu seu papai antes deles pegarem ela. Podemos escolher um papai também, mamãe? O papai dela é bom! Ele me deu

um pirulito, e compra bebês para a Lucy toda hora.

— Oh.

De repente eu me sinto zonza, levanto e me sento na cadeira. Sabia que isso ia acontecer um dia. Nadia estava fadada a ver que ela só tem uma mamãe e não tem um papai.

Balanço a cabeça e passo o olhar pelo quarto, tentando encontrar a melhor resposta, a resposta certa, sem fazê-la se sentir mal.

— Nadia, não precisamos de um papai. Nós temos uma à outra, e temos Papa e tio Charles.

— Mas eu quero um papai. O papai de Lucy é bom — argumenta, um beicinho começando a se formar em seu rosto angelical.

— Bem... é mais complicado do que simplesmente ir a uma loja e escolher um, querida. — Eu toco o meu peito. — Nossos corações são quem escolhem quem será essa pessoa. E isso leva tempo.

— Seu coração vai escolher um pai para mim? — Quero dizer a ela que o meu coração escolheu um há muito tempo e que meu coração ainda pertence a ele, mas isso é uma história que vou contar quando for mais velha. Agora não.

— Espero que sim...

Minto. Não quero outro homem. Não estou preparada para isso. Às vezes, no meio da noite, quando o meu corpo tem fome de um toque masculino, é o dele que eu quero. Quando estou me acariciando, quase gozando, visualizo os olhos castanho-claros olhando para mim enquanto faz amor comigo. E quando a minha sede física foi saciada, é do seu abraço que preciso.

Como poderia me permitir sair com alguém e, potencialmente, começar a ver outros homens quando emocionalmente ainda não segui em frente? Não seria justo com ambas as partes envolvidas, e se os meus erros do

passado me ensinaram algo, foi que ninguém merece esse tipo de deslealdade.

—Tudo bem, mamãe! — Nadia concorda antes de voltar ao seu café da manhã, sem perceber o quanto suas palavras mexeram comigo.

Eu me levanto com as pernas trêmulas e volto para o balcão, servindo-me de uma xícara de café. Estou adicionando um pouco de leite à mistura quando Nadia volta a falar:

— Mamãe?

Fecho os olhos com medo do que ela vai dizer agora.

— Sim, querida?

— Nós vamos tarde para o parque?

Dou um suspiro de alívio por ter esquecido a história de querer um pai, e tomo um gole de café antes de responder:

— Mais tarde, você quer dizer, né? E, sim. Gostaria que eu ligasse para a tia Amy e o tio Charles e ver se eles querem nos encontrar lá?

— Sim! Tio Charles me dá brinquedos! — diz, sorrindo.

Quando acaba de tomar o café da manhã, dou um banho nela e visto sua roupa. Depois de garantir que está ocupada brincando com seus brinquedos no quarto, vou até o meu para tomar banho. Enquanto espero a água esquentar, ligo para Amy.

— Oi, linda. — A voz de Amy soa grogue de sono.

— Oi! Tem um minuto? Preciso falar com você.

— Claro, querida. — Ouço Charles achando ruim do outro lado da linha quando Amy o faz ficar quieto. — Tudo bem, me diz, amor.

— Hum, Nadia me disse hoje que quer um papai.

— Meu Deus. Coitada da criança. O que você disse a ela?

— Bem, quando consegui fazer o meu cérebro funcionar, respondi que não era assim tão fácil.

— Oh, querida, venho dizendo a você nos últimos dois anos que está na hora de dar uma chance a alguém. Quero dizer, está na hora de você seguir em frente e começar a viver a sua vida.

— M-Mas estou vivendo minha vida.

— Cathy, sério isso? Quer que eu diga que é mentira? Você não tem uma vida. Sua vida gira em torno do trabalho e de ser mãe da Nadia. Você não toca na quantidade bem generosa de dinheiro que Ben te deu como parte do divórcio, não deixa ninguém te ajudar além de mim e do seu pai. Os únicos momentos em que pede ajuda é quando sabe que não pode levar nossa fofinha junto com você.

— Não é verdade. Eu saí com você na noite passada.

— Porque precisei arrastá-la de sua prisão autoimposta. Me diz, o que Crystal fala disso? Ela concorda com o fato de você não ter uma vida? Quer dizer, tenho certeza de que ela não acharia isso nada bom. Tem que haver um equilíbrio saudável, querida.

— Bem, eu chego lá. Mas não se preocupe. O que devo fazer com a questão “papai”?

— Saia com alguém — sugere ela. — Conheça outros homens. Dê uma chance a outros. Cathy, eu sei que o amigo de Charles, Hayes, o gostoso corretor da bolsa, quis sair com você mais de uma vez, mas recusou todos os seus convites. Ele ficou realmente a fim de você, sabia?

Murmurando, fecho os olhos.

— Nem me fale. Aquilo foi a coisa mais desconfortável que passei. Tenho trinta e três anos e uma filha. Não posso me dar ao luxo de ir a encontros só por diversão.

— Como você sabe? Não permite que ninguém se aproxime; não aceita nenhum convite para sair... você ainda está definhando por um homem

que já seguiu em frente. Bem, Cathy, você viu o anúncio do noivado no jornal.

Eu sinto como se o ar tivesse sido arrancado dos meus pulmões.

— Eu sei — sussurro quando sinto uma mistura de dor e ciúme na forma de uma violenta avalanche.

— Ben tocou com a vida dele, querida, e Arsen estava na Europa da última vez que tive notícias. Acho que está na hora de você fazer o mesmo. Nadia é uma pequenina preciosidade, e você é uma mulher linda. Deixe que alguém cuide de você, que a ame. Permita-se amar alguém, querida.

— Mas eu tenho a Nadia — argumento. Segurar-me no passado é uma batalha perdida, mas não sei se estou pronta para seguir em frente, por mais que precise. Por Nadia.

E por mim.

— Não é a mesma coisa, querida, e sabe disso.

— Tudo bem — respondo, derrotada.

— Tudo bem o quê?

— Você está certa. Está na hora de seguir em frente. V-você pode ligar para o Hayes, mas vou ser honesta com ele, Amy, por isso não tenha muitas esperanças.

Eu a ouço rir no telefone.

— O que vai dizer a ele, sua louca?

— Que ainda amo outro homem.

— O quê? Por que faria uma coisa dessas? — ela exclama.

— Bem, talvez ele queira ser meu amigo. Acho que só estou preparada para isso, mesmo.

Às vezes me sinto sozinha, às vezes, muito sozinha. Quando vejo os casais andando de mãos dadas, eu me lembro do que tive. E em alguns momentos, eu desejo, e desejo, e desejo, com todo o meu coração, ter tudo de

volta, mas sei que nem toda a vontade do mundo o trará de volta. Então fico quieta, sem reclamar quando tudo fica complicado, sem chorar porque estou sozinha, e sem culpar ninguém além de mim.

Desligo e vou até o banheiro. Quando estou de pé em frente à pia, olho para mim mesma no espelho. Refletida nele existe uma mulher de olhos vazios brilhando com lágrimas não derramadas.

Eu sei que preciso seguir em frente. Arsen voltou a namorar herdeiras e Ben vai se casar com Kerry em breve. Preciso esquecê-lo, esquecer nossas memórias e passado.

Tenho que seguir em frente.

Nadia merece uma família.

Limpo as lágrimas, na esperança de que não esteja cometendo um erro maior ainda ao permitir que outro homem entre na minha vida, porque mesmo depois de quatro anos, ainda dói.

Principalmente por Ben.



Estou passando a última camada de gloss nos lábios quando escuto uma batida na porta. Ficando nervosa na hora, respiro profundamente. Eu consigo fazer isso. Eu consigo. Guardo o tubo e vou abrir a porta.

Com a mão pairando sobre a maçaneta, respiro fundo e tento me acalmar. Nem sei por que estou tão nervosa. É só um encontro.

Quando abro a porta, vejo um homem que vi só uma vez antes, e sua beleza é de tirar o fôlego. Não acho que os homens deveriam ter permissão de ser tão bonitos assim. Não é justo. O homem de cabelos negros e olhos cinzas sorri carinhosamente para mim enquanto admira a minha aparência, parecendo

satisfeito com o que vê. Eu me sinto corar e quebro o silêncio desconfortável:

— Oi, Hayes. Gostaria de entrar para uma bebida, ou devemos ir? — pergunto.

— Olá, Cathy. Posso dizer primeiro como está bonita hoje? Minha memória não faz jus a você, porque não me lembro de ser assim de tirar o fôlego. — Seus olhos brilham conforme ele fala.

— Hum, obrigada. — Corando, acho que talvez tenha sido um grande erro. Seu comentário me deixa muito incomodada. Não estou tão pronta. Estou prestes a pegar meu casaco, para fugir dele, quando Hayes diz:

— Me perdoe. Exagerei e fui muito rápido? — Ele sorri com tristeza, um pedido de desculpas estampado no rosto.

— Hum, hum... — Solto um suspiro e decido ser totalmente honesta com ele. — Sim. Sinto muito, Hayes. E-eu achei que tinha sido mais clara, de que isto era algo mais para o lado amigável. Hum, se quiser ir embora, eu vou entender. Eu sinto muito.

— Sim, você foi muito clara, e não, eu não gostaria de ir embora. A culpa é minha, e isso não se repetirá. É só que... — Hayes olha com olhos calorosos para mim. — Deixe para lá, Cathy. Vamos? Podemos beber algo no bar do restaurante?

— Claro. — Fico aliviada que ele entenda a minha posição, então começo a relaxar e aproveitar a noite com um homem bonito.

Duas garrafas de vinho depois e um jantar que passou voando, estou do lado de fora do meu apartamento, pronta para me despedir. O ar que nos rodeia neste momento é mais descontraído, a tensão desapareceu. Quando olho para o rosto do homem que me fez rir com piadas de seus relacionamentos passados, do seu trabalho, ou só da vida, percebo que gosto dele. Gostaria de manter contato e, quem sabe, nos tornarmos verdadeiros amigos.

— Hayes, vamos tentar mais uma vez. Gostaria de entrar para uma bebida? — pergunto com diversão na voz.

Hayes hesita por um segundo.

— Eu adoraria, Cathy. Mas acho melhor não.

Eu fico surpresa com sua resposta.

— Por que não? — pergunto. Devo ficar ofendida? Quero dizer, não é como se eu quisesse que o homem estivesse atraído por mim, mas certamente não esperava essa resposta.

— O que acontece é que... — Ele coloca a mão na nuca. — Eu gosto de você, Cathy. Gosto de verdade. E não é como se estivesse te esperando depois de todo esse tempo, mas depois de hoje, acho que eu poderia passar a gostar muito de você. No entanto, você não está pronta.

Hayes dá um passo para mais perto de mim, me fazendo querer dar um passo para trás. A proximidade de seu corpo não é bem-vinda, não ainda. Ele segura a minha mão e a leva aos lábios, dando um beijo na palma.

— Quando disse que não estava preparada, não acreditei em você. Não realmente. Mas, depois de hoje, acho que tem razão. Você não está pronta. Queria que estivesse, porque sinto essa conexão com você, e é uma pena. Então, se eu entrar em seu apartamento, pode ser que não seja capaz de me segurar e acabe fazendo algo muito estúpido do qual eu me arrependa mais tarde.

— Ah. — Estou chocada com a sua honestidade e com o significado de suas palavras.

— Posso te perguntar uma coisa muito pessoal?

— Sim.

— Bem, não é realmente uma pergunta. É mais um conselho. Você é, obviamente, ainda muito apaixonada pelo seu ex-marido. Lute por ele.

Sinto como se um balde de água fria estivesse sendo derramado em

cima de mim.

— Hum, como? Eu te disse o que aconteceu. O-o que faz você pensar... Não. Não poderia. Ele me odeia.

— Não sei, Cathy. Se eu fosse ele, mesmo depois de tudo o que aconteceu entre vocês dois...

— Não, não. Não posso. Já se passaram quatro anos, e ele vai se casar. Não vou complicar as coisas para ele. Não posso.

Inclinando a cabeça de lado e sorrindo em tom de desculpa, Hayes permanece quieto pelo que parece uma eternidade.

— Tudo bem. Vou parar de falar nisso. Enfim, foi um prazer, mas está ficando tarde e preciso ir.

— Espera. E-eu vou te ver de novo?

— Sempre que quiser. Basta me ligar.

— Mesmo que eu só precise conversar? Sabe, como um amigo?

— Especialmente como um amigo — sussurra em meu ouvido.

Depois de nos despedirmos, fecho a porta e ligo para o meu pai.

— Oi. Que encontro rápido. — Há curiosidade em sua voz.

— Sim. Foi uma saída de amigos, pai.

— Hum. Nenhum homem vai a um encontro para ser amigável.

— Bem, acredite em mim desta vez. Quer ouvir uma coisa engraçada e muito triste?

— Quero.

— Ele disse que não queria entrar para beber algo porque eu, obviamente, ainda tenho sentimentos pelo meu ex. É oficial. Eu sou patética.

— Oh, garotinha.

— Está tudo bem. Sabia que não estava pronta, mas, pelo menos, estou no caminho.

— Mas ainda precisa...

— Eu sei, só que ainda não. Quando estiver pronta, eu tento.

Meu pai ri ao telefone.

— Vamos esperar que não seja quando você estiver com uns sessenta, está bem, querida?

— Ha. Ha. Ha. Muito engraçado. Como está a Nadia? Uma pestinha?

— Dormindo feito um anjo — meu pai ri quando ele menciona a palavra anjo.

Falamos um pouco mais do meu encontro e o que Nadia comeu no jantar, e depois desligo.

Deitada sozinha na cama olhando para o teto, na penumbra da noite, relembro os acontecimentos desta noite. Como Hayes se mostrou gentil, o quanto foi divertido conversar com ele, e que gosto muito dele, mas, principalmente, como meu coração ficou em silêncio durante toda a noite. Sem acelerar as batidas.. Sem frio na barriga. Foi tão agradável e doce como um sorvete de baunilha.

Como eu queria que ele pudesse ser o meu chocolate... De verdade. Mas, de certa forma, sinto-me aliviada que não aconteceu nada porque, por mais louco que possa parecer, não quero esquecer Ben. Eu não quero.

De repente, sentindo muito frio, puxo o cobertor até o queixo e viro de lado. Com o sono me levando, fico pensando no conselho de Hayes. Lutar por Ben. Por um breve segundo, gostaria de poder fazer isso.

Desejo isso de todo o meu coração porque acho que jamais serei capaz esquecê-lo totalmente.

CAPÍTULO 34

Enquanto olho em volta da cafeteria cheia, respiro fundo, enchendo os pulmões com o cheiro do café moído, dos pães e das nozes. Quando meus olhos param em Amy, já posso adivinhar que ela está esperando que Nadia e meu pai se afastem para poder me atacar com perguntas sobre o meu encontro com Hayes.

Oh, ela vai se decepcionar.

No momento em que eles saem para fazer nossos pedidos, Amy puxa a cadeira para mais perto da minha e começa a investigação:

— Rápido, me conte antes que Nadia volte com seu pai. Como foi seu encontro com Hayes na noite passada? Quis beijá-lo? Por favor, me diga que fez isso, porque, Jesus, aquele homem é lindo de morrer e tem tanto dinheiro. Não que se preocupe com essas coisas — murmura Amy enquanto brinca com uma mecha de seu cabelo ruivo.

Rindo, faço uma pausa para deixá-la curiosa.

— Meu Deus, Cathy. Você está me matando! — exclama ela.

— Foi ótimo. E, não, nós não nos beijamos. Odeio ter que te dizer isso, mas aparentemente até Hayes concorda que não estou rea...

— Cathy? Catherine, é você? — pergunta um homem com a voz maravilhada.

É ele.

Boquiaberta, ergo o olhar e encaro o homem com cujos olhos ainda sonho, e ele me olha com uma expressão de incredulidade em seu belíssimo rosto. Uma vez li em algum lugar, que é através do olhar que as almas pegam fogo.

Bem, a minha está incinerada.

Coração acelerado.

Uma explosão de euforia.

Não consigo respirar.

Ah, lá vem o frio na barriga, resultado de um único olhar.

— Oi — consigo dizer enquanto tento lutar contra a incapacidade de pensar. Quero me levantar, segurá-lo nos braços, abraçá-lo e beijá-lo pelos dias, minutos e segundos que esteve fora da minha vida.

— Oi.

Ele fica parado ali, olhando para mim como se eu fosse um fantasma que não consegue acreditar estar vendo.

— Hum, como tem passado? — gaguejo como uma criança nervosa.

— Bem. Poderia estar melhor. Já estive melhor — responde e se inclina para frente, mais perto da minha cadeira.

Engulo em seco e tento suavizar uma prega inexistente no jeans.

— Ah, i-isso é ótimo!

Ele limpa a garganta como se estivesse se preparando para falar quando escuto Nadia me chamar. Fecho os olhos e respiro fundo, porque quando eu os abrir, ele já vai tê-la visto. E não sei exatamente como será sua reação.

Merda.

— Mamãe! Mamãe! Mamãe! — Nadia me chama. Ergo o olhar e vejo o meu pai observando-o com ódio, e depois olhando na minha direção como se

perguntasse o que deveria fazer. Agito a cabeça, avisando que não deve deixar Nadia se aproximar de nós. Quando meu pai entende a mensagem, ele a pega pela mão e vai até o outro lado da cafeteria.

Sem acreditar, levanto o meu olhar para encontrar mais uma vez o de Ben, só que ele não está me observando. Sua visão segue os passos de Nadia. Sentindo não um puxão, mas uma arrancada no coração, eu me perco nele. Observo cuidadosamente todos os novos detalhes em sua aparência. Ele ainda é tão bonito quanto antes, mas agora há certa dureza em seu olhar. Ele parece mais sábio.

Ainda olhando para ele e tentando memorizar seu rosto, já que não sei quando o verei de novo, ou se é que o verei, sua pergunta me traz de volta à realidade:

— É-É sua filha? — gagueja ele.

— Sim. — Evito olhar para ele ao responder. Em vez disso, estudo a minha caneca de café.

— Quantos anos ela tem?

Percebo que quanto mais ele fala, mais sua voz fica rouca.

— Três e meio. — Eu finalmente ergo o olhar e encaro seus olhos nebulosos.

— Oh. — Ele parece estar fazendo as contas na cabeça.

Ouço alguém tossir.

Amy. Esqueci que ela estava aqui comigo. Desvio o olhar em sua direção e Amy me encara de volta com olhos arregalados, acenando com a cabeça na direção de alguém.

— Ben, querido, já está pronto para pedir? — pergunta uma voz sexy, muito feminina, jovem e rouca.

Eu me viro para olhar a mulher mais jovem e lindíssima quando

envolve o braço esguio na cintura de Ben. Estremeço com a familiaridade de seu toque no corpo dele e a observo. Ela me parece familiar.

Oh.

É porque ela é a Kerry, a estagiária.

A que ele beijou.

Com quem ele vai se casar.

Consigo sentir o coração, ainda mal-cicatrizado, lentamente abrindo-se de novo, os pontos emocionais se rompendo mais uma vez.

Não quero vê-lo com outra mulher, então me despeço rapidamente e saio. Não me importo que esteja deixando para trás a Amy, meu pai...

Meu Deus.

Tenho que voltar. Preciso pegar Nadia. Preciso segurá-la nos braços para que ela me proteja do tsunami de dor e lembranças que ameaçam me derrubar.



Depois de me contorcer e me revirar na cama pelo que parecem horas, olho para o relógio e percebo que já são três da manhã. Solto um gemido, cubro a cabeça com um travesseiro e fecho os olhos, desejando que o sono me leve.

Mas não está dando certo.

Escuto a batida acelerada do meu coração e ainda me lembro do incidente na cafeteria, vividamente.

Não tenho certeza se quero chorar, ou gritar, ou simplesmente desaparecer.

Quero mesmo ter um colapso, não acordar amanhã e me afogar na tristeza. Mas sei que não posso. Por mais que eu queira simplesmente não me

ligar e deixar a escuridão me envolver, sei que não posso.

Merda.

Droga.

Depois de um tempo, desisto de lutar contra a insônia. Preciso de uma taça de vinho. Sim, é exatamente disso que preciso. Levanto-me e vou até a cozinha. Estou pegando a garrafa de vinho tinto quando escuto uma batida à minha porta.

Olhando para o relógio acima da geladeira, vejo a hora.

Quem poderia ser?

Com medo de que seja um vizinho com uma emergência, coloco uma camiseta velha que uso em casa e vou até a porta.

— Sim? — pergunto ao estranho.

— Cathy. Sou eu. Abra a porta.

— Ben? — Depois de engolir em seco, pergunto sem abrir: — O que está fazendo aqui?

Olho para o relógio mais uma vez. 03h:36min.

— Cathy, por favor. Abra a porta — implora.

Em um momento, estou abrindo a porta, no outro, os braços de Ben estão me segurando em um abraço sufocante.

Não sei o que fazer. Não me mexo. Tenho medo de me mexer. Talvez eu esteja sonhando com ele aqui. Se esse for o caso, não quero acordar. Quero ficar perdida neste sonho agridoce. Quero me perder na sensação de seu corpo contra o meu. Ah, como senti falta dele. Seu toque. Seu cheiro. A forma com que o meu corpo reconhece instantaneamente a sua metade perdida. Inalo sua essência, fecho os olhos e me permito sonhar um pouco mais.

Sim.

Deve ser um sonho.

— Cathy, Cathy, Cathy — murmura com a voz rouca no meu ouvido.

— Hmmmm? — Não sabia que os sonhos falavam.

— Cathy, me responda. E-ela é dele? — Sua voz vacila.

Ah, não.

Isto não é um sonho.

Lentamente, abro os olhos e me afogo em um oceano cor de mel. Como eles são lindos. Como são tristes. Seus olhos nebulosos parecem vermelhos e inchados.

— Responda, Cathy. Por favor, preciso saber. Ela é dele? — pergunta.

— Oh, Ben. Será que isso importa?

Eu o observo apertando a mandíbula e cerrando os punhos.

— É importante para mim. Ela é?

Desvio o olhar para o chão.

— Não sei. Não sei se ela é sua ou do Arsen. F-fiquei... — A vergonha faz meu rosto queimar e leva as palavras que terminariam a frase.

— Sim, eu sei. Você transava com os dois.

Estremeço com sua crueldade e, cuidadosamente, me afasto de seu abraço quente. Dou alguns passos para trás até que estamos frente a frente. Tão perto, mas tão longe. Meu corpo imediatamente dói, clamando por seu toque... por ele. Envolvo os braços em volta da minha barriga, segurando-me como se estivesse tentando afastar o meu corpo de mais sofrimento.

— Ben, o que quer que eu diga? Eu já disse. Sinto muito. — Esfrego os braços e encontro o seu olhar. — Não sei quem é o pai, e isso não importa. Não vai mudar o quanto eu a amo. — Luto contra a dor que sinto por dentro na garganta, no estômago, no coração, em todos os lugares. — Porque ela é minha. Não é sua, nem dele. Ela é minha. Ela é tudo o que me resta de qualquer um de vocês, e eu a amo, não importa quem...

— Não importa quem seja o pai — Ben termina a frase por mim. — Por que não me contou dela? Eu teria ajudado.

— Eu tentei te dizer naquele dia que pedi para se encontrar comigo na cafeteria.

Eu o vejo estremecer com a lembrança daquele dia.

Uma hora se passa enquanto nos sentamos no chão em silêncio.

Às vezes, nos encaramos.

Às vezes, olhamos para o nada.

Brinco com as minhas unhas. Ben puxa o cabelo.

Aperto a mim mesma. Ben balança para frente e para trás em seu lugar perto da porta.

Minhas mãos tremem. Seus punhos fechados batem no chão.

O tempo parece estar escapando entre nós. Quero me mexer, sentar-me ao seu lado e me permitir desfrutar de sua proximidade e de qualquer que seja o tempo que nos resta juntos, mas não faço isso. Em vez disso, observo suas mãos puxarem o cabelo. Está bem mais comprido do que da última vez em que o vi. O que me lembra de como ele era quando nos conhecemos. Selvagens cachos escuros.

Olho para o relógio e percebo que já são quase cinco da manhã. Ele precisa ir antes que Nadia acorde. Não quero que vá, mas não quero que Nadia acorde com um estranho no apartamento.

Um estranho que pode ser seu pai.

Ah, ironia.

— Ben, o que você quer? Como sabe onde eu moro? — pergunto, esfregando os braços.

— Eu sempre soube do seu endereço.

— Oh.

Ben fica em silêncio e olha para o chão por um longo período.

— E-eu acho que você deve ir. São quase cinco da manhã. Nadia vai acordar logo.

— Você não quer que eu esteja aqui. É isso? — O tom confiante que me lembro de sua voz se foi.

— Não. Sim. Só acho que você deve ir. Não quero que Nadia me pergunte o que você está fazendo aqui. Volte para Kerry.

Ouço Ben dar uma risadinha enquanto recosta a cabeça na parede e olha para mim.

— Kerry e eu terminamos.

Quando o significado do que acabou de dizer entra na minha cabeça, sinto meus olhos arregalarem.

— O quê? M-mas... pensei que o seu casamento estava m...

Corando, paro de falar. Não quero que saiba que eu me mantive informada sobre sua vida.

— Não. Nós estávamos. Eu terminei antes de vir aqui.

— O quê? Por quê?

— Porque não era justo com ela. Eu vi você e eu soube, porra — Ben murmura algo ininteligível para si próprio enquanto a esperança cresce em meu peito.

Será?

— Não podia fazer isso com ela. Ela é minha melhor amiga. Não podia trair a mulher que me ajudou a me curar depois que você me ferrou. A pessoa que me fez perceber que foder outras mulheres não faria doer menos.

Suas palavras machucam.

Muito.

Trago as pernas até o peito e as envolvo com os braços, querendo calar

suas palavras, proibindo-as de chegar ao meu coração.

— Depois que você partiu... Tentei transar com a Kerry, mas acho que quando ela percebeu o quanto eu estava ferido... eu não sei. Ela não se interessou. Em vez disso, cuidou de mim e tentou me ajudar a te esquecer, mas no começo eu não a ouvi... então eu trepava.

— Por que está me dizendo isso?

— Eu não sei... mas eu tentei tanto, Cathy. Não consigo. Cada par de olhos verdes que eu vejo é seu. Cada sorriso com covinhas... cada vez que fodia alguém e fechava os olhos... era você que eu via. Eram suas mãos que puxavam meu cabelo. Eram seus beijos que eu sentia. Era a sua boca que eu queria. O seu gosto nos meus lábios cada vez que eu... você tem noção de como sentia nojo de mim cada vez que eu fodia uma mulher e desejava que fosse você a porcaria do tempo todo?

Ben começa a gargalhar como um louco.

— Era você. Ainda é você, e isso está me deixando louco, porra! Não consigo. Preciso te esquecer. Preciso ser capaz de respirar de novo sem sentir como se estivesse sufocando cada vez que vejo algo que me lembra de você. Preciso parar de sentir tanta dor despedaçando o meu peito quando me lembro do que tivemos. Só quero ser capaz de seguir em frente. Mas não consigo. Eu não consigo.

Com lágrimas nos olhos, cada palavra que ele murmura me tira um pouco mais de ar, roubando-me a vida.

— Mas K-Kerry? Você não a ama?

— Não posso dizer que não.

— E-eu acho que você a ama. Ela é muito sortuda. E-e não sei o que você quer que eu diga.

—Você sabe por que acabei tudo com Kerry? Ela me ajudou a perdoar

você. Ela me ajudou a ver que nem todas as mulheres são vagabundas que nos apunhalam pelas costas. Ela disse que me amava, e acreditei que também a amava, mas não da forma como ela queria. Ela estava disposta a me dar uma chance, no entanto. E pensei que estávamos indo muito bem. Eu a amo, mas a-acho que me forcei a me apaixonar por ela. Acho que no fundo, nós dois sabíamos que não era verdadeiro.

Ele se concentra em meu rosto.

— Eu tive a coisa verdadeira, e nada pode se comparar a isso. Porra. Depois que encontrei você, Kerry e eu voltamos para o nosso apartamento e ficamos juntos. Quando as pernas dela estavam travadas ao redor da minha cintura e meu pau afundado dentro dela, baixei a guarda e disse seu nome, Cathy. Porra, gozei pensando em você. Você. A mulher que não me quis. Que...

— Chega. Não posso. Não posso ouvir mais isso, Ben. — Eu sinto como se não conseguisse respirar. — Não posso. Por favor, vá — peço urgentemente.

— Por quê? Por que você não pode, hein? Dói, não é? Dói pra caramba. A verdade dói.

— Sim. Por favor, Ben, saia. Dói muito. Você está feliz agora? — Não consigo mais ver seu rosto através das lágrimas.

— Não. Eu não estou feliz. Porra, eu me arrependo de ter entrado naquela cafeteria esta manhã. Eu me arrependi desde que coloquei os malditos olhos em você de novo.

Aperto as pernas com mais força entre os braços enquanto limpo as lágrimas no joelho.

— Mamãe? — Escuto a voz grogue de Nadia. A doce melodia me tira do inferno em que estou. Eu me levanto do chão. Com a voz sufocada de lágrimas, saio sem olhá-lo e vou até o quarto de Nadia.

— Por favor, vá. Preciso colocá-la de volta para dormir. Sinto muito, Ben. Seja feliz — digo para o ar.

No quarto de Nadia, fico na cama com ela e a envolvo nos braços o mais perto possível. Estou com muito frio, e espero que ela possa me aquecer com seu pequeno corpo.

— Mamãe, por que está chorando? — pergunta sonolenta.

— Shhh, Nadia, shhh... Mamãe te ama, shhh. — Não consigo esconder as lágrimas dela, então me perco na tristeza. Choro nos braços do meu bebê. Choro até que não haja mais lágrimas dentro de mim. Depois de algum tempo, escuto seu leve ronco.

Quando percebo que preciso ir fechar a porta depois que Ben saiu, tento ganhar tempo. Não quero deixá-la ainda. Ela é o meu porto seguro.

Escuto um som estranho no quarto, olho para a porta e o vejo nos olhando com lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Cathy... — sussurra asperamente. — Droga, Cathy.

Aceno negativamente com a cabeça quando o vejo dar um passo para entrar no quarto de Nadia. Eu a solto, saio da cama e vou até onde ele está parado. Seguro seu braço e o faço me seguir até a sala de estar.

Nós estamos no meio da sala, cercados por novas memórias que criei desde que o nosso casamento acabou. Uma vida sem ele. Ben e eu continuamos a nos encarar com lágrimas escorrendo pelo rosto, em total silêncio. Com meu coração batendo nas paredes do meu peito, vejo como Ben luta para controlar o tremor de suas pernas.

Eu me lembro das palavras de Hayes.

Lute por ele.

Faço a maior aposta da minha vida, porque neste momento não há mais nada a perder e tudo a ganhar. Envolvo os braços em volta de seu enorme

corpo, ficando o mais perto que posso dele até que não haja espaço entre nós. Espero que o meu amor seja suficiente quando eu pronunciar as próximas palavras:

— Ben... Eu sei que não mereço, mas podemos recomeçar tudo? Quero dizer, tentar de novo?

— Não sei, Cathy. Porra, não sei.

— Se você puder me perdoar, se tiver isso dentro de você e me der uma segunda chance, vou te dar cada pedaço meu. Cada beijo... cada lágrima... cada sorriso. Eu sou sua. Sempre fui. Sempre vou ser. Prometo a você que nunca vou descansar. Prometo a você que não haverá um dia sequer em que não farei o melhor possível para torná-lo tão feliz quanto você merece. Eu te amo. Só você. Por favor, Ben. Perdoe-me.

Faço uma pausa e engulo as lágrimas.

— Eu sei que nós dois mudamos, e-e que, às vezes, o amor não é suficiente para fazer as coisas darem certo. Muita coisa aconteceu entre nós... mas tenho esperança. Não estou pedindo para se casar comigo, ou mesmo namorar comigo. Só estou pedindo a você que dê uma chance e me deixe voltar para sua vida. Com Nadia. Aceite-nos de volta, deixe-me te amar. Deixe-me ganhar a sua confiança de novo. Deixe-me demonstrar o quanto eu te amo, mesmo depois de todo esse tempo. — Eu o agarro pela nuca, puxando-o para baixo, e o beijo com toda a alma, com todo o coração, com todo o meu ser. E eu o beijo por cada ano, cada mês, cada semana, dia, hora e segundo que não o tive em minha vida.

Com o beijo chegando ao fim, eu o faço olhar para mim e sussurro com paixão em seus lábios:

— Milagres são as consequências da ousadia de acreditar. E eu te imploro que acredite em nós de novo, Ben. Eu te imploro.

Mas quando ele se mantém em silêncio, tenho a minha resposta antes mesmo que ele solte a minha cintura e me empurre.

— Eu sinto muito, Cathy. Não consigo fazer isso. Eu não devia ter vindo aqui, mas eu precisava saber, e... porra. — Ele esfrega as mãos no rosto, limpando algumas de suas lágrimas. — Eu te perdoei há muito tempo, de verdade, mas não acho que serei capaz de esquecer o que você fez com a gente. A porra da dor ainda está aqui. É tarde demais.

Não consigo me mexer.

Não consigo respirar.

Tudo o que consigo fazer é ficar lá e ouvi-lo dizer o que eu sempre soube. Que eu nos destruí, sem chances de conserto, mesmo que tenha ousado ter um pouco de esperanças por alguns instantes.

Ben ergue uma mão quase como se quisesse me tocar de novo, mas muda de ideia já que a coloca nos bolsos.

— É melhor eu ir...

Incapaz de respondê-lo, tudo o que consigo fazer é acenar com a cabeça e ver ele se virar, caminhando em direção à porta da frente, saindo da minha vida para sempre.

Tal como imaginei.

No meio do caminho, ele se abaixa e pega uma boneca Rapunzel de pelúcia que está no chão ao lado de algumas revistas sobre paternidade e sapatos. — Ela é tão bonita quanto você — diz, olhando para a boneca enquanto acaricia lentamente seu cabelo dourado.

— O quê?

Com um sorriso triste, ele se vira para me olhar.

— Ela é exatamente como sonhei que nossa filha seria, por tantas vezes.

Ben está ajoelhado, segurando o que pode ser a boneca da nossa filha em sua mão, e me dizendo que ela parece exatamente como ele imaginava que seria, mas nunca me senti mais perdida ou com meu coração mais partido como agora. Quando o deixei naquela casa, naquele dia, pensei que tinha perdido uma parte de mim, sem saber se havia uma Cathy sem um Ben. E olhando nos olhos do meu ex-marido, sei que não existe nenhuma Cathy sem ele.

Mas eu mereço isso.

Mereço ficar sozinha.

Ben está certo.

É tarde demais para nós.

— Se você precisar de ajuda financeiramente, me avise. — Ben está do lado de fora do meu apartamento agora, parecendo mais calmo do que antes, mas vejo a tristeza em seus olhos.

— Não. Eu não mereço sua ajuda — respondo com mais força do que pretendia. — E-eu tenho um emprego. Amy arrumou um trabalho em um hotel diferente.

— Não importa. Eu gostaria de aju...

— Não. Por favor, Ben, não diga mais nada. Ap-apenas vá. Estou tão perto de desmoronar na sua frente. Estou me esforçando muito para ficar aqui, olhar para você e não te querer — choramingo enquanto abraço meu corpo com mais força. — Estou tentando não me jogar aos seus pés e te implorar para ficar. Por favor, vá. Sinto muito p-por ter te machucado tanto, mas, por favor, estou implorando...

— Eu entendo, Cathy. Eu também sinto muito.

E ele se foi.

Eu sei que o nosso amor foi destruído sem chances de salvação e a culpa é minha, mas vê-lo se afastar de mim mais uma vez ainda tem o poder de

me aniquilar. Conforme olho para o seu corpo arqueado caminhando lentamente até o elevador, percebo que não tenho certeza se serei capaz de me curar disso.

Não acho que eu consiga.

CAPÍTULO 35

Eu não volto para a cama.

Em vez disso, eu me sento no chão, no mesmo lugar onde Ben estava sentado algumas horas atrás, tentando ver se ainda consigo sentir o calor de seu corpo, mas não sinto nada. Não sobrou nada dele no meu apartamento.

Nada.

Está vazio.

Assim como eu.

Mas então eu me lembro de Nadia.

Nadia.

Minha linda Nadia.

Ela é a minha vontade de viver.

A única que importa.

Então eu me levanto, vou até o meu quarto, tomo banho e me preparo para o dia. Eu enterro a dor dentro de mim mais uma vez e me preparo para fingir que nada aconteceu.

Não há outra escolha.

Eu preciso.

Preciso ser forte. Estou de mãos dadas com Nadia enquanto caminhamos na chuva para sua escola. Como em cada outono, o clima esfria, as

folhas começam a cair e a cobrir o asfalto em um mar laranja, marrom e vermelho brilhante. Escuto a cidade ganhando vida com os sons dos carros sobre o asfalto molhado e com as poças espirrando água, e vejo a minha filha andar protegida em sua capa de chuva cor-de-rosa choque e botas combinando. Ela está girando o guarda-chuva e cantarolando.

— Chuva, chuva, vá embora...

Estou tão encantada com a forma com que seus cachos loiros estão saltando em seus ombros que não reparo no homem vindo em nossa direção, até que ele diz meu nome. Assustada, a minha mão sobe ao meu peito enquanto espreito por baixo do meu guarda-chuva um Ben encharcado nos observando com muito amor.

— Ben? — pergunto, incrédula.

— Oi. — Ben sorri timidamente conforme vou até ele para protegê-lo da chuva com a minha sombrinha..

— Hum, mamãe?

Ao ouvir Nadia falar, Ben afasta o olhar de mim, presta atenção nela, que o está medindo abertamente com aqueles seus grandes olhos verdes.

— Oi, menina bonita — diz ele roucamente.

— Oi. Você é o homem que Papa não gostou. Você deixou minha mamãe triste — afirma.

Ben franze o cenho.

— Sou, e eu sinto muito por isso, mas estou aqui para tentar melhorar tudo.

— Séééééériooo? Vai comprar cupcake para ela? Minha mãe diz que cupcakes sempre deixam um dia ruim melhor.

— Se ela deixar, vou comprar quantos cupcakes eu puder — diz Ben, sorrindo para os olhos da minha filha.

Nadia parece estar contente com a sua resposta, porque agita a cabeça e diz:

— Mamãe, não fique mais triste. Ele vai comprar cupcakes pra você agora, tá?

Eu quero rir e chorar, mas em vez disso, afasto o olhar da minha filha e o prendo em Ben, que está me olhando intensamente enquanto a chuva continua caindo ao nosso redor.

— Cathy, não posso fazer promessas. Eu não sei de mais nada... tanta coisa pode acontecer, tanto aconteceu. Mas o que sei é que quero vocês duas na minha vida. Disso, eu tenho certeza.

— Eu entendo. Apenas me dê uma chance. Só uma para que eu posso consertar as coisas.

Eu olho para Ben conforme a esperança renasce junto a ele. O medo e a indecisão desaparecem, abrindo caminho para o nosso futuro juntos.

— Nunca houve uma escolha para nós, não é? — diz e um sorriso cresce em seu belo rosto, acentuando a espessura de seus lábios e o contorno marcante de sua mandíbula.

Aceno uma negativa e sorrio, a felicidade explodindo dentro de mim, me trazendo de volta à vida.

— Não.

— Venha cá — pede, exibindo o mesmo sorriso arrogante pelo qual me apaixonei na primeira vez em que o vi.

Quase o alcançando, com Nadia segurando a minha mão, eu me permito pensar no garoto com o fogo azul-piscina nos olhos uma última vez. Silenciosamente, eu o agradeço, porque ele é a razão pela qual estou parada na frente de Ben. Ele me salvou de mim mesma e, de forma indireta, me trouxe Ben de volta. Sem a sua ajuda, e seja lá o que tivemos, não acho que estaria aqui.

Provavelmente estaria morta. Eu o amo e sempre o amarei, porque seu fogo interior me trouxe de volta à vida. Sim, ele foi o fogo que incinerou meu casamento, mas nas cinzas a esperança renasceu.

Ele me curou.

Arsen.



Sentir sua falta é uma doença que não tem cura, e está me matando, porra.

Caralho.

Aconteceu de novo.

Estou olhando para um teto cor de lavanda em vez do cinza familiar do meu quarto.

O travesseiro parece muito fofo para ser o meu e cheira a alguma fruta do caralho.

Por que diabos eu iria querer foder com alguém que cheira a fruta? Isso me faz lembrar da minha avó.

Eu sinto nojo, então fecho os olhos e tento me lembrar de como cheguei aqui, em primeiro lugar.

Que porra eu fiz ontem à noite?

Abro os olhos e viro a cabeça para olhar quem eu peguei ontem à noite.

Vamos ver...

Deitada ao meu lado está uma mulher nua de cabelos loiros, que se parece exatamente com a Catherine. Acho que se não posso ter a verdadeira, então devo foder com a que mais se assemelha a ela, certo?

Sinto nojo.

Sentindo ódio de mim mesmo, eu me levanto, me visto e deixo o apartamento da loira sem me despedir. Não é como se quisesse vê-la de novo. Nunca quero. E isso dá certo para mim.

Saio do prédio, olho em volta e tento descobrir onde diabos estou. Olho para o canto da rua e vejo o sinal verde que me faz perceber que estou na Quinta Avenida. Ora, não é ótimo? Estou sem um pingo de vontade nenhuma de andar de táxi ou metrô para voltar ao SoHo agora.

Com a cabeça latejando, decido procurar a padaria mais próxima. Preciso de algo para acabar com a dor de cabeça. Quando começo a andar, percebo que já estive aqui antes. Os edifícios são estranhamente familiares e quanto mais eu olho, mais a memória, que tantas vezes tentei apagar, continua aparecendo na cabeça. Não é até que estou de pé do outro lado da rua da mesma merda de cafeteria, que as imagens daqueles dois dias desabam sobre mim.

Tive que deixá-la.

Quando ela disse que estava grávida, eu surtei. Fui um merda do caralho, mas não sabia o que pensar ou como reagir. Nem sabia se o bebê era meu e isso me assustou mais ainda. Como iríamos criar um filho juntos, quando tudo ainda era tão novo? Tudo que eu sabia era que ela ainda podia me dar um chute na bunda e voltar para o marido quando se cansasse de mim. A situação era uma tremenda bagunça, mas não me importava desde que Catherine ficasse comigo e não com aquele idiota. Só queria amá-la enquanto a tivesse, porque isso era tudo o que importava para mim. Nosso tempo juntos.

Eu a vi, eu a quis, então a tive, mesmo que nesse processo eu tenha destruído um bom casamento. Vi a tristeza e vulnerabilidade em seus olhos no momento em que desci daquele jato, mas não demorou muito para que o forte desejo de ser a porra de seu salvador surgisse.

Tudo o que eu queria fazer era consertá-la, salvá-la.

Um pouco antes de ela me dizer sobre a gravidez, estava pensando em levá-la a Paris para um fim de semana. E, talvez, quando chegasse lá, eu me transformaria na porra de um romântico como nesses filmes, e finalmente, diria a ela o quanto a amava.

De alguma forma, ela se tornou a minha razão de ser, de existir.

Eu a amava demais, porra.

Mas quando ela voltou da ginecologista e disse que estava grávida, a realidade bateu à minha porta.

Junto com Ben.

Algumas horas antes de Cathy voltar, Ben esteve no apartamento dizendo que a única razão pela qual ela estava comigo era por causa de seu último aborto, que a fez perder o controle. Ele disse que as coisas estavam melhorando entre eles antes disso acontecer, que se amavam e que ela nunca foi minha, para começo de conversa. E, sim, achei que ele estava sendo um maricas.

Então, Ben revelou algo que ela parece ter “esquecido” de contar. Ela estava comigo porque ele a tinha deixado. Nunca foi ela. Não havia sido ela quem largou de Ben. Mas assim como disse a ele antes de sair do meu apartamento, eu não estava nem aí, desde que ela estivesse comigo.

E ela estava.

Foi só depois que me contou que estava grávida, e vi o jeito que seus olhos brilhavam com tanta esperança e lágrimas, que soube.

Não podia fazer aquilo.

Não podia tirar aquilo deles, mesmo que não desse mais certo. Ben e Cathy mereciam aquele bebê.

Não eu.

Então fiz o que sempre faço muito bem.

Parti seu coração.

Disse que não a amava.

Disse que nunca prometi nada.

Eu estava mentindo.

Quando ela voltou para mim... depois que Ben a deixou... quando ela disse que estava tudo acabado entre eles... eu me tornei seu.

Naquela noite, a nossa primeira, juntos, enquanto eu a segurava dormindo em meus braços, pensei que a vida não podia ficar mais perfeita. Eu finalmente a tinha e não ia dividi-la com ninguém.

Ela era finalmente minha.

Minha.

Não esperava que fosse voltar da médica com um olhar confuso.

Não esperava ver a esperança e a angústia guerreando em seus olhos.

Eu não esperava que fosse dizer:

— Estou grávida.

E quando ela nem sabia ao certo se eu era o pai, aquela merda me deixou puto. Tive vontade de ir até aquele filho da puta e estrangulá-lo, porque aquilo significava que eu a tinha compartilhado. Aquilo significava que ele a havia tocado.

E aquilo machucou muito, porra.

E, então, lembrei de como Ben estava quando veio à minha casa.

Destruído, caralho.

Eu tive que fazer aquilo.

Eu a dispensei.

Assim que o fiz, percebi o grande erro que cometi. Naquela noite, deitado na minha cama fria, incapaz de senti-la no ar que eu respirava, resolvi que não estava nem aí para o Ben. Se havia uma chance de o bebê ser meu, eu

iria assumi-lo. Eu amava Catherine, minha Covinhas... Sabia que amaria o bebê, fosse meu ou não. E, caso a gravidez não desse certo, queria estar ao lado dela.

No dia seguinte fui procurá-la no apartamento da Amy. Eu a vi saindo do prédio, e ao invés de pará-la para pedir perdão, ali mesmo no meio da rua, decidi segui-la. Precisava repassar meu discurso uma última vez. Quando estava do outro lado da rua da cafeteria, eu o vi entrar no mesmo lugar em que Catherine estava. Não tinha se passado nem vinte e quatro horas que eu a tinha deixado e ela já estava pedindo para o Ben voltar.

Virei e me afastei dela, e de qualquer esperança de que algum dia a veria de novo. Ela estava de volta onde deveria ter estado o tempo todo, mesmo que aquilo tenha me matado pela segunda vez na minha vida. A única diferença era que, desta vez, eu não achava que seria capaz de sobreviver, porque já estava morto.

Já se passaram quase cinco anos desde aquele dia.

Puta que pariu...

Dói.

Ainda dói.

Parado na mesma esquina, congelado e sentindo a porra da minha alma se estilhaçar toda de novo, eu vejo o cabelo loiro familiar e as covinhas no rosto de uma mulher que não fui capaz de esquecer. Ben está com uma garotinha de cavalinho nas costas, e um de seus braços está sobre os ombros da minha garota. Eles estão rindo e parecendo uma família perfeita.

Eu sinto dor.

Uma dor entorpecente.

Meu corpo está se desligando.

Catherine ainda tem o poder de tirar a porra do meu fôlego depois de todo esse tempo.

Por favor, vire-se e olhe para mim.

Por favor, vire-se.

Por favor.

Por favor.

Eu imploro, rezo, canto e desejo que Catherine se vire. Preciso ver os olhos que me assombraram por tanto tempo, que roubaram a minha alma e nunca me libertaram, mas ela não se vira. Em vez disso, ela olha para Ben com todo o amor que deveria ter sido meu.

Eu o odeio.

Com o braço dela em volta de sua cintura, vejo quando ele se inclina e pausa por um momento antes de beijá-la na boca. Ela fecha os olhos e fica na ponta dos pés para receber seu beijo. Ele está olhando para ela com intensidade. Merda, ele a ama muito, porra. Não quero mais testemunhar essa porcaria, então observo a menina. Ela tem cabelo loiro e se parece com a mãe. Tão linda.

A menina olha para frente e seu olhar se fixa ao meu. Ela me olha bem nos olhos e uma sensação de reconhecimento, de ter me reencontrado, se aloja em meu coração.

Nós olhamos um para o outro.

Ela é minha.

Aquela garotinha é minha.

Eu sei disso.

Meu corpo começa a se mover por conta própria. Preciso chegar até ela. Até as minhas garotas.

Quando começo a caminhar em direção a eles, Catherine diz algo a Ben que o faz descansar a mão em sua barriga, e ambos sorriem um para o outro com tanto amor, porra. Estreitando os olhos, reparo pela primeira vez a pequena protuberância que cresce dentro do corpo de Catherine.

Sem forças para lutar, eu os observo por mais alguns minutos excruciantes, vendo uma família feliz. Sei que fiz a coisa certa naquele dia. Fiz a coisa certa ao deixá-la partir, assim como estou prestes a fazer pela segunda vez.

E isso está acabando comigo novamente.

Eles têm o seu “felizes para sempre”. Essa é a única razão pela qual posso ir embora, dizer adeus para as minhas garotas, mesmo que me mate saber que não sou a razão por trás de seus sorrisos.

E que nunca serei.

Porra.

Eu não posso.

Eu me viro e corro, corro, corro, corro, corro, corro...

Assim que estou no meio do Central Park, sentindo falta de ar, eu me inclino contra uma árvore. Preciso me acalmar. Recompor-me. Olho para as mãos e percebo a maldita tremedeira. Fecho os punhos e os coloco sob os braços cruzados. Isso não ajuda. Na verdade, a sensação é que um terremoto atinge todo o meu corpo, devastando-o.

Fecho os olhos e inclino a cabeça para trás, repassando tudo o que aconteceu.

Porra, porra, porra.

Dói tanto, caralho.

Ele tem as minhas duas garotas.

Ele tem a porra da família que deveria ter sido minha.

Eu o odeio, caralho.

Eu a odeio.

Eu a odeio por ter feito com que eu me apaixonasse por ela.

Eu a odeio por ter me deixado.

Eu me odeio por ter mentido para ela.

Eu me odeio porque ainda a amo, porra.

E eu me odeio porque quando vi aquela garotinha...

Eu soube.

Ela é minha, e ao mesmo tempo não é.

Assim como sua mãe.

Eu amo as duas.

E não as tenho.

Ele as tem.

Ele tem as duas.

E eu nunca terei.

E vai continuar assim, mesmo que morra por causa disso.

Mesmo que isso destrua o pouco que resta de mim.

Ele as merece.

E eu não.

Eu não.

Porra.

Porra.

Porra.

Eu estou destruído.

FIM

AGRADECIMENTOS

J, minha melhor metade, meu marido maravilhoso, muito obrigada por me aturar, aturar minha loucura, minha obsessão por meus personagens, as horas ridículas e intermináveis que passei escrevendo e ignorando todos ao meu redor. Seu amor e apoio sempre foram minha constante e sem eles, este livro nunca teria sido finalizado. Eu te amo muito e sou muito abençoada por poder te chamar de meu.

J e M, meus lindos filhos, vocês não podem ler isso ainda, mas quero agradecer muito a vocês dois por darem à mamãe o tempo e o espaço necessários para escrever este livro. Dias de jogos e brincadeiras foram abandonados, mas nunca se ressentiram de mim por isso, pelo contrário, sempre entenderam quando a mamãe disse que estava ocupada “trabalhando.” Seu amor, risadas, beijos e abraços foram minha inspiração. Eu os amo muito, muito.

Momo, a boa irmã, você foi a primeira pessoa a me encorajar a escrever e colocar as vozes malucas dentro da minha cabeça no papel. Eu lembro que estava a caminho de NH e começamos a mandar mensagens (eu não estava dirigindo) sobre S, M e A, e o resto é história. Sua ajuda e apoio quando precisei de tempo para fugir e acabar Arsen, foi o melhor presente que poderia me dar. Eu te amo, irmã. Para sempre.

Agora, gostaria de agradecer a todas e cada uma das pessoas que me

ajudaram na criação de Arsen – meu grupo muito especial de leitores beta. Sem sua ajuda, esse livro nunca teria sido concluído. Vocês são minhas próprias estrelas de rock.

Lisa, minha parceira de crítica e yin do meu yang (risos), eu me lembro de quando contatei através do seu blog... Eu queria que fizesse a leitura beta do meu projeto inacabado e em vez de educadamente recusar, você levou seu tempo falando e explicando todo o processo de autopublicação. Você se tornou uma das minhas melhores amigas e acho que não conseguiria passar um dia sem falar com você. É necessário e importante para mim. Além disso, muito obrigada por me ouvir reclamar quando meus personagens não estavam falando ou se comportando da maneira que eu queria. Sem a sua orientação, algumas cenas essenciais da história não teriam sido criadas. Obrigada, minha querida gêmea do mal.

Amy, conhecida como meu segundo cérebro, e Mint, conhecida como minha crítica mais dura, vocês duas estavam sempre comigo para ver os capítulos difíceis do meu manuscrito e me guiar neles. Talvez vocês me deixassem digitar meus pensamentos até que fizessem sentido ou apontassem algo que não pudesse ver.

Às vezes eu recebo um “Não” ou “É sem graça”, mas sempre foi completamente honesta comigo. Amy, você apontou onde deveria ser abrandado, e Mint, você apontou onde eu precisava empurrar as coisas um pouco mais. Sem a opinião de vocês, talvez o resultado do livro teria sido diferente. Muito obrigada.

Ah, e obrigada pelas leituras extras... Vocês não precisavam fazer nada. Então, obrigada do fundo do meu coração.

Melissa S, minha gêmea australiana, foi a primeira pessoa a ler qualquer coisa que escrevi e me disse que eu tinha potencial. Você me incentivou

a continuar e acreditou em meus personagens antes de mim. E quando eu estava travada com a Cathy, sua opinião e seu conselho foram a luz que eu precisava para decifrá-la. Não sente falta da nossa querida Cathy?

Melissa E, minha beta ocidental, lembra o que quase aconteceu? Eu sei que você lembra... E estou feliz que aquilo nunca aconteceu, porque agora posso te chamar de minha amiga. Sua amizade e conselhos são inestimáveis para mim. E, sim, você faz os melhores teasers de todos os tempos. Além disso, obrigada por essa segunda leitura. Devo ter deixado você maluca...

Megan, o que eu posso dizer? Você se lembra de quando disse que não sentia o Arsen? EU RI MUITO. Bem, muito obrigada pela honestidade. Sua ajuda inestimável me fez voltar durante a reescrita e tentar descobrir o que estava faltando.

Além disso, obrigada por me ouvir falar sobre meus personagens e minha história. Às vezes, as conversas podem ser bastante unilaterais, mas sempre comigo. Além disso, muito obrigada pelo seu apoio!

Natalie, como posso descrever o quanto fiquei grata quando você teve tempo de ler o meu manuscrito enquanto escrevia o seu próprio? Sério, suas anotações foram muito úteis e me ensinaram muito. Você não tem ideia do quanto sua ajuda significou para mim e significará para sempre.

Sali, HA! HA! HA! Não sei onde estaria sem a sua orientação.

Sua experiência e seus conselhos tornaram fácil para mim não desistir quando tudo parecia impossível. Agradeço muito à Melissa por ter nos apresentado... porque você não é só incrível no que faz, mas agora, você é uma das minhas amigas mais queridas.

Beth, muito obrigada pelas longas horas que passamos no telefone falando sobre o meu enredo e tentando desvendar partes da história. Seu conhecimento em ritmo, atenção aos detalhes e no geral, são só algumas das

coisas que fazem de você uma pessoa tão maravilhosa. Sou muito grata por termos trabalhado juntas.

Jessica, me desculpe, seu computador quebrou! Brincadeira! Sério, não sei nem como agradecê-la por me ajudar. Você sabe o quanto me ajudou e não vejo a hora de trabalhar com você de novo. Posso só acrescentar que estou muito feliz por Lisa ter nos apresentado? Você é agora uma das minhas amigas mais próximas e queridas.

Angie, nem sei por onde começar? Então, talvez eu apenas continue curto e doce. VOCÊ É DEMAIS.

Kerry, Jodie, Amanda e Lisa M, muito obrigada pelos conselhos úteis e palavras encorajadoras. Vocês são betas incríveis e estou muito orgulhosa de trabalhar com vocês.

Amy Burt, Jennifer Mirabelli e Deana W, minha querida segunda ou terceira (quem está contando, né?) betas, obrigada, OBRIGADA, por repassarem Arsen e me ajudar a ajustar o enredo e ter certeza de que estava pronto para os olhos do público. Vocês me salvaram.

Jennifer Roberts-Hall, REVISOOOOOORA! Uma frase: este livro não seria o que é sem o seu talento. Nunca soube qual era o trabalho de um revisor... Pensei que o autor escrevia a coisa toda e que alguém corrigisse os erros gramaticais. Como estava enganada. Gostaria de dizer que o autor cria a história, mas é você, minha querida revisora, quem realmente o constrói.

Eu mandei uma coisa que era muito grande, muito prolixa e imperfeita, e você a transformou em uma linda história. Obrigada por estar sempre comigo, por responder minhas perguntas e por ser minha amiga. Não sei realmente colocar em palavras o quanto isso significa para mim. Amo você, querida..

Jillian, obrigada por estar sempre presente e responder minhas

perguntas sobre o mundo da autopublicação. Sua orientação fez parecer não tão assustadora assim. Além disso, muito obrigada por ser uma grande amiga.

Angela, muito obrigada por tudo. Seu lindo trabalho é único e você pode contar que serei sempre sua cliente.

Regina, a capa que você criou para Arsen me tirou o fôlego – é perfeita. Seu talento inacreditável me deixa humilhada e ansiosa demais para ver como será a minha próxima capa.

Lili Mickey e Mint, obrigada por responder minhas perguntas médicas sobre a condição de Cathy. As informações que forneceram me ajudaram a fazer justiça à história dela.

Quero dar um grito especial para todos os blogueiros e pessoas que ajudaram a divulgar o livro. Ninguém conheceria o meu romance se não fosse pela sua ajuda. Eu não seria nada sem a sua ajuda. Obrigada por acreditar em mim e em Arsen.

Também quero fazer um agradecimento especial a Angie, do Dreamy Reads, por organizar uma revelação de capa e a semana da divulgação. Você foi uma das primeiras pessoas a acreditar no meu livro. Também que agradecer a Jenny e Gitte do Totally Booked, Sandra do The Book Blog, Trisha do Devoured Words, Lisa do Rock Stars of Romance, Dawn do Up the Night, Kathy do Love Words e Books, e Sophie do Bridger Bitches Book Blog.

Obrigada a todos os meus familiares e amigos por me aturarem e por sempre estarem ao meu lado. Sei que estou esquecendo alguém e, se estiver mesmo, eu sinto muito. Amo todas as palavras encorajadoras, as adoráveis palavras de cada pessoa que passou na minha página e disse oi. Eu amo cada um de vocês.

Este livro não seria nada sem o apoio e amor de todos vocês. Muito obrigada, mesmo.



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

http://www.thegiftboxbr.com
Facebook.com/thegiftboxbr.com
Instagram: @thegiftboxbr
Twitter: @thegiftboxbr
Skoob: bit.ly/TheGiftBoxEditora_Skoob